



PA 199673



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto



B533. 10-58

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

LISBOA.

COORDENADO

PELO P. J. A. DE M.



N.º VII. JULHO DE 1820.

TOMO SEGUNDO.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

1820

Com licença.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHILOSOPHY

PHILOSOPHY

PHILOSOPHY

PHILOSOPHY



PHILOSOPHY

PHILOSOPHY

PHILOSOPHY

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

L I S B O A.

N.º VII. JULHO DE 1820.

SCIENCIAS.

*Revista Analytica dos mais notaveis objectos scientificos
tratados nos principaes periodicos dedicados ás
Sciencias, no segundo semestre de 1819,
e parte do primeiro de 1820.*

MEDICINA.

Sobre a Vaccina.

AS PROPRIEDADES preservativas da vaccinação offerecem, ainda que raras vezes, seus casos de excepção, de que se tem valido a ignorancia, e a má fé, para deprimirem a utilidade real do mais memoravel descobrimento do seculo passado. O Doutor *Marcet*, que pratica a Medicina no paiz onde nasceo a vaccina, e que tem podido observar todos os resultados desta simples e saudavel pratica, procurou responder a estas questões:

” Porque razão apparece tão avultado ha alguns annos o numero dos casos em que a vaccina não livra das bexigas? — Não parece que o poder da vaccina diminue com o tempo, e de todo se desvanece depois de certo numero de annos? ”

Apresentão-se poucos meios directos de destruir esta hypothese, plausivel em apparencia, e susceptivel de arrastar muita gente; porque não existem registos publicos, ou outros documentos authenticos em que se recolhão os accidentes de que se trata. Tudo quanto o observador pode fazer he notar os exemplos bem comprovados de bexigas depois da vaccina, e examinar se em geral houve este acontecimento entre pessoas que tinhão sido vaccinadas na época mais remota. Tem alguns dirigido recentemente a sua attenção a este ponto, e não tem podido marcar periodo algum regular á duração do effeito preservativo da vaccina. O mesmo Mr. *Marcel* affirma terem-se apresentado á sua observação varios casos deste genero nos rapazes impúberes, e que nenhum tem encontrado em individuos vaccinados desde os primeiros tempos da vaccinação.

Observando com tudo que a hypothese em questão ainda até agora não foi apoiada de prova alguma directa, he necessario dar a razão de apparecerem hoje muito mais frequentes que em outro tempo os casos de bexigas depois da vaccinação. Pode isto explicar-se de varios modos: e em primeiro lugar, he claro que tendo-se a vaccina espalhado cada vez mais, e sendo a proporção dos accidentes identica, devia proporcionalmente augmentar a sua somma total. Mas outra importante consideração se apresenta. Logo nos primeiros tempos do descobrimento de *Jenner*, os amigos, igualmente que os detractores da vaccinação,

observavão casos em que a vaccina não tinha livrado das bexigas; mas como os caracteres distinctivos da vaccina, e a marcha desta enfermidade ainda então erão imperfeitamente conhecidos; como huma multidão de pessoas incompetentes se mettia a vaccinar, e como os casos de bexigas, que se apresentavão nos individuos vaccinados, erão sempre de natureza benigna, e mais ou menos modificada, illudião-se sobre a natureza destes accidentes; ora se cria que a vaccina não tinha sido assaz regular na sua marcha para possuir o seu effeito preservativo, ora se disputava sobre a natureza da variação variolica, e tomava-se por bexigas doidas, ou por alguma outra erupção anômala, o que de facto nada menos era que bexigas mitigadas, ou moderadas.

O proprio *Jenner* tinha vaccinado mais de dez mil individuos, sem que hum unico delles fosse atacado de bexigas: apezar da sua perfeita candura, não podia crer nestes desvios da lei da natureza, que elle mesmo tão gloriosamente descobrira; mas a final hum menino, que elle vaccinára alguns annos antes, veio pôr fim a esta grata illusão, e reconhecendo o seu erro, dirigio a attenção dos Medicos á modificação assombrosa que experimentão as bexigas, quando atacão hum individuo vaccinado: he tal essa modificação, ou moderação, que muitas vezes as bexigas inoculadas são huma molestia grave, comparada com esta. A's vezes estas bexigas modificadas são tão pouco caracterizadas, e he tão ligeira e fugitiva a erupção, que custa a conhecellas. Outras vezes com tudo a febre na sahida dellas he forte, os primeiros symptomas são violentos, e a erupção he consideravel: mas de qualquer modo que a molestia se annuncie, concordão os praticos mais ex-

perimentados e fidedignos em declarar que nunca virão estas bexigas acompanhadas de pintas, d'hemorragia, ou de outros caracteres de malignidade, e que nos casos mais temiveis, quando parecia haver nellas disposições para confluentes, tem as mais das vezes cessado as pustulas de amadurecer (de ordinario pelo quinto dia), e desapparecido com singular rapidez, sem occasionarem febre secundaria, e sem deixarem signaes permanentes.

Poder-se-hia inocular depois a vaccina; mas que lucraria nisso o individuo inoculado? Ou a inoculação nenhum effeito produziria, e neste caso seria pelo menos inutil, ou produziria huma leve enfermidade, tal como o serião as bexigas naturaes modificadas pela vaccinação prévia; e que vantagem haveria então nesta medida? E não se deve por ventura fazer caso da chaga, desagradavel, e dolorosa, que causa muitas vezes ao redor das picadas a introdução do virus variolico, a dôr nos sovacos, e a inquietação maior ou menor que esta operação não pode deixar de produzir? Acontece tambem que fazendo-se diligencia por impregnar da materia variolica o systema, se não consegue mais que produzir huma inflammacão ao redor das picadas ou puncturas, e hum movimento de febre que se toma pelos effeitos especificos das bexigas, ao passo que não são talvez senão os de alguma causa irritante e puramente local.

De todas estas considerações e de todos os factos que se tem recolhido, pode algum deixar de concluir que importa essencialmente ao bem da sociedade (*), que a pratica da vaccina, illustrada

(*) Fez-se ha pouco tempo em Londres hum extracto geral das Listas dos obitos (a que chamão *Bills of mortality*),

com todas as precauções minuciosas que a experiencia tem suggerido para assegurar o seu bom successo, se diffunda cada vez mais, e que se deixe de todo a da inoculação? E quanto ao perigo de hum ataque de bexigas, depois da vaccinação, porque motivo ha de haver medo d'isso, quando se acha bem provado que nos casos, comparativamente pouco frequentes, em que isso acontece, produz ao menos a vaccina o effeito de proteger com certeza *contra os ataques mortaes* das bexigas, e *contra os seus effeitos* mais formidaveis? Ainda se não pode calcular, nem mesmo por aproximação, a proporção dos casos em que a constituição se não acha de todo protegida pela vaccinação. Certamente não chegam a hum por cincoenta, nem provavelmente a hum por cento; mas como estas bexigas, modificadas pela vaccinação, vem a ser em geral huma affecção menos grave e menos perigosa que as bexigas inoculadas, segue-se por tanto que a vaccinação sempre he preferivel á inoculação, ainda mesmo quando, em todos os casos, o seu effeito se limitasse a desarmar e modificar as bexigas, como incontestavelmente faz.

Hum Inglez, invejoso dos testemunhos de reconhecimento que a humanidade tributa a hum

que apresenta pasmosos resultados sobre os destruidores effeitos das bexigas, (mas cumpre attender que não são tão funestos esses effeitos em todos os paizes), e sobre a sua diminuição depois que se introduzio a vaccina. Desde 1779 até 1798 morrerão de bexigas naquella Cidade 38:056 individuos. Nos vinte annos que decorrerão desde a introducção da vaccina, de 1799 a 1818 (periodo em que sensivelmente augmentou a população de Londres) morrerão só 23:294 individuos de bexigas, de sorte que a pratica da vaccinação, apezár do quanto haja sido parcial até agora, parece ter já salvado em hum só ponto, ou só em huma Cidade, 14:762 individuos.

dos seus mais benemeritos bemfeitores, reivindica a favor do *Industão* o descobrimento da vaccina. Diz elle que se acha em huma Obra em lingua *Sanscrita*, attribuida a *Dhawantari*, o preceito seguinte: " Tomai o fluido da têtã de huma vacca na ponta de huma lanceta, e picai com ella o braço entre o hombro e o cotovêlo até sahir sangue; misturando-se o fluido com o sangue, resultará disso a febre das bexigas, e esta doença produzida pelo fluido tirado da têtã de huma vacca, fará nulla qualquer outra tentativa de inoculação natural. " Pode ser que exista esta passagem no author Indiano; mas este remedio a hum dos maiores flagellos estaria ainda sepultado no pó Asiatico (como se exprime o *Jornal de Farmacia*), se não fôra o descobrimento do immortal *Jenner*. E merece este por ventura menos os nossos respeitos? Deixa acaso o seu descobrimento de o ser? E antes d'elle não ceifavão as bexigas gerações inteiras?

Sobre a *Hydrofobia*.

O Doutor *Brassart* fez varias considerações sobre a antiguidade da hydrofobia, as quaes se dirigem a provar por meio de citações historicas, que a opinião de *Célio Aureliano* de que o homem era sujeito á hydrofobia des de a mais remota antiguidade he fundada em falsas interpretações de algumas passagens, 1.º de *Democrito*, cujas numerosas obras não chegarão até o nosso tempo; 2.º de *Hypocrates* no livro dos prognosticos, cujo sentido parece neste ponto ter sido forçado e transtornado; 3.º de *Homero* no seu episodio do supplicio de *Tantalo*, e no oitavo livro da *Iliada*, onde *Teucer*,

animado por *Agamemnon*, sente que as frechas que já immolárão oito dos mais pujantes Troyanos, não podessem alcançar aquelle *cão damnado d'Heitor*, etc. Depois de ter provado a grande differença que vai de poder-se concluir, tão rigorosamente como o faz *Célio Aureliano*, da antiguidade da raiva no cão, á da infecção hydrofóbica no homem, estabelece o Dr. *Brussart* as bases de hum sentimento directamente opposto; tira parte d'elle do Tratado dos Animaes de *Aristoteles*, livro 8, cap. 22, onde formalmente se diz, que os cães são atreitos a tres molestias, a raiva, a angina, e a gota; que a raiva os faz furiosos, e que tudo quanto elles mordem, *excepto o homem*, he atacado do mesmo mal: invoca a authoridade de *Plutarco* que nos diz, pelo testemunho do Medico *Athenodoro*, que a hydrofobia appareceo como huma molestia nova no tempo d'*Alclepiades* que florescia em *Roma* no do grande *Pompeo*, 119 annos antes de *J. C.* Tudo concorre para demonstrar que tal he com effeito a época que se deve assignar á primeira apparição desta enfermidade, de que *Necandro* de *Colofonia*, Poeta e Medico, que vivia huns trinta annos antes de *Alclepiades*, não teria deixado de fallar, se fôra conhecida, em hum Poema especialmente consagrado aos venenos ministrados interiormente, applicados no exterior, ou communicados por *mordeduras*. Acha-se pelo contrario a hydrofobia claramente indicada nos authores contemporaneos d'*Alclepiades*, ou que vivêrão pouco depois d'elle, como huma molestia sem remedio, ou de que não se conhecia então ainda o tratamento. Só nas obras de *Celso*, que datão de 30 annos depois de *J. C.*, he que se acha indicada, como remedio o mais seguro, a cauterisação; e cumpre confessar que desse tempo para cá tem

a Medicina feito bem poucos progressos nesta parte, pois que hoje, como então, ainda a cauterisação (ou ferra) he o unico remedio a que se pode recorrer com segurança.

FYSIOLOGIA.

Estructura e força refractiva dos Humores que os Olhos do homem contém.

O Doutor *Brewster* (de Edimburgo) determinou por experiencias a estrutura e força refractiva dos humores contéuidos nos olhos do homem: elle os encerrou em hum prisma em hum angulo constante formado por duas laminas planas de vidro; e comparou as refrações com as que dava a agua nas mesmas circunstances; veio pois no conhecimento de que as relações do seno de incidencia para o seno de refração são pelo que respeita á agua pura 1,3358; ao humor aquoso 1,3366; ao humor vitreo 1,3394; ao envoltorio exterior do cristallino 1,3767; ao centro do cristallino 1,3990; á refração média do cristallino 1,3839.

O diametro do cristallino, he segundo a sua observação, de 0,378 pollegadas Inglezas; o da córnea de 0,400; a grossura do cristallino de 0,172; a da córnea 0,042.

O cristallino opposto á luz polarizada, deixa perceber alguns dos phenomenos que acompanhão a refração dobrada, e entre outros os quatro sectores luminosos que representam os olhos dos quadrupedes. A córnea e o cristallino possuem dobradas refrações de generos oppostos; quanto ao

iris, que he semi-transparente, dá com a luz polarizada os mesmos resultados que o crystallino.

HISTORIA NATURAL — E ANATOMIA COMPARADA.

*Sobre os Malacozoarios, Entomozoarios,
e Osteozoarios (especies de Molluscos).*

A anatomia comparada tem ha poucos annos a esta parte tomado huma direcção ou adiantamento verdadeiramente filosofico; algumas obras profundas a tem apresentado em hum corpo d'estudo que offerece o mais elevado interesse, e Mr. de *Blainville* nos promette neste genero hum monumento que deve fazer época no estado actual dos conhecimentos. Já tem publicado alguns materiaes delle, e mui recentemente algumas generalidades sobre a classificação filosofica dos *Malacozarios*, ou animaes molluscos de pelle molle, e que não offerecem jámais que hum só vestigio de divisão ou de articulação entre o corpo e a cabeça, e os *Entomozoarios*, ou animaes articulados cujo tronco e appendices, quando existem, são sempre fracturados em maior ou menor numero de peças collocadas extremidade com extremidade. Nesta parte do seu trabalho subdivide o author os *Entomozoarios* em dois typos bem distinctos; em razão de que a parte passiva do apparelho locomotor he interna ou externa, e se liga a desenvolver bem todos os factos em que repousa esta divisão.

A degradação do coração e dos vasos grandes nos *Osteozoarios*, ou animaes vertebrados, pareceo ao mesmo author ter sido submettida pela

nanureza a huína constante marcha: demonstrou este Naturalista que ella se acha concordar com o gráo de differença que estes animaes offerecem nos dois estados, adulto, e de feto, isto he, que os peixes e os reptís imperfeitos offerecem analogia com os mammaes no estado de feto.

Sobre os orgãos pretendidos lynfaticos das Aves e dos Reptís.

Alguns orgãos novos, até aqui considerados provavelmente como lynfaticos, forão examinados nas Aves e nos Reptís por Mr. *Magendie*, que se assegurou de que a maior parte destes animaes são privados do systema lynfatico; estes orgãos achão-se de cada lado do pescoço perto da traca-arteria; varião de forma, de volume, e de côr; estão em corpos separados mais ou menos numerosos e aproximados nas gallinaceas, nos passaros, nas trepadoras, nas ribeirinhas, e nas palmípedes ou nadadoras; em huma só massa, ás vezes mui extensa, nas aves de rapina diurnas e nocturnas; como grãos de milho miudo reunidos em cacho, em varias tartarugas; era hum corpo fusiforme amarelento em hum crocodilo pequeno, na cobra colleirada, na vibora de *Fortainebleau*, e na angui-nha. A consistencia destes orgãos aproxima-se á das glandulas salivares: nos mammaes he homogeneo o seu parenquima, e não se assemelha a algum outro tecido; a côr he de ordinario avermelhada, e algumas vezes cinzenta. A dimensão augmenta gradualmente até depois do primeiro anno, depois diminue do mesmo modo, e desaparece totalmente o orgão. Vão alli dar muitos vasos sanguineos, mas

nenhum nervo; estão solitarios sem communição, sem canal excretor. Ainda ha outros órgãos na cavidade do thorax de todas as Aves, e por cima do pericardio nas Tartarugas, nas Serpentes, e no Crocodilo; estes tem de ordinario a forma ovada; o seu numero varia de hum a tres; a consistencia, o volume, e a côr são igualmente variaveis não só nas aves differentes, mas tambem no mesmo animal. Era bem importante conhecer as funcções destes órgãos, e destas investigações trata actualmentemente Mr. *Magendie*; até agora ainda não tem podido determinar senão a analogia, e presume que o órgão cervical das Aves se poderia comparar ao órgão thoracico dos Mammaes, ao passo que o órgão cervical destes se assemelha mais ao órgão do peito das Aves.

Exame comparativo de varios craneos humanos.

A bella Obra sobre a comparação dos craneos das differentes raças da especie humana, composta por Mr. *Blumenbach*, acaba de ser em certo modo completa pela munificencia do Principe Real de Baviera, e do Principe Maximiliano de Neuwied. O primeiro enviou ao author hum bello exemplar do craneo de hum antigo *Grego*; este craneo he particularmente notavel pela curvatura nobre e elegante da fronte ou testa, e pela posição perpendicular da queixada superior. Pode considerar-se como o typo do antigo perfil *Grego*, e serve para mostrar que este perfil, nas Obras d'arte, não he somente, como pretende o hypothetico *Paw*, hum estylo de desenho adoptado nas Aulas. He difficil exprimir o repugnante contraste que offerecem as feições do craneo de hum *Botecudo*, tribu d'Indios anthropófagos que habita a parte mais interior do

Brasil, trazido pelo Principe Maximiliano das suas interessantes viagens pelo Brasil, comparado com o da raça Grega. Hum toca o summo da perfeição e da belleza, ao passo que o outro, debaixo de todos os aspectos se parece mais ainda ao Orangotando do que o craneo mais caracteristico da raça negra.

Sobre hum a especie de animaes mestiços nascidos de Gata e de Marta macha.

Nas memorias da Academia Imperial de *Moscow* appareceo descrita hum a nova especie que resultou do ajuntamento de hum a Gata com hum a Marta macha, exemplo singular da facultade geradora nos mestiços. Foi este fenomeno observado em *Moscow*, e attrahio a attenção dos Membros da Sociedade Imperial dos Naturalistas desta Cidade. No Governo de *Penza* desapareceo hum a gata de hum a casa rodeada de matos cheios de martas, e passado pouco tempo veio para casa prenhe; e a seu tempo pario quatro filhos, dois dos quaes erão perfeitamente semelhantes ás martas; não tinham unhas recurvas, ou de encolher, como os gatos, e o focinho era alongado como o das martas. Os outros dois tinham mais semelhança de gato, tinham as unhas recurvas e a cabeça redonda. Todos tinham os pés, o rabo, e as orelhas pretos como as martas; destruíam as aves, e os animaes pequenos mais por gosto de os destruirem do que para seu sustento. Fez-se ajuntamento dos individuos desta raça mestiça, e no fim de alguns annos já havia mais de cem destes animaes, cuja pelle tem dado ao commercio hum a pellica quasi tão bella e mesmo tão macia como a das martas. O gato-marta apresentado á Sociedade por Mr. *N.*

de Usevoloeske he producto da quarta geração. Na Memoria de que este facto singular he extrahido não se diz se se tem tentado obter novos exemplos desta raça bastarda, o que fôra bem interessante para fixar as idéas sobre a possibilidade dos cruzamentos entre especies de generos tão differentes. *Pallas* descreve hum animal que elle observou em suas viagens, e que tendo relações com o gato differia delle com tudo a muitos respeito; o pello do rabo, diz este celebre Naturalista, tinha alguma analogia com pennas. Pode ser que fosse fructo de alguma degeneração semelhante á que acima fica mencionada.

Sobre as dimensões da Baleia da Groenlandia.

A maior parte dos authores que tem referido as dimensões da Baleia da Groenlandia (*Balaena mysticetus*) as tem exagerado mais ou menos; huns dizem que se pode estabelecer o seu comprimento de 80 a 100 pés; outros a levão a 150 e 200; e alguns antigos Naturalistas dizem que se tinhão visto algumas de 900 pés de comprido. O Capitão *Guilherme Scoresby*, que passou muitos annos na pesca deste enorme animal, prova evidentemente que tudo isto he erroneo; e affirma com differentes authoridades, que a Baleia do Norte, cujas dimensões são hoje ainda as mesmas que erão na origem da sua pesca, não tem de comprimento ordinario mais de 60 pés, e que he mui raro chegar a 67: dos 322 individuos desta especie para cuja pesca elle ha contribuido, o maior que tem visto não passava de 58 pés.

MINERALOGIA.

Mina de soda muriatada, ou sal gemma.

Descobrio-se em *Vic*, no Departamento do Meurtha em França, huma mina do soda muriatada, (ou sal gemma); e fazendo Mrs. *Cadet de Gassicourt* e *Darcet* a analyse do sal desta mina, acháráo que lhe dava 91,3 de muriato de soda, 5,0 de muriato de cal, e 3,7 de sulfato de soda. O sal gemma de *Vic* exposto ao fogo não crepita como o sal commum; o que provém de ter huma sexta parte menos de agua de cristallisação que o sal commum, e por conseguinte em volume igual contém hum setimo de mais em sal effectivo. — Existe esta mina no valle do *la Seille*. Na profundidade de 97 metros já se tinhão atravessado cinco bancos, cujas potencias reunidas davão 26 metros, e 66 centímetros. Apresentava-se sexto banco em 104 metros, e cada hum delles só era separado por huma camada de cal sulfatada de mui debil grossura. O lançamento desta importante mina, a qual promette os mais vantajosos resultados, acha-se em hum terreno de alluvião, composto de camadas alternadas de pedreneira avermelhada micacea, argila, terra calcarea, marne, e cal sulfatada.

Franklinito. Novo mineral achado na America Septentrional.

Enviou-se da America Septentrional hum novo mineral, ao qual propõe Mr. *Berthier* se dê o nome de *Franklinito* (no tom. IV dos *Annaes das Minas*); he negro, de character metalico, e magnetico; sua fractura he desigual, conchoide, pouco

duro; o seu pó he de hum roxo escuro; e o seu pezo especifico 4,87; compõe-se de peroxido de ferro 0,66, oxido roxo de manganesia 0,16, e oxido de zinco 0,17.

Acido bórico nas crateras de Volcões.

Entre as concreções salinas de diversa natureza que cobrem as paredes, ou mesmo o terreno das crateras volcanicas, ha huma que por sua brilhante brancura e summa leveza, attrahio particularmente a attenção de Mr. *Lucas* filho, que actualmente anda fazendo huma viagem de observações pela Italia; esta concreção que se acha mais particularmente no terreno e nas partes mais quentes, onde numerosas fendas deixavão continuamente soltar vapôres, lhe parecêrão ser o *ácido bórico*, e em breve se certificou disto. Este ácido está em forma de camadas de hum ou dois centímetros de grossura, he de hum tecido testaceo, algumas vezes fibroso, nacarado; tem hum sabor azedo; e mui frequentes vezes estão manchadas de enxofre nativo.

QUIMICA.

Inexistencia do gaz hydrogenio carbonado.

Huma Memoria lida na Sociedade Real de *Londres*, por Mr. *Brande*, contém o descobrimento de que não existe o gaz hydrogenio carbonado: o que os Quimicos até agora considerárão como tal, he huma mistura de carbonio hydrogenado, e de hydrogenio simples. Assim; a unica combinação gazosa entre o carbonio e o hydrogenio seria a do carbonio hydrogenado, vulgarmente conheci-

da pelo nome de gaz oleificante. Tira o author estas conclusões de grande numero de experiencias feitas com gases inflammaveis extrahidos do carvão de pedra, do azeite, e de outros corpos. Pensa elle que alguns dos productos da distillação do carvão de pedra, etc., não se formão immediatamente, mas resultão secundariamente da acção entre os gases produzidos. He deste modo que se forma hum composto particular de carbonio e de hydrogenio, (semelhante a alcatrão, mas tendo os caracteres de huma resina), quando sobre carvão inçandescente se faz circular gaz oleificante puro. Do alcohol de *Lampadio* resulta reacção entre o carbonio hydrogenado, e hydrogenio sulfurado. — O author determinou tambem as forças illuminantes, e escandecentes do gaz oleificante, do gaz de azeite, e do gaz de carvão de pedra. A força illuminante destes tres gases he na relação dos numeros 3, 2, e 1. A sua força escandecente he, com pouca differença, na relação inversa.

Sobre alguns compostos de fósforo.

Por hum calculo rigoroso e fundado na experiencia de diversos compostos de fósforo e de hydrogenio, oxygenio, e chloro, estabelece o Professor *Thomson*, de Glasgow, que o hydrogenio sulfurado, espontaneamente inflammavel, e no qual o hydrogenio não he contrahido no seu volume, consiste em 1 de hydrogenio, e 12 de fosforo. Esta avaliação foi principalmente deduzida da differença entre as gravidades especificas do hydrogenio fosforado, e do hydrogenio simples.

Por experiencias, que em breve promette publicar, achou a existencia de quatro combinações entre o fosforo e o hydrogenio; a saber: hum com-

posto concreto, côr de chocolate preparado para beber, que parece formado de 21 de fosforo e 1 de hydrogenio: deposita-se nesta forma quando fica fósforo hydrogenado em contacto com a agua. Este fosforo hydrogenado torna-se então em hydrogenio fosforado sem contracção de volume, e cessa de ser espontaneamente inflammavel. Este na sua constituição pura tem 5,5 de fosforo, sobre 1 de hydrogenio. Segue-se o hydrogenio fosforado contrahido, que tem a mesma composição que o ultimo, mas que está condensado em metade do seu volume; este he o gaz que Mr. *Davy* tirou do hydrato ácido fosforoso obtido da decomposição do subchlorurio de fósforo pela agua. Encerra em igual volume a mesma quantidade de fosforo, e o dobro de hydrogenio que o fosforo hydrogenado; depois vem este ultimo, que he o que ha mais tempo se conhece, que tem por elementos 10,5 de fosforo, e 1 de hydrogenio; e finalmente, humia combinação, sem contracção de volume, entre os dois ultimos, a qual he produzida em maior ou menor quantidade; e juntamente com o fosforo hydrogenado, durante a decomposição do fósforo de cal pela agua, e da agua pelo fósforo e pela potassa caustica. Esta combinação se forma em relação fixa quando, com o concúrso do calor, algum fósforo de potassa he decomposto pela agua; deve-se a sua existencia a haver nesta decomposição hum excesso de 3,75 de fosforo na exacta repartição dos elementos da agua entre este combustivel e o metal. Quando se faz subir em oxygenio fosforo hydrogenado em bolhas, ou oxygenio neste fosforo, metade do fosforo retira-se, o hydrogenio fica intacto, e produz-se hydrogenio fosforado sem contracção de volume.

O ácido fosforoso consiste em 15 partes de

fosforo, e 10 d'hydrogenio; e o ácido fosforico em 7 de fosforo, e 10 de oxygenio; o subchlorurio de fosforo, que corresponde á composição do ácido fosforoso, consiste em 10,5 de fosforo e 32 de chloro; o chlorurio de fosforo, que corresponde ao ácido fosforico, contém o dobro de chloro.

Os metaes para se fosforarem, tomão 14 de fosforo, em proporção da sua substancia, e o fosfúrio que resulta desta combinação, sendo saturado de 10 de oxygenio, forma o fosfato neutro.

Sobre o gráo de solubibilidade dos Saes.

Bem sabido he que o gráo de solubibilidade dos Saes na agua depende do gráo da temperatura; mas ainda falta nos differentes tratados de Quimica a indicação exacta desta solubibilidade. Mr. *Gay-Lussac* tem principiado a preencher este vacuo, ao menos em certo numero de saes, como são os *chlorurios de potassio*, de *bario*, de *sodio*, os *sulfatos de potassa*, de *magnesia*, de *soda*, de *baryta*, o *nitrato de potassa*, e o *chlorato de potassa*. O meio que tem empregado he simples; satura de agua hum dos saes em huma temperatura determinada; enche delle obra da quarta parte de hum matraz da capacidade de 150 a 200 grammas d'agua, e cujo collo ou gargallo tem de 15 a 18 centímetros de comprimento; sabido o pezo do matraz vazio, torna a pezallo com o seu conteúdo; depois pega no matraz com tenazes, e põe-o sobre hum brazeiro debaixo de hum angulo de obra de 45 grãos, tendo o cuidado de o mexer continuamente, e de dar ao liquido hum movimento giratorio, para favorecer a fervura. Quando a mas-

sa salina está sêcca em hum calor quasi em braza, expulsa com hum folle os vapores aquosos que se achão ainda no matraz, e depois péza-o. Então conhece a proporção da agua para o sal que ella tinha em dissolução, e o exprime representando a agua por 100. Calcula depois a solubilidade em todas as temperaturas, entre dois extremos, por meio de huma linha de solubilidades que traça em huma taboa de gradação.

Novo reagente para os Alcalis e Acidos.

Mr. *Hastner*, de Berlin, reconheceo hum reagente mui sensivel para os alcalis, e para os ácidos na tinctura aquosa da rosa de cem folhas; deve ser feita com folhas sêccas. Os alcalis fazem passar esta tinctura a verde, e os ácidos a vermelho.

Novo metal (descoberto por Lampadio) chamado Wodanio.

Examinando hum mineral metalico da mina de *Topschau* na Hungria, que se considera ser mina de Cobalto, descobrio Mr. *Lampadio* hum novo metal subindo a 20 por cento unido com enxofre, arsenico, ferro, e nickel; deo-lhe o nome de *Wodanio* (divindade dos antigos Germanos). Tem côr de bronze claro, semelhante ao do cobalto d'arsenico: a sua gravidade especifica he de 11,470; he malleavel, tão duro como espato-fluor, e grandemente attrahido pela magnete. Conserva o seu lustre ao ar, mas com o calor muda em oxido ne-

gro. As suas soluções em ácidos são brancas, tirando a vinho branco: os seus carbonatos hydratados também são brancos. O precipitado obtido por ammonia caustica he de huma cor azulada. Os fosfatos alcalinos e os arseniats não produzem precipitado algum nas suas soluções saturadas: o mesmo succede com infusão de galha. O zinco precipita da sua solução muriatica hum pó negro metálico. O precipitado produzido pelo simples prussiato de potassa he de hum côr de perola cinzenta.

Mr. *Breithaupt* considera o mineral que contém este novo metal como huma pyrites, e lhe chama *Pyrites de Wodanio*. He mais duro que *espatho-fluor*; mas mais brando que *apatito*, facilmente friavel, e tem de gravidade especifica 5,192. A sua cor he hum branco de estanho fechado, fazendo-se parda e escura quando se embacia. A fractura he desigual, com grãos maiores e menores.

Novo Alkali vegetal chamado Delfino.

Analysando os habeis Quimicos *Lassaigne* e *Feneuille* a semente da planta *Delphinium Staphysagria*, chamada em Portuguez *Paparráz*, ou *Herva piolheira*, descobrirão hum novo Alkali combinado com ácido málico. He hum bello pó cristallino, sem cheiro, e brilhante ao Sol. Lançado em brazas, derrete-se, e arde sem residuo, deitando hum espesso fumo de cheiro particular. He pouco solúvel em agua, mas dissolvem-no mui facilmente o alcohol, e o ether sulfurico. Com os acidos sulfurico, nítrico, hydrochlorico, e acético, forma saes, que são mui soluveis, e summamente amargos e acres. A potassa, a soda, e a ammonia, precipitam o novo alkali em forma de floculos.

FYSICA.

Pezo especifico e temperatura das aguas do Mar.

Huma memoria de Mr. *A. Marcet* sobre o pezo especifico e temperatura das aguas do mar, em diversas partes do Oceano, e nos mares particulares, com algumas individuações sobre a proporção das substancias salinas que estas aguas contém, offerece tanto interesse que se não fosse tão extensa bem desejaríamos dalla aqui por inteiro; mas limitar-nos-hemos a fazer ver alguns dos seus principaes resultados. O aúthor determinou o pezo especifico comparando o pezo de hum volume dado d'agua que queria experimentar, com o pezo de hum igual volume d'agua distillada tomada na mesma temperatura, e achou por termo médio do Oceano Arctico 1026,64; dos mares do Hemisferio Septentrional 1028,20; dos mares do Equador 1027,77; dos mares Austraes 1029,20; do mar Amarello 1022,91; do Mediterraneo 1029,30; do mar de Marmara 1019,05; do mar Negro 1014; do mar Branco 1019; do mar Baltico 1020,50; do Lago Urmia ou Ourmia na Persia 1165,07; das aguas provenientes do derretimento dos gélos polares 1000,89.

Estes pezos conduzem ás consequencias seguintes: 1.º O Oceano, ao *Sul* do Equador, parece *mais salgado* que no hemisferio boreal, porque a média das gravidades especificas no primeiro hemisferio, he para a média das mesmas gravidades no segundo, como 1029,20 he para 1027,57. — 2.º Sendo a gravidade especifica média das aguas do Equador igual a 1027,77 excede mui pouco a das aguas do hemisferio boreal; mas he sensivel-

mente inferior ao resultado que deo o hemisferio austral. — 3.º As variações de gravidade especifica na agua do mar não tem ligação alguma com as longitudes. — 4.º As observações, abstrahindo algumas circumstancias locais, não confirmão a opinião de que a agua do mar he menos impregnada de sal na superficie que em grande profundidade. — 5.º As aguas do Oceano parecem, em geral, tanto mais salgadas quanto maior he a distancia da terra, e mais profundo o mar; a vizinhança dos gelos parece diminuir o salgado. — 6.º Os mares interiores são menos salgados que o Oceano, a pezar de com elle communicarem. Isto he sobre tudo sensivel no *Baltico*, e em menor grao no *mar Negro*, no *mar Branco*, no *mar de Marmara* e no *mar Amarello*. — 7.º O *mar Mediterraneo* faz excepção á regra precedente; he mais salgado que o Oceano se nos podemos referir aos resultados pelo pequeno numero de amostras que Mr. *Marcet* teve occasião de experimentar. Quanto á temperatura, segundo huma taboa que dá o author, da que tomou em diversas épocas, longitudes e latitudes, em alturas entre 50 e 1000 brassas nas aguas da bahia de *Baffin*, ella he *tanto* menor quando mais fundo se desce; nos mares do *Spitzberg* pelo contrario, varias experiencias feitas nas mesmas épocas e em circumstancias semelhantes, provarão que era *maior* no fundo que na superficie. Analysa depois Mr. *Marcet* cada huma das ditas aguas, e acha nellas mais sensiveis variações nas porporções do residuo da evaporação, e ácidos muriatico e sulfurico, soda, cal, e magnesia que este residuo principalmente contém.

(Continuar-se-ha esta Revista no n.º seguinte)

GEOGRAFIA.

Noticia da Geografia do Filosofo Kant.

ESTE homem, que nos deo huma Filosofia muito mais obscura, e inintelligivel que a de *Aristoteles*, exposta pelos dois Medicos Mouros *Averroes* e *Avicena*, e depois pelos seus discipulos e continuadores, os Escolasticos, sahindo destas tenebrosidades, onde se não entra nem com os auxilios que nos deo *Villiers* no compendio que em Francez publicou da Filosofia de *Kant*, illustrou o Mundo com admiraveis Tratados fora dos limites de sua abstrusa *Metaphysica*. Quando descançava das lições abstractas, ou, como elle lhes chamava, transcendentaes, occupava-se em dar lições de moral; taes se devem chamar suas Dissertações sobre o conhecimento do homem, sobre o character nacional, sobre os differentes Povos da Europa, sobre as inducções que se podem tirar do genio dos homens que attentarão contra a propria existencia, e dos meios que escolherão para executar este abominando projecto. — ” Os cobardes, diz elle, preferem aquelle genero de morte, que lhes deixa algumas esperanças de soccorro: deitão-se nos rios para serem logo pescados, pendurão-se em traves, para serem desatados, cortão o pescoço, mas de modo que os possam cozer. O homem forte que atira comsigo ao mar, leva nas algibeiras grandes

massas de chumbo, para não tornar a apparecer á tona da agua, etc." De todas as produções de *Kant* a que mais admiro he a sua Geografia Fysica, impressa depois de sua morte. *Schelle* juntou os quadernos de que se servia em suas prelecções, accrescentou-lhe alguma coiza, e fez de tudo hum livro tão divertido como instructivo. Depois de tratar com pasmosa clareza a parte mathematica e astronomica desta Sciencia, levanta-se, para o dizer assim, levanta-se a huma grande distancia acima da terra, e voando sobre os mares, sobre as ilhas, e sobre todas as partes do globo, nos offerece de seu aspecto, de suas produções, de seus habitantes huma tão animada descripção, que excita n'alma as sensações, e o interesse de hum vasto e prodigioso quadro das mãos de *Rubens*, ou de *Ticiano*. Dá a mais exacta explicação de phenomenos particulares, e pinta com a mesma valentia as revoluções que tem sentido o globo que habitamos. Vou pois dar como poder alguns extractos desta obra prima de hum Filosofo, que parece ter unicamente nascido para as abstrusas e transcendententes especulações metafysicas.

Tem acaso diminuido o mar por aquellas continuadas evaporações, que servem de nutrimento ás plantas, ou conserva-se sempre invariavel, e sempre o mesmo no mesmo ponto? Segundo os calculos de *Dalin* tem diminuido o mar treze toezas desde o nascimento de Jesu Christo, e pelos mesmos calculos se conhece que a Suecia fôra inhabitavel em tempos mais antigos. Crê-se que o Templo de Jupiter Ammon, fundado por huma Sacerdotisa Egypcia roubada pelos Fenicios, estivera situado junto ao mar. Algumas Provincias situadas no mar de Alemanha, com especialidade a Ost-Frisea, vão ganhando diariamente terreno

sobre o mar. Entre as costas de *Norfolk* em Inglaterra, e Irlanda se vai formando hum banco de arêa, que promette ainda algum dia a união das duas Ilhas. O porto de *Hythe* no Condado de Kent se vai entupindo a despeito dos cuidados, e fadigas que ha em o conservar. O mar se retira cada vez mais das costas do Languedoc entre Agde, e a foz do Rhodano. *Calm* encontrou na America Septentrional vestigiõs evidentes de huma grande diminuição do mar, e segundo tradições dos Indigenas banhava n'outro tempo lugares que hoje estão d'elle muito distantes. Com tudo *Kant* não se inclina muito a acreditar a real diminuição do mar, persuade-se mais, que se as aguas perdem de hum lado, ganhão de outro. Nas margens do Baltico, por exemplo, onde mais se estende a Suécia, as costas da Pomerania estão como engolidas do mesmo mar; parece, a pezar do espraimento das costas do Languedoc, que o Mediterraneo se vai profundando muito mais.

Kant julga com outros Geografos, que a America merece o nome de Novo Mundo, não só por ter sido descoberto muito tarde, mas porque a sua formação foi posterior ás outras partes do globo. As montanhas do antigo Mundo parece que tem sido diminuidas, e aplainadas pelo tempo, em quanto as da America se conservão em toda a sua fragosa elevação, e primitiva aspereza. Os Rios desta parte do globo conservão ainda hoje aquella enorme largura que tinham provavelmente os nossos, quando o fio das montanhas que ainda hoje os acompanhão em grande distancia, erão por elles banhadas, e lhes formavão as ribas. Quando se descobrio a America ainda de todo se não tinham escoado as aguas, a terra não estava de todo seca, mas humida e pantanosa, e ainda hoje

assim existe nas partes não cultivadas. Em toda a parte estão ainda as campinas cortadas de lagos, e pantanos cheios de hervas venenosas, que occultão o terreno solido, e onde não pode entrar nem a enchada, nem o arado. Os oiteiros estão cobertos de bosques impenetraveis. O ar he por extremo doentio: incognitos achaques, e de extrema violencia levavão com espantosa rapidez os primeiros colonos; mais de metade perecia, e a outra metade andava sempre magra, atenuada, e palida, com os olhos encovados, e sempre valetudinaria. Todo o paiz está cheio de animaes venenosos, e as ultimas classes dos seres vivos, os insectos, e os reptís, se avantajão ainda aos quadrupedes em huma organização mais perfeita. Nenhum animal indigena da America tem a grandeza do Elefante, da Girafa, ou do Camello, nem a força do Touro, nem a coragem de Leão, nem as formas elegantes do Cavallo. As ilhas tinhão poucas especies de quadrupedes, e estas especies erão pequenas, e acanhadas. Só as Aves forão sempre nesta parte do Mundo de huma grandeza enorme, como se nella o ar fosse o unico elemento perfeito. Os habitantes primitivos de muitas partes da America são de huma estupidez, frouxidão, e perguiza extrema. Os Hespanhoes achárão homens que para deitar abaixo huma grande arvore gastavão annos. Quando edificavão huma casa, parte cahia de decrepitude, antes que a outra se acabasse (tambem por lá andavão as obras de Santa Engracia!!!) Com tudo no Mexico, e ainda mais no Perú, encontrárão homens mais animados, e mais espirituosos, e ainda hoje se descobrem vestigios de cultura e civilisação. As linguas deste paiz são harmoniosas, e ricas, e no 16.º seculo se achárão obras escritas nestas mesmas linguas. Os Sacerdo-

tes tinham alguns conhecimentos astronomicos. Encontrão-se nas Provincias hoje desertas jeroglificos entalhados em pedras, e noutras partes ruinas de antigos edificios muito elegantes. Junto a *Cusco* existe huma calçada feita de pedras de cantaria como os caminhos militares dos Romanos; esta calçada passa por montanhas d'altura de duas mil e trezentas toezas acima do nivel do mar. (Podem ver-se indagações infinitamente mais curiosas feitas por Mr. *Humboldt*, e grandes luzes sobre as emigrações primitivas destes povos.)

As differentes partes do antigo continente, segundo *Kant*, parece que recebêrão dos Fenicios as suas denominações: os Fenicios forão com effeito a primeira nação navegadora, e commerciante. Chamárão a seu proprio paiz *Asia*, que quer dizer paiz do meio, e ao continente que encontrárão navegando para Oeste, derão o nome de *Eroba*, paiz do poente, *Hesperia*. O nome de Africa, donde tirárão suas provisões de trigo, talvez se derive de — *Theric*, que quer dizer espiga de trigo.

A *Europa* deve quasi todas as suas produções uteis á industria humana, porque a Natureza não deo a esta tenue porção do antigo Continente mais que a glande do sobro, do azinho, e do carvalho, e o que chamamos túbaras da terra. A cepa, a figueira, e a oliveira nos vierão da *Assyria*, donde forão levadas á Palestina, depois á Asia menor. Os alperches são oriundos da *Armenia*, as peras de Damasco, as romãs de Carthago, as cerejas do Ponto, a amoreira e a lorangeira da China. Tirámos a sevada da *Crimea*, o senteio e o trigo da pequena *Tartaria*, e das partes meridionaes da *Siberia*, onde estes grãos ainda hoje crescem espontaneamente. O milho he originario

da India, o trigo sarraceno nos veio da Syria. A Ethyopia nos deo o arroz, e a Ilha de Chypre a couveflor. O espargo veio de Astracan, e cresce espontaneamente na Siberia. Os melões amadurecêrão primeiro para os Calmucos. As batatas e o tabaco vierão da America, e os primeiros bichos de seda forão trazidos a Constantinopla na era de 551.

O meio da Asia, assim como huma grande parte da Arabia, nos he ainda quasi de todo desconhecido. A pequena Buckaria não contém em si pedra alguma calcarea, nenhuma petrificação se encontra, e os veios metalicos se achão á flor da terra. O paiz se levanta progressivamente até ao Thibet, lugar em que se reúnem as differentes cordas de montanhas, que formão o esqueleto da Asia. O deserto de Cobi, cercado por todos os lados de altos montes, parece que servira de bacia a algum mar, que talvez se não escoasse se não depois que se povoárão os paizes circúmvizinhos; ainda se encontrão vestigios desta violenta revolução. Se a Terra sahio successivamente do seio das aguas, por certo o Thibet foi a primeira parte habitavel, e não he difficil conciliar esta conjectura com as tradições dos Livros Santos. Deste paiz desgraçadamente pouco conhecido, parecem ser originarios os animaes domesticos mais uteis ao homem; ainda hoje alli se encontrão o touro, e o carneiro no estado selvagem. Acha-se o camello no mesmo estado pelos desertos entre o Thibet, e a China; este grande Imperio recebeu do Thibet seus primeiros habitantes, e he provavel que os Indios devão a este paiz a cultura, e suas mais antigas tradições religiosas.

Segundo a opinião de *Kant*, a população da China deita a quasi cento e cincoenta milhões.

A belleza consiste na China em ter os olhos pequenos, a testa larga, o nariz chato, as orelhas grandes, e os homens a fazem consistir em ter a voz grossa, a barba grande ainda que elles a costumão arrancar, deixando, como vemos em seus bonecos, aqui e alli humas farripas de cabello. Os Letrados, os Sabios da China não cortão as unhas da mão esquerda, e he este o sinal distinctivo do seu estado. (Entre nós os Letrados deixão, pela maior parte, crescer bem as unhas d'ambas as mãos.) Bebem quente, e comem frio em todos os banquetes de cerimonia. Comem a compasso, e todos os convidados bebem a hum tempo. O Imperador Kienlong mandou compôr em 1744 hum Geografia de seus dominios, e encarregon isto a hum sociedade de Sabios. Divide-se esta obra em 24 partes, e forma sete volumes, tem 496 cartas Geograficas, ou Mappas muito differentes dos nossos. Segundo esta Obra traduzida em Russo, e conhecida em Alemanha no Armazem Geografico de *Busching*, a China se divide em dezoito Governos, que contém 14:700 montanhas, cujo nome he conhecido, 1572 Cidades, 1193 Fortalezas, 3158 Pontes de pedra, 2796 Templos, 2606 Conventos, 2338 Escolas. Tinha 48:281:484 rublos de rendas publicas. O nome que os Chinas dão a seu paiz he *Dai-zinque*, que vem a ser — o Imperio da grande luz. — Tanto não mentio Fernão Mendes Pinto!

Na India ha duas especies de Judeos, Judeos brancos, e Judeos negros; estes ultimos parecem provir da mistura dos primeiros com os indigenas do paiz, e são mais numerosos que os outros, e os brancos que compunhão n'outro tempo oitenta mil familias, ficarão reduzidos a quatro mil n'huma guerra que houve entre as duas

raças. Na Africa, nas montanhas de Samen entre a Abyssinia, e Ethyopia, acha-se hum estado de Judeos agricolas, pedreiros, e oleiros, que fallão huma lingua muito particular, e não conhecem a Biblia senão em traducções Ethyopicas. (Na Europa os Judeos não tem officio nem beneficio, algum dia todos os Medicos são Judeos, mas não he daqui que lhes provém o dinheiro, ou todo o dinheiro que elles tem!)

Não he menos curiosa a descripção da Africa, paiz pouco conhecido, e que encerra em si tantas maravilhas: he igualmente interessante a da terra firme, e das ilhas, mas o tracto que me pareceo mais digno d'huma particular attenção, e com que acabarei este extracto, he huma historia resumida do commercio da India, que vem a ser como hum episodio da descripção da Asia, e que dá huma idéa rapida, porém viva da excellente obra de *Robertson*, juntando-lhe novas idéas, e apontando factos que havião esquecido ao author. Este trafico da India foi sempre o maior commercio do Mundo, e o laço universal das Nações, trazendo consigo não sómente as riquezas, e o luxo, porém tambem as luzes, e os conhecimentos. O caminho que tomou, ou por terra ou por mar, fez sempre época na historia do globo. Por todo este caminho as Aldêas, e as cabanas dos pescadores se tornárão em Cidades, e Cidades poderosas, e decahirão de seu orgulhoso esplendor des de que o commercio começou a passar por outros canaes.

A mais antiga vereda desta communicacão passava, e se estendia pelo golfo Persico, pelo Tigris, e pelo Eufrates; então com a maior magnificencia brillárão Ninive, e Babylonia. A Arabia meridional atrahia a si huma grande parte das

mercadorias, e as distribuia pelos paizes orientaes da Africa. Daqui vem passar em proverbio o ouro da Arabia; e as praças de commercio d'Africa, sobre tudo as da Ethyopia, e do Egypto, por onde passavão estas mercadorias, se tornárão o fóco das riquezas, e da cultura. As frequentes communicações com os outros povos começárão a sacudir o vergonhoso jugo da superstição que os Sacerdotes Egypcios havião imposto aos Povos, e aos Monarcas. Não só se conhece o caminho que seguião estas antigas Caravanas, comparando as tradições antigas com as relações dos viajantes modernos, mas pela observação de huma longa cadeia de espantosas ruinas; por estes fieis monumentos se conhece, que passava de *Babel-Mandel*, por *Axum* e *Meroe*, e ao longo das ribeiras do Nilo a Thebas no alto Egypto; e de lá pelo Templo de Jupiter-Ammon a travéz dos desertos de Libya até Carthago, e Nigricia. Formárão-se Estados nas principaes estações, e grande parte dellas erão colonias de *Meroe*.

A riqueza e a cultura forão logo propriedades daquellas terras, a travez das quaes se estendia o ramo septentrional deste commercio. Então a Colchide, e a Mingrelia, paizes hoje em dia despovoados e cobertos de bosques, se fizeram célebres por sua opulencia, e pelo concurso annuo de trezentas Nações differentes, que se juntavão para este commercio nos muros de *Dioscurias*, Capital deste paiz, que estava situada perto do lugar em que hoje se vê hum bosque junto ao angulo Nordeste do Mar Negro, e huma praça quadrada a cem passos da praia cercada de cabanas feitas de troncos e ramos de arvores, chamada — O Mercado grande. — *Dioscurias* estava já deserta no tempo de Plinio, e o commercio da India

tinha tomado outra direcção. Hum dos mais admiraveis espectaculos que nos apresenta a terra, são as ruinas de Palmyra nos desertos que sepáram a Syria da Arabia, a opulencia que levantou estes monumentos não teve outra fonte mais que o commercio do Oriente.

As mercadorias da India subião pelo rio Icaro, que se communica com o Indo; erão depois transportadas em camellos pelos desfiladeiros dos montes Mustag até o rio Gehon, ou Oxo, que desembocava no mar Caspio, e por este mar se navegava até a embocadura do *Cyro*, que hoje se chama *Cur*, e separa a Armenia da Iberia. Apenas erão precisos quatro dias de jornada por terra para chegar ao *Phasis*, que conduzia as fazendas ás Cidades commerciantes do Mar Negro. Por este caminho a India se communicava com a Scythia, com a Macedonia, em fim com toda a Europa, e com a parte da Africa banhada pelo Mediterraneo. Quando o commercio tomou outra direcção, os Povos que existião no antigo caminho se forão tornando barbaros, e acabárão por divertir o curso ao rio *Oxo*, ou *Gehon*, que no dia d'hoje não desemboca no mar Caspio, porém depois de regar grandes campinas cobertas de pastagens, se vai perder em huma immensa lagoa.

Os Fenicios abrirão com a India huma communicação ainda mais facil. Tinhão tomado aos Egypcios *Asionqueber*, e *Elath*, que erão dois portos na extremidade inferior do Mar Vermelho, e Rhinocolura, o porto do Mediterraneo, que lhe ficava mais vizinho, e só lhes erão precisos dois dias de jornada por terra. Derão ás mercadorias da India mais preço que outros quaesquer povos, e as transportárão em maior quantidade a todos os pontos da terra. Seus traficantes, diz a Escriptu-

ra, se fizeram Principes, e seus mercadores os mais magnificos do Paiz. — *Tyro* ficou sendo a Princeza dos mares até ser destruida por Alexandre. Então chegou Alexandria áquelle gráo de esplendor que eclipsou de todo *Tyro*, e *Carthago*. Em quanto o commercio da India passou por esta Cidade, se conservou na mais subida opulencia em meio de todas as revoluções do Imperio Romano. Pagava n'hum mez tantos impostos como pagava o *Egypto* n'hum anno. Conservou *Constantinópla* em huma especie de dependencia pela preponderancia de seu commercio, e pela superioridade de suas luzes. Alexandria foi por algum tempo a verdadeira Capital do Mundo.

Quando os Arabes, cuja crueldade e fanatismo expulsou no setimo seculo os negociantes Christãos desta Cidade, tomárão o gosto ao commercio, estabelecêrão na confluencia do *Tigris*, e do *Eufrates* a Cidade de *Bassorá*, e lhe atrahirão o commercio da India. Então esta Cidade, e *Bagdad*, onde, subindo o *Tigris*, se transportavão as mercadorias, se tornárão as praças, ou os emporios de communicação com todo o Universo. Grandes Caravanas transportavão estas producções até o mar Mediterraneo, ao mar Negro, ao mar Caspio, e tomou o commercio seu antigo caminho. A Aldêa de *Sumerkint* se tornou a rica Cidade de *Astracan*; e *Cassa* simples Feitoria Genoveza se transformou em huma nova *Constantinopla*. Os Turcos chamão ainda hoje a esta Cidade — *Jarim-Stambul*, isto he, meia *Constantinopla*. Os Venezianos se fizeram senhores de huma praça na foz do *Don*, ou *Tanais* (*Asof*), e daqui distribuião a maior parte das mercadorias da India que chegavão a *Astracan*, e ao meio dia da Europa. A Cidade de *Wishy*, na Ilha de *Gothland*, em o mar

Baltico, se fez senhora do resto do commercio do Norte. O *Volga*, e o lago de *Ladoga*, facilitavão estes transportes, e chegou em breve ao maior estado d'opulencia. Tamerlão interrompeo este caminho destruindo Astracan. Então os *Venezianos* se alliárão aos Sultões do Egypto, e fizeram de novo passar as mercadorias da India pelo mar Vermelho. O commercio os fez de tal maneira ricos e poderosos, que poderão representar o mais brilhante papel politico em o theatro do Mundo, e excitar o ciume de toda a Europa. Huma parte das mercadorias passava de Veneza para Alemanha, e a travez da Alemanha a todo o Norte. As Cidades situadas no caminho deste transporte, se fizeram opulentas e formidaveis: formárão a Liga Anseatica, sustentárão exercitos e navios de guerra, derão leis ao Norte, e afretarão navios á França e Inglaterra. Mas bem depressa se secárão as vertentes de tanta ventura. Os *Portuguezes* buscárão, e achárão novos caminhos para chegar á India, e dobrárão por fim o Cabo das Tormentas. O commercio Oriental tomou novo caminho, e Portugal juntou, e accumulou em seu seio as riquezas do Universo, e teve o seu seculo de Ouro, (e para onde se iria elle?) Os thesouros de Veneza se exaurirão pouco a pouco, acabou a sua dominação, desfez-se a Liga Anseatica; *Wisby* cahio no abysmo, e as Cidades mais opulentas da Alemanha se endividárão, e despovoárão. A *Hollanda* arrancou a *Portugal* em parte o commercio da India, e Amsterdão se fez a burra do dinheiro do Mundo, e as burras publicas, e particulares das Provincias Unidas se enchêrão de riquezas desconhecidas d'antes neste paiz, fazendo-se por algum tempo o Estado mais poderoso da Europa. Em fim os Inglezes predominárão, predo-

minhão, predominaráõ no commercio, desapareceo a Hollanda, e a Inglaterra continuará a lançar huma finta commum ao Mundo conhecido.....

Eisa-qui huma idéa da Geografia Fysica de *Kant*, que segundo o meu entender he hum dos mais instructivos, e preciosos livros que nestes ultimos tempos tem apparecido na Europa, em quanto esta está inundada de Geografias que nada mais vem a ser que estereis, e fastidiosas nomenclaturas.

LITTERATURA.

Parallelo. — Annibal, e Scipião.

A UNIÃO e alliança, que *Cesar* fez das Letras e das Armas, foi hum dos alicerces mais seguros da sua gloria, e tanto enchêrão de assombro o Mundo as suas conquistas, como ainda hoje o enchem os seus *Commentarios*, e o Conquistador das Gallias he tão celebre pelas ter vencidô, como por haver descrito as suas mesmas victorias; e não se pode dizer delle que as armas cedião á Toga, e que o laurel do triunfô não tinha tanto preço como a força da eloquencia. Este exemplo nos dá bem a conhecer, que hum dos principaes ornamentos da profissão militar he a Sciencia, muito principalmente daquellas disciplinas, e artes que com a mesma profissão militar tem mais estreita analogia; e desejaría bem que nessas escolas destinadas á instrucção da parte mais escolhida da Milicia, se lhe fizessem conhecer, com os elementos da Historia Universal, os preciosos Parallelos de Plutarco, para que nas acções dos grandes homens, e dos mais famosos Capitães do Mundo vissem huns exemplares, e huns modelos a que se podessem conformar muito principalmente naquelles que juntárão a grandes virtudes grandes conquistas, e grandes feitos d'armas. Mui fecunda seria nestes exemplares a Historia de Portugal,

se ella fosse de huma vez escrita com a penna de hum Tacito, de hum Sallustio, ou de hum Velleio Paterculo, e sem mendigar nos estranhos, acharíamos dentro dos limites da nossa Patria os melhores, e os maiores exemplos. E serei eu notado de acrimonia se disser que na Moderna Galeria militar Franceza, dentro do periodo infausto da Revolução, não se encontra mais que huma lista de insignes ladrões, e barbaros oppressores do genero humano? Não sei; decidão os prudentes, e os desapaixonados. Nesta hesitação, ou nesta certeza, eu me lembrei de offerecer aos olhos dos Portuguezes, naturalmente militares, hum exacto, e esculpulo paralelo das virtudes, do character, e dos talentos dos dois mais famosos Guerreiros que nos mostra o quadro da Historia Romana, quero dizer *Annibal*, e *Scipião*; cada hum delles dá huma acabada idéa de hum perfeito General, e nas acções de cada hum delles darei huma lição aos que pelo exercicio das armas em grão supremo batem, e pizão a estrada da gloria. Como os dois originaes são tão grandes, darei no seu retrato algum lugar á eloquencia, para que tambem a pintura ensine alguma coiza, neste século em que o Genio do indifferentismo Litterario parece que nos quer envolver nas sombras da barbaridade, ou da ignorancia.

Annibal e *Scipião* forão celebres pela vastidão daquelles conhecimentos, e profundas combinações, que são indispensaveis para formar, e executar grandes projectos. Estas raras qualidades consistem em se formarem de mui longe hum plano, e em se proporem hum fim de que nunca se apartem, tomando todas as medidas, e preparando todos os meios necessarios para o conseguir, aproveitando os momentos favoraveis das occasiões,

que rapidamente passão, e se não tornão a apresentar, ou offerecer; em fazer entrar no seu plano os accidentes, ainda os subitaneos, e não previstos, em summa, em antever tudo, em providenciar tudo sem se perturbar nem confundir com os mais inesperados acontecimentos; porque apenas o concurso de todas as medidas concertadas, e postas em obra com a maior prudencia, e perspicacia basta para fazer executar felizmente qualquer projecto, e muitas vezes a omissão de huma só, por mais ligeira que pareça basta para o fazer desgraçadamente abortar.

Tal foi o character de *Annibal*, e de *Scipião*, ambos formárão hum projecto grande, atrevido, singular, de vasta extensão, de longa continuação, capaz de desconcertar, e fazer arear as cabeças mais fortes e eminentes, mas o unico que a ambos era proficuo, e salutar. *Annibal* desde o começo da guerra comprehendeo, e soube logo, que o unico meio de vencer os Romanos era combatellos, e assaltallos em seu proprio paiz. Dispoz de mui longe tudo quanto era preciso para a execução deste projecto. Previo todas as difficuldades, e todos os obstaculos. A passagem dos Alpes não o suspendeo. Hum Capitão tão sabio como elle era não teria o ardimento de se empenhar nesta passagem, se se não tivesse d'antemão assegurado, que tão asperas montanhas não erão impraticaveis, e o successo correspondeo a seus conhecimentos. Sabe-se, e admira-se qual fora a rapidez das suas victorias, e vio o Mundo com assombro que a soberba Roma estava proxima a seu ultimo precipicio.

Scipião formou hum projecto não menos atrevido, e que teve hum exito muito mais venturoso; e foi o de assaltar a Africa na mesma Africa.

Quantos, e quam formidaveis obstaculos parecião oppôr-se a este projecto? Não era coiza mais natural, e mais aproximada á razão defender primeiro o seu paiz, do que invadir o dos inimigos, e assegurar a paz na Italia antes de levar a guerra ao coração da Africa? Que recurso restaria ao Imperio se Annibal vencedor marchasse immediatamente contra a Capital do Mundo? Deveria, ou poderia então Roma chamar o Consul em seu auxilio! Que seria feito de Scipião, e do seu exercito, se perdesse huma batalha? O mesmo que succedeo ao moderno Conquistador, depois de levar a guerra ao seio da Russia, e de ser desbaratado em Moscow, e em Leipsick. E que não devia Scipião temer dos Carthaginezes, unidos todos, e combatendo todos pela liberdade, e pela vida debaixo dos olhos de suas mulheres, de seus filhos, e de sua Patria? Estas erão as reflexões de Fabio, as quaes, ainda que parecessem plausiveis, não suspendêrão a Scipião, e o successo da empreza fez ver com quanta sabedoria tinha sido formada, e com quanta dexteridade fôra conduzida, e ultimada. Conheceo-se que nas acções deste grande homem nada vinha do acaso, mas que tudo era effeito do mais solido raciocinio, e da mais consummada prudencia, qualidades que formão o verdadeiro Capitão; porque a valentia dos braços, e o denodo no duello são a partilha do simples soldado.

Hum dos meios mais seguros para sahir bem de huma empreza, e levalla a seu fim, he o segredo; e he preciso que hum General seja de tal arte impenetravel neste ponto, que não só a amizade, e a mais íntima familiaridade, lhe não possa arrancar da boca huma só palavra indiscreta, mas que até seja impossivel á mais subtil curiosidade

descobrir em seu mesmo rosto o mais ligeiro vestigio do que encerra dentro em seu coração. O assedio de Carthagená foi a primeira empreza de *Scipião* na Hespanha, e o primeiro passo que elle abriu para todas as suas ultteriores conquistas. Apenas communicou este projecto a *Lélio*, e só o fez confidente deste segredo porque lhe era absolutamente necessario: não pôde ultimar esta empreza senão com o silencio, e com hum profundo segredo na outra mais importante, e que comsigo trazia a conquista da Africa, mandando queimar de noite os dois campos, passando ao fio da espada os dois exercitos inimigos.

Os frequentes successos, e sempre prosperos que *Annibal* teve no tempo das suas ciladas aos Romanos, fazendo morrer tantos Gêneraes com as suas mais escolhidas tropas, em esconder suas marchas, em surprehender os Romanos com improvisos ataques, em passar de huma parte da Italia a outra sem achar obstaculos da parte dos inimigos, são provas do profundo segredo com que concertava, dispunha, e executava todas as suas emprezas. O arteficio, o estratagemá, e a sagacidade erão o seu talento dominante, e de nada serviria tudo isto sem hum impenetravel segredo. He huma grande habilidade, e huma parte importante da Sciéncia militar conhecer a tempo o character dos Gêneraes que commandão o exercito inimigo, e saber tirar vantagens de seus erros e defeitos; porque a negligencia, ou ignorancia dos Capitães fazem pela maior parte abortar todas as emprezas. *Annibal* possuia em supremo gráo de perfeição esta Sciéncia, e pode dizer-se que a sua attenção continuada em estudar o genio dos Gêneraes Romanos fôra huma das principaes causas de ganhar as batalhas do Trébia, e do Trasimeno. Sabia o

que acontecia no campo inimigo com tanta certeza como se se executasse em seus proprios arraiaes. Quando forão mandados contra elle *Paulo Emilio*, e *Varrão*, foi n'hum instante informado do differente character daquelles dois Generaes, e soube a fundo quaes fossem as suas discordias, aproveitando-se do character vivo, e todo fogo de *Varrão*, offerecendo hum attractivo á sua temeridade, deivando-o ganhar insignificantes acções, e que forão depois seguidas do famoso, e memoravel desbarato de *Cannas*.

O que *Scipião* percebeo da pouca disciplina que os Generaes inimigos fazião observar em seus respectivos campos, lhe inspirou a lembrança de lhe mandar pôr fogo de noite, empreza cujo bom successo lhe procurou a conquista da Africa. A disciplina militar he como a alma de hum exercito, que liga e une todas as suas partes, e lhe dá movimento, ou o conserva em repouso segundo a necessidade occorrente; mostra, e distribue a cada huma as suas funcções, e contém a todas nos limites de seus deveres. Todos concordão que os dois Generaes forão nesta parte distinctos, e eminentes; mas he preciso confessar que a este respeito, o mérito de *Annibal* foi muito superior ao de *Scipião*. Eis-aqui porque sempre se considerou como o ultimo esforço do espirito humano, e como o ultimo apuro da actividade militar, ver *Annibal* que pelo espaço de dezeseis annos em que fez a guerra em hum paiz estranho, tão longe da sua Patria, com tão differentes successos, á frente de hum exercito, não de Cidadãos Carthaginezes, mas composto de huma confusa mistura de muitas nações, as quaes se não união entre si nem por costumes, nem por linguagem, diversas em habitos, em armas, em ceremonias, em sacrificios,

em Religiões, unillas e ligallas entre si de tal maneira, que nunca rompesse entre ellas huma discordia, e contra elle huma sedição, ainda que muitas vezes lhes faltassem as munições de boca, e se lhes demorasse por muito tempo o soldo. Para conseguir isto era preciso que a disciplina estivesse solidamente estabelecida e invioladamente observada. He hum evidente sinal de pouca nobreza, e pouca elevação de alma fazer consistir a grandeza de hum Official, ou de hum General na magnificencia das equipagens, dos moveis, dos vestidos, e da meza. Carlos XII nunca passou do simples uniforme de soldado, huma casaca azul, huns botões de latão, e dormia muitas vezes envolto no seu capote sobre a neve. Em nossos dias admiramos o terrivel *Souvarov* dormindo em huma barraca ordinaria sobre a pelle de hum urso. A magnificencia do trem he huma coiza tão frivola, e ridicula, que se injuriaria o nome de virtude se se chamasse huma virtude militar. Toda esta magnificencia apenas dá a conhecer grandes riquezas. E por ventura estas riquezas são sempre a prova não equivocada de hum solido merecimento, ou são sempre o fruto da virtude? Era huma ignominia da razão, e do bom discernimento, ver, no que se dizia moderno Xerxes, o apparatus Imperatorio seguindo-o em suas pérfidas, e de ante-mão preparadas Conquistas, levando comsigo o hyperbolico luxo da sua exagerada Corte. O tempo, as applicações, as despezas que traz comsigo este apparatus impostor não poderião ser mais bem empregados por hum General? Por ventura não são devedores de tudo isto á sua Patria? *Tito Livio* dá a *Anibal* hum louvor, do qual talvez julguem se devão envergonhar os nossos modernos Guerreiros. Não havia trabalho, diz o Historiador Romano, que

podesse cançar ou abater as forças de seu corpo, ou a energia da sua alma. Supportava igualmente o frio e o calôr. Só a necessidade, e nunca o prazer regulava a sua meza. Não tinha hora determinada para dormir, dava ao somno o tempo que lhe deixavão os negocios, e não conciliava o somno com a morbidez e apparatus de hum leito: muitas vezes o achavão deitado no chão envolto no uniforme de simples soldado, dormindo entre as sentinellas nos mesmos corpos de guarda. Distinguia-se, diz o mesmo *Tito Livio*, dos seus iguaes, não pela magnificencia dos vestidos, mas pela bondade dos cavallo, e das armas.

Polybio, depois de haver louvado *Scipião* sobre as virtudes publicas que mais nelle se admiravão, isto he, sobre a sua liberalidade, magnificencia, e grandeza de alma, accrescenta que os que o conhecião de perto, não admiravão menos sua vida sobria e parca, que o punha, ou conservava sempre em estado de se dar com toda a applicação aos negocios publicos; não curava muito do vestido, o qual era sempre varonil e militar, e muito conveniente á sua estatura, que era grande, e magestosa. O que Seneca diz da simplicidade de seus banhos, e da sua casa de campo, nos deixa ver qual seria esse grande homem á frente de seus exercitos. Esta vida sobria, parca, e moderada dos grandes Generaes he muito propria para animar os exercitos, supportando como os soldados, e ainda mais que os soldados, o frio, o calor, as marchas, as fadigas, e todos os trabalhos inseparaveis de tão escabrosa profissão. Mas nem por isto foi *Scipião* inimigo de hum prazer sabio, discreto, e moderado. *Tito Livio*, fallando do honroso acolhimento que lhe fizera ElRei *Filippe* quando passou com seu irmão pelos Estados deste

Monarca, para ir fazer guerra a *Antioco*, diz que *Scipião* fôra por extremo agradecido, e que admirara no Rei de Macedonia as maneiras insinuantes com que soube dar mais preço ao banquete com que o hospedára, qualidades que o illustre Romano, tão grande em tudo o mais, julgava estimaveis, com tanto que não degenerassem em luxo, e em fausto.

He verdade que em materia de guerra o artificio, e astucia podem muitas vezes mais que a força descoberta, ou projectos manifestos. Este foi o forte de *Annibal*; em todas as suas acções, em todas as empresas, em todas as batalhas, o artificio, e astucia tiverão sempre a maior parte. O modo porque enganou o mais sagaz, e mais prudente de todos os Capitães fazendo accender molhos de palha nos cornos de dois mil Bois para sahir de hum passo arriscado em que se havia empenhado, bastaria para mostrar quanto *Annibal* possuia a arte dos estratagemas; mas tambem esta não era desconhecida a *Scipião*, e della he hum grande prova tudo o que fez para queimar na Africa os dois acampamentos inimigos. *Polybio* estabelece como maxima essencial, e capital em hum Commandante, não expôr a sua pessoa quando a acção não he geral e decisiva, e ainda assim mesmo, quanto lhe for possivel, se deve apartar do perigo. Corrobóra esta maxima com o exemplo contrario de *Marcello*, cuja temeraria intrepidez, mui impropria de hum General da sua idade, e experiencia lhe custou a vida, pondo em risco não só a gloria, mas a existencia do Imperio Romano. Nesta occasião observa que *Annibal*, de quem se não pode suspeitar que o fizesse por cobardia, ou por sobejo amor da vida, em todas as batalhas que apresentou aos Romanos, fez sempre a dili-

gencia de pôr em seguro a sua pessoa. O mesmo observa quando falla de *Scipião*, que no assedio de Carthagená se vio obrigado a empenhar a sua pessoa, e expôr-se ao perigo, mas sempre o fez com prudencia, e com reserva. Plutarco na comparação de *Pelópidas* e *Marcello*, diz que as feridas, ou a morte de hum General não devem ser hum puro accidente, porém hum meio que contribua para a victoria, ou para a salvação do exercito, e por isto deplora que os dois grandes homens de que falla hajão sacrificado ao proprio valor todas as outras virtudes, fazendo-se, sem necessidade, prodigos do sangue e da vida, morrendo por si mesmos, e não pela Patria, a quem os Generaes são devedores não menos da vida, que da morte.

A minha profissão não he a das armas, de-rão-me huma direcção bem opposta, e por certo que não tem parentesco algum com os conhecimentos da grande *Tactica*; mas como de nenhuma profissão he alheio o uso da razão, e estranha a leitura dos livros, eu poderia, instruindo a já feita, e a nascente milicia, fazer observar nas diferentes batalhas dadas por *Annibal* e *Scipião*, sua habilidade, destreza, presença de espirito, e attenção em se aproveitar de todos os movimentos do inimigo, de todas as occasiões repentinas que a fortuna appresenta, de todas as circumstancias do tempo, e do lugar, em summa, de tudo aquillo que pode contribuir para a victoria. Eu diria aos nossos Guerreiros, que devem ter summo prazer em folhear as obras dos bons authores, e nelas ler a descripção das grandes batalhas que tem decidido da sorte do Universo, e da reputação dos antigos Generaes, como hum grande meio de se aperfeiçoarem na Sciencia militar, que se adquire com o estudo de taes mestres, pondo-se por este

caminho ao alcance de se aproveitarem tanto de seus erros, como de suas boas qualidades; mas este estudo he para poucos, e muito fazem, me dizem alguns, em possuirem vagas noções das monótonas manobras regimentaes em hum plano dado, e muito bem escolhido. E os Elementos de Euclides ensinarão a ganhar huma batalha? O estudo dos antigos acampamentos dos Romanos, e os pontos escolhidos para seus ataques, e suas defensas, com hum profiado estudo da Topografia do paiz daria ao homem observador, ainda que fosse hum Ecclesiastico de cincoenta e cinco annos de idade o resultado de hum *plano* de defensa deste Reino sem a mendicidade de soccorros estranhos. Mas torno ao meu Parallelo.

Ajuizando de Annibal e Scipião pelos discursos, ou arengas que destes dois grandes homens nos conservão os Historiadores, bem se vê que erão ambos excellentes no talento da palavra, o qual he, segundo o meu entender, huma das coizas que contribuem principalmente para a perfeição de hum General. Não sei com effeito se os Historiadores lhes emprestarão hum pouco de sua eloquencia. Algumas respostas agudas de *Annibal*, que a Historia nos conserva, mostrão que possuia grande cabedal de engenho, e que só a Natureza tinha executado nelle o que a arte, e o estudo fazem nos outros. Em quanto a *Scipião*, tinha por certo mais cultivado o entendimento, e ainda que o seculo em que existio não fosse de todo polido, quanto o foi depois o do segundo Scipião chamado como elle o Africano; sua intima correspondencia com o Poeta Ennio, e o desejo que tinha de ter com elle commum a sepultura, nos dá a conhecer que não era desprovido de gosto para as letras. Seja como for, Tito Livio observa que quando

chegou a Hespanha para commandar o exercito, na primeira audiencia que deo aos Deputados da Provincia, fallou com hum certo ar de grandeza que concilia o respeito, e ao mesmo tempo com hum ar de simplicidade e singeleza, que persuade e inspira a confiança, de maneira que sem deixar escapar huma palavra da boca que dêsse a menor idéa de altivez e de orgulho, deo animo a todos segurando-os da antiga inquietação e susto em que estavam com a memoria dos males passados. Noutra occasião, achando-se com *Asdrubal* e *Siface* para tratar de negocios, o mesmo Tito Livio observa que *Scipião* sabia manejar destramente os animos, levando-os a seu arbitrio onde queria, como succedeo com os dois Africanos, confessando elles mesmos que aquelle particular colloquio que tiveram com *Scipião* lhes dera deste Guerreiro mais alta idéa que todas as suas victorias e conquistas, não duvidando os Carthaginezes que o mesmo *Siface*, e seu Reino cahissem em poder dos Romanos; tanta era a força da persuasão com que elle movia, e arrebatava os corações. Este facto mostra com evidencia quanto importe ás pessoas destinadas ás armas cultivar o talento da palavra, e he impossivel comprehender como muitos Officiaes, que aliás tem grandes talentos para a arte da guerra, se envergonhem de saber alguma coiza fora da sua profissão!

Deveria agora decidir entre *Annibal* e *Scipião* pelo que diz respeito ás suas qualidades militares; mas esta decisão não me compete: com tudo, segundo o parecer de pessoas intelligentes, *Annibal* foi, na antiguidade, o Capitão mais consummado que se vio na Sciencia da guerra; e com effeito, em sua escola se aperfeiçoarão os Romanos depois de haverem feito seus primeiros ensaios

contra *Pirro*. He preciso confessar que nenhum General soube mais do que *Annibal*, ou aproveitar-se do terreno; ou metter hum exercito em batalha; ou lançar mão do momento favoravel, ou achar promptos recursos nas desventuras, ou manter a disciplina entre tantas Nações diversas. Procurava por si só as munições, e o soldo das tropas; a remonta da Cavallaria, as recrutas para a Infantaria, e tudo o que era necessario para sustentar huma guerra porfiada em paiz estranho contra poderosos inimigos pelo espaço de dezeseis annos consecutivos, e a despeito de huma poderosa facção domestica, que tudo lhe negava, e lhe atravessava tudo. Eis-aqui o que se chama hum grande General. Confesso igualmente que para fazer huma exacta comparação entre o plano de *Annibal*, e o de *Scipião*, he preciso convir, que o de *Annibal* era mais audaz; mais difficil, mais arriscado; mais destituido de soccorros. Houve mister atravessar as Gallias; que elle devia considerar como inimigas; passar os Alpes, que outro que não fosse *Annibal* julgaria intransitaveis, estabelecer o theatro da guerra no meio de hum paiz inimigo; e no seio da mesma Italia, onde não tinha nem Praças, nem Depositos, nem soccorros seguros, nem esperança de retirada. Ajunte-se a isto, que atacava os Romanos no tempo de seu maior vigor, quando seus exercitos estavam frescos, soberbos, e animados com os successos prosperos da guerra precedente; cheios de animo, e de confiança. — Em quanto a *Scipião*, não tinha que fazer senão a breve passagem da Sicilia para a Africa; tinha huma esquadra poderosa, e era senhor do mar; conservava huma livre communicação com a Sicilia donde podia haver, e a tempo, todas as munições de guerra e de boca. Atávava

os Carthaginezes no fim de huma guerra em que tinham soffrido grandes perdas, em hum tempo em que o seu poder hia em declinação, e começavão a não ter dinheiro, a não ter gente, a não ter coragem. Tinha perdido a Hespanha, a Sardenha, e a Sicilia, e não podião fazer diversão alguma contra os Romanos. O exercito de *Asdrubal* tinha sido feito em postas, o de *Annibal* estava por extremo atenuado com multiplicadas derrotas, e com huma falta geral de todas as coizas. Todas estas circumstancias parecem dar a *Annibal* huma decidida superioridade; porém duas difficuldades me embaraço, a primeira he sobre os Generaes que elle venceo, a segunda sobre os erros que cometeo. E não se poderá dizer com justiça que *Annibal* fôra mais devedor á imprudencia e temeridade dos Generaes Romanos do que á sua propria pericia, e valor, nas famosas victorias que fizeram illustre, e immortal seu nome? Quando se lhe oppoz hum *Fabio*, e depois hum *Scipião*, o primeiro o fez parar, o segundo o soube vencer. D'outra parte os dois erros que commetteo *Annibal*, o primeiro em não marchar em direitura a Roma depois da batalha de Cannas, o segundo em deixar amollecere, e enervar o exercito no ocio, e nas delicias do *Cápua*, devem diminuir muito a sua reputação militar, porque são erros essenciaes, decisivos, irreparaveis, e oppostos ás duas principaes qualidades de hum perfeito General, o juizo, e a prudencia. Em quanto a *Scipião*, creio que não pode ser arguido de similhantes defeitos em todo o tempo em que capitaneou os exercitos Romanos. Não me admiro pois que *Annibal* no juizo que formou dos Generaes mais perfeitos, dando-se a si o terceiro lugar depois de *Alexandre* e de *Pirro*, tendo-lhe *Scipião* preguntado que teria dito, se elle

o tivesse vencido, respondesse: então eu teria precedido *Alexandre*, *Pirro*, e todos os Generaes que houvessem existido antes de mim. Louvor subtil e delicado, e muito lisongeiro para *Scipião*, porque o distinguia de todos os outros Capitães como superior a todos, e com o qual nenhum poderia sustentar o paralelo. Neste quadro, ou neste simples esboço poderão encontrar proveitosas lições os que se dão á nobre profissão das armas, mister necessario para manter a harmonia social entre os estragos da humana ambição. Aos olhos do Filosofo a necessidade da guerra he a prova mais funesta, e mais convincente da imperfectibilidade do ser humano.

VIAGENS.

*Noticia resumida das Viagens de Mr. Mollien
no interior da Africa, ás nascentes
do Senegal, e do Gambia.*

SE os Portuguezes fossem mais curiosos em escrever e publicar todos os successos e particularidades que tem observado em suas viagens frequentes na Africa os muitos que tem devassado grande parte do seu interior, principalmente nos sertões desde Cabo Bojador até Moçambique e suas dependencias, teriamos hoje hum mais amplo conhecimento desta quasi incognita porção do nosso Globo; e ainda assim mesmo os estrangeiros que querem ter alguma noção menos superficial daquellas regiões se vêem obrigados a consultar, no original ou em traduções, esse pouco que entre nós existe impresso sobre aquelles paizes. Não tem com tudo nos ultimos tempos deixado de animar-se a explorar o interior do continente Africano varios Europeos, huns desejosos de illustrar nesta parte a Geografia, outros por interesse de seu commercio, arrostrando aquelles ardentes climas, e embrenhando-se naquelles matos e desertos, onde tiverão de supportar os maiores incommodos e privações, e os mais delles pagárão com a vida os seus esforços; taes forão *Hornmanni*, *Mungo Park*, *Tuckey*, *Burckhardt*, *Campbell* e ultima-

mente *Ritchie*. Posto que de suas cartas e relações se tenha colhido algum maior conhecimento daquelles sertões, dellas tambem se colhe que mui pouco tem adiantado ao que os nossos publicarão, e a cada passo se achão apontados sitios e povoações onde penetrarão os Portuguezes, cujo genio emprehendedor, cujo dominio na Costa d'Africa, e cujo character proprio para o trato daquelles povos, lhes facilitavão sem contradição mais que a nenhuns outros Europeos o perlustrarem aquellas barbaras regiões, de que podião, se fossem mais curiosos de escrever, ter dado ao Mundo informações muito mais amplas e mais exactas.

Como a França pela paz veio a possuir colonias, e na Costa d'Africa a do *Senegal*, determinou Mr. *Mollien* aproveitar esta circumstancia, e se encarregou de ir descobrir as nascentes do *Senegal*, *Gambia*, e *Niger*, e ver se existe realmente communicação entre os dois primeiros, assim como tambem a distancia que ha entre o primeiro e a nascente do terceiro destes rios. Desempenhou Mr. *Mollien* esta tentativa, de que escreveu huma Relação, a qual, pela informação dada pela Academia Real das Sciencias de Paris, a cujo exame foi submettida, lhe mereceo ser remunerado pelo Governo com a Cruz da Legião d'Honra.

Mr. *Mollien* achava-se a bordo da Fragata *Medusa*, quando esta naufragou em 1816 ao Sul do Cabo Branco, e foi hum dos que conseguirão escapar do desastre. A trabalhosa jornada que então fez para chegar ás margens do Senegal, em vez de affrouxar, alentou nelle o desejo que havia muitos annos tinha de perlustrar o interior da *Africa*. " Não me podia capacitar, diz elle, que a esterilidade da região que eu tinha recorrido reinasse nas em que *Leão o Africano* havia situado Cidades

consideráveis. Os descobrimentos de *Mungo Park* me tinham convencido da veracidade daquelle escriptor; e longe de temer os desertos inhabitaveis, ou os aduares daquelles barbaros, esperava encontrar nações civilizadas, restos de algumas colonias Egypcias ou Carthaginezas. ”

Movido desta idéa, dirigio-se a França, solicitou licença para a realisar; mas parece que não podendo obter resposta do Ministerio, voltou ao *Senegal*, e obteve de Mr. *Fleuriau*, Governador daquella Colonia os meios de executar o seu intento. Tomou por guia hum *Marabuto*; e sahio de *S. Luiz* em Janeiro de 1818, levando hum cavallo para seu uso, e hum jumento para conduzir a sua bagagem, tomando o caracter de mercador que hia fazer seu negocio pelo sertão, para o que levava polvora, coral, tabacó, ambar, e a sua colcha: assim penetrou no interior, buscando a origem do *Senegal*, do *Gambia*, e do *Niger*. Todos estes paizes estão habitados por nações de negros, se podem chamar-se nações as povoações de algumas aldêas, cujas casas são choças de palha, ou terra cobertas de colmo. Cada aldêa obedece a seu Chefe, o qual depende de hum Rei, ou Chefe mais poderoso, que exige resgate, ora de huma, ora de outra aldêa, e quando quer as chamá á guerra contra algum outro Regulo da mesma classe. — Algumas destas nações seguem a religião de *Mafoma*, outras são idólatras, e crem sobretudo em feitiços. Parece que os *Arabes*, cheios do fanatismo que *Mafoma* lhes inspirou, depois de conquistarem a Africa Septentrional, se derramarão desde o deserto de *Zahará* até a *Negricia*, isto he, até as regiões banhadas pelo *Senegal*, pelo *Gambia*, e pelo *Niger*; e que só se chegarão a assenhorear de algumas destas nações, a quem

obrigarão a abraçar o seu culto. A maior parte dellas resistio, e resiste ainda, a pezar do valor dos Mouros e dos Musulmanos, e das suas armas; mas estes Mouros são pouco numerosos, porque os que habitão da banda do monte *Atlas* não fazem expedições tão remotas; e Mr. *Mollien*, que ao principio tinha tomado o traço Mourisco, por lhe parecer viajaria assim mais seguro, teve de o mudar pelo traço Europeo, a pezar das humilhações e perigos que isto lhe havia de attrahir.

A' medida que o Viajante chegava com os seus guias a huma aldêa, apresentava-se ao seu Chefe, o qual o hospedava ou mandava hospedar, dando-lhe hum feixezinho de palha para dormir, farinha de milho, e ás vezes mel, e leite, mas carne mui raramente. Quando partia dava-lhes de presente algumas bagatellas, como vidrilhos, coral, hum bocado de polvora; mas nem sempre lhe sahia tão barata a hospedagem; muitas vezes exigião d'elle resgate os seus hospedeiros, os seus guias, e sobre tudo os Regulos do paiz, dos quaes não conseguia a liberdade de seguir jornada sem se despojar de parte da sua bagagem. A incommoda presença dos curiosos não era a menor das impertinências que tinha que soffrer. — "As mulheres e os rapazes, diz Mr. *Mollien*, atormentão o viajante no interior da Africa; huns me tiravão os çapatos, e me pellavão os pés divertindo-se em me descalçarem e tornarem a calçar: outros punhão na cabeça o meu chapéo, e se rião da figura que fazião; alguns desabotoavão-me todo." — Mas o que excitava entre os negros hum horror geral era a vista da sua pelle branca. As mulheres dizião: *Eu não queria ver-me só com este homem: a sua figura branca metia-me medo.* Huma rapariga, tocando-lhe no cabello, dizia: *Tem clinas como hum cavallo!*

Crem os negros que os brancos vivem sobre a agua, e que não tem terra, nem casas, nem gados. Concordão em que os rios e os mares nos pertencem; mas accrescentão que as terras são suas, e que esta he a razão porque, na opinião delles, devem os brancos tributo aos Reis negros. Não fazem grande conceito do nosso valor, e persuadem-se que não sabemos dar hum tiro, porque esta sciencia entendem só he propria dos Mouros.

Depois de ter andado 300 a 400 leguas, oppresso de fadigas, privações, enfermidades e humiliações, chégou finalmente o Viajante a hum paiz montuoso, que faz parte de hum Imperio, que na sua lingua se chama *Fouta Dialon*, cuja Capital he *Timbo*, que diz terá humas 9 $\frac{1}{2}$ almas, se bem não tinha tanto quando por ella passou, porque havia o Rei levado comsigo para a guerra com hum Principe vizinho todos os homens que se achavão em estado de pegar em armas. Esta Capital he hum dos reinos Africanos compõe-se de huma porção de casas redondas cobertas de palha, e mais parece hum campo de barracas, que huma cidade. Ha nella huma mesquita e tres fortes, em hum dos quaes está o palacio dos Soberanos, que consiste em cinco casas grandes edificadas com bastante regularidade: as fortificações são de terra, e estão ameaçando ruina.

Não mui distante dalli visitou Mr. *Mollien* a origem do *Senegal*, do *Gambia*, e do *Rio-Grande*, tres rios que desaguão no Oceano Atlantico, cujas nascentes estão perto humas das outras, e não distão das costas do Oceano mais de 60 leguas, ainda que só chegão a elle depois de grande rodeio, e fazem a sua entrada mais ao Norte. Não pôde ver a fonte do *Niger* ou *Jobiba*; mas diz que, segundo a relação da gente do paiz, se acha na

mesma cadeia de montanhas a 80, ou 100 leguas mais ao Sul. Já se sabe com certeza pelas observações de *Mungo Park* que este rio mysterioso corre do Poente ao Nascente; mas ignora-se ainda onde se vai sumir.

São muitas as razões com que se pode impugnar a certeza que dá Mr. *Mollien* de ter visto as nascentes daquelles rios. Também não ha segurança a respeito da posição daquelles pontos geograficos; porque viajando o author com merós objectos de subsistencia, e de permutação, exposto a ser roubado a cada passo, não podia levar, como não levou, consigo instrumentos proprios para tomar a altura do Sol, e o instante da sua passagem no Meridiano; por isso não podia marcar a Longitude e Latitude dos Lugares de que falla, e a posição que lhes deo na carta foi regulada por hum cálculo vago, deduzido das jornadas que fez, e da sua direcção calculada aproximadamente por meio da agulha. Assim que, toda a instrucção que effectivamente nos resulta desta viagem se limita a humá imperfecta indicação da origem e direcção de tres rios; e a algumas particularidades sobre os costumes dos povos por onde o viajante andou; o que com tudo deve apreciar-se, attendendo ao pouco que se sabe daquelles paizes; se bem que afflige ver a quantos trabalhos, privações, e soffrimentos se expõe hum viajante para obter tão escassas noticias. Mr. *Mollien* anima a sua relação com descripções vivas, e mistura as suas aventuras com as noticias relativas ao paiz que visitou, em cuja volta chegou aos estabelecimentos Portuguezes de *Geba* e *Bissáo*, e dalli passou a S. Luiz do Senegal, depois de doze mezes de peregrinação.

Em *França* deverião combinar esta relação de Mr. *Mollien* com o que a respeito do *Senegal*

se acha nos nossos Historiadores, principiando por João de Barros na 1.^a Decada, liv. 3.^o, cap. 8.^o, e particularmente com as Navegações de Luiz de Cadamosto, que a respeito do Senegal dá noticias, que talvez sejam ainda, a pezar de alguns erros, o que existe mais circunstanciado sobre aquelle paiz. Nas *Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos Dominios Portuguezes*, tom. II, N.^{os} 1; e 2; (impresas pela nossa Academia Real das Sciencias) se achão impresas as Navegações de Cadamosto, traduzidas em Portuguez. Quantas noticias não terão ficado perdidas pelos cartórios dos nossos diversos estabelecimentos da Costa d'Africa, e pelos do Reino, que nos darião ao menos a gloria de fazermos conhecer melhor que nenhuns outros Europeos aquellas regiões; em que temos tido, e temos ainda, tão dilatados dominios, e nos livrarião da desairoza increpação de desestimadores dessa mesma gloria, que, sendo-nos mais facil adquirilla, deixamos aos outros no-la tirem com suas afanosas e constantes emprezas.

CRITICA.

A Maledicencia. — Ironia moral.

OCULTO e hómengens que devêmos todos dar á verdade, — forão coizas não só justas mas sagradas para todos os povos, e para todas as idades. Não houve Historiador, Filosofo, ou Poeta que não dissesse mil bens da verdade; e com muita razão, porque ella, ou foi, ou deve ser sempre o objecto das mais serias, e profundas indagações do homem; e se esta verdade está sepultada no fundo de hum poço, como dizia Demócrito, não importa, o sabio até se deve deitar de cabeça abaixo no poço para a ir buscar. Ora quem diria, que sem a gente atirar consigo aos poços, tem o meio mais facil, e mais á mão de a encontrar? Ahi passam os meus Leitores..... Este meio he a maledicencia. E a prova? Socegum os meus Leitores. A classe dos maldizentes he huma classe de homens que de tempo immemorial dizem a verdade, sem a quererem dizer, sem ninguem lha perguntar, e he huma manifesta *injustiça* não se confessar o Mundo muito venerador e obrigado a esta classe de homens. Todos os Moralistas de todas as idades tem eloquentemente declamado contra os maldizentes, mas eu creio que gritão porque estão equivocados, e os não entendem. Isto he huma materia muito importante, e precisa grandes

explicações. Quem será tão desarrazoado que diga que os Missionarios não dizem a verdade? Em tudo a dizem, ou a devem dizer. E por ventura não invectivão elles os vicios com huma verdadeira acrimónia? Não os publicão, não põem ao olho do Sol quantas manqueiras do proximo vem ao seu conhecimento? E he isto verdade, ou he mentira? Quando assim fallão e discorrem, quando apresentam copias muito parecidas com os seus originaes, não diz implicita, e explicitamente todo o Povo: — Aquillo he a mesma verdade? He preciso olharmos para as coizas como ellas são, e não confundirmos as coizas: os maiores erros nascem de hum equivoco. Huma coiza he calumniar, outra coiza he maldizer. Que milagres não faz o partido da Opposição no Governo politico da Inglaterra? Começa o partido da Opposição a dizer cobras, e lagartos de hum Bill, que ha de passar, ou não ha de passar; eis-aqui o Bill exposto a hum rigoroso exame, e quanto mais mal se diz do Bill, mais se discute, mais se examina o Bill; porque he preciso expender as razões que a maledicencia do partido da Opposição produz contra o Bill, e o talento da maledicencia não he superficial, vai ao fundo das coizas, não lhe passão por alto, não lhe cahem em cesto roto. He preciso considerar primeiro o bem publico, que as vantagens particulares, e he incontestavel que a salvação e a prosperidade dos Estados *repouza* sobre a maledicencia, e o Governo *deve* assignalar huma boa pensão a hum bom maldizente. A maledicencia he hum brinco *innocente*, nasceo com a sociedade, e serve para lhe dar vida, e movimento. Seja anathematisado o calumniador; mas eu reclamo alguma benevolencia para os maldizentes, e como seu advogado, deposto o odio e o amor, peço aos

meus *benevolos* Leitores a permissão de expôr os seus direitos.

Eu fallo dos direitos que o maldizente tem á benevolencia publica, e creio que he a coiza mais facil de demonstrar. A maledicencia faz o mesmo favor ao publico que fez o Diabo coxo a Leandro Peres Zambulo; levou-o ao cocuruto do mais alto zimborio de Madrid, levantou-lhe os telhados das casas, e mostrou-lhe o interior miollo da empada social. O maldizente não diz mal, diz — o mal —; e de huma coiza a outra vai muita differença, e eu sempre ficarei obrigado a quem me disser: — não vá pela charneca tal, que andão por lá mais ladrões que mosquitos, não passe de noite por tal caminho, que tem hum precipicio, não se metta com aquelle sugeito, que he hum refinado velhaco, etc. Removamos todos os equívocos, a maledicencia he a que diz o mal, e para isto he preciso que ella seja a filha primogenita da verdade: quem diz o mal, e mente, he hum criminoso, infringe hum dos preceitos do Decálogo: — Não levantarás falsos testemunhos. — Quem o faz, não he maldizente, he hum patife. Isto não he misturar o sagrado com o profano, he tratar huma questão séria, e importante. — Quer Deos reprehender e castigar os Judeos, e o primeirò passo que dá he chamar hum Profeta, e dizer-lhe: "Clama, não socegues, levanta a voz como huma trombeta, e põe na cara ao meu povo todas as suas maldades." Isto não he dizer mal dos homens, he dizer o mal que os homens fazem. O maldizente bem intencionado he o homem mais util á sociedade que póde existir; porque o seu intento he desterrar a mentira, e a impostura, desmascarar velhacos, hypocritas, ignorantes, e papelões, e não permittir que a sociedade seja envenenada por

tantos impostores, ladrões, e maquinadores que nas trévas, e no silencio vão minando os alicerces da ventura, e tranquillidade publica, isto he hum serviço que se faz ao todo, não he hum insulto que se faça ao particular. Eu prescindo por ora destes objectos de maior polpa. Supponha-se hum homem, que não tenha nem nevoas nos olhos, nem papas na lingua, à passear com o seu amigo, outro que tal, pelo vasto, e aprazivel Rocio de Lisboa. Supponhamos que este homem ainda conserva huma ligeira idéa ou tintura da antiga, e ingenua gravidade dos Portuguezes: Que he isto? (dirá elle espantado) pois os homens sahem agora de casa em casaca e cuécas? A todos esquecerão os calções? — Isto he dizer mal? Não Senhor, isto he dizer o mal que parece similhante encamiçada. — Muita falta de fazenda ha para saias de mulheres! — Porque diz v. m. isso? lhe torna o amigo. — Porque? Pois v. m. não vê como são curtas; aquillo he faltá de fazenda, não chega, aliás cobririão mais as pernas, e não obrigarião esses innocentes, assim como eu, que andão por ahi passeando a fazerem tantos discursos de proporção, ajuizando do invisivel pela grande porção patente, e descoberta. — O officio de çapateiro tão opulento, tão rico, que consome avultados cabedaes em taboletas empregando os pinceis dos primeiros Ticianos e Rubens da Cidade em pintarem encospias, e panellas de graixa, não está naquella perfeição que se assoalha, todos os çapatos fazem largos, e para lhes não cahirem dos pés, as pobres mulheres não tem mais remedio que atallos com tantas fitas, que menos enxarcias tinha — a Náo grande em que vai Paulo da Gama. — Isto he dizer mal? Não Senhor, he dizer o mal que parecem aos olhos da decencia publica tantas Nynfas da casta

Diana, que andão por ahí atrás de veados, ou fazendo-os. V. m. não me dirá se todos os Fanqueiros são doentes dos olhos? Tanta remella tem que não possam supportar a luz dentro das suas respectivas lojas? — Porque? — Porque cada porta he o buraco de Santiago, he preciso á gente agarrar-se para entrar, e não he preciso ir ver a Alleluia á Graça para ver a obscuridade visível, basta entrar na loja de hum Fanqueiro. Que mysterio he este? He empurrar gato por lebre, he a gente assentar que leva hum vara de panno de linho que se pode fechar na mão, e achar-se no meio da rua com hum serapilheira mais para rede de pardaes, que para hum camiza. Pouco maior serventia acha v. m. nas portas dos Mercadores, e parece que tem em cima do balcão o Prisma de Newton, fazem ver aos freguezes a côr que querem; ha pouco quiz eu humas calças escuras, e achei-me com ellas amarellas como gemas d'ovos. Isto he dizer mal? Não Senhor, he dizer o mal que dalli nos vem. Quem pode aturar as queixas dos Lavradores ou com a infecundidade da terra, ou com o abuso de trigo de Athenas, cidade da Grecia? Não podem pagar as rendas? E o consumo da palha? Ha chapéo em cabeça de mulher que leva dois pannos e meio; isto basta para prosperar a Agricultura; nem eu sei como não vão por esses ares em dias de ventaneira como intentava a esposa do Joven Malabar. O' maledicencia! se tu não foras ainda seria peor! Costumão-se pôr nas figueiras certos espantalhos cuja vista afugenta os pardaes, e os outros cidadãos do ar, e por certo não comeríamos hum figo se não fôra este grande invento da perspicacia humana. E quem será tão pouco filantropo, tão pouco amigo dos homens, que diga que a invenção do espantalho não fôra

humas das maquinas mais uteis que se enghãrão? Sim, ainda he mais util que hum barco de vapôr. Sim, hum espantallo he coiza utilissima; a Forca tambem o he; porêm, ou pela sua ociosidade, ou pela corrupção do seculo; e derramamento das idéas liberaes e theorias sublimes dáquem, e dálem mar, he certo que os ladrões grandes pouco se espantão, ou se espalhão com ella; mas em fim he hum espantallo, e hum espantallo he coiza util, a sua utilidade he publica, e he practica. Pois eis-aqui está o que he a maledicencia, he hum espantallo; senão fôra o medo que mette; que Firmina morreria neste Mundo, que não levasse huma tempestade de trovas? E quem nos livra deste enjôo, ou desta *zanga*? O espantallo, ou o medo da maledicencia. Quem obriga os Comicos a apparecerem nas taboas, ou palco com hum ar menos insolente, a estudarem mais o ridiculo papel, ou a cuidarem bem em não apresentar, ou representar alli o que não possa ser aprovado pelo corpo Senatorio de que falla Horacio, (que se este era o emprego do Senado de Roma, então ainda era peor que o Senado de Bonaparte!) Quem? O espantallo, o medo da maledicencia pública, e para a expressão desta, não he precisa a penna de hum Escriptor Satyrico, basta hum bordão, basta o pío funesto de huma caixa emperrada, basta huma chave macha ou fêmea, basta qualquer sarrafo; porque qualquer coiza basta para huma solemne pateada, e huma pateada sempre será a expressão mais eloquente da maledicencia.

Eu não só me persuado que a maledicencia que diz o mal que descobre he huma coiza util, porque obriga pelo medo que inspira a suspender o mesmo mal, como o salutifero espantallo das

Figueiras afugentá os pardaes, mas que até he útil para a saude do individuo que possui o singular talento de dizer o mal. Contemplo hum maldizente em huma companhia. A satisfação com que este Moralista sublime está!! Brilhão-lhe os olhos, despreção-se-lhe as rugas da testa, torna-lhe a mocidade a raiar nas bochechas, a boca he o domicilio do riso modesto, do riso da paz; e he este hum bem diffusivo, communicativo, derrama-se, propagá-se por todo o auditorio, tudo está alegre, contente, pago de si; o somno foge, a monotonia da sociedade desvanecê-se, tudo está animado, tudo está vivo, tudo calla, mas o silencio he a approvação; achar-se-hão contestações, gritos, dissensões nas Cámaras dos Páres, e dos Nones, nas Cortes haverá; haverá, e tornará a haver debates; na coroa que fazem os ouvintes ao maldizente não se devisa mais que a unanimidade dos pareceres, tudo concorda, tudo approva; se o Orador se vê interrompido, he com os applausos; eu mesmo estou fora de mim, ou verdadeiramente estou no meu elemento, e ainda que eu tenha feito hum porfiado estudo em saber escutar, sahe-me muitas vezes do coração hum espontaneo, e sincero — Bravo, Bravo! — E que he isto? Eu queria convidar para aqui o Dr. *Lavater*, e o Dr. *Gall*, que me contemplassem a fysionomia, que me apalpassem o craneo daquelle Orador, e que me dissessem qual era o estado do animo do sublime Orador, que está com o impeto Demostheniano pondo ao olho do Sol quantas manqueiras sabe, quantos vicios vira neste borbórinho da sociedade. Ambos os Doutores, grandes Lentes de *Buenadicha*, me dirião, que o estado da alma do Orador era o estado da satisfação, porque este homem estava dizendo a verdade, e só esta satis-

faz. Hum bom maldizente *he a melhor coiza que ha.* Tirem este grande homem de huma salla de companhia. Que se observa? O silencio dos tumulos, que he o silencio da Ronda, ou do Voltarete, e depois do caldo de arestas, que hoje se chama *chá*, o insipido namôro, e se a coiza acontece assim de metade da Extremadura para cima; huma Ladainha de reciprocas *Excellencias*, que pela *zanga* que causão, —

Eripiunt somnum Druso, vitulisque marinis.

Tirão o somno a Druso, e ao Boi marinho.

Juvenal.

Como tenho algum uso do Mundo, observei sempre huma coiza bem digna de attenção. Se em alguma companhia se diz bem de hum individuo, parece que pela virtude magica do suco das dormideiras, tudo cahe em perfeita lethargia; pinta-se o desgosto em todas as caras, parece que a todos succedeo alguma desgraça, como quando o papel-moeda dá hum salto arbitrario, e simultaneamente o Maltez de Belem, e o maltez do Beato dizem — Vinte sete, e não compramos —: assim está tudo á roda de hum elogiador. Entra na salla hum bom, e honrado maldizente, levanta as comportas, e abre os diques á triumphal eloquencia, e, desempachando do estojo a navalhinha da lingua, começa a levar coiro e cabelo; fugio o somno, e com outra vara magica de maior poder torrentes de alegria subitamente se derramão em todos os semblantes, tudo está desperto, consolado, e satisfeito. Eu ainda tenho visto mais no meu uso do Mundo. A maledicencia tem virtude de fazer valer, e de fazer caber hum homem... — Pois isto he possivel? — Tão possivel he, que se vê

todos os dias, e he esta a estrada por onde o verdadeiro Filosofo se encaminha ao conhecimento do coração humano. Hum homem que he amigo de outro, diz mal d'elle diante d'algum em cujas mãos esteja algum Pandeiro. He tal a disposição que todos tem para a *util* maledicencia, que o tal do Pandeiro, se ouve dizer bem não escuta, e se ouve dizer mal, desperta-se-lhe a curiosidade, e se o maldizente sabe ter graça a tempo, está o negocio feito, e concluido. A curiosidade leva naturalmente á benevolencia, e á compaixão, e quando o maldizente vai descobrindo estes symptomas, carrega mais a mão; já neste periodo importantissimo, o do Pandeiro deseja ver o homem = não será tanto como dizem, = diz elle com os seus botões; e está dado o primeiro passo para a primeira audiencia, e o primeiro passo he o que custa mais. Pois se está presente a mulher do do Pandeiro? Então conte o pretendente com o despacho. As mulheres todas gostão de extravagancias, e quanto mais carregada for a bambuchata, mais querem ver, mais querem amar. A mulher quer ver o tal sugeito, e começa a desatinar o Marido para ouvir o homem; quanto mais feio, e Diabo lho pintárão, mais o deseja communicar. Diz o maldizente que he hum bezuntão, porco, e immundo vestido de huma sotana como antigamente o *Thomáz dos pós*, que foi para as Galés, ou o irmão João que as merecia; eis-aqui o homem amado pela mulher do tal Pandeirista, e o homem servido. E então não foi hum rasgo de amizade a mesma maledicencia? Huma boca honrada, que pozesse o homem nos cornos da Lua, não lhe aproveitava tanto.

Mas isto he muita Filosofia, e muito transcendente, gosto de casos mais praticos. Eu ando

pelo Rocio, que he sitio ameno e divertido, acompanhão-me dois sugeitos, porque em fim nós temos os nossos conhecimentos, hum delles tem a boca de hum Anjo, para elle todos são huns Santos; o outro he hum conhecido maldizente, que não abre a boca, que não fulmine hum catanada; na volta do Arco do Bandeira para cima, vemos sahir da boca da rua Augusta, por ex., dois, tres, quatro homens sem chapéo, porque em fim cada hum no seu quintal pode andar como quizer: que homens são estes, digo eu voltando-me para o meu amigo da boca d'hum Anjo, — são, me diz elle, da classe de lã e seda; vossê não vê aquellas caras modestas, e até penitentes? Vão para a Missa de S. Domingos. Que homens! Que mãos tão limpas! Que consciencias tão ajustadas! A honra e a verdade alli estão no seu throno! — Eu assim o creio, e eis-me aqui cahido n'hum erro. — Vossê he parvo, me diz o meu amigo maldizente, que pedaços de vilhacos alli vão!!! Aquillo são humas Harpias, huns Corsarios! Vê aquelle que vai atrás com a cara mais franzida que a da Beata d'Evora? Pois outro dia, vendome engasgado com hum Letra, não ma quiz rebater senão a seis por cento ao mez, e na forma, tirando logo, e ficando logo com o *premio* de mais quarenta sobre os cem. — E não me fez este homem maior favor, não me fez conhecer aquelle Milhafre? E se eu lá fosse ter, não hia dar com os focinhos n'hum sedeiro? Ainda quando não descobrissemos outra ventagem *no homem que diz o mal*, bastava o beneficio de destruir illusões, abrir os olhos á gente, e manifestar a verdade das coizas, e dos individuos: as apparencias enganão, e a maledicencia que diz o mal rasga os véos, e faz depôr a mascara da hypocrisia, faz hum serviço á

virtude, porque a não deixa equivocar com o vicio. O Povo gosta de pinturas; e ainda mais estampas que lhe andão por ahí embutindo os Franchinotes ultramontanos, e cismontanos! Vai hum matrona coberta de filós da cabeça aos pés, nos hombros, além do chale de meia cachemira, e arremedo das cabras do Thibet, para pôr todos os animaes em cima de si, leva tambem metade da pelle de hum urso da Livonia, nas mãos leva hum sacco de materia varia, com hum enorme boca com fechos de hum coiza que parece ouro, mas nem tudo o que luz o he, e o sacco deve ser grande, pelo muito que ellas pedem, e he preciso que tenham alforge onde o levem; o çapato he de setim de Macáo, que como certos insectos do Rio *Hypanis*, cuja existencia he efémera, dura só hora e meia; o vestido fez-se em *Manchester*, e tem meia onça de algodão, e he do feitio do Cendal de *Venus* nas *Divinas Lusiadas*:

” O véo de roxos Lyrios pouco avaro. — ”

Eu que vejo tanta gravidade, pompa, e decencia, cuido que he Cornelia mãi dos Gracchos, e vou para tirar o chapéo áquella matrona Romana, como faz o povo de Riba-Douro quando aponta de tamancos algum dos seus grandes Fidalgos..... Que faz vossê, me diz o meu companheiro, que he o homem que *diz o mal*, aquelle pastel sahio da Cordoaria ha menos de hum semana por hum grande empenho. — Ora, se este homem não entrasse tanto a tempo, quem me pouparia a merecida rizada dos virtuosos passeantes do Rocio?.....

ECONOMIA DOMESTICA.

Sobre o modo de lavar bem a roupa com batatas.

MR. *Cadet de Vaux* acaba de publicar as numerosas experiencias feitas ultimamente em *Paris* na fabrica de branqueação de *Madama Fouques*, cujo resultado he hum verdadeiro bem para a classe indigente, sendo que por meio meramente de batatas cozidas e pelladas se consegue lavar bem a roupa ainda a mais çuja, e encardida, sem precisão de barrella de cinza, ou potassa, e em pouco tempo. Eis-aqui o modo de praticar isto sem a menor difficuldade. — 1.º Na vespera do dia em que se ha de lavar a roupa, põe-se de molho em grande porção de agua fria. — 2.º Passadas 24 horas, tira-se a roupa da agua, maneia-se, esfrega-se, bate-se com a espadella ou batedor, e por fim se torce para bem escorrer a agua, e sahirem as immundicies da roupa. Esta primeira operação serve para facilitar se dissolva tudo o que a agua pode dissolver. — 3.º Limpa já a roupa, mete-se em hum tacho ou caldeira de agua quente, onde se deixa estar meia hora, e vai-se então tirando peça por peça, torce-se levemente, para não estar muito encharcada ao dar-lhe com as batatas. Deve-se observar que a roupa demasiadamente çuja, como rodilhas e outros pannos de cozinha, cueiros, etc., deve ser lavada separadamente da outra roupa. — 4.º Tirada a roupa da caldeira, desdo-

bra-se, empastão-se de batatas com huma taboa as partes mais çujas; nas camizas o collarinho, os punhos, etc.; e depois se dobra regando-a levemente com agua quente. Esfrega-se então, e se bate de prancha com a espadella (ou taboa de bater a roupa), e nunca de corte, para a mucilagem das batatas penetrar todo o tecido. — 5.º Torna-se a metter assim empastada a roupa na caldeira para alli estar a ferver meia hora ou tres quartos; se a roupa estiver demasiado çuja, tornar-se-hão a empastar as nodoas que resistirão á primeira empastação, e torna-se a metter depois em agua ferver. — 6.º Tira-se a roupa da caldeira, mette-se em hum alguidar, ou tina de agua fria, lava-se em bastante agua, para dissolver a mucilagem (ou massa) que se acha em todas as manchas de peça, a qual fica sempre hum pouco teza como roupa engommada. — Aqui termina a operação. — Cumpre advertir que as batatas se cozem como para comer, mas não muito cozidas, porque he preciso conservem solidez bastante para serem empregadas como sabão: bem se entende que devem ser descascadas, porque a sua pelle poria nodoas na roupa.

Estas experiencias forão repetidas em París em ponto grande em presença dos Prefeitos do Sena e da Policia; reconhecendo-se produzirem os melhores resultados, de modo que as peças de roupa mais çujas, engorduradas, e infectas ficárão não só bem desencardidas, e branqueadas, mas até os mais immundos pannos de cozinha perdêrão aquelle fartum que sempre lhes fica mais ou menos forte, ainda mesmo depois das melhores barre-las pelo modo ordinario: de que se lavrárão os competentes autos para constar o bom exito deste methodo facil de lavar a roupa.

Fim do N.º VII.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

L I S B O A.

N.º VIII. AGOSTO DE 1820.

Revista Analytica dos mais notaveis objectos scientificos tratados nos principaes periodicos dedicados ás Sciencias, no segundo semestre de 1819, e parte do primeiro de 1820. (Concluida do N.º anterior.)

F Y S I C A.

Sobre a difracção da luz.

O SINGULAR fenomeno da difracção da luz, isto he, do apartamento que ella experimenta ao passar rente das bordas de qualquer corpo, observada pela primeira vez pelo P. *Grimaldi*, tinha sido mui pouco estudado até os ultimos tempos. Mr. *Flaugerques*, em huma memoria inserida no tomo 15 do Jornal de Fysica, etc., de *Paris*, procurou adiantar os nossos conhecimentos a este respeito;

Tom. II.

K

e nella provou que a natureza do corpo, sua figura, sua densidade, sua temperatura, a electricidade, e o magnetismo, nenhuma influencia tem sobre o phenomeno. Em hum additamento que publicou no mesmo Jornal o anno passado, demonstrou igualmente que nem tão pouco he modificado pela natureza da luz, isto he, que ou ella seja directa ou reflexa, natural ou artificial, solar, lunar, estellar, e mesmo *polarisada* ou *não polarisada*, sempre se observão os mesmos phenomenos. Mr. *Fresnel*, que levou o premio proposto pela Academia das Sciencias sobre a diffração, e cujo trabalho se publicou no tomo XI dos *Annaes de Quimica*, confirma a maior parte destas observações; estabelece que cada raio se aparta tanto menos quanto de mais longe vem; mas além disto se tem dado muito a examinar os effeitos que a luz causa na sombra geometrica, e sobre tudo do que Mr. *Young* denominou *Fenomenos d'interferencias*; prova elle por huma engenhosa experiencia que a serie das faxas escuras e luminosas que alli se formão he evidentemente devida ao encontro de dois fachos luminosos, inflectido sobre a mesma borda do corpo, como o tinha estabelecido Mr. *Young*. Em geral, dá huma theoria para a explicação destes diversos phenomenos, mas de que em huma analyse tão rapida se não pode dar huma idéa completa.

Sobre a polarisação da luz ().*

A polarisação da luz tem continuado a ser objecto das indagações de Mrs. *Biot*, *Arago*, *Fres-*

(*) *A polarisação da luz he hum dos assumptos mais modernos da Physica.* Quando as moleculas luminosas atraves-

niel, e principalmente de Mr. *Brewster* de Edimburgo. — Mrs. *Arago*, e *Fresnel*, á imitação de Mr. *Young*, que ha determinado a influencia que os raios da luz ordinaria exercitão hums sobre os outros, tem indagado qual será a que entre si terão alguns raios polarisados. As suas experiencias os levárão ás consequencias seguintes: 1.º Nas mesmas circumstancias em que dois raios de luz ordinaria parece mutuamente se destroem, dois raios *polarisados em sentidos contrarios* não exercitão hum sobre o outro influencia alguma; 2.º os raios da luz polarisados em hum sentido só, obrão hum sobre o outro como os raios naturaes; 3.º dois raios primitivamentê polarisados em sentidos contrarios podem depois ser reconduzidos a hum mesmo plano de polarisação, sem com tudo adquirirem por isso a faculdade de se influirem; 4.º dois raios polarisados em sentidos contrarios, e reconduzidos a polarisações analogas, influem-se como os raios naturaes, se provém de hum pennacho de luz primitivamente polarisado em hum só sentido; 5.º nos fenomenos de interferencias produzidos por alguns raios que experimentarão refracção dobrada, o lugar das franjas que formão não he

são corpos cristallinos dotados de dobrada refracção, experimentão ao redor do seu centro de gravidade diversos movimentos dependentes da natureza das forças que as particulas do corpo cristallino sobre ellas exercitão. A's vezes o effeito destas forças se limita a dispôr tódas as moleculas do mesmo raio parallelamente humas ás outras, de modo que as suas faces homólogas se voltem para os mesmos lados do espaço. Este he o phenomeno que *Malus* designou pelo nome de *polarisação*, assemelhado o effeito das forças ao de hum iman que voltasse os polos de huma serie de agulhas magneticas, todos na mesma direcção." *Biot, Préc. élém. de Physique expérimentelle, t. 2.*

determinado unicamente pela differença dos caminhos, e pela das velocidades; e em algumas circumstancias he preciso além disso fazer conta com huma differença igual a huma semi-undulação.

Quando huns sabios da esfera de Mrs. *Biot* e *Arago* proseguem n'hum mesmo genero de indagações, necessariamente se deve esperar que possam chegar a obter resultados mais ou menos analogos; isto nos parece ter acontecido este anno passado a respeito da absorpção da luz polarisada pelos cristaes dotados de dobrada refração.

Mr. *Arago* parece foi quem primeiro percebeo fenomenos deste genero na baryta sulfatada, como se acha consignado em huma Nota publicada por Mr. *Biot* na collecção das suas primeiras Memorias sobre a luz polarisada. Depois dessa época, estudando por si proprio Mr. *Biot* as propriedades das laminas da turmalina, tinha tambem feito notar, no seu *Tratado de Fysica*, que hum dos dois raios refrangidos por esta substancia experimentava, atravessando-a, huma absorpção incomparavelmente maior, e de diversa natureza, que a que o outro raio soffria. Como esta differença tinha lugar ainda que os dois raios atravessassem a substancia no mesmo sentido, dahi tinha concluido que hum delles era preservado pela especie particular de refração que soffria; mas Mr. *Brewster* parece ter encarado este fenomeno de hum modo muito mais completo e mais geral, como se acha evidentemente provado na Memoria que leo a 12 de Novembro de 1818 na Sociedade Real, sobre as leis que regulão a absorpção da luz polarisada pelos cristaes de dupla refração. Nesta memoria, que devia publicar-se na 2.^a parte das *Transacções Filosoficas* para 1819, (mas de que em França possuia huma copia o escritor des-

te artigo), estuda com effeito Mr. *Brewster* primeiramente esta absorpção nos cristaes que tem hum só eixo de refração dobrada, depois nos que tem dois, e a final a influencia que o calôr tem sobre o poder ou força absorvente destas duas especies de cristaes, o que se não tinha d'antes feito: Chegou elle a concluir que as partes colorantes, em lugar de estarem espalhadas indifferentemente por toda a massa, tem hum arranjo relativo ás forças ordinarias e extraordinarias que obrão sobre a luz.

A este mesmo Fysico devemos a observação de huma singular propriedade optica do tabaxir, e que consiste em o seu poder refractivo ser intermedio entre a agua e o gaz, de que publicou hum artigo no Jornal d'Edimburgo.

O mesmo sabio *Brewster* mostrou, contra a opinião geralmente recebida que o poder refractivo do humor aqueo he sensivelmente maior que o da agua, e que o das camadas do cristallino augmenta á medida que nos aproximamos do centro, o que concordou bem com os resultados obtidos o anno passado por Mr. *Chossat*.

*Nova Maquina de Acustica denominada Syrena,
ou Serêa.*

Mr. *Gagniard de la Tour* imaginou huma nova maquina d'acustica, destinada para medir a vibração do ar que constitue o som; o seu objecto principal era obter esta medida por hum movimento de rotação, o que he necessariamente muito mais facil por meio de dentes ou travações do que pelo do vaivem das cordas e arcos. Consiste o seu

processo em fazer sahir o vento de hum folle por hum ou mais orificiõs, defronte dos quaes se apresenta hum prato circular, obliquamente furado com certo numero de boracos dispostos em circulo, e regularmente espaçados; imprimindo hum movimento de rotação mais ou menos vivo no prato ou rodella, seja pela acção da corrente, seja por hum meio mecanico, produz-se hum som mais ou menos agudo analogo á voz humana; e como se pode em lugar de ar empregar agua, por meio da qual a maquina produz os mesmos sons, Mr. *Gagniard* lhe deo o nome de *Syrena*. Segundo alguns resultados preliminares que elle publicou, vê-se que se approxião muito dos que dá a theoria de *Sauveur*.

Do Galvanismo, e do Calorimotor, novo apparelho Galvanico.

Tinhão os Fysicos estado até ao presente divididos entre as tres ultimas theorias do *Galvanismo* (*) que se tem apresentado, posto que nenhuma seja talvez satisfactoria, a saber; 1.º a de *Volta*, que quer que os fenomenos sejam inteiramente electricos; 2.º a de *Donavan*, que pensa que são quimicos; 3.º e finalmente a de Mr. *Wollaston*, desenvolvida e sustentada por Mr. *Brostok* no seu

(*) Os leitores curiosos; mas pouco versados em Fysica, folgarão de saber, em summa, que por *Galvanismo* se entende a propriedade que tem varias substancias animaes de, em certas posições mostrarem certa irritação por movimentos mui visiveis; qualidade que se denominou *Galvanismo*, por ser descoberta em 1792 por hum Professor de Fysica da Cidade de Bolonha chamado *Galvani*.

tratado sobre o estado presente do Galvanismo, publicado em 1818, e na qual a electricidade produziria os phenomenos, mas a mesma electricidade seria desenvolvida pela acção quimica. Mr. *Robert Mare*, em huma Memoria publicada no 4.º Caderno do Jornal Americano de Mr. *Siliman*, propõe quarta opinião que consiste em considerar o principio produzido pela pilha de *Volta* como hum composto de calorico e de electricidade. As observações e experiencias que teve de fazer, para sustentar esta idéa, o conduzirão a imaginar hum apparelho novo, que elle denomina *Calorimotor*, e por meio do qual produz hum calor assaz vivo para queimar mui rapidamente hum varão de ferro de hum oitavo de pollegada de diametro, e hum fio de platina de n.º 18. Consiste em 20 chapas de cobre, e outras tantas de zinco, de obra de 18 pollegadas quadradas, postas verticalmente em huma forma, alternativamente em distancia de huma pollegada huma da outra, e reunidas, cada especie, em huma mesma corrediça da mesma substancia, de modo que formem duas grandes superficies metallicas. Se depois de ter reunido a superficie zinco com a superficie cobre, por meio do fio de ferro, se mergulha tudo em huma dissolução acéto-salina, o ferro entra em combustão, e o hydrogenio que se solta se inflamma de ordinario, e produz huma luz mui viva.

Melhoramento na construcção dos guarda-raios.

Os guarda-raios mais bem construidos estão longe de serem huns perfeitos conductores do raio, e com maior razão os que tem experimentado soluções continuas, ou que não estão bem profundamente enterrados pelo chão abaixo; isto demons-

trou Mr. *Lapostolle* com razões firmadas em grande numero de experiencias: propõe elle se lhes substituição cordas de palha, materia em que tem conhecido a mais eminente qualidade de conduzir o raio. As experiencias de Mr. *Lapostolle* forão repetidas por muitos sabios, aos quaes de todo convencêrão. Hum campo quadrado de sessenta geiras, por meio de huma estaca de madeira de vinte pés de altura, servindo de sustentar huma corda de palha com huma ponta metalica em cima, e conduzindo o fluido electrico ao reservatorio commum, seria preservado não só dos funestos effeitos do raio, mas tambem do granizo, ou saraiva; por quanto, segundo a opinião do author, estes guarda-raios subtrahem de continuo o fluido electrico accumulado nas nuvens tempestuosas; estes não experimentarão mudanças subitas na sua temperatura que baixa consideravelmente cada vez que espontaneamente perdem a electricidade, de que estão sobrecarregados. A esta perda do calorico he que he devida a formação do pedrisco, ou saraiva; a agua que estava em forma de hum gaz nebuloso, reassume de repente o seu estado liquido, e se converte em regêlo.

ASTRONOMIA.

Sobre o Cometa descoberto em Novembro de 1819.

A pag. 28 de N.º I do nosso Jornal prometemos dar as observações que nos viessem á noticia mais exactas á cerca do Cometa descoberto a 28 de Novembro proximo passado por Mr. *Bonplain*, (Director do Observatorio de Marselha), do

lado do Sul da Constellação de *Virgo*. Eis-aqui o resultado de suas observações: O diametro angular do Cometa era de huns 6 a 7 minutos. Observou hum nucleo pequeno e confuso, mas cauda nenhuma. A 29 de Novembro ás 5 horas e 50 minutos da manhã, tempo verdadeiro, tinha $138^{\circ} 7'$ de ascensão recta, e declinação 3° Norte. A 30 ás 6 horas e 15 min. da manhã era a ascensão recta $184^{\circ} 1'$, e a declinação Norte 1° . A 2 de Dezembro, ás 6 h. e 45 min. da manhã era a sua ascensão recta $185^{\circ} 1'$, e a declinação Norte $2^{\circ} 3'$.

Novas investigações sobre o Cometa visto nos fins de 1818 e 1819, que tinha sido visto em 1786, 1795, e 1805.

A pag. 28 do 1.º N.º deste Jornal se expoz a noticia de hum notavel Cometa que se tinha observado 5 vezes apparecer no nosso Systema em 33 annos. O celebre Astronomo *Olbers*, de *Bremen*, não tem cessado de fazer novas investigações sobre este raro Cometa, que por calculos positivos se tem provado dar a sua volta ao redor do Sol em 39 mezes com pouca differença, ou $3\frac{1}{4}$ annos. A sua órbita não excede a de *Jupiter*, e em seu afélio não se aparta do Sol senão huma distancia duas vezes maior que a da Terra. Aproxima-se em seu gyro aos Planetas, e forma hum novo anel de transição entre estes corpos e os Cometas. Corta este Cometa a órbita do nosso Planeta sessenta vezes em hum seculo. Deve voltar em 1822; não será visivel no nosso hemisferio, mas sim no hemisferio austral, onde ostentará hum brilho extraordinario; descobrir-se-ha a sua luz pelo 77° paralelo, no Circulo Polar Arctico, e 26 vezes mais viva do que quando o viamos no nosso horizonte

em 1919. Communicou Mr. *Olbers* estes calculos á Junta de Longitudes de *Londres*, e propoz ao mesmo tempo ao Governo Inglez a fundação de hum Observatorio no Cabo da Boa Esperança, ou na Nova Hollanda; o Governo Inglez adoptou a proposta, e preferio o Cabo, apromptando-se os precisos fundos para o estabelecimento, de que foi nomeado Director Mr. *Fallows*, Professor na Universidade de Cambrigde.

Sobre o eclipse do Sol de 7 de Setembro de 1820.

Tinha-se annuciado, a pezar das investigações feitas em 1768 por Mr. *Duwaucel*, que o eclipse de 7 de Setembro de 1820 seria total; Mr. *Delavigne* quiz verificar hum facto, que se achava em opposição com os calculos dos Astronomos, que precedentemente haviam affirmado que não podia haver eclipsê total no intervallo de 1769 a 1900. Reconheceo, pois, que achando-se a Lua mui perto do seu apogeo, não poderia o seu diametro apparente ser senão de $29' 40''$, ainda mesmo attendendo á sua altura no horizonte; e que por conseguinte não poderia cobrir o Sol, cujo diametro será de $31' 50''$, d'onde concluiu que este eclipse não poderia ser total para lugar algum da Terra, mas que só seria annular. Proseguindo em seus calculos, reconheceo que o lugar da Terra que primeiro ha de ver principiar o eclipse ao nascer do Sol fica em $92^{\circ} 58'$ de longitude occidental de *Paris*, e em $59^{\circ} 36'$ de Latitude Norte: serão alli 5 horas e 18 minutos da manhã, e 11 horas e meia em *Paris*: (este lugar corresponde á parte occidental da Bahia de *Hudson*, para a banda do Cabo *Churchill*, na America Septentrional). E o lugar que ha de ver ultimamente findar o eclipse ao

pôr do Sol, está em $18^{\circ} 53''$ de Longitude Oriental de *París*, e em $3^{\circ} 49''$ de Latitude Boreal: serão alli 6 horas e 2 minutos da tarde, e em *París* 4 horas e 46 minutos. (Este lugar fica na Africa, no Reino de *Gingiro*, na *Ethiopia*). O eclipse será annual até 52 e 53 leguas (de 25 ao gráo) ao Oeste e Leste da Linha de centralidade; assim não será visto em *França* o eclipse annular senão em *Seltz* e *Lauterburgo*; e assim mesmo só se verá alli hum pequeno fio de luz ao Nordeste do Sol. A Cidade de *Lauterburgo*, que no fim de 1815 vio em hum dia tres Soes (em apparencia), não verá mais que $\frac{3}{43}$ do que ha de allumiar toda a terra em 7 de Setembro de 1810, quando forem alli 2 horas e 34 a 35 minutos da tarde. Em *Vissemburgo* (no Baixo Rheno), assim como nas duas Cidades sobreditas, ha de ver-se o limbo da Lua tocar o limbo interior do Sol para o Nordeste; não haverá por tanto senão obra de $\frac{1}{14}$ parte do Sol que alli se não veja eclipsada; e perto da oitava parte em *París*, onde o eclipse principiará aos $35' 30''$ depois do meio dia, e acabará ás 3 h. 31'. Em Lisboa principiará logo depois do meio dia, e acabará perto das tres horas, vendo-se pela hora e meia eclipsadas sete duodecimas partes e hum terço do Sol.

Elementos da Orbita do Planeta Ceres.

(Ainda que anterior ao tempo a que cingimos esta revista, como o fim deste Jornal he formar em Portuguez hum deposito dos conhecimentos scientificos mais modernos adquiridos na Europa, por isso neste artigo, e mesmo em alguns outros, recuamos hum pouco as noticias que fazem objecto desta revista, para serem nella con-

templados alguns artigos que são de importancia na Sciencia.)

Mr. *Westphal* publicou os seguintes elementos de *Ceres* para Janeiro de 1818, e no meridiano de *Gottinga* :

Longitude média	326° 51' 7''
Movimento médio tropico diario	770'' 77 83
Longitude do perihelio	147 18' 22''
Longitude do nodo	80 45 19
Inclinação da orbita	10 37 55
Logarithmo do semi-eixo maior .	0.4421029
Excentricidade, (= Seno 4°28'55''.9)	0.0781589

Elementos da Orbita do Planeta Juno.

Os seguintes elementos do Planeta *Juno* foram computados por Mr. *Nicolai*, Director do Observatorio de *Manheim* :

Longitude média em <i>Manheim</i> , } Janeiro, 0, 1819. }	117° 45' 2'' .84
Movimento médio tropico diario	813'' .86981
Longitude do perihelio	53° 22' 56'' .09
Longitude do nodo	171 6 50 .23
Inclinação da orbita	13 3 37 .19
Logarithmo do semi-eixo maior .	0.4263500
Angulo de excentricidade	14° 53' 17'' .44

Obliquidade da Ecliptica.

Tem os Astronomos geralmente supposto, que as observações do solsticio hiberno dão menor obliquidade da Ecliptica do que as do solsticio estivo. Mr. *Bessel* quiz ha pouco examinar esta opinião, e mostrou (nas *Transacções Filosoficas* de 1819, p. 241) que as observações de *Bradley* dão o mesmo resultado tanto no verão como no inverno; e as suas proprias observações dão tambem semelhante resultado. O Dr. *Brinkley* julga que a differença nasce de alguma modificação desconhecida de refacção, e achou que no solsticio hiberno ha pelo que respeita ao Sol huma irregularidade de refacção maior que pelo que toca ás estrellas na mesma distancia do zenith.

METEOROLOGIA.

Sobre a influencia dos Corpos celestes no bom, ou máo tempo.

Com razão se observa que a influencia que se pretende tenham no bom e no máo tempo os Corpos celestes se não pode sustentar, quando se considera que o tempo he ás vezes mui differente em diversos paizes, e que estas variações não são geraes como o devêrão ser se dependessem de huma influencia que deve ser commum a toda a terra e a toda a sua atmosfera. O celebre Astronomo Alemão *João Bode* attribue unicamente ao Sol huma verdadeira acção meteorologica, como causa das alternativas de calor e de frio, e de todas as

suas consequencias, recusando á Lua essa influencia sobre as variações do tempo, que tantas vezes se tem sustentado. Motiva elle esta negação na fraqueza de luz deste astro, posto que se possam imaginar qualidades que, sem serem sensiveis á vista, ou a outro algum sentido, poderiam produzir effeito na atmosfera. As outras razões que allega *Bode* provão muito a favor da sua asserção. 1.º O mallogro das tentativas feitas para comprovar por meio de observações a influencia da Lua. 2.º O reparo de que as mudanças do tempo deverião estender-se muito mais longe, se proviessem da influencia da Lua. Ella apresenta-se cheia em todos os paizes da terra ao mesmo tempo, mas o Ceo não está igualmente sereno em toda a parte no mesmo dia; e até o tempo varia ás vezes de estupendo modo em regiões mui proximas. 3.º Se a Lua e os Planetas influissem no tempo por meio de suas posições particulares, esta influencia seria provavelmente mais energica nos pontos em que estão mais perto do zenith; mas a experiencia prova que, pelo contrario, as mudanças accidentaes do tempo são muito mais leves e insignificantes na Zona torrida do que nas Zonas temperadas, e que reina alli hum tempo mui regular que varia segundo a situação do Sol, mas que de nenhum modo corresponde ás fases da Lua. Quanto aos Planetas, cumpre tambem considerar que elles mudão mui vagarosamente de posição, e que por conseguinte a influencia da opposição e de seus aspectos não deve ser limitada só ás épocas destas fases, mas que esta fase dura sensivelmente e com mui fraca diminuição por huns poucos de dias, o que tira toda a probabilidade a asserções taes como esta: que em tal dia se achava *Urano* em opposição a *Saturno*, e por essa razão choveo mesmo nesse dia.

Todas estas considerações desauthorisão pois o homem a buscar nos Corpos celestes prognosticos ou explicações sobre o tempo. O observador he com sobeja facilidade arrastrado a avançar, fundado em duas ou tres observações, que a experiencia tem comprovado tal ou tal opinião; como por exemplo, que a apparição de hum Cometa produz hum verão quente, porque em 1811 e 1819 houve grandes calòres; e não se reflecte que em 1781, 1794, e 1798 forão os Verões mui quentes sem Cometas, e que o ultimo grande Cometa do seculo passado (em 1769) foi acompanhado de hum verão mais fresco que quente. Destas censiderações tira tambem Mr. *Bode* a consequencia de que não pode ainda haver verdadeira Meteorologia; mas crê que huma longa serie de observações poderá conduzir a alguns prognosticos sobre o tempo. A esperanza de o predizer parece illusoria, porque sobejas influencias se determinão e se contrarião reciprocamente. Mas as observações podem conduzir a conhecerem-se as causas de que dependem as variações da atmosfera, e he isto hum vasto campo para exercitar a sagacidade dos Fysicos. Ainda mesmo quando nunca se chegasse a determinar de antemão as circumstancias meteorologicas de hum anno, seria já hum bom resultado estabelecer exactamente o que acontece, e tem acontecido, e conhecer as modificações da atmosfera, que fazem subir e descer o barómetro, que produzem o calor e o frio, a chuva e as tempestades, etc., etc. A estes conhecimentos positivos, e não sobre vãos prognosticos, he que os Meteorologistas devem dirigir a sua attenção, e a este fim he que devem tender ao juntarem as suas observações. Cumpre ter profundado as causas primeiro que se cuide em predizer os effeitos.

Sobre a massa de ferro meteorico de Aquisgran.

Existe em *Aquisgran*, ou *Aix-la-Chapelle* huma massa de pretendido ferro meteorico, do pezo de 80 a 90 quintaes métricos; Mr. *Clere*, Engenheiro das minas, observando cuidadosamente esta massa enorme, devisou nella schisto e restos de fornalhas, que não só a envolvião mas a penetra-vão: d'onde concluiu que esta massa não devêra considerar-se senão como hum residuo de fornalha. Mr. *Monheim* fez a analyse deste material, e só achou ferro, arsenico, enxofre, e algumas terras. Daqui se collige que esta massa metalica não he cahida da atmosfera, como muitos crêrão.

Sobre as neves córadas de vermelho, encontradas em alguns sitios.

As serras altas estão ás vezes cobertas de neves córadas de vermelho mais ou menos fechado. *Saussure* tinha observado este fenomeno nos *Alpes*, antes que fosse objecto de huma relação particular dos Officiaes da Expedição Inglesa da *Bahia de Baffin*. Tendo estes Officiaes trazido alguma neve desta em frascos tapados, foi submettida ao exame do Doutor *Wollaston*, o qual achou a materia vermelha composta de pequenos globozinhos de 1 a 3 millessimas de pollegada de diametro, e que, examinados ao microscopio, apresentavão em seu interior 3 a 9 vãoszinhos; esta materia lhe pareceo de natureza oleosa, insolúvel em agua, e soluvel em alcohol, dando na distillação hum oleo fétido, e ammoniaco. O Doutor

Wollaston apresenta varias opiniões sobre a origem desta materia. Pensa elle que pode ser vegetal, v. g. a grã de alguma especie de sargaço; que tambem podem ser ovos de alguma especie de peixinho, e que esses ovos devorados por algumas aves fossem por estas expulsos em excrementos. Mr. *Francisco Bauer*, celebre Botanico de *Kew*, que examinou a agua vermelha proveniente do derretimento da neve vermelha, reconheceo que os globozinhos vermelhos erão plantas, humas das quaes conservavão ainda os seus pedunculos, e que tihão a maior relação com certa qualidade de *Uredos*. Grande numero de experiencias que fez em varias gerações obtidas destes mesmos *uredos* lhe sugerirão o pensamento de que esta especie era nova, e em consequencia disso a denominou *nivalis*, (*uredo nivalis*). Mr. *De Candolle*, que tambem examinou alguma agua vermelha proveniente das neves recolhidas nas regiões polares, apresentou á Academia Real das Sciencias de *Paris* as suas observações com hum amostra da agua. Pensa Mr. *De Candolle* que a materia vermelha não he hum congerie de *uredos*, mas sim pequenas plantas pertencentes á familia das algas. Esta opinião já tinha sido proposta, com dúvida, por Mr. *Robert*.

Quasi no mesmo tempo recolheo nos *Alpes* o Prior do grande Monte S. Bernardo algumas neves vermelhas, tendo depois do derretimento separado pela filtração hum materia pulverulenta, humas vezes de hum amarello enxovalhado ferruginoso, e outras de huma côr mais fechada, assaz semelhante a terra vegetal grosseira. Estes residuos analysados por Mr. *Peschier* derão os resultados seguintes: o n.º 1, substancia siliciosa 65,50; alumina 8,35; peroxido de ferro 21,35; substancia organica dissolúvel 6,80; e o n.º 2, substancia si-

liciosa 20; alumina 4, 25; peróxido de ferro 31, 25; cal 0, 50; substancia organica soluvel 6, 50; substancia organica insoluel 37,50. Não contente com estes resultados, desejou Mr. *Peschier* repetir as suas experiencias sobre a materia pulverulenta separada por elle mesmo, por meio da filtração. Obteve 100 partes desta materia: silicia 56,72; peróxido de ferro 13; allumina 7; cal 0,40; principio resinoso 12,80; principio organico soluvel 7; principio organico insoluel 9. O augmento em pezo que apresentam estes resultados não se pode attribuir senão á agua interposta. Segundo Mr. *Peschier*, a côr vermelha da neve que se acha no verão em algumas partes elevadas dos Alpes, provem de duas causas diferentes: 1.º de humma maior ou menor quantidade de oxido de ferro espalhada em sua superficie, em mui grande estado de divisão, e em hum gráo de oxidação mui elevado: 2.º de hum principio vegetal, resinoso, de côr alaranjada, pentecente, segundo todas as apparencias, á organização de alguma cryptógama do genero das algas ou dos liquens. E como em todos os vegetaes existe ferro, e ás vezes mesmo em abundancia (em dissolução), não parece inadmissivel que elle forme talvez hum dos principios immediatos dos vegetaes indicados; e que, juntamente com o principio resinoso, seja a causa immediata da côr desta neve.

Theoria das Neves por Sir' Humphry Davy.

Segundo este eminente Químico a terra e a agua esfrião depois do Sol posto de mui diverso modo. A impressão do esfriamento na terra limita-se á superficie, e transmite-se mui lentamente ao

interior; ao passo que na agua a camada superior, em esfriando, desce, e he revezada por agua mais tépida que sobe. Ha de por conseguinte a superficie da agua, em tempo socegado e claro, e em temperaturas de 45 grãos de *Fahrenheit* para cima, ser mais quente que a da terra contigua; e consequentemente o ar acima da terra ha de ser mais frio que o acima da agua. Quando pois o ar frio da terra se mistura com o de cima da agua, contendo ambos a sua devida proporção de vapôr áqueo, deve resultar nevoa, ou nevoeiro.

ARTES, OU TECHNOLOGIA.

Noticia de alguns descobrimentos e applicações neste ramo.

Seria até impossivel dar huma relação exacta de todos os melhoramentos que no decurso do tempo que abrange esta Revista tem havido, e dos descobrimentos que se tem feito nos diversos paizes onde florecem as Artes e a Industria em geral. Passemos pois a annunciar varios inventos mais notaveis.

Tirar estampas de diversos tamanhos de huma só chapa.

O primeiro por sua singularidade he o descobrimento de hum processo (ainda não vulgarisado) por meio do qual se pode com a mesma chapa de cobre tirar provas ou estampas da dimensão que cada hum quer, em ponto maior ou menor.

Ferro fundido tornado malleavel.

Outro invento pelo menos de igual importancia he o de Mrs. *Baradelle e Deodor*, que levárão o premio proposto pela Sociedade de Fomento, de París, para fazer malleavel o ferro fundido. Elles o conseguírão tão bem, que podem dar no commercio por preços muito modicos differentes objectos que a carestia da mão d'obra tinha até agora feito mui caros.

Atanado, e tinta preta, tirados da madeira de Castanheiro.

Mr. *Sheldon* publicou, no *American Journal of Sciences (Jornal Americano de Sciencias)*, ter comprovado por experiencias numerosas, que a madeira do Castanheiro contém duas vezes mais atanado, que a melhor casca de carvalho, e seis setimos mais de materia colorante, de modo que o emprego desta madeira na arte de Cortidor, e na de Tintureiro, lhe parece deverá ser de grande vantagem para formar bom preto, e mesmo hum azul, que difficultosamente se pode, diz elle, distinguir do anil.

Novo modo de obter cór de purpura, ou carmezim.

Mr. *Lemaistre* conseguiu obter huma bella cór de purpura, capaz de se empregar na pintura a oleo, deitando huma solução extensa de ouro em huma mistura composta de huma parte de muriato seco de alumina (alumen marinho), de huma parte de sulfato de magnesia (sal de Epsom, ou sal cathartico) de quatro partes de muriato de ba-

ryta (sal marinho de terra pezada) e de cinco partes de carbonato de soda (natro, ou alcali mineral aerado); depois de ter pizado tudo em hum almofariz, até os saes ficarem perfeitamente decompostos, deve secar-se o precipitado, e aquecendo-o em huma mufla até calor em braza, toma o pó huma bella côr de purpura, a qual perderia se o aquecessem por mais tempo.

Panno de fio de Ortigas, e Cordas de linho da Nova Zelanda.

Fizerão-se ensaios na Irlanda sobre o emprego do fio d'ortigas, dos quaes resulta que pode ser em côr, força, e finura, pelo menos igual ao do linho, e que o panno que delle se tece se assemelha muito a hum panno trigueiro commum.

As experiencias que se fizeram em Plimouth, para a factura de cordas de diversas grossuras com o linho da Nova Zelanda, *Phormium tenax*, parece tiverão tambem hum resultado favoravel, e como se cultivava em grande abundancia naquelle paiz (na Nova Zelandia) parece não sahirá por mais de 8 libras Inglezas a tonelada, ou a setima parte do que vale o canhamo.

Sobre a fabricação da folha de Flandres.

Os processos publicados sobre a fabricação da lata ou folha de *Flandres* tinham-se tornado muito incompletos depois do grande numero de melhoramentos que a Quimica moderna tinha introduzido nesta Arte. Mr. *Samuel Parkes* fez huma descripção circunstanciada com a maior miudeza e exactidão de todas as operações a que se deve successivamente recorrer para ter hum estanhado

perfeito das folhas de ferro. Observa-se sobre tudo notavel o processo empregado para obter cylindros de puxar chapas da fundição mais dura; este gráo de dureza deve-se ao modo de coar o metal em huma espessa caixa fundida, antes do que em area.

Qualidades fundentes da Estronciana.

O acaso fez descobrir as qualidades fundentes que tem a estronciana sulfatada; hum ferreiro *Inglez* empregou este mineral em pó, como fluxo para bronzear e soldar o aço mais refractario; reconheceo que era superior ao borax, porque fica fixo em maior temperatura.

Verniz para as obras de mógano.

Tem-se conhecido que o melhor verniz para as obras de mógano he o de oleo de cravó, córado com raspas da mesma madeira. Deve-se preferir este oleo ao de linhaça que he impossivel depurar, ou purificar bem. Deve haver cuidado em o não fazer seccante por meio de lithargirio, ou de qualquer outra preparação de chumbo, pois isto prejudicaria o polido que se quer dar á madeira.

Conversão de Madeira, trapos, papel, etc. em Assucar.

Mr. *Braconnot*, de *Nancy*, tinha feito ha pouco tempo o admiravel descobrimento dos effeitos do acido sulfurico concentrado na madeira, e lençaria: esta novidade moveo o Dr. *Vogel* a submeter a cuidadoso exame no laboratorio da Academia de *Munich* este processo; não só plenamente confirmou o descobrimento de modo que apresentou á Academia hum ensaio sobre este assumpto,

e mostrou os productos resultantes das experiencias originaes, mas tambem estendeu as suas proprias experiencias, com igual exito, a outras semelhantes substancias vegetaes, bem como papel velho, tanto impresso como escrito, e palha em moinha. Diluindo o acido sulfurico (com huma devida addição de agua), serradura, panno de linho em bocados, papel, etc., forão convertidos em gomma e materia saccharina. Deve de excitar grande interesse em todos os que reflectem, ver huma substancia indissolúvel, sem gosto, como são os filamentos da madeira, convertidos pela reacção quimica em dois novos corpos, e que deste modo exerce a Quimica hum poder que ha pouco parecia pertencer só á natureza, e em particular á vegetação: por quanto cumpre não confundir esta formação artificial de assucar e gomma, agora descoberta, com a extracção destas duas substancias dos corpos em que ellas já se sabia existirem, processo que se conhece des de tempo immemorial. O que se descobrio agora he *huma transformação, huma metamorfose*, de que não tinham anteriormente idéa os mais abalizados Quimicos; e ministra huma nova prova da illimitada extensão do dominio da Quimica pratica. No Jornal das Artes e Manufacturas, publicado pela Sociedade Polytechnica da *Baviera*, prometteo-se ultimamente huma memoria sobre a repetição e investigação que Mr. *Vogel* fez das experiencias de Mr. *Braconnot*, com alguns additamentos.

AGRICULTURA.

Propriedade da ourina humana na economia rural.

Em huma instrucção assaz extensa sobre os

meios dé elevar ao mais alto ponto de superioridade a primeira das Artes, entre os pacíficos habitantes dos Estados-Unidos, desenvolve o seu author, Mr. *Richard Peters*, com muito tino as melhores praticas empregadas por todos os Povos agricolas, e entre outros factos se nota o seguinte, que merece com mais particularidade fixar a attenção: — A ourina do homem, geralmente perdida quanto á economia rural, lhe he pasmosamente vantajosa; mas as preocupações se despertão logo que se affirma que os cavallos e as vacas a preferem ao sal, e que ella lhes he necessaria como remedio e como tempero, que lhes conserva a saude, e augmenta por conseguinte os lucros que se tirão destes animaes. Huma Alemã, poucos annos ha, sustentava no districto de *Maryland* (nos Estados-Unidos) algumas vaccas para viver de seus productos; o excellente leite, a nata, e a manteiga, provenientes destes animaes, que além disso se fazião notaveis por sua gordura, movião a todos a comprarem-lhe, com preferencia aos outros que tinham dos mesmos generos que ella vendia. Excitou isto o desejo de saber a causa da sua melhor qualidade, espreitárão de perto o tratamento que ella dava ao seu gado, e por fim descobrirão que todos os dias de manhã vazava a ourina da sua bacia na bebida das suas vaccas: quando lhe fallárão nisto, ella mesma declarou ser esta a unica razão de serem tão gordas as suas vaccas, e tão superior o seu leite e a sua nata. — Esta pratica não he porém nova, se bem que pouco vulgar, pois se acha ha muito tempo em uso entre a maior parte dos lavradores do Brabant meridional, e he provavel que a Alemã levasse da sua terra o conhecimento deste facil meio de fazer prosperar o seu gado.

LITTERATURA.

*Carta de **** a hum amigo sobre a necessidade de cuidar mais na educação da mocidade em geral.*

AMIGO: — Pareceria bem escusado hoje tratar de hum assumpto que ha tantos seculos he continuo emprego da legislação dos Governos, e das vigalias de tantos homens de letras; mas a vossa carta me excita, e me faz ponderar que, não obstante o muito que se tem escrito e provado a necessidade de diffundir huma boa e regular educação entre o povo, he este hum objecto que se trata hoje com a maior indifferença na nossa patria, quer o consideremos das altas até as mais humildes jerarquias, ou classes de cidadãos, quer *vice-versa*, e isto com poucas excepções. Tendes razão; he preciso suscitar, ou despertar do lethargo os homens entre nós. Será possivel que tendo o Estado cada vez multiplicado mais os estabelecimentos de ensino publico, haja cada vez menor numero de discipulos nesses estabelecimentos? Coiza pasmosa na verdade! Chegou a haver em Lisboa, ha coiza de 3 ou 4 annos, quatro ou cinco Aulas, que tinham menor numero de discipulos do que erão os Professores: e que Aulas? Aulas de Rhetorica, Filosofia, e Grego; e não Aulas de Sciencias transcendentis. Tal he o ponto de indo-

lencia a que tem chegado entre nós a maior parte dos pais! As mesmas Escolas de ler e escrever se observão hoje menos frequentadas que ha trinta ou quarenta annos, não sendo a população do Reino menor, antes talvez mais avultada. Chega em grande parte das Provincias a não se achar, ainda mesmo em Villas, quem desempenhe soffrivelmente os lugares da administração municipal; que digo? Até custa em muitas partes a achar já quem escreva huma carta; entre outros muitos territorios, sirva de exemplo o do termo de Cadaval. E no centro mesmo da Capital, que innumeravel multidão de moços não ficão hoje em dia até sem os primeiros principios das letras? Ha acaso muitas duzias hoje de rapazes, filhos mesmo de pessoas abastadas, e até opulentas, que saibão entender hum livro Latino? Que digo eu, entender hum livro Latino! Nem mesmo analysar hum livro Portuguez pela Grammatica da nossa lingua, e muito menos formar juizo das suas bellezas ou defeitos, e comparar a locução de hum livro que saia agora de novo á luz, original ou traduzido, com a locução vernácula dos nossos escritores classicos. Ah! meu amigo, nem as obras destes elles conhecem, ou lem; é como hão de assim conhecer o estylo proprio da nossa bella linguagem? Sim, louvo muito a vossa affeição pela patria; eu vos acompanho no desgosto de verdes baldados em grande parte os bellos e amplos estabelecimentos, que, sobre tudo depois da restauração das Letras em Portugal no Reinado do Sr. D. José I, franqueião aos pais gratuitamente os meios de illustrarem seus filhos. Que dirião nossos antepassados se hoje resuscitassem entre nós, e vissem esta grande Capital, com quasi dobrada população da que tinha ha duzentos annos, cheia de objectos de luxo, (pela

maior parte de origem estrangeira), com magníficos edificios e monumentos, que attestão a aptidão dos Portuguezes para as Artes, e ao mesmo passo contassem o numero dos discipulos que hoje em dia frequentão as Aulas e Escolas de Lisboa, e o comparassem com o que ha duzentos annos quasi, em 1622, estava alistado unicamente em hum só estabelecimento, no Collegio de Santo Antão, onde havia naquelle anno *mil e oitocentos estudantes*? (*) Que dirião quando comparassem a esterilidade dos nossos escritores originaes de ha trinta ou quarenta annos a esta parte (fallo comparativamente, pois algumas obras, e muito boas, temos visto publicar neste tempo) com os que apparecêrão em igual numero de annos em Portugal no decimo sexto, decimo setimo, (apezar dos defeitos deste ultimo), e da maior parte do decimo oitavo seculo? Quanta não fôra maior a sua admiração se considerassem que naquelles tempos se imprimião obras volumosas, e vião varias edições, e quão raro he hoje, (salvo algum livro Juridico, ou algum elementar, alguma obra jocosa, ou alguma Novella), ver essas poucas obras boas modernas, originaes ou traduzidas, quer sejam de Historia, quer de Litteratura, quer de Sciencias,

(*) Não ha aqui a menor exaggeração; he facto incontestavel, como se lê na Relação das Festas que fizeram os Jesuitas, no anno de 1622, na canonização do seu Patriarca Santo Ignacio, e de S. Francisco Xavier. O Capitulo 5 começa pelas seguintes palavras: “Foi tão grande a alegria com que os Padres e Irmãos deste Collegio recebêrão as novas da Canonização dos gloriosos Santo Ignacio seu Patriarca, e de S. Francisco Xavier, Apostolo da Índia Oriental, que o que della trasbordou, bastou para encher as vontades *de mil e oitocentos estudantes*, que nelle continúão seus estudos.”

que se tem dado á luz, passarem a novas edições? Donde nasce isto, senão do pouco que geralmente se lê? E de que procede o ler-se pouco, senão da falta de educação, que dê á mocidade o gosto de ler, e as luzes necessarias para entender o que lê? Acha-se hum papel escrito ha cem ou duzentos annos, nota-se o seu conteúdo exprimido com clareza, com palavras intelligiveis, com ordem grammatical, e até com soffrivel regularidade orthografica: não he preciso buscar isto nos escritos de hum sabio; acha-se em huma mera carta missiva, em huma copia, em huma pura lembrança. Ha algumas excepções, mas essas estão na razão contraria do que hoje vemos; he raro ver huma pessoa do commum escrever huma carta regular na orthografia, na grammatica, na ordem das idéas; e no conceituoso dizer. E porque será isto? Os nossos antepassados occupavão menos o seu tempo nos botequins e bilhares (que não havia); nos theatros, e em outros passatempos frivolos. Não se lião tantos livros de Novellas, e de outros assumptos, que nenhuma instrucção ou impressão deixão na alma do leitor, antes lhe corrompem o coração; lião-se os nossos bons authores historicos, e até os moraes e ascéticos, huma e muitas vezes: os pais não estavam persuadidos, como hoje estão quasi todos, de que o saber huma lingua morta, qual he a Latina, era coiza inutil, e só necessaria aos Medicos, Letrados, Ecclesiasticos, e Magistrados: conhecião que todas as linguas da Europa, e sobre tudo as derivadas da Latina, como a nossa, que bem se pode dizer sua primogenita, são muito mal sabidas por aquelles que não buscão na fonte Latina ao menos a elucidação de mil vocabulos, de mil expressões, que constituem a ordem, e o desenvolvimento das idéas nos bons escritores das

linguas vivas. O erro crasso de crer que com a lingua Franceza se suppre isto ainda não tinha grassado entre nós, como hoje, que hum bando de homens superficiaes, porque conhecem, muitas vezes mal, hum bocado de Francez, e porque fallão em Fenelon, Massillon, Buffon, ou em Voltaire, Rousseau, e Raynal, sem que sejam capazes mesmo de os entenderem bem, ostentão, na presença de pais ignorantes, e se prezão de grandes sabichões, e declamão á boca cheia contra o *tempo perdido* de estudar Latim, que leva tantos e tantos annos, quando em seis mezes ou n'hum anno se pode apresentar hum menino na sociedade de outros que taes papagaios a palrar meia duzia de frases estudadas do Francez, ensinado de ordinario por Mestres que ignorão huma das duas linguas, a Portugueza, se o Mestre he Francez; a Franceza, se he Portuguez, com mui raras excepções. Daqui vem as *ressursas*, os *aféres*, os *deboches*, o *engajar*, e outros muitos vocabulos com que hoje vemos manchada a nossa bella e nobre linguagem, e o peor he que até por pessoas, como se costuma a dizer, de gravata lavada; sendo certo que da falta de lição dos nossos bons authores, e do conhecimento da lingua Latina com que a nossa tem tanta analogia, procedem as pessimas traducções que enxovalhão a nossa Litteratura ha quarenta annos a esta parte, não havendo hum decimo das que se tem publicado, que não adoeça da quasi incuravel molestia dos gallicismos. Em fim, amigo, tendes razão em desejar se escreva alguma coiza neste ponto, que desperte o lethargo nacional: mas he preciso mais alguma miudeza; continuarei a expor-vos sobre isto em outras cartas os meus pensamentos.

Sou vosso, etc.

VARIÉDADES.

Questão. — *Quaes são mais felizes, os homens, ou as mulheres?*

PARA resolver esta questão, eu me persuado, que a definição da felicidade não se deve ir buscar aos pulverulentos volumes escritos pelos Filósofos Gregos, os quaes não contemplarão os homens como elles realmente são, porém sim como lhes parecia que elles devião ser, por isso lhes attribuirão huma felicidade, que julgavão ser conforme aos fabulosos fantasmas que havião imaginado; porém eu que me não dou bem com a Filosofia dos Gregos, e corro sempre ancioso apoz a verdade, para a encontrar sigo sempre as idéas vulgares; e chamão-se vulgares porque são claras, e quasi visiveis. Ora o vulgo, que pensa muito melhor, e discorre com mais valentia do que discorrerão todos os Filósofos da Grande *Grecia*, e da *Grecia* não grande, costuma deduzir, ou derivar a felicidade de quatro fontes, e costuma chamar feliz aquelle que tem muito dinheiro, muito boa saude, liberdade, e honras. Vejão se com effeito o vulgo he, ou não he hum grande Filósofo!! Seja pois este vulgar principio a base do meu discurso, e começando pelo principal, que he a saude, porque dinheiro sem saude he o mesmo que nada, digo que, segundo huma conta que os Medicos fa-

zem (terríveis calculadores do Escritorio da morte, e seus mimosos Guarda-Livros), além das doenças que são communs a ambos os sexos, dizem que as mulheres, tem hum legado proprio e particular, que lhes deixára a natureza, de = 286 = especies de doenças, (e para todas estas, derão na fina, receitão *Bichas*, e depois banhos da Barca); e quiz a Natureza que as mulheres possuíssem este Legado *in solidum*, com toda a propriedade, e usufructo, e que lhes faça muito bom proveito! Eis-aqui porque de continuo as vemos tristes, frouxas, e não ha hum dia em que não as oiçamos queixar, e ganir. Deste principio demonstrado concludo, que pelo que pertence á saude he melhor ser homem que mulher. Eu ainda me não contento com estas 286 doenças contadas pelos Medicos, porque me parecem poucas, porque quando as não ha, elles as fazem; porque sendo eu aquelle mesmo a quem, no largo espaço de 55 annos, nenhum Inverno se gabou de pregar hum defluxo, ouvindo fallar tres Medicos em huma junta, sahi de os ouvir tão doente que me lembrava chamar os Padres Camillos; quero accrescentar este *viridico* rol com mais duas doenças, que vem a fazer ao certo 288, a primeira he, como diz *Eculampadio*, Medico herege, *mal de Marido*, que vem a ser aquelle indomavel furor com que as Mulheres querem cazar por força; esta molestia começa por huma inquietação espantosa de janella, de opera, de quinta, de banhos do mar, e no tempo em que as janellas tinhão rótula, e não havia as outras tres coizas, e muito menos partida, ou Assembléa de assignatura, (e não havia apanhar huma *partida* nem por hum olho da cara,) Romarias, e, mal que lhe fizerão — *endemonhinhadas*, — esta doença acaba na crise da casa dos doidos,

doença tão aguda, e violenta, tão *atifada* que não cede a Bichas; e se conta de huma Donzella, já mais que madura, que ouvindo contar coizas espantosas da crueldade do Tyranno Mezencio que mandava atar, e ligar hum corpo vivo com hum corpo morto, disse que aquelle supplicio lhe não parecia tão cruel como ouvia exagerar, porque não podendo casar com hum marido vivo, casaria com hum marido morto: eu duvido disto, mas os Jornaes do tempo o referem. Depois deste mal, ha o mal chamado dos *nove mezes*, gravissimo, segundo o commum sentir dos Authores; mal, que se reproduz de periodo em periodo, e que seguramente amargura os dias das tristes mulheres, expondo-as muitas vezes ao perigo de morte.

Fallemos agora do dinheiro, e das riquezas, estas naturalmente provêm, ou de heranças, ou do proprio trabalho, e industria, ou agencia. As Leis excluem as mulheres da herança dos Morgados, e pelo que pertence aos ganhos e lucros pessoasas, quanto estes podem ser grandes em hum homem, tanto são tenues e mesquinhos em huma mulher, a qual, ainda que trabalhe para a Fundição, quebra os dedos desde que o Sol nasce até que se põe, por huma bagatella, que o duro Corsario chamado Rebatador ainda faz, *em boa consciencia*, mais pequena.

Pelo que pertence á liberdade direi pouco em materia tão conhecida, porque todos sabem qual seja o cativo das tristes mulheres. Se são filhas, são escravas do pai; se casadas, são escravas do marido; e quando nem têm pais, nem maridos, tem tutores, curadores, administradores, e comedores, sem os quaes as mesquinhas não podem dirpôr daquillo mesmo que he sua propriedade, e que por direito de herança lhes pertence;

pelo contrario o homem dispõe a seu talante, apenas se declara emancipado, de tudo quanto tem, e quanto herdára.

No que diz respeito ás honras, devo dizer que por este nome se entende tudo quanto indistinctamente pode conciliar respeito e veneração, tanto aos homens como ás mulheres, e que todos por hum natural instincto tanto buscão e desejão, pois he certo que no Mundo todos querem exceder em honras e grandezas os seus semelhantes. A este fim ou termo pode o homem chegar por muitos caminhos, a mulher por poucos. Os homens podem conseguir estas honras pelas Artes, pelas Sciencias, pela Milicia, pelo Commercio, e pela Magistratura; porém as mulheres em geral não são nem Artistas, nem Sabias, nem Guerreiras, nem Negociantes, e muito menos destinadas para os empregos publicos. Não lhes foi dado outro meio de dominar mais que o dos atractivos e o da formosura. E quam escasso, e quam pequeno he o numero das bellas! E que innumeravel he o exercito dos estupores! Estes, em se vendo desprezados, mais se consomem de raiva e ainda ficão mais deformes, e repugnantes; e pode ser que não seja menor a desventura das formosas, porque nos primeiros annos ou não conhecem, ou pouco apreço dão á belleza que possuem; quando começão a conhecella, e prezalla, desgraçadamente conhecem que he muito fragil, e muito breve; em cada anno que passa se lhes vai hum grande porção. Figure-se hum Rainha em guerra, a quem cada dia conquistassem hum Provinçia; dentro de hum anno ficava sem Reino. Eis-aqui o que he a mulher que tem o Imperio da belleza. Muitas horas passa na companhia do seu espelho, que he o seu primeiro Conselheiro de Estado, e fallando com elle, ou vê (oh que

desgraça!) que a purpura das suas faces, não he hoje 14 de Agosto de 1820 como era v. g. a dois de Janeiro do anno passado. E para 1821 longe de apparecer aquella fogaça melhorada para o anno, apparecerá huma legião de carquilhas; para o anno de 1822 lhe desaparecem tres dentes, e assim se vão rebelando as Provincias, e crescendo de dia em dia as perdas; de balde se procura defender o Throno com guardanapo de França, e com todos os atavios que pode inventar o incançavel engenho da mais destra Engenheira do Real Corpo das Modas, que vem a ser huns trapos com diverso feitio; até que finalmente, dos olhos encovados, e verdadeiros Ermitães da Arrabida em duas covas, das faces com mais prégas que as privilegiadas botas de Cosme de invisivel elasticidade, e dos cabellos assim do feitio, e alvura dos meus, fogem espantados os adoradores, e he preciso que a infeliz Rainha abandonada das suas Legiões abdique o Throno. Oh que infelizes annos se lhe seguem quando os tres fataes nomes de sogra, de velha, e de bruxa trazem consigo as ultimas desventuras! Por isto digo, que os homens morrem huma vez, as mulheres morrem duas vezes; e que a primeira morte que padecem quando sahem da mocidade, he mais terrivel que a segunda, porque a vida que se lhes segue, tanto por si mesma, como pela memoria do passado, he cheia de tantas misérias, que se pode chamar com muita razão huma continuada morte.

Pelo contrario os homens são tidos em maior preço na velhice, e mais respeitados que na mocidade, porque aquelles que em moços merecem contemplação ou pelas riquezas, ou pela Sciencia, ou pelas Artes, com o andar dos annos adquirem maior thesouro de doutrina e conhecimentos, e

levão ao fim seus trabalhos com mais admiravel magisterio, do que o farião na mocidade; e como tudo no Mundo existe em medida de proporção, tanto nos agrada hum Astronomo velho quando descobre hum novo Planeta, como hum Çapateiro velho que expõe na sua dourada taboleta hum botim de preguinhas, obra da sua mão, á vista, e aos desejos dos honestos, e respeitaveis Barões de calça branca.

N. B. Em outro discurso se mostrará que as mulheres são mais felizes que os homens.

MISCELLANEA.

Historia do Quadro da Cea do Senhor, pintado por Leonardo de Vinci.

POUCAS pessoas ha que, tendo alguma instrucção, ignorem que coiza seja o *Quadro da Cea*; porque este prodigio da Arte se tem multiplicado, e reproduzido pela gravura, e entre nós os Portuguezes já appareceu assombrosamente bordado por huma mulher, e se expoz á vista de todos, que quizerão ir admirar aquella maravilha. E com effeito pode dizer-se que ha alguma coiza sobrenatural neste *Quadro de Leonardo de Vinci*. Não se pode exprimir dignamente a admiração que causára a todos os seus contemporaneos. "Quem chega a pintar assim, dizião elles, por certo tem o dom dos milagres;" e com effeito, contão-se coizas na vida de Leonardo de Vinci, que parece comprovarem esta opinião. Erão tão vastos seus conhecimentos em todas as Artes, especialmente na *Mecanica*, que chegou a construir certos animaes autómatos que parecião ter hum principio de vida. Immortalisou-se verdadeiramente na arte da *Pintura*, reunio todas as partes necessarias, juntando a tudo o maior fogo de genio, e na execução huma paciencia infatigavel. Quando trabalhava no *Quadro da Cea*, acontecia-lhe muitas vezes não largar o pincel da mão por hum dia inteiro, sem

comer, e sem beber. Muitas vezes passava horas em pé diante do seu quadro, sem lhe dar huma pincelada. Outras vezes á hora do meio dia lançava huma, ou outra linha, e sahia. Outras vezes deixava passar semanas inteiras sem dar huma hora só áquelle apuradissimo trabalho. Gostava muito que lhe fossem examinar aquelle Quadro, e lhe dessem o seu parecer. Não desprezava critica alguma, e não julgava huma obra perfeita, senão quando a via apontada e acabada em todas as suas partes. Podemos dizer que elle pintára a Divindade com aquella perfeição a que pode chegar a mão de hum homem, e ainda assim mesmo se não dava por satisfeito. Sempre julgou que não tinha chegado ao gráo de perfeição que desejava na pintura da cabeça do Salvador, neste immortal painel da Cea, parecendo-lhe impossivel dar-lhe aquelle character Divino que se havia figurado. Não se admirão menos as gradações de belleza na cabeça de S. João, e dos outros Apostolos, e nellas se descobrem os ultimos apuros da arte, e do engenho. A cabeça de Judas he hum prodigio de expressão no character opposto. O momento d'acção, que este immortal Pintor escolheo, foi aquelle em que os Discipulos acabavão de escutar da boca de seu Divino Mestre estas palavras: = Hum de vós me ha de entregar: = olhavão huns para os outros como quem procurava distinguir ou assinalar o culpado.

Leonardo de Vinci se pagava muito, e com muita razão, deste Quadro, e mandava a seus Discipulos que o copiassem como o mais perfeito exemplar. Com tudo, nunca se deo por satisfeito com a cabeça de Christo, porque estava profundamente convencido da sublimidade que ella exigia, e na razão contraria se satisfazia ainda menos com

a cabeça de Judas. Queria exprimir toda a perversidade, toda a maldade de hum scelerado. Todas as cabeças estavam acabadas, faltava só a cabeça de Judas, e parecia que o Artista tinha abandonado a obra, desesperado de exprimir bem na cara de Judas o que era Judas. Os Frades do Convento em que o Painel estava já collocado se impacientavão de o não ver concluido, com a falta sensível da cabeça de Judas; queixárão-se ao Duque de Milão, que tão generosamente tinha já pago ao Artista. Mandou chamar Leonardo de Vinci, e se queixou tambem do seu descuido: o Pintor pasmado lhe jurou que gastava ainda muitas horas do dia na conclusão do Quadro, o Duque o despedio, e mandou dar aos Frades a mesma resposta que lhe dera o Pintor; porém os Frades teimárão, que o Pintor o enganava, porque, faltando só a cabeça a Judas, tinha tido tempo de o acabar, e que havia mais de hum anno que não deitava hum só traço no Painel. O Duque irritado, mandou de novo chamar o Artista, e lhe disse: — Tu affirmas que trabalhas duas horas cada dia no Painel, e os Frades vem aqui jurar que não appareces lá ha mais de hum anno. — Os Frades, Senhor, nada entendem de pintura; o que elles dizem he verdade, mas tambem he verdade que eu me occupo ha mais de hum anno em pôr a mão ultima na minha obra. — E como pode isto ser? (lhe tornou o Duque) — Senhor, replicou o Artista surrindo-se, disserão os Frades que faltava só a cabeça de Judas, e he verdade; porém ella deve exprimir toda a baixeza de sua alma, e ha hum anno já feito, que lhe busco hum modello todos os dias; manhã e tarde corro esta immensa Cidade: vou primeiramente ao bairro dos Judeos, vejo-os a todos, a todos contemplo ao sahirem de

casa com o molho de chinellas amarellas, com a alcoba de tamaras doces, com as trouxas ou embrulhos de trapos da feira da Ladra; vou atrás delles pela rua dos Ourives do Ouro, observo-os ao balcão, contemplo as traficancias que fazem; olho-lhe bem para as caras, ainda não descobri a expressão de maldade que eu busco para a cara de Judas. Deixo-me disto, e converto-me á contemplação dos Rebatedores, ou os de sacco e bengala na rua, que já são poucos, ou dentro das Lojas, que são infinitas; aqui não faço mais que apanhar idéas, mas ainda me não dão o modello que eu busco, ainda não acho hum Judas á minha vontade. Sigo outro rumo, dou comigo a huma daquellas esquinas da grande Praça, onde em grupo estão Officiaes de Justiça e Procuradores de Causas, busco o momento em que estes estão instruindo testemunhas falsas para irem jurar nos Feitos que elles fazem; não he ainda tudo o que eu busco para pintar o meu Judas como desejo; apanho, he verdade, hum ou outro rasgo, mas não he tudo o que basta para exprimir a maldade nas bochechas do meu Judas. Finjo huma busca de Autos, e vou-me por esses Escrivães do Cível, e Crime, e bem sabe V. Alteza quantos ha nesta grande Cidade de Milão; vejo-os sentados ás suas bancas com os seus respectivos escreventes, e no ar com que dictão: — E os fiz conclusos. — Podia eu bem encontrar o gesto com que Judas disse aos Fariseos: " Quanto me quereis vós dar, e eu o entregarei em vossas mãos? " Nada, digo eu, ainda aqui não está tudo; isto he muito, mas não he o que me basta para pintar o meu Judas. Vou-me a casa desses Usurarios, fingindó-me Official reformado, levando na cara a fome, e nas mãos o meu Recibo averbado. Olho-lhe bem para os olhos, alli está

expressa a dureza, a insensibilidade, alli está a expressão de hum Tigre, a surdez de huma Estatua aos clamores da indigencia, oiço alli os eccos tristes e funestos dos oitenta e cincó por cento; mas nada disto he ainda o meu Judas, ainda quero mais alguma coiza. Vou-me por essa Cidade até ás Cancellas ao grande estudo da Fysionomia comparada dos Guardas Barreiras, grandes amigos e camaradas dos Malsins, Officiaes de arrecadação para elles; a apreensão de huma Frieleira com meia duzia de Chocos, ou dois Safios, he hum acto heroico de Justiça, e a alegria maligna da certeza do jantar para elles; e para os Guardas Barreiras he hum rascunho da alegria de Judas ao receber, e contar os trinta dinheiros; mas não he ainda todo o Judas que eu busco para o retratar no meu painel. Aconselharão-me que me deitasse aos Letrados para os consultar sobre fantasticos pleitos, que eu não tenho, nem quero ter, e que lhes proponha os negocios de tal maneira que lhes faça achar razão n'hum velhacaria; todos me dizem que lhes faça a procuração porque me constitua seu constituinte; olho para elles, e olho para os Autos que tem em cima da banca; nelles vejo a saude por excellencia, e a robustez por essencia, e nos Autos vejo, e leio o juramento de que estão doentes; combino então as caras, com a assignatura, vejo a *innocencia* de Judas, mas não basta ainda isto, nenhum delles he hum Judas á minha vontade. Muita Igreja, Senhor, e muito Sacristão tem esta grande Capital da Lombardia, dirijo-me a hum e a outro, a tratar de hum enterro de que não estou incumbido; a avareza, e a sordidez são as *caracteristicas* daquellas caras tão duras, e tão inexoraveis como a morte que fez o Defunto; a insensibilidade de Judas na proposição

da entrega alli está em todo o seu ser; mas ainda assim os Sacristães, e os Thesoureiros não me dão a completa idéa de hum Judas completo, porque lá se amacião alguma coiza quando lhes digo, que se me não levão mais barato pelo enterro, que pégo no Defunto, e lho ponho á porta inteiro e entregado. Vou-me á Ribeira do peixe: vejo Escariotes, he verdade, de gancho de ferro na mão, que nunca acerta com o peixe mais pequeno; todos berrão á roda delles; mas o gancho trabalhando, e nas caras dos taes Escariotes ganchistas está sentado o silencio, e a dureza. Eis-aqui, Senhor, o motivo da minha longa demora, tem-se-me offerecido destes modellos, mas não bastão ainda; porém creio que he chegado o tempo em que nem Vossa Alteza tenha o incommodo de me mandar chamar, nem os Frades o trabalho de se queixarem. Agora, no ultimo Capitulo Geral, veio para o Convento hum Guardião novo; hontem o fui cumprimentar, e dar-lhe os parabens daquella *excelsa* dignidade; e confesso a Vossa Alteza que fiquei mais contente que Pythagoras com o achado do quadrado da Hypothenusa; medi o homem; a marca he a mesma; he baixo, he roliço, he calvo, tem os olhos fundos, o nariz de papagaio, as sombrancelhas juntas, a boca franzida, os dentes podres, o resto do cabello ruivo, os hombros largos, as pernas tortas, os pés grandes, e sobre tudo o ar de avareza, mesquinhez, traição, e perfidia, que eu em tantas indagações não tinha encontrado. Acabarei o painel, porque agora para a cabeça de Judas, que tanto trabalho me tem dado, achei o verdadeiro modello no Guardião dos Frades, que tanto tem ralhado da minha demora, e tanto tem importunado a Vossa Alteza. — Assim se fez, e retratando o Guardião concluiu a obra, ou comple-

tou a cabeça de Judas, que era o que lhe faltava. O Duque rio muito, e se deo por muito pago da diligencia, e talentos de Leonardo de Vinci, e ainda hoje se admira o Quadro, e a cabeça de Judas, que he o retrato do tal Guardião.

O Usurario. Ficção moral.

(Vide *Conde de Segur*, — *Galeria Moral*, — Tomo 2.º p. 234.)

Ha poucos dias me achei em hum apuro bem triste, meu bom amigo, e poucas são as situações da minha vida, em que me visse em maior aperto: faltava-me dinheiro, e nada mais creio que he preciso para dizer que hum homem está peor que em artigo de morte: faltava-me dinheiro, este metal tão vil, como dizem os Filósofos, e que morrem por elle mais que todos os homens, e faltava-me na occasião em que mais precisava delle, porque era para tirar da cadêa hum amigo, que tinha dado ahi humas pancadas com hum páo em hum Medico, por lhe namorar huma filha na occasião de ser chamado para curar a Mãe; isto bem se sabe que não he crime que envergonhe, porque huma sova desta natureza, ainda que se lhe seguisse, como de facto seguio, fractura d'osso, e amolgamento de casco, he dada pela boa razão. O Medico querelou, fez-se corpo de delicto, e pelo exame das contusões (que não erão poucas, nem pequenas; ainda que não houvesse ferida com ferro penetrante, não havia osso em seu lugar,) declarou-se o meu amigo réo de massada, o Escrivão quiz comer, (seria porque tivesse vontade),

o homem foi para a cadêa, e como se compoz com a parte, esta prometteo o perdão por hum conto e duzentos, e o meu amigo não sahia para a rua sem contar na mão do Escrivão o conto e duzentos, que elle comeria de meias com a parte lesada. Gastei, e não pouco, com annuncios na Gazeta, a ver se encontrava quem os emprestasse com boas hypothecas, que viesse examinar os titulos, ninguem appareceo, e o meu amigo a gemer na cadêa, e o Medico teimoso em não dar o perdão. Des de que comecei a procurar este dinheiro comecei tambem a encontrar menos alguns amigos meus que o tinham, e se encontrava alguns que andavão tão engasgados como eu, davão-me com muita profusão excellentes conselhos tão conformes ao seu character, como oppostos aos meus designios, e necessidade. Hum me aconselhava que fosse á Loteria com os ultimos dez mil réis que me restavão, ou que os pozesse em cima de huma carta na honrada, circumspecta, e ingenua Banca, e que se lá ficassem, segundo o costume, que terminasse o Drama á Ingleza; que, ou acharia huma corda em conta, ou a maré cheia alli pelo Caes de Santarem, que he fundo, e seguro. Outro me aconselhava que negociasse com o *Campeão*, offerecendo-lhe de cá alguns papeis que revelassem segredos de familia, faltas occultas deste, ou daquelle individuo, porque com a publicação destas *he que se governa de lá, muito bem, este Reino*; que isto era ganho certo, e muito honrado. Hum Poeta meu vizinho, me aconselhava que offerecesse ao Theatro Nacional da Rua dos Condes huma Tragedia que eu tinha composto, e que elle me tinha imparcialmente approvado, que a expozesse ao juizo dos Comicos, que a examinassem elles, que se tivesse o — *accesit* — daquellas eminentes cabe-

ças, que se *Moliere*, ou *Roscio* Ensaaiador, dissesse — *Vá*, — que contasse com dinheiro prompto, e fortuna certa. Em fim o unico, e proficuo conselho que abracei foi o de hum estouvado sobrinho meu, pobre Alferes dô N.º tal. — Senhor Tio, o seu amigo está na cadêa, he precizo que saia, v. m. não tem dinheiro, e Lisboa ainda tem Usurarios, homens beneficos, é que acodem generosamente aos apertos do proximo; eu fallo por experiencia propria, porque das quatro me ficão por lá tres partes do meu soldo. Eu conheço hum carcunda, e além disto ruivo, coxo, calvo, e torto de ambos os olhos, que vive de descontar Letras; mas entre todos he o de maior probidade, e de mais conhecida honra; he hum bemfeitor da mocidade; tambem compra trastes aos enforcados, e nós outros os Militares temos alli hum pai; e até diz que quando Nosso Senhor *o levar para si*, tudo ha de deixar á Tropa: he Maltez de nação, chama-se *Baltazar Ballote*, filho de hum Corsario da Berberia, e de mãe India; mas isto são qualidades, ainda que grandes, estranhas á sua pessoa, porque elle, que he a mesma *modestia*, nunca se lembra de tal, só faz jogo por si, e sempre ganha. O seu dinheiro está sempre prompto, he serviçal, expedito, desembaraçado. Se os grandes funcionarios Financistas de toda a terra o consultassem, o dinheiro do mundo estaria por certo nas mãos de *Ballote* e Companhia, todas as liquidações, e consolidações estarião acabadas por huma vez. Eu dou-me huma maravilha com elle, sempre estamos de acordo, porque eu não cuido senão no presente, e elle no futuro, elle vive dos meus interesses, e eu dos seus capitaes.

Ora pois, eu me persuadi sempre que o maior de todos os prazeres era o de fazer bem, e estou

convencido que huma boa acção vale a pena de fazer por ella huma parvoice: disse a meu sobrinho que me trouxesse a casa este homem prestavel para lhe propôr o meu negocio. Dahi a dois instantes vi entrar *Ballote*; tinha o ar maligno e escarneador como tem todos os carcundas; como são pouco favorecidos da natureza em razão da curva que lhe descreve a espinha dorsal, são ralhadores, coiza mui propria de todos os descontentes. A alma lhes vinga o corpo, e como andão sempre expostos ao motejo de golfinhos por terra, e não ha rapaz que não pare quando elles passam, andão sempre desconfiados, e em continua escaramuça com o seu proximo.

Depois de me haver mostrado com hum ar de respeito, mas de ironia, quanto o assombrava que hum homem da minha idade, e que segundo as gages do meu officio deveria viver na abundancia, se visse obrigado a buscar os soccorros em hum pobre Diabo como elle era, começou a se carpir da escacez do numerario, e sem deixar o seu crédito em mãos alhêas, louvou, e inculcou muito a sua probidade, referindo-se sempre a meu sobrinho, que o obrigou militarmente a terminar tão inutil exordio, e a chegar á conclusão. Acabado este preambulo, entrámos em assumpto, e lhe declarei que a somma de hum conto e duzentos me era indispensavelmente necessaria. Ei-los aqui, me disse, surrindo-se, o honrado *Ballote*; ou ambulante alforjada, e tirando (em papel) de huma encebada carteira, de côr ambigua, o conto e duzentos, contemplando-os ao ar a ver se erão falsos, coiza que elles só entendem, talvez porque os fação, me apresentou os bilhetes em cima da banca; acrescentando que tinha pena de eu não ter necessidade senão daquella bagatella, afirman-

do que o desejo de obsequiar hum homem como eu, o obrigava a levar-me o modico interesse de cinco por cento, e que era justo que eu o não tivesse em conta de homem desarrazoado. — Desarrazoado! Ah! Senhor Baltazar, v. m. he o *Feniz* dos Rebatedores; pois não me quer levar nem ao menos o interesse do commercio? — Senhor Tio, me tornou, rindo, meu sobrinho, não vêxe com os seus elogios o Senhor Baltazar; elle não lhe pede mais que cinco por cento, mas he ao mez..... Eu fiquei com tamanho palmo de boca aberta, que não lhe podia responder. — V. m., me disse então o malvado carcunda, passa em conta de homem de juizo, e não o podia entender de outra sorte. Os tempos, Senhor, vão mui duros, e agrestes, e a multidão dos desgraçados he tão grande! Como os poderia eu soccorrer, se o lucro que tiro do meu dinheiro não sustentasse o meu zelo multiplicando-me os meios que tenho para o fazer? Arrecade, Senhor, arrecade esse dinheiro, olhe que nenhum Capitalista lho emprestava com esse insignificante premio. O dinheiro he muito raro em hum seculo em que todos o querem, tudo se vende no dia de hoje, a reputação, a amizade, e o amor, e, se as coizas vão por este andar, dentro em breves audiencias desaparece o numerario. — Oh! que eloquencia, disse eu, como v. m. falla do ouro! O mesmo Author do Livro da Sabedoria, que dizem ser Salomão, não se explicaria melhor! Estou pasmado de ouvir fallar hum Filosofo Usurario! — Filosofo, pode ser, tornou o maligno *Balote*, todo o Mundo quer esse nome; porém Usurario, alto lá... se eu o sou, todos o são. — Pois todo o Mundo he Usurario? Ah meu amado, meu amabilissimo Senhor Baltazar, isso he o paradoxo mais estranho que eu tenho ouvido! — Pois eu

o vou provar em poucas palavras, me tornou o carcunda. —

He humma verdade constante e de experiencia, que nada se dá, tudo se empresta com juros, e lucros. A terra vende ao homem as suas produções com o interesse do trabalho, e do suor do homem. A mesma vida que a Natureza nos empresta he muito curta, e se nos concede alguma pequena desordem de prazeres, lá está o Diabo no Inferno que os faz pagar hum pouco usurariamente, e se assim me não explico correctamente, digo, que ninguem as faz neste Mundo, que as não pague no outro com usura. A Justiça, que he a melhor coiza que ha, dizem que em alguns paizes tambem se vende. Examine, Senhor, e contemple esses mortaes privilegiados, que nós tanto invejamos, a quem a Sorte distribuio todos os seus thesouros, todos dirão quanto lhes custem estes mesmos favores, e então saberá com quanta razão o Poeta dizia, que a Fortuna vende aquillo mesmo que nós julgamos que nos dá. Se ha coiza que devêra ser gratuita, por certo são os conselhos, para os dar não se precisa de desembolço; com tudo, qual he presentemente o Letrado que não faça cara e tromba a seis vintens por hum conselho que dá, quasi todos elles capazes de deitarem a perder o mais bem fundamentado Cliente, ou, como elles lhe chamão, Constituinte? O maior Usurario que ha he a lisonja; ella só faz mais cambios, e tira mais lucros que quantos Maltezes tem vendido Papagaios, e bengalas neste Mundo. Isto, Senhor, não he o negocio da alfêloa, e gergelim, porque nós costumamos *debutar* nas transacções commerciaes, isto he outra coiza. Quando os Grandes e os homens que toçã Pandeiros, não tem virtudes, a lisonja lhas empresta, e com que usu-

ra!! E senão, veja quanto apanhão os lisongeiros. Apanhão tudo; eu não quero especificar para não dizerem que assim como sei cardar bolças, também sei tosquiar a reputação do proximo; mas eu vejo tanta coiza, tanto officio, tanto emprego, tanto lugar, tanta fita! E a Hypocrisia? Ha, ou houve no Mundo Usuraria como esta? Não sabe ella emprestar ao vicio a mascara da virtude? E que lucros não tira? Ah! pobres Maltezes, e são vossês os que levão o honroso labéo de Harpias, e empalmadores! A mesma verdade, que he a mais pobre de todas as virtudes, pois em fim anda nua, se quer tirar algum lucro de seus oraculos, não vai pedir emprestado o véo da fabula, e da allegoria? Só desta arte pode ganhar alguma coiza. Sem este passaporte de emprestimo talvez não ganhasse mais que injurias, desgraças, e muitas vezes o Limoeiro. Quam brilhantes personagens tem apparecido na grande scena do Mundo ha treze annos a esta parte! Por certo não devem a nossa tola admiração (deste numero vai fora sempre *Baltazar Ballote*) senão a hum esplendor emprestado, e com juros mais que os da lei. Eu costume andar pela Praça, eu sou assignante director d'Assemblea; e quantos nomes se emprestão para Letras? E ainda que sejam nomes de gentes que não existão, que lucrozinho provêm aos Capitalistas do emprestimo forçado destes nomes? Eu sou casado, e com mulher que não he assim do meu feitio, frequenta tambem as Modistas que ahi estão de fora, e frequenta-as com espirito filosofico, quero dizer, espirito de observação: as mais illustres Modistas não devem a sua fortuna, e a sua reputação aos encantos que ellas emprestão a tempo a tantas mulheres a quem a Natureza não deo, ou se esqueceo de dar, estes encantos? Em fim, pelo que

me respeita a mim, e a todos os carcundas, ainda os que não são da minha profissão, sei muito bem quantos ridiculos se lhes emprestão, quantos baldões se lhes assacão; mas tambem sei com quanta usura nós os costumamos pagar, por isso lhe repito, e tornarei a repetir, que todo o Mundo empresta para ganhar, todo o Mundo he usurario.

Depois de tão eloquente e fundamentado discurso, que me divertio muito mais do que me edificou, o meu carcunda tornando a contar, e a ver ao Sol os bilhetes, se poz em tom de marcha levando o meu escrito de divida, e obrigação com as clausulas que elle quiz, com os prazos que assignalou, com os respiros que lhe pareceo, e com a impreterivel condição dos cinco por cento ao mez. Vou-me vestir para ir a casa do Escrivão contar o dinheiro que tape a boca ao desconjuntado Medico, e se o Escrivão me lavrar a ordem de soltura, levalla-hei ao Ministro, que lá se entende com elle, e hirei pôr na rua o meu amigo, que me pagará a fineza em reconhecimento e gratidão, lembrando-se da lição que teve, e ficando certo que se outro Medico lhe namorar as filhas, o não deve massar, mas tirar-lhe o vulto, porque nestes casos, com taes innocentes, he melhor ir ás do cabo.

Correspondencia.

Senhor Redactor do J. E.

Parece-me que inserindo v.m. tantos artigos no seu Jornal sobre materias tão diversas, e que tão pouco parentesco conservão entre si, não devia omittir hum ou outro artigo de Politica, e isto

Tom. II.

em huns tempos tão calamitosos como os nossos, em que he preciso, e com toda a força dar á opinião publica a verdadeira direcção para o bem, e para a ordem. V. Im. não vê espalhado por toda a parte o espirito de vertigem? Não escapa por certo á sua penetração qual seja a molestia epidémica do seculo 19.º A mania das Constituições: Eu não sei que Nação alguma desde que se firmou em pacto social deixasse até agora de ter Constituição; porque sem ella não pode existir o corpo político, assim como sem constituição não pode existir, nem existe o corpo organico, esta constituição he o natural complexo, e harmonia das leis fysicas porque subsiste. Que estranha contradicção he esta? Dizem huns poucos de individuos em huma nação: = Queremos Constituição. = E a Nação a quem pertencem estes individuos subsiste, e gloriosamente; ha muitos seculos formando hum corpo político; logo tem Constituição, porque sem ella não poderia subsistir, e quem pede huma coisa parece que a não tem. Concedo, e concordo que a Constituição deste ou daquelle Reino se haja adulterado, corrompido, alterado, assim como se altera pela enfermidade a constituição fysica do nosso corpo; pois emende-se, assim como a enfermidade do corpo se cura; e eu nunca vi que para curar hum corpo seja preciso destruillo primeiro, e depois dar-lhe nova constituição. Os tempos, os costumes, o abuso do poder, as Sciencias, as alianças, as conquistas, o luxo, e as paixões humanas causão certas enfermidades no corpo politico das nações; pois reforme-se, emende-se, e não se destrua. Os Soberanos como dominantes, os Povos como obedientes, tem deveres reciprocos, e estes deveres formão hum equilibrio entre a cabeça que he o Soberano, e os membros do corpo da Nação,

que são os vassallos. Perde-se por algum incidente este equilibrio? Restabeleça-se, continuará a maquina no seu regular movimento. Reduzir as coizas ao cahos, para tirar deste cahos huma melhor ordem de coizas he huma rematada loucura. As idéas de certos homens tenebrosos sobre melhoramentos publicos, creia, Senhor Redactor, que não são mais do que vistas de interesses particulares. O que mais me faz admirar no presente tempo, he ver que estes tenebrosos sujeitos não se lembrão que os Povos estão muito ensinados com o exemplo da Revolução Franceza, e que não querem bens em promessa por males em realidade. Que se tirou do transtórno universal da Monarquia Franceza? A assolação da humanidade por mais de vinte cinco annos. A maior de todas as desgraças, que podem acontecer aos homens no estado social, he o Governo popular. Os mesmos Demagogos revolucionarios buscão por hum instincto natural á unidade. Veja os Francezes; pelos degraos da revolução forão naturalmente simplificando o governo, e buscando o de hum só. A Assembléa Nacional compunha-se de muitos individuos: bastão cinco, disserão elles, haja o Directorio. Ainda isto he muito, bastão os Consules, sejam tres, mas hum destes tres seja o primeiro; ainda isto he muito, e julgamos superfluos os dois, pois haja hum só, e chame-se Imperador. Eis-aqui os Francezes chegados por necessidade ao mesmo ponto dõnde tinham partido. Não quizerão a unidade, e depois de hum circulo de desgraças, parão no ponto da unidade; com a differença, que deixarão hum Rei, e depois de se degollarem mutuamente, vierão a ter hum Tyranno: elles mesmos o confessão, e a historia da revolução não he mais do que a historia da loucura. Supponhamos, Senhor

Redactor, hum universal descontentamento em toda huma Nação, presuppunhamos que este descontentamento provém do pouco vigor, ou da má interpretação das Leis, feitas observar por estes ou aquelles individuos que abusão do seu poder, e que considerão primeiro o seu bem particular que o bem geral dos povos. Que remedio tem este mal? Por ventura huma geral sublevação? Neste caso he peor o remedio que a mesma enfermidade. O remedio, seja qual for, he necessario; mas a quem compete buscallo? A authoridade, e o poder paternal em huma familia deo a forma de huma Monarquia. Ha desordem nesta familia; a quem compete remedialla? Ao Chefe da mesma familia; porque nunca se remediárão os males domesticos revoltando-se a familia para dar Leis ao pai, ou ao Chefe da mesma familia: isto explica bem o que se pertende annunciar. Vive hum Povo gravado de tributos excessivos, he espezinhado por estes, ou aquelles funcionarios, desata-se em queixas, e murmurações; em huma palavra está enferma esta grande familia de Nação; a quem compete o remedio? Ao Soberano, e este, pelo seu mesmo character, tem só, e exclusivamente o poder de convocar estes, e aquelles membros da Nação, para lhe dar a authoridade consultiva; e colhendo, ou tomando então os seus votos sobre os meios mais conducentes para o melhoramento da inteira familia, assignalar os meios, e determinar os recursos para o seu remedio. Em todas as crises das Monarquias se observou sempre (e o vemos pela Historia de cada Nação) o costume da convocação de hum Congresso de taes e taes homens; este Congresso teve diversas denominações conforme a linguagem de cada hum dos povos; entre nós os Portuguezes se chamou Cor-

tes; e desde as primeiras que se celebrárão em Lamego até ás ultimas que se tiverão em Lisboa, creio que no Reinado do Sr. D. Pedro II, a sua convocação pertenceo exclusivamente ao Soberano; e este acto, assim como he o mais proprio da Justiça, he o mais natural da Soberania legitima e moderada; os Tyrannos nunca derão aos seus vassallos o direito da representação. Em tão poucos seculos de existencia politica, em Reino algum chamarão os Soberanos tantas vezes a Cortes como em Portugal; he huma verdade de facto, e conhecida a quem não for hospede na Historia Portugueza; as resoluções tomadas nestas Cortes forão formando o corpo do Direito Patrio, e das decisões deste Direito resultou a Constituição porque nos temos governado, e governaremos. A segurança individual, a liberdade civil, o direito da propriedade, a conservação dos foros, eis-aqui o que tem resultado desta Constituição; e isto he o que mais pode desejar qualquer povo. Podemos chamar a estas Cortes o Conselho dos nossos Reis, que elles geralmente consultárão sobre os grandes casos occorrentes. Determinar os Direitos da successão na linha masculina foi o primeiro objecto que El-Rei D. Affonso propoz ás Cortes de Lamego. Depois, se era preciso fazer huma guerra ou fosse offensiva, ou defensiva, consultava o Rei as Cortes sobre os meios, ou recursos necessarios sobre o estado e faculdades dos Povos, relativamente a estes meios. Se era preciso lançar hum tributo, contractar huma alliança, o Rei ouvia os Povos pelos seus representantes, e este Congresso convocado, e sancionado pelo Rei formava as Cortes. Se o Rei no seu Conselho privado ouve os Ministros de Estado, no Conselho publico ouve os Povos pelos seus Deputados, e segundo as suas Jerarquias to-

das as Camaras do Reino tem seu assento nato em Cortes, em tal e tal Banco, resultando deste acto entre nós, a mesma Constituição de Inglaterra; com a differença que em Inglaterra he permanente, entre nós he temporanea; acabado o motivo da convocação, dissolvem-se as Cortes; mas o Direito representativo e consultivo permanece sem confusão dos Estados; em sendo convocados já sabem o assento que lhes compete. Aqui não se atenta contra o poder dos Reis, ou contra os direitos da Soberania; porque he preciso remover toda a equivocação dos termos, as Cortes não são revoluções. O direito dos Reis he propôr e sancionar, o dos povos he consultar; e o Rei resolve conforme o que se lhe consulta sobre o bem geral dos povos, que estes conhecem melhor, e fazem conhecer. Não contem, Senhor Redactor, os tenebrosos tanto sobre a minha innocencia, ou ignorancia. O seu maior desejo neste seculo, he a convocação destes Estados, ditos Cortes entre nós; convertem o direito de representar; em direito de legislar; arregão-se o poder executivo; e a contágio, que penetra na força armada, a sujeita ao arbitrio de Anarquistas: as promessas, a falsa, ou não entendida idéa de liberdade, o descontentamento dos pequenos exaltado pela esperança do abatimento dos grandes, dispõe a revolução, e precizamente a desgraça de hum Reino, e o quadro da revolução Franceza prova esta verdade. E qual dos Soberanos sentado no Throno com os direitos da legitimidade deverá nas actuaes circumstancias de huma surda fermentação, consentir como Legisladores estes Estados? Seria isto abrir huma voragem que engolisse, como engolio em França, a tranquillidade publica. Não creião os povos que são governados pelos tyrannicos direitos da arbi-

triedade ; isto presuppunha a carencia de Constituição ; sejamos sinceros , qual he o Povo que a não tem ? Então não teria existido em corpo de Nação , porque sem ella não podia ser Nação , e a sua actual existencia he a prova da existencia da sua Constituição. Quando os tenebrosos dizem : = Queremos huma Constituição , = deve entender-se = queremos huma revolução. = Os Soberanos devem responder : = Não peçais o que tendes , vós tendes Constituição , se nella se tem introduzido alguns abusos que redundem em prejuizo dos Povos , se nella se encontram algumas inveterações incompativeis com a prosperidade politica dos Povos , nós os consultaremos sobre os seus verdadeiros interesses , e como pais da grande familia providenciaremos sobre as suas vantagens ; justo he que se conserve bem o corpo , porém com o governo da cabeça. =

Ora que diríamos , Senhor Redactor , se houvesse huma Nação tão frenetica , que sem a indispensavel authoridade do legitimo Soberano , aclamado , reconhecido , e obedecido por esta Nação , se convocasse a si mesma , e se formasse humas ordenações arbitrarías , e proclamasse a quimérica , e monstruosa soberania do Povo , que de facto seria então verdadeiramente escravo ; que diríamos ? Dando por existente esta supposição , diríamos que o Mundo hia ver hum povo de Soberanos , e entre elles hum só vassallo , e que este unico vassallo era o Rei , a quem tantos Monarcas quantos erão os vassallos querião dar a Lei. Comedia politica , ou ridicula , que illude o miseravel povo , que vem sempre a ficar de peor condição. Allucina-se este povo com a voz de *Tolerancia* ; tolerancia civil , por exemplo , cada hum poderá livremente ter , e expôr a sua opinião poli-

tica, as opiniões são livres. Muito bem; falla hum homem do Povo contra a Soberania deste Povo, diz que não pode reconhecer legitimidade alguma em congressos nacionaes que a si mesmos se convocão; eis-aqui o homem perdido, prezo, e depois guilhótinado, porque não tem *civismo*. Todos os dias os revolucionarios em França clamavão que se não devia castigar o homem por amor de opiniões politicas, e todos os dias mandavão ao cada-falso centos de homens, porque opinarão a favor do Rei, e não do Directorio. — Os pensamentos são livres, e a liberdade da Imprensa he de direito natural, — dizem estes grandes, e voluntarios reformadores. Pois vá algum homem de bem escrever alguma coiza contra seus monstruosos systemas; foi desgraçado, o livro he queimado pela mão do algóz, e não ha indulgencia para este homem. Então a liberdade da Imprensa he só para dizer bem delles? Creia, Senhor Redactor, que não ha verdadeira intolerancia, verdadeira escravidão, verdadeira arbitriabilidade, verdadeira espoliação de propriedade senão nestes tumultuosos governos populares. — Queremos, dizem estes Senhores, queremos hum Rei constitucional. — Que abuso de termos!! Nem houve até agora, nem pode haver legitimo Rei, que não fosse e não seja constitucional! Todos governão, todos fazem justiça a seus vassallos conforme as Leis primordiaes, e constitucionaes da formação da mesma Monarquia. Em Portugal he isto tão escrupulosamente observado, que até sobre as mesmas graças e mercês são consultados os Tribunaes, e he tão Soberana a voz da Lei, que o mesmo Monarca pode ser civilmente demandado na pessoa de seu Procurador da Coroa. — Mas os Tribunaes, dizem os tenebrosos, são compostos de homens ignorantes, egoistas, e apai-

xonados. — Pode ser isso, porque em fim os Tribunaes não se compõem de Anjos, mas de homens, e eu não fallo dos homens, fallo do Tribunal, e digo que o Rei os manda sempre ouvir. Qual será o homem de sizo que não reconheça a sabedoria, e moderação da Constituição Portugueza, ao ler esta clausula em muitas determinações Reaes: = Conformando-nos com o parecer de pessoas doudas, que mandamos ouvir, etc.? = Esta voz ainda se não escudou no throno da Democracia. Assentemos de huma vez, que os Reis não governão voluntariamente mal; mas que os tenebrosos querem só governar, e não nos deixemos enganar.

Duas coizas, Senhor Redactor, buscão os tenebrosos, a primeira indispôr os povos contra os legitimos Monarcas; a segunda pôr da sua parte, e metter nos seus interesses a força armada. Estes são os fins, vejamos os meios de que se servem para huma e outra coiza. Para indispôr o povo, servem-se de alguns Jornaes; e que se encontra nos que para cá nos envião alguns dos nossos *compatriotas*, existentes em paizes estrangeiros? Cada hum desses Politiqueiros he hum infame Delator publico, que procura com a publicação de faltas particulares, e pessoaes, fazer odiosos os Ministros, depois odioso o Ministerio, depois odioso o Rei. Miseraveis Sofistas! Os crimes de hum homem não são os crimes da Constituição do Estado; este, ou aquelle abuso da authoridade, não deroga a força, e a santidade das nossas Leis primordiaes, e constitutivas; estas permanecem, o Ministro passa, ou as paixões emmudecem. As cartas de prégo de Luiz XVI não erão tão sanguinarias como os Decretos da Convenção; da Batilha sahia-se, da Guillhotina não se appellava. Se eu fosse ouvido sobre a circulação destes Jornaes, não vedava a sua introducção,

mandava-lhes responder de hum modo victorioso, e para isto pouco basta, então o povo se desengana. A introducção furtiva destes Jornaes he inevitável, o povo aprende o mal, e fica privado do remedio que elle por si só se não pode dar, porque está destituido de luzes capazes de rebaterem, ou desfazerem sofismas. Estes homens que escrevem de fora virião correndo a este Reino se nelle (o que Deos não permita) vingasse o volcão revolucionario. Torno a repetir, que dizem estes Jornaes? Que são amigos dos Povos. E porque? Porque publicão cartas, que hum ou outro mal intencionado de cá lhe envião, attribuindo a este ou áquelle individuo faltas que talvez não tenha, para destas faltas individuaes colligir que o Reino está mal governado, e que necessita de huma reformação que só elles os Delatores publicos podem fazer. E he isto proceder de boa fé, ou desejar sinceramente a felicidade publica? Desculpe-me, Senhor Redactor, hum Latim: — *Posuimus mendacium spem nostram, et mendacie protecti sumus.* A mentira e a calumnia he a nossa esperanza, esta calumnia e esta mentira he a nossa protecção.

Metter nos seus interesses a força armada. E como? Eu não duvido revelar este mysterio. Associando na confraternidade alguns grandes Capitães desta força, porque iniciados nos mesmos principios, hão de querer o que quer a seita. A força armada he o natural e justo sustentáculo da Monarquia, e passa a ser o sustentáculo da Anarquia; a persuasão não he para todos, mas a força he temível para todos. E que devem fazer os Soberanos? Conservar esta força contente e illustrada, certa do premio, e persuadida de que goza a primeira distincção nos olhos do Soberano, e da primeira consideração na presença do Povo. Os verdadeiros

soldados não são as cohortes Pretorianas, são os primeiros filhos da grande familia da Nação, e por isto os primogenitos dos Reis, e a calamidade dos tempos lhes tem feito conhecer que devem confiar mais nas espadas bem afiadas, que nos conselhos perfidos de occultos Demagogos. A revolução foi a lição dos Reis, e a lição dos Povos; foi a lição dos Reis, porque não unirão a si como devião a força de que podião dispôr. A corrupção publica derramada pelos tenebrosos, já não tem outra barreira mais do que a força armada. Foi a lição dos povos para se não deixarem enganar das vãs promessas de huma liberdade que de todo perdem, quando não querem hum Rei vem a ter quinhentos, tanto mais violentos e tyrannos, quanto menos seguros se julgão no throno que usurpão!

A' vista disto, Senhor Redactor, deixe-se mais de Azotes, de Alkalis, e de Barcos de vapôr no seu Jornal; he verdade que se não deve esquecer dos Medicos, mas os males politicos pedem remedios mais promptos; trate estas materias que lhe inculco, o tempo as pede; livre-se de systemas, falle com clareza ao povo, e creia que o maior serviço que se pode fazer aos Reis, e aos Povos, he dirigir bem, e para o bem, a opinião publica. V. m. não sabe o que he a Hypocrisia? Sabe, sabe; não fallo na Hypocrisia religiosa, fallo na Hypocrisia politica; e quem sabe melhor que v. m. que hum homem chamado o *Campeão* he o mais snperfino de todos os Hypocritas? Promette a traducção dos Annaes de Tacito; sim, Senhor, e já nos lembra para que; para offerecer á nossa contemplação os retratos de Tiberio, de Nero, e de Caligula, e dizer tambem *tacitamente* aos Povos: — Confrontai; vedes como forão estes Reis? pois assim são todos. He verdade que huma impugnação dá algum vulto

á coiza impugnada; mas não estamos no caso em que o desprezo tambem he resposta; o povo julga que o silencio he huma derrota, e leva-se das razões que não vê victoriosamente combatidas.

Não se lhe dê, Senhor Redactor, de lhe lançarem em rosto, que v. m. he hum pobre Clerigo, nascido para huma Sacristia, e que lhe está melhor na mão o sceptro de cana de hum apagador, que huma penna politica, que a sua herança he hum Breviario, e não o *Contracto Social*, que aspire á miseria de huma véla de enterro, e não á cadeira de Publicista. V. m. por baixo de hum desfeito temporal de vilipendios, tem conservado com inalteravel igualdade o character de hum verdadeiro Portuguez; não desista: e para quando guarda a artilheria grossa? V. m. por certo não tem medo desses esfomiados escritores, que tem o condão de Midas; este convertia em oiro quanto tocava com as mãos; os esfomiados escritores, em daqui se vendo fora, tudo quanto tocão com as mãos se converte em Jornaes. Escreva, porque v. m. não quer outra paga mais do que a approvação dos homens de bem.

Critica. A Geografia.

Desde que ha Letras e Sciencias no Mundo, ainda se não deixou de declamar contra as Letras, e contra as Sciencias do Mundo. Que os Litteratos são os mais infelizes, miseraveis, e apoquentados de todos os homens, isso foi já demonstrado por Lilio Gregorio Giraldi, e por Pierio Valeriano na Itália, e na França por João Jacques, que pouco lhe faltou para dizer que era melhor ir guardar cabras que fazer-se Doutor, ainda que haja paizes em que esté sobrescrito vale tudo, e serve para

tudo. Que nas Sciencias haja trabalho e incerteza, he coiza demonstrada por si mesmo. A esta incerteza forão condemnados os homens pelo mesmo Deos, huma vez que se dessem ao presumpçoso conhecimento ou atrevida indagação das suas obras; e se o mesmo Deos quiz entregar o Mundo ás disputas dos homens, não o quiz entregar ao seu conhecimento, por mais que os homens se affadiguem desde o berço até á sepultura. Assim succede; porque tudo o que se chama Filosofia não he mais do que as encontradas, confusas, e discordantes opiniões dos homens. Não he preciso entrar no paiz tenebroso da Metafysica, onde se não palpão mais do que trévas, como as que, como praga, cobrirão o Egypto, que se palpavão com as mãos; basta o paiz da Fysica, que he coiza que se vê com os olhos; neste paiz largo e espaçoso não ha mais do que hypotheses, e com evidencia se não pode assignar huma verdadeira causa de hum fenómeno visivel. Eu ajuizei sempre da inutilidade das Sciencias pela sua incerteza; porque he inutil o trabalho que se toma na indagação de huma coiza que se não pode conhecer. A escuridão desperta a curiosidade, mas esta curiosidade pode estar bem desenganada que não dá hum passo avante com certeza. Pois isto que se chama Astronomia! E ha ainda quem perca hum bocado de noite, e tome o relento para olhar para os Astros com oculos assestados como os dos curiosos da platéa para os brilhantes camarotes! Com que enfase, com que impostura se nos falla, e se nos escreve do verdadeiro systema do Mundo! E que incerteza, que duvidas não tem este tal systema do Mundo! O Mundo he a coiza menos intelligivel que ha. O que se tem imaginado, o que se tem dito sobre a mobilidade ou immobildade do

Sol! A gente bem vê, que não he cêga, que o Sol que nasce vai subindo, e depois vai descendo até que se esconde e sóme de todo. — Aqui d'El-Rei, que nós he que andamos (e muitos com a cabeça á roda,) e que o Sol desde que foi feito até agora está parado no mesmo lugar em que o pozerão. Muita mentira se tem dito a respeito do Sol, da Lua, e das Estrellas! Porém ao ouvirmos a certeza e tom definitivo com que os Astronomos fallão como Frades Definidores em Capitulo atrapalhado, ao escutarmos a certeza com que se nos diz que o Sol dista aqui da nossa casa até á cadeira em que está sentado trinta e tres milhões de leguas de dezoito ao gráo, como quem mede as que vão de Lisboa até Santarem; quem não se sentirá tentado de dizer ao Astronomo calculador aquillo mesmo que disse Diogenes a hum Astronomo, que fallava com a mesma segurança e certeza no Bosque de Académo? *V. m. veio ha pouco tempo do Ceo?* Isto perguntára eu tambem aos Lalandes e aos LaPlaces, e aos que nos vem com hum Cometa novo no rabo do Touro, e na cauda do Escorpião, sem ser o de certo Jornal, reptil peçonhento! Não me admiro de nada disto, porque em fim tudo isto está mui distante não só da vista, mas do conhecimento dos homens. O que me faz impacientar, e desesperar contra as Sciencias he o que se mente em Geografia..... Em Geografia?..... Sim, Senhor, em Geografia. — Pois não he esta a Sciencia da moda, e da evidencia? Não sabiamos nós com os nossos conhecimentos Geograficos onde era o theatro da Guerra com toda a certeza? Não pegava eu mesmo no *Conciso*, no *Veridico*, nel *Ciudadano por la Constitucion*, e não sabia onde era *Despenhaperras*, *Piedra-hita*? Onde manobrava Chaleco, onde ladeava Caracol,

onde subia Palaréa, onde descia Villacampa? A Geografia! Pois não he esta a Sciencia que se ensina aos rapazes, e se promete ensinar nessas Universidades em miniatura, chamadas Collegios de educação de meninos internos, e meninos externos? A Geografia, que deo lugar a tantos Mappas aqui publicados, que parecem Chitas do Paquete pela multiplicidade das cores, ficando para sempre, para sempre, sabendo o Mundo que a Saxonia he o theatro da guerra, porque quando lá estava a guerra pespegarão em todos os Mappas huma chapada vermelha no lugar da Saxonia, com huma letra que dizia = Theatro da Guerra =? Aqui está o Corpo de Caffarelli, alli está o Corpo de Davoust, por aqui vem Buonaparte, por alli vai fugindo Buonaparte.... A Geografia, que faz Atlas para as crianças, e mais Atlas para as mulheres! A Geografia de que ha até huma alluvião de Dictionarios! — Sim, Senhores, a Geografia he a coiza mais mentirosa que ha, e he a Sciencia que mais desafia o meu riso, e o meu odio.

Quando eu mesmo me condemnei, na aurora da minha existencia, ás Galés das Sciencias por toda a vida, não tendo ainda outra culpa mais que haver nascido, me senti possuido do Demonio da Geografia, e dispuz desde então constituir nos seculos vindouros o meu nome a par do nome de Ptolomeo, Estrabão, Pomponio Mella, (Geografos que são Mestres do Gigante Adamastor, como diz o Divino Camões,) de Carax, de Sanson, de Danville, de Walcnaer, de Pinkerton, e de todos os outros Escritores que se derão ao trabalho de descrever o nosso pequenino Globo. Era fora do commum a minha paixão Geografica, tinha-se-me metido em cabeça não deixar na terra hum só oiteiro cuja altura eu não medisse, hum rio cuja

fonte eu não inquirisse, huma aldêa só, cuja população eu não soubesse ao certo. Se eu não tivesse nascido em hum canto melancolico do Alemtejo, imaginar-me-hia vindo ao Mundo nas regiões mais scientificas da douta Alemanha. Em fim eu me julgava collocado no mais alto degráo da escada das Sciencias, e se continuasse os meus estudos de Geografia, estava persuadido que poderia ainda algum dia substituir Malte-Brun, e Mentelle, ou Mente-elle. Assim fui continuando inchado e empolado como hum Pirú nos meus estudos Geograficos, admirado de que huma Sciencia de tanto pezo e momento só pendesse de huma pouca de leitura, e de huma pouca de memoria; porque não era precisa nenhuma contensão de entendimento, nenhuma secura de calculos, nenhuma analyse cujo resultado fosse *zéro*, como costumão ser muitas Analyses, e erão as de certo Professor quando clamava: "Analyses, e mais Analyses!" — Mas que assombro foi o do meu espancador Orbilio quando hum dia, mais bravo e mais raivoso que huma abelha, me vio atirar com impaciencia ao meio do chão todos os meus queridos Livros de Geografia! Pareceo-lhe isto huma grande parvoíce, ou huma rematada loucura; porque com effeito os livros custavão muito dinheiro, e alguns erão enriquecidos com Cartas e Mappas muito ricos, e muito illuminados de vivas, e variadas côres. Pasmava o homem de me vêr rasgar em pedaços estes Livros, tão estimados e tão gabados nas Escolas e nos Jornaes, como guias e conductores mais seguros, e os mais illustrados que se podem pôr nas mãos da mocidade applicada. O homem Orbilio estava tão fora de si com a pasmaceira que lhe causavão aquelles estragos, (porque eu parecia hum verdadeiro e novo Wandallo, ou Godo muti-

lador de Geografos, ou hum guerreiro intrepido da Divisão de Drouet contra os Frades e contra as paredes do Convento de Alcobaça), que o vi em geito de deitar a mão á palmatoria; poz-lhe o demão a mão por baixo, porque se vem com a palmatoria fazia-lhe o mesmo que tinha feito aos Geografo, ou que fazia Magrisso a hum Poeta quando o traduzia; matava-o; e ganharia eu na Posteridade a Coroa mural por ter matado hum Mestre de meninos, já que os mais delles tanta gente matão com ignorancia, pedantismo, impertinencias, e parvoice. Com tudo hum Mestre de meninos he respeitavel, muito principalmente quando he velho, e sobre tudo se com tanto trabalho, como he ensinar a mocidade, não ganha meios de subsistencia; porque a cara de fome, a cazaca com mais pontos que a partitura da Missa grande de Cimarosa, os calções com mais remendos do que chapas tem huma caldeira velha, o pescoço mais comprido que a espera n'huma antecamara, constituem huma coiza de quem disse hum Poeta Filosofo: *Res est sacra miser*; Hum pobre miseravel he hum objecto sagrado.

Hum dia pois que contemplei o homem menos colerico pelo estrago que eu tinha feito nos Livros, que erão meus, e que elle chorava como proprios, lhe arenguei desta maneira, ou ainda he fama que assim fallara.

Senhor Mestre, eu não desejo augmentar as magoas da sua condição; porque ao afflicto não se deve accrescentar a afflicção; basta-lhe a sua fome, a sua ignorancia, pois ha ainda Supinos e Gerundios que V. m. não conhece, e Verbos que V. m. não sabe como fazem no preterito. He verdade que eu fiz em frangalhos os Geografos, e os Mappas, e que me deixei para sempre de Geogra-

fia; mas todos estes Livros são máos, não ha hum só que viva concorde com os outros, e todos são huns solennes mentirosos: quanto mais os medito, os estudo, os comparo entre si; quanto mais me procuro instruir pela sua leitura, mais confuso me acho, e mais se obscurecem e embrulhão as minhas idéas. Não descubro mais que contradições manifestas naquelles mesmos que V. m. mais me tem inculcado, e pelos quaes os cardadores livreiros nos tem cardado tanto dinheiro, pois nada ha tão caro como as malditas Floras que trazem hervas pintadas, e os Geografos que trazem Mappas illuminados; mais barato fica hum Camões de luxo. Mentiras, Senhor *Professor*, nem de graça as devemos querer; e he toleravel hum Sabio, hum Litterato quando se engana ou mente naquillo que com effeito não está muito ao alcance do entendimento humano. Minta hum *Metafysico*, minta hum *Astronomo*, minta hum *Fysico*, minta, se V. m. quizer mentir, e minta quanto quizer sobre a vogal antes de muta e liquida, porque nem se sabe que Diabo isto he, nem os *Despauterios*, os *Miuevas-Sanches*, os *Alves*, os *Amaros de Roboredo*, os *Chorros* ainda o expozerão com clareza! Que mysterio! A indole e recondita essencia de huma vogal antes de *muta e liquida*, quem as poderá penetrar! Minta-se pois quanto se quizer mentir sobre este objecto, tão escondido como as fontes do Nilo, ou dinheiro em mão de Frade. Mas sobre objectos *Geograficos*! Pois ha coiza mais patente do que a Terra? Pois a Terra não he a habitação e a casa do homem, e o homem ou não ha de saber, ou ha de mentir sobre o que tem em sua mesma casa? Aqui estão, aqui estão estes *Demonios* (se ainda V. m. poder ajuntar estes pedaços), consulte o seu *Vosgien*, o seu *Boiste*, o

seu Malte-Brun com que V. m. me quebra a cabeça. Se quer saber alguma coiza, ficará sabendo coiza nenhuma. Ora aqui tem V. m. ainda hum bocado de hum Diccionario Geografico, ainda aqui se lê alguma coiza, ainda aqui está o artigo *Smyrna*. A população de Smyrna, diz Vosgien, consiste em 21:000 Gregos, 5:000 Armenios, duzentos Francos, mil Judeos, e sessenta e cinco mil Turcos; total: noventa e dois mil e duzentos. — Veja-se agora o que diz Malte-Brun, que he agora hum dos Redactores do Jornal dos Debates: "Esta Cidade conta cento e vinte mil habitantes." — Então quem mente, quem falla verdade, a quem devo dar credito? Vosgien começa por annunciar que "Smyrna he huma das mais bellas, maiores, mais ricas, mais florecentes, e mercantis cidades do Levante" (onde nos mandão negociar huns que no Jornal bicharoco nos descobrirão novas escalas para o *estagnado* Commercio). "Mas que coiza he huma bella, grande, opulenta, magnifica Cidade que não tem com effeito mais que 27 mil habitantes, decimados, mondados, maquiados, e cerceados todos os dias pela peste?"

Venha cá, venha cá, não fuja, que ainda que os fiz em pedaços, não atirei com elles ao Curral, como fez o Cura aos Livros de D. Quixote; ainda aqui está hum retalho da segunda edição da Geografia de Mr. Hassenfratz; podemos comparallo com as Geografias mais communs, ellas aqui; e dê V. m. comigo hum breve passeio até á China, ou eu dou com V. m. no meio de Pekim, como esteve Fernão Mendes Pinto, o *menos* mentiroso que vio o Mundo entre os viajantes, e mais verdadeiro que todos os Geografos. Aqui tem V. m. huma Cidade no meio da qual formigão tres milhões de homens, segundo diz este Hassen-

fratz; dois milhões segundo diz Boiste; trezentos mil homens segundo diz Vosgien; seiscentos ou setecentos mil segundo diz Malte-Brun. V. m. bem sabe que fallando-lhe neste Malte-Brun, lhe fallo no resumo de Geografia que elle publicou; e se acha o mesmo resultado que consultando o tomo 12 da Geografia Mathematica, Fysica, Politica, etc., compilada pelo mesmo Malte-Brun; porque elle sem cerimonia se serve dos mesmos materiaes para compôr diversas obras.

Não são menos discordes os mentirosos Geografos fallando das Cidades da Europa, do que são fallando das Cidades da Asia. Ora quer V. m. ver a razão com que eu no nariz ou ventas da sua mesma cara espatifei todas as Geografias, e todos os Mappas, onde he impossivel descobrir huma terra na sua mesma posição, porque a terra está aqui, e o nome da terra está escrito ou gravado dalli dez leguas e mais? Ora pois veja V. m. primeiro aqui nesta folha de Diccionario Geografico esfarrapado o artigo *Londres*, e sua população comparada:

Hassenfratz	700	§000	almas.
Malte-Brun	715	§002	
Boiste	805	§000	
Guthrie	1:400	§000	
Pinkerton	860	§000	
Robert	1:200	§000	

Então que me diz, Senhor *Professor*, que me diz V. m. aos Geografos sobre hum objecto tão conhecido como Londres, e por homens que talvez lá estivessem, e lá bebessem muita cerveja, e, se o podessem pilhar, vinho do Porto. E que me dirá V. m. ao que elles dizem de Lisboa. Aqui he mais conhecido o merito dos Geografos, porque são coizas que nós estamos vendo com os nossos olhos.

LISBOA.

Hassenfratz	100	000	almas.
Malt-Brun, que o trasladou	100	000	
Boiste	360	000	
Guthrie	180	000	
Itinerario de Portugal . . .	200	000	
Link, na Viagem a Portugal	300	000	
Pinkerton	240	000	
Robert	220	000	

Vamos a ponto mais pequeno, e mais comprehensivel, e sobre o qual, por amor do vinho, estes bebados devião ter mais rigorosos e exactos conhecimentos.

O PORTO.

Boiste	70	000	almas.
Malte-Brun	40	000	
Itinerario de Portugal . . .	80	000	
Hassenfratz	4	000	!!!
Pinkerton	30	000	
Robert	60	000	

Qual delles mente? Mentem todos, porque não ha homens mais mentirosos, nem os mesmos Caçadores de Perdizes, que os Geografos. Que devemos, Senhor *Professor*, ajuizar de tão enormes differenças, se ellas se achão em todos os Livros elementares de Geografia, sendo notavel a enfiada de mentiras de Guthrie a respeito das nossas possessões da Asia, principalmente no artigo *Goa*?

Ainda não está aqui tudo. Eu lhe mostro coiza que o ha de pasmar, e fazer detestar como

eu taes mentirosos; como se Lisboa fosse mais desconhecida no Mundo que o Japão, ou as Terras Austraes, como se nunca aqui viesse hum unico Franchinote; como se não enxotassemos a páo tantos milhares dos que bebem as aguas do Sena e do Garona; apparece, e note bem que em 1818, hum novo Diccionario Geografico por Mr. *Robert* (o mesmo, creio eu, que composera o de Geografia Moderna da Encyclopedia), e diz no artigo Lisboa, além de outras solemnes mentiras, o seguinte. "As senhoras Portuguezas, concentradas no interior das suas casas, raras vezes apparecem em publico." (He certo! ha coiza mais rara que ver huma senhora Portugueza em publico?) "Nunca apparecem nos passeios. Se acaso alli se vêem algumas mulheres, são estrangeiras." (E o que vão de estrangeiras por esse Passeio publico, por esse Rocio, por toda essa Cidade!!) "Os theatros são pouco attractivos; chegam a ser fastidiosos." (Ve-jamos agora a principal razão que elle dá disto, em 1818.) "Como *nunca representão no theatro mulhe-res*, os papeis que ellas devião representar são desempenhados por homens, cuja voz grossa, barba negra, pernas musculosas contrastão com as personagens de Princezas, ou Pastoras." — Que me diz a isto, Senhor Professor? Escrever isto em 1818, quando na mesma París se achava a celebre Catalani, que todo o Mundo sabe representou huns poucos de annos em Lisboa; e quando em París existem tantos Francezes que estiverão em Lisboa, e virão os nossos theatros já servidos por actrizes femeas em lugar das actrizes machas, que em outro tempo nos enjoavão tanto como as femeas agora!!! Oh! veja o fim do artigo, e aprenda e saiba que Lisboa he "*patria de Bartolozzi*, gravador da primeira ordem." — E que me diz

tambem a esta patranha: ” O Palacio Real está á borda do Téjo: he acompanhado de hum grande praça , *onde se fazem os cambates de touros?* ” Oh vontade de mentir!!!

Veja V. m. que grandes conhecimentos adquiriremos aprendendo Geografia! Não se passa hum anno em França em que não appareçam tres ou quatro diversos Dictionarios Geograficos. Quando vejo as secantissimas Listas de Livros que sahem daquella officina da frivolidade Franceza, vejo que o numero dos Tratados de Geografia excede a bem dizer o numero das Novellas novas publicadas aquelle anno. Lembra-me muito bem ter lido em hum Geografia de Sanson, que os habitantes da Cidade de Sens seguem e abração a Religião Reformada por Calvino. Ora esta Cidade dista vinte cinco leguas de París, e não tem em si ha mais de 150 annos hum só Reformado, ou Calvinista; e se hum Francez está e se mostra tão pouco instruido do que se passa a 25 leguas de París, que confiança, Senhor *Professor*, se ha de fazer, ou que credito se ha de dar ao que elle nos diz de Astracan, ou de Pekin? Menos indignação me causa a leitura das Viagens a Portugal, por tantos Franchinotes, que ou aqui vem a fazer Arfe-loa, ou mostrar Bichos, compaginar gêssos, e armar Fantasmagorias, do que a leitura dos Geografos.

Eis-aqui os estudos Geograficos (geralmente fallando) e eis-aqui os Geografos com que se aturde a Mocidade, com que nos alimpão o dinheiro; e para que? Para sabermos, ou para não sabermos, onde fica Alhos-Vedros; e Sarilhos? Quando lá chegarmos, lá os veremos. Dirigir-se por hum Mappa em hum Itinerario, ainda que seja como o de Antonio Tenreiro, he o mesmo que dar com

os bigodes na arêa, e entre os Estudos insipidos pela sua incerteza e contrariedade, he a Geografia, tal qual ella existe, o principal. Não ha Mappa, por lidado e trabalhado que seja, que não erre na posição, ou ao menos a quem não falte algum nome de terra notavel, e muitas vezes a buscamos áquem de hum rio onde com effeito está e deve estar, e a vamos encontrar vinte e mais leguas além do rio.

O' impostura, ó impostura! Quem te deterrára do Mundo, e muito principalmente da Republica das Letras! Mas sem impostura quem daria de jantar a tantos Vadios que se intitulão Literatos! A Geografia em geral deve apenas ser hum accessorio no estudo da Historia antiga, e moderna, se acaso houvesse hum homem capaz de ser hum verdadeiro Professor de Historia moderna, e de Historia antiga. Este se serviria por huma regra de approximação, pouco mais ou menos, da Sciencia Geografica, mas não para exercitar vãmente a memoria dos discipulos, onde devião ficar mais pegados os factos para instrucção dos costumes, que os lugares para inutil ostentação da memoria; pois eu creio que de nenhum estudo se tira, se pode tirar, ou se deve tirar tanta utilidade como do estudo da Historia, quando este he dirigido por hum homem de juizo, e que viva bem persuadido que o verdadeiro Sabio he aquelle unicamente que pode ser util, e que com affinco procura ser util á sua patria, e aos seus concidadãos. Geografia, Mineralogia, Botanica... são coizas muito boas... E os Costumes?..

Fim do N.º VIII.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

L I S B O A.

N.º IX. SETEMBRO DE 1820.

SCIENCIAS.

Relatorio de Mr. Cuvier, em que analysa os trabalhos da Academia Real das Sciencias de França no ramo scientifico no anno de 1819. (E que servem de complemento á Revista analytica dos dois precedentes Numeros do nosso Jornal.)

QUIMICA.

A RESIDENCIA que Mr. Berzelius, sabio Químico Sueco, Correspondente da nossa Academia, e ultimamente nomeado Secretario Perpetuo da de Stockolmo, fez em París durante huma parte deste anno, produzio-nos huma traducção Franceza da sua interessante Obra *sobre a Theoria das proporções quimicas, e sobre a influencia quimica da electricidade*, Obra em que elle procura fixar as idéas

Tom. II.

T

sobre os dois pontos fundamentaes da doutrina quimica, a saber: a disposição relativa das particulas elementares dos corpos, quando tem chegado a huma combinação fixa, e a força impulsiva que as conduz a este estado, ou que as constrange a mudarem delle, e a reunirem-se em novas combinações, quer entre si, quer com particulas de outras especies.

O author parte das leis recentemente reconhecidas pelos Quimicos sobre as proporções, segundo as quaes se fazem as diversas combinações das mesmas substancias.

Era tão natural crer que a identidade nas qualidades quimicas de cada substancia composta, depende da identidade da especie e da proporção dos elementos que a compõem, que esta opinião tinha sido adoptada muito primeiro que se podessem dar provas rigorosas della. Até se passou muito tempo sem procurar essas provas, porque cada hum se contentava com esta idéa vaga e geral.

Entre tanto as experiencias de Bergman sobre a precipitação dos metaes huns por meio dos outros, as de Wenzel, e sobre tudo as de Richter sobre a decomposição mutua de differentes saes por dobrada afinidade, principiárão a dar exactidão a este modo de conceber a composição dos corpos; ellas provarão que certos oxidos, que certos saes neutros não chegam a hum estado fixo e caracterisado, senão por proporções fixas de suas partes constituintes; mas hum pouco mais tarde, os mais dos Quimicos, exclusivamente occupados nas discussões que a nova theoria da combustão occasionára, desprezárão este genero de investigações.

Mr. *Berthollet* foi o primeiro entre nós que tratou dellas seriamente na sua celebre Obra da

Estática Química. Reconheceo bem o principio que resultava das experiencias de Wenzel e de Richter, de que os ácidos e as bases salificaveis possuem, cada hum na sua especie, constantes capacidades de saturação, e que se huma base (por exemplo) satura duas porções mais de hum ácido do que outra base, também ha de saturar duas vezes mais de qualquer outro ácido, e reciprocamente. Mr. Berthollet não presumio que duas substancias se deverião sempre unir segundo proporções fixas. Se estas proporções são fixas em certos casos, dizia elle, he porque sobrevem circumstancias que interrompem a acção quimica, taes como a tendencia a solidar-se, ou a tomar a forma gazosa; fora disso, esta acção continúa a combinar os corpos, e nada obsta que ella não as tenha unidas em todas as proporções imaginaveis.

Levantou-se a este respeito huma discussão animada entre este sábio Químico, e outro dos nossos consocios, M. Proust. Sustentou este ultimo que isto só he assim pelo que toca ás soluções simples, taes como as de hum sal neutro na agua, mas que as verdadeiras combinações entre duas substancias identicas só tem lugar em proporções fixas; que se ás vezes parece resultar o contrario das analyses, a illusão nasce de huma mistura que se faz do excesso de hum dos elementos com a massa verdadeiramente combinada; mistura mui differente de huma combinação propriamente dita, e que della se deixa facilmente distinguir. Chegou mesmo a sustentar que cada metal se não podia combinar senão em duas proporções com o oxigenio; proposição demasiado exclusiva, e que foi combattida, ao mesmo tempo que a de Mr. Berthollet, por Mr. Thénard.

Tendo as idéas de Mr. Dalton sobre o modo

como se podem combinar as moléculas dado estímulo em Inglaterra a investigações ainda mais exactas, estabelecêrão as bellas experiencias de Mr. Wollaston em certo modo, de huma maneira definitiva, não só que as diversas combinações caracterisadas entre substancias dadas tem lugar em proporções fixas, mas que as quantidades de huma, que podem successivamente unir-se á outra para formarem estas combinações, se deixão exprimir por numeros inteiros, e por numeros mui pequenos.

Pouco tempo depois provou Mr. Gay-Lussac que todos os gazes se combinão em volume em relações simples, e de tal modo, que a sua contracção apparente está tambem em relação simples com o seu volume primitivo. Se os volumes são em relações simples, he o mesmo tocante aos pesos. Por outra parte, como se podem gazificar varios liquidos e varios solidos, e como todos serião gazificados expondo-os a hum calor assaz forte, he mui natural pensar que as leis de composição se applicão tambem a estas qualidades de corpos. Assim do descobrimento de Mr. Gay-Lussac se poderia concluir toda esta doutrina das proporções multiplas.

Mr. Berzelius, que tem contribuido muito por suas proprias experiencias, para augmentar o numero dos factos sobre que presentemente repousa esta doutrina, procurou na Obra de que damos conta, concluir della huma theoria, ou, o que vem a ser o mesmo, representallas por huma theoria: por quanto, nestas materias, as theorias não podem ser mais que a representação dos factos recolhidos.

Adoptando para este effeito a linguagem da Filosofia corpuscular, elle suppõe as substancias

homogeneas formadas de átomos ou de particulas de materias, não, sem duvida, absoluta ou metafysicamente indivisiveis, mas sobre as quaes nenhuma força mecanica poderia produzir divisão ulterior.

Quando as forças quimicas são igualmente impotentes, o átomo he o que Mr. Berzelius chama *simples*; o que quer dizer, que he não só huma particula da materia indivisivel, intrituravel, mas tambem indecomponivel para nós em toda a extensão da palavra. Átomos quimicamente simples, mas de especies diversas, combinando-se juntamente, formão átomos compostos.

No reino inorganico, a primeira ordem de composição resulta só da composição de átomos de duas especies; no reino organico, pelo contrario, ha sempre tres pelo menos. Os átomos compostos da primeira ordem unem-se, por seu turno, em átomos compostos da segunda, e estes em átomos da terceira, e mesmo da quarta: mas a tendencia dos átomos a unirem-se diminue á medida que augmenta a sua composição. São-lhes mesmo necessarias, para continuarem a obrar passado certo gráo de composição, circunstancias de que o homem não he senhor; e ainda que a natureza formasse em outro tempo, e forme talvez ainda nas entranhas do globo mineraes de huma composição summamente complicada, e entretanto quimicamente homogeneos, não estamos em estado de produzir coiza alguma semelhante nas rapidas operações dos nossos laboratorios.

Todos comprehendem que este modo de representar os elementos dos corpos, estes átomos diversos, aliás suppostos, cada hum em sua especie, de figuras e grandezas parecidas, amontoando-se a dois e dois, a tres e tres, formando em

huma palavra reuniões nas quaes entrão em numeros determinados pelo espaço que podem occupar segundo sua figura, se conforma muito bem com a regra das proporções multiplas, e dá della mesmo huma especie de explicação geral; mas tambem se conhece que a propria regra das proporções multiplas, e por conseguinte a theoria que a ella se refere, depende da determinação do atomo simples, a qual não pode ter lugar sem alguma mistura de hypothese. Com effeito, toma-se por base desta determinação a de todas as combinações conhecidas em que o elemento cujo atomo simples se quer determinar existe na menor qualidade relativa; e acha-se geralmente então que as quantidades addicionaes desta substancia, que produzem compostos fixos, tem lugar conforme a regra dos numeros por multiplos inteiros. Em alguns casos raros, em que se encontrão numeros fraccionarios, he precizo, para não fazer excepção á regra, admitir que existem combinações desconhecidas, onde a substancia fraccionaria se acha em quantidade ainda mais pequena que em nenhuma das que se conhecem. Estabelece-se deste modo hum átomo hypothetico cujas diversas combinações fixas entrão com effeito então nos multiplos por numeros inteiros. Entre as combinações que o gaz azote forma com o oxigenio, por exemplo, ha taes, como o acido nitroso e o acido nitrico, onde elle entra na quantidade de *hum e meio e dois e meio*; porém se o azote fosse hum corpo composto, que contivesse já metade do seu volume de oxygenio, estes numeros fraccionarios se mudarião nos numeros inteiros 4 e 6. Ora, quanto a este caso particular, está-se bem authorizado, a muitos respeito, a admittir esta composição: porque varias outras experiencias, e especificamente aquellas pelas

quaes se decompõe a ammoniaco por meio da pila galvanica, mostram annunciare que o azote he, como os alcalis fixos, hum oxido metalico.

Logo que se conveio na combinaçao em que se deve achar o átomo simples de cada substancia, e admittindo que são todos do mesmo volume, he facil determinar o pezo relativo dos átomos de cada especie, e mesmo a dos átomos compostos.

Disto formou Mr. Berzelius huma taboa, onde toma por unidade o átomo do oxygenio, e em cuja linguagem lhe não he difficil traduzir todas as analyses conhecidas. Em quasi tudo acha então confirmações da regra das proporções multiplas.

No resto do seu livro procura Mr. Berzelius dar-se conta das causas que aproximão ou separão os atomos, isto he, tenta remontar até o principio da accao quimica.

Não ha hoje quem ignore que todo a Quimica se deixa reconduzir ás affinidades, a mais poderosa, a mais importante das quaes, he a que produz a combustao. Todos igualmente sabem que a theoria de Lavoisier, que domina ha trinta annos, attribue toda a combustao a huma combinaçao de oxygenio com os corpos; e o calor que nisso se produz, á soltura do calorico latente que conservava esse oxygenio em estado de gaz antes da sua combinaçao: explicação que, para ser perfeitamente exacta, exigiria que o producto da combinaçao perdesse precisamente tanto calorico latente quanto deste se manifestasse em forma livre. Ora, está bem longe que a experiencia se conforme a este calculo.

Em varias combustões, o calor que se manifesta, e o que fica latente no producto da combustao, formão juntos huma quantidade mui superior á que continhão tanto o oxygenio como o cor-

po queimado. Acontece mesmo ás vezes, como na combustão do gaz hydrogenio, que o producto da combustão (isto he a agua) contém em si só quasi o dobro do calorico latente que possuem juntos os dois gazes cuja união a compõe. Esta combustão, segundo a explicação recebida, deveria por tanto produzir frio; e entretanto bem se sabe que desenvolve immensa quantidade de calor.

Aproxima Mr. Berzelius estes fenomenos de huma multidão de outros nos quaes huma combinação quimica qualquer que seja prodnz hum calor consideravel, sem que haja fixação de gaz, nem mudança alguma d'estado, ou alguma outra das causas que hoje se conhecem como proprias para pôr em liberdade algumas partes do calorico latente. A magnesia, por exemplo, unindo-se ao ácido sulfurico concentrado, aquece muitas vezes em braza; a união do enxofre com os metaes produz fogo, assim como a dos metaes e a do proprio enxofre com o oxygenio.

A theoria de Lavoisier admittia tambem a oxygenação como causa geral da producção dos acidos; e a este respeito lembra Mr. Berzelius o que muitas experiencias agora provão, que a oxygenação não só não he necessaria para produzir ácidos, mas que com grande numero de corpos ella dá, em lugar de ácidos, bases salificaveis; que com hum mesmo corpo unico ella pode dar, quer hum ácido, quer huma base, segundo a quantidade d'oxygenio que se fixa.

Não se pode pois dispensar, segundo a sua opinião, o investigar, quer pela producção do calor, quer pela acidez, causas mais geraes e de ordem mais elevada que as que só dependessem da fixação do oxygenio; causas em cuja dependencia as proprias combustões e acidificações pelo oxygenio re-cahirião como casos particulares.

Pelo descobrimento da acção quimica da electricidade, descobrimento em que o mesmo Mr. Berzelius teve tanta parte, he que elle julga ter sido levado a reconhecer estas causas. A pilha galvanica resolve, como se sabe, toda e qualquer combinação quimica em seus elementos, repellindo hum delles para o pólo positivo, e o outro para o pólo opposto. O oxygenio, os ácidos, os corpos que obrão como elles, vão-se soltar para o pólo positivo; o pólo negativo he o que repelle: elles se comportão por tanto, no momento em que se desprendem, como se estivessem electrizados negativamente. Mr. Berzelius chama estas substancias *electro-negativas*. He o inverso pelo que toca aos alcalis, e ás bases salificaveis, que Mr. Berzelius chama *electro-positivas*. Estes effeitos, muí geralmente, se marcão tanto melhor em cada substancia, quanto suas affinidades são mais energicas no sentido da classe a que ella pertence; e como hum mesmo óxido pôde alternativamente representar de ácido ou de alcali, conforme os corpos a cuja acção o expõem, do mesmo modo hum substancia pode ser electro-positiva relativamente a outra; e electro-negativa relativamente a terceira. O oxygenio, cujas affinidades são tão geraes e tão fortes, he tambem o corpo cuja qualidade electro-quimica he mais distincta; e mostra-se electro-negativo relativamente a todos os outros corpos.

Para explicar esta disposição constante de tomar hum character electrico determinado, recorre Mr. Berzelius a hum phenomeno observado ha algum tempo por Mr. Erman, e que se pode chamar hum parcialidade electrica. Acontece ás vezes que a polarisação da electricidade se faz de hum modo desigual, e hum dos polos vence o outro.

Desta superioridade de hum polo sobre o outro nas moleculas, desta unipolaridade, como lhe chama Mr. Berzelius, he que dependeria, tanto o seu modo de se conduzirem relativamente á pilha, como a sua tendencia a unirem-se entre si, isto he, a sua acção quimica.

Assim a combinação, ou por outros termos a neutralisação mutua dos agentes quimicos, não seria sómente analogo, parecida á das duas electricidades: segundo Mr. Berzelius, seria hum directo effeito dellas; o calor, a ignição que a combinação produz, serão da mesma natureza que as que produzem o relampago, ou a commoção electrica, e o que se chama affinidade quimica mais forte não seria mais que huma intensidade maior de polarisação.

Nos corpos oxigenados, o character electro-quimico depende d'ordinario do radical, e não do oxygenio; e eis-ahi porque a oxygenação não produz necessariamente ácidos; eis-ahi porque mesmo com certos radicaes, taes como os da potassa e da soda, o mais alto gráo de oxygenação não chegaria ao ponto de acidez. Eis-ahi finalmente porque existem combinações mui intimas de substancias que reciprocamente se sustentão, como farião ácidos e bases, bem que nem huma nem outra mostre separadamente as qualidades ordinarias de hum ácido.

Ha nesta maneira de ver alguma similhança com as idéas que o fallecido Winterl, Quimico Hungaro, tinha avançado no principio deste seculo nas suas *Prolusiones Chemiæ seculi XIX*; porém Winterl só se estribava em experiencias falsas, ou em especulações metafysicas vagas, e que não erão de natureza de lhe conciliar os votos dos homens acostumados a huma marcha rigosa nas Sciencias.

Mr. Berzelius estabeleceo, nos principios que acabamos de expôr, huma classificação dos Corpos Quimicos, a que adaptou ao mesmo tempo huma nomenclatura aperfeiçoada. Este trabalho, assaz facil quanto aos corpos simples, não o era tanto relativamente aos compostos.

Todos sabem que a nomenclatura quimica Franceza, tornada hoje quasi universal, representava a composição dos corpos tal como a suppunhamos na época em que se creárão as suas denominações. De então para cá tem os descobrimentos quimicos trazido grandes mudanças ás idéas recebidas. Varios corpos que se julgavão simples achárão-se compostos; outros, em que não se distinguia entre os elementos mais que huma ou duas variações de proporções, que se designavão pela determinação, tem offerecido numerosas proporções, todas mui caracterisadas, mui fixas, dignas de terem nomes particulares: assim os substantivos e as terminações adjectivas devião multiplicar-se. Foi preciso achar para os saes denominações que indicassem não só a especie da sua base, o gráo de oxygenação de hum e da outra, mas tambem a sua proporção mutua. Devião imaginar-se meios semelhantes para as combinações dos corpos combustiveis

Mr. Thomson já tinha apprehendido hum trabalho semelhante; Mr. Berzelius apresenta hum novo ensaio, que lhe parece mais methodico: faz entretanto se observe que quando o numero respectivo dos átomos de cada elemento for conhecido, nisso se achará para os compostos hum principio de nomenclatura ainda mais simples e mais rigoroso.

Fez Mr. Berzelius huma applicação ainda mais importante dos seus principios á classificação dos mineraes.

Huma vez considerados como tendo parte na acção dos ácidos a silicia e diferentes oxidos, todas as combinações terreas vem como por si mesmas metter-se na classe dos saes; e por outra parte as leis das proporções multiplas vem dar huma especie de regulador e de pedra de toque ás analyses mineralogicas, ajudando a distinguir as partes essenciaes de hum mineral, das misturas accidentaes que perturbão sua pureza.

Mr. Berzelius divide as substancias que compõem a massa do globo, nas que são formadas, segundo a lei da natureza inorganica, da união de varios compostos binarios, e nas que se formão de compostos ternarios, segundo a lei da natureza organica. Todas as circunstancias accessorias parece com effeito provarem que as substancias desta ultima classe devem a sua origem á vida.

A lista das substancias quimicamente simples comprehende tres ordens: o oxygenio, os corpos combustiveis ou metalicos, em numero de oito; e os metaes actualmente em numero de quarenta e dois, entrando os dos alcalis e os das terras.

Mr. Berzelius arranja todas estas substancias segundo o seu gráo de intensidade electro-negativa, de sorte que cada huma dellas he electro-negativa em relação ás que ficão em baixo, e electro-positiva em relação ás que ficão em cima na lista: vindo a ser ellas os chefes de outras tantas familias mineralogicas, que se podem formar, quer tomando todas as combinações nas quaes a que se faz chefe de familia figura de base, isto he, onde ella he electro-positiva, quer aquellas em que figura de ácido, ou electro-negativa.

O author fez conhecer o seu methodo em segunda obra, que igualmente mandou traduzir

em Francez durante a sua residencia em París, com o titulo de *Novo Systema de Mineralogia*; e nella dá, além das suas vistas geraes e do seu quadro methodico, algumas amostras da maneira de que se propõe tratar cada huma das suas familias.

Similhantes escritos, por pouco extensos que sejam, tomão grande importancia quando abrem huma carreira tão nova, e que pode vir a ser tão fecunda. Esta he a razão porque julgamos do nosso dever dar delles a analyse com alguma individualação.

Mrs. Gay-Lussac e Welther acabão de acrescentar á lista destas substancias devidas ás diversas combinações que os elementos podem produzir, seguindo as regras das proporções multiplas.

Descobrirão elles hum ácido formado pela união do enxofre e oxygenio, e entretanto differente do ácido sulfurico e do ácido sulfuroso, entre os quaes he intermédio. Assim estes Quimicos o denominão ácido *hypo-sulfurico*, e os seus saes *hypo-sulfatos*. Elle se forma quando se faz passar gaz ácido sulfuroso em agua que conserva em suspensão peroxido de manganés. Obtem-se assim sulfato e hypo-sulfato de manganés; decompõem-se estes saes pela baryta, e tem-se hypo-sulfato de baryta, que he hum sal soluvel; faz-se finalmente passar na solução ácido carbonico, que se une á baryta e se precipita com ella.

Este ácido he inodoro, ou sem cheiro; o vacuo, o calor, decompõem-no em ácido sulfuroso e em sulfurico; os seus saes, com a baryta, a cal, etc., são soluveis. O calor solta delles ácido sulfuroso, e converte-os em sulfatos neutros. A sua analyse dá duas proporções de enxofre, cinco de oxygenio, e certa porção d'agua que parece essencial á sua existencia.

Assim o enxofre, com huma porção d'oxygenio, dá o ácido hypo-sulfuroso; com duas, o sulfuroso; com duas e meia, o hypo-sulfurico; com tres, o sulfurico.

Na nossa Analyse do anno precedente annunciámos os engenhosos processos pelos quaes Mr. Thénard chegou a augmentar consideravelmente a quantidade de oxygenio que os ácidos e a agua podem absorver. Os resultados deste habil Quimico são principalmente interessantes no que toca á oxygenação da agua. Multiplicando as precauções e as operações delicadas, fez absorver a este liquido seiscentas e dezeseis vezes o seu volume de gaz oxygenio, e assim o saturou inteiramente d'elle. A agua, neste estado, contém huma quantidade de oxygenio dobrada da que entra essencialmente em sua composição. He quasi metade mais densa que a agua commum; e quando nesta se deita alguma della, ainda que facilmente se dissolva, vê-se primeiro correr a travez como huma especie de xarope; ataca o epiderme, fallo branco, e causa humas picadinhas; faria mesmo mal á pelle se estivesse por muito tempo em contacto com ella: no paladar produz huma sensação que se avizinha da do emetico; cada gota lançada no oxido de prata seco, soffre huma violenta explosão, despedindo calor e luz; outros muitos oxidos, e diversos metaes, quando são mui divididos, produzem effeitos analogos: ha então sempre soltura do oxygenio ajuntado á água; e ás vezes parte deste oxygenio se combina com o metal, quando este he facil em se oxidar. Varias materias animaes, entre outras a fibrina e o parenchyma de algumas visceras, possuem, como os metaes nobres, a faculdade de desprender o oxygenio da agua sem experimentarem alteração, sobre tudo

quando a agua oxygenada está coberta de agua commum.

Esta ultima observação não pertence só á quimica ordinaria: he de grande importancia para a fysiologia, pois que nella vemos solidos, taes como existem muitos nos corpos animados, obra-rem sobre hum liquido pelo seu contacto e transformallo em productos novos, sem delles nada absorverem, sem nada lhe cederem, sem experimentarem, n'humas palavras, mudança alguma em sua propria natureza. Hum espirito exercitado logo percebe toda a analogia deste fenomeno com os das secreções, as quaes abração, a bem dizer, toda a economia vivente.

Fallámos na nossa analyse de 1817 da nova base salificavel ou alcalina descoberta no opio por Mr. Serburner, e a que este Quimico deo o nome de *Morfina*, porque por ella he que o opio exerce a sua virtude soporifica. Mr. Pelletier e Caventou, dois Quimicos moços que com zelo constante se dão ao cuidado de reconhecer aquelles dos principios immediatos das substancias farmaceuticas em que residem as suas propriedades medicas, descobrirão este anno outras duas materias do mesmo genero, e que devem igualmente ser collocadas na lista dos alcalis.

A primeira, que elles denominárão *strychnino*, foi achada primeiramente na fava de Santo Ignacio, fructo de huma especie do genero *strychnos*; e os nossos quimicos a acharão depois disso na noz vomica, que he huma especie deste genero, assim como no pao de huma terceira especie, chamada communmente *pao colubrinno*. Obtem-se tratando estas materias com alcohol fervendo, e precipitando pela potassa caustica, ou mesmo deixando esfriar o alcohol depois de o ter coberto

d'agua, e abandonando-o a si mesmo. Apresenta-se em forma de cristal, em escamasinhas: he quasi insolúvel na agua fria, e mui soluvel no alcohol; o seu sabor he de excessivo amargor; reconduz ao azul os sucos vegetaes avermelhados pelos ácidos, e goza de todas as propriedades geraes dos alcalis. A sua decomposição dá oxygenio, hydrogenio, e carbonio; não se lhe tem podido descobrir azote. Nos vegetaes de que fallamos ella se acha unida a hum ácido particular, como a morfina o está no opio.

Mr. Pelletier e Caventou descobrirão cuidadosamente os saes neutros que a strychnina forma com diversos ácidos; mas ligarão-se principalmente a observar a sua acção na economia animal. Esta acção he da mesma natureza que a da nós vómica, mas levada a espantosa intensidade: as mais pequenas porções, engolidas, ou introduzidas na pelle, matão em poucos minutos, com tétanos e convulsões. São effeitos iguaes ao do succo *doupas*, outro *strychnos*, celebre pelo uso que delle fazem os habitantes de Java para envenenar suas armas, e no qual Mrs. Leschenaud, Magendie, e Delille fizeram, em 1811, experiencias que então se publicarão.

A segunda destas substancias, de natureza alcalina, descoberta por Mrs. Pelletier e Caventou, extrae-se da angustura (*brucea antidysenterica*). Sendo a acção deste vegetal mui semelhante á da noz vomica procuravão nella a strychnina os nossos mencionados Quimicos; mas a substancia que obtiverão se achou hum pouco differente. Dissolve-se muito mais facilmente na agua; o seu sabor amargo he misturado de acrimonia, e a sua energia he menor. Os nossos Quimicos denominarão *brucina* este novo alcali; e as experiencias que fi-

zerão sobre os saes neutros em cuja composição elle entra, não são menos exactas nem menos notaveis que as que fizerão sobre as stricninas.

Sentimos não podermos apresentallas circumstanciadamente aos nossos leitores; mas ao menos faremos notar quanto este novo genero de alcalis produzidos pela vegetação, e compostos d'oxygenio, hydrogenio, e carbonio, he huma aquisição importante para a Quimica, ainda mesmo na relação da theoria geral. Por onde se vê que a natureza pode chegar a effeitos semelhantes pelos mais oppostos meios. A potassa, a soda, a baryta, e talvez todas as bases salificaveis mineraes, são oxidos metalicos; o ammoniaco he huma combinação d'hydrogenio e azote; e eis-aquí agora bases salificaveis em que não entra nem azote, nem metal, mas sómente hydrogenio, carbonio e oxygenio, os mesmos elementos que entrão, sem duvida em outras proporções, em vinte outros generos de principios vegetaes, que nenhuma parecença tem com os alcalis.

A's tres especies bem verificadas, morfina, strychnina, e brucina, se deverá juntar tambem o principio extrahido da coca do Levante por Mr. Boullai, e o que Mr. Vauquelin tinha devisado no trovisco (*Daphe mezereum*): porque cumpre aqui dizer que Mr. Vauquelin he o primeiro que teve alguma suspeita de huma substancia desta natureza; e que se insistisse alguma coiza mais no pensamento que então concebeo, seria tambem ao seu nome que se ligaria esta nova classe de compostos.

Mr. Chevreul continúa com inalteravel constancia suas longas investigações sobre os corpos graxos. Este anno examinou a manteiga de vacca. Conservando-a derretida em huma temperatura de

60 grãos, ainda se separão della porções analogas ao soro; a parte superior, que he de perfeita transparencia, he a verdadeira manteiga no estado de pureza; coalha-se em 32 grãos. O alcohol dissolve alguma pequena porção della, e então toma ás vezes hum character ácido. A saponificação o muda, como a gordura de porco, mas em proporções hum pouco differentes, em ácido margárico, em ácido olêico, e em principio doce. Este sabão tem de mais hum cheiro desagradavel e tenaz, que lhe he particular, e cujo principio se pode tirar por meio de lavagens. Mr. Chevreul reconheceo nelle dois ácidos especiaes.

Da numerosa serie d'experiencias que recolheo, já Mr. Chevreul chega a huma especie de classificação dos corpos graxos. Huns, como a *cholesterina*, não soffrem mudança pela acção dos alcalis; outros, como a *cetina*, só se acidificão em parte; outros, como a *stearina* e a *claina*, transformão-se em principio doce, em ácido margárico, e em ácido olêico. Alguns ha finalmente, como a manteiga, e o azeite de golfinho, que dão fora disso ácidos volateis.

Tem-se observado muitas vezes, nos Alpes, neve tinta de hum encarnado mais ou menos vivo, e tem-se variado muiso sobre as causas que lhe dão esta côr. Tendo-se este fenomeno produzido nas costas septentrionaes da Bahia de Baffin, visitada o anno passado pelos Inglezes, ás ordens do Capitão Ross, trouxe-se á Europa certa porção d'agua proveniente desta neve: era tinta de hum encarnado escuro; nella se vião com o microscopio pequeninos globos desta côr; e Mr. Decandolle, que apresentou hum frasco della á Academia, a submetteo a experiencias das quaes julga poder concluir que a sua côr he devida a huma materia animal.

(Concluir-se-ha.)

MISCELLANEA.

*Do Casamento, e do Celibato. Por *****

HUMA esposa com que o homem vive unido pelos laços do amor, e pela graça do Sacramento do Matrimonio, e alguns filhos, que desta santa união, formada por Deos no princio dos tempos, vem dar ao homem o mais solido gosto, qual he o de vêr-se reproduzido em novos seres, que pouco a pouco desenvolvem á sua vista as funcções a que o Eterno destinou o ente racional; he certamente tão apreciável coiza na mente de toda a pessoa que conserva seu coração intacto aos golpes dos dois detestaveis extremos, fanatismo e libertinagem, que não poderá ninguem com razão increpar-me se disser com *Bacon*, que a esposa e os filhos são outros tantos refens, que o homem põe nas mãos da fortuna, e que o constituem no estado de não poder impunemente ser máo. Aquelle que vive no celibato, (ou no estado de solteiro, que he o que significa esta palavra, e não virgindade como o vulgo ignorante interpreta), facilmente se faz *filosofo* e indifferente sobre o futuro que não deve, nem pode interessallo; porém hum pai, que na sua prole vê continuado o seu ser, está por eternos laços prezo a esse futuro. Não he isto dizer que entre os casados se não vêem muitos desses corações desligados, e a si sómente li-

mitados, desses animos insensíveis, que não fazem outro caso dos filhos e das esposas senão, quando muito, (e então ainda se julgão a si bons paes de familia) pelo que toca á satisfação das despesas de sua casa: destes espiritos se encontrão realmente muitos, sobre tudo entre os homens dados aos vicios do vinho, do jogo, e da avareza. Hum avarento julga-se muito mais rico não tendo familia; como se os filhos não fossem huma verdadeira riqueza do hum pai!

O grande attractivo do celibato (excepto nas pessoas que por santa vocação se dedicão ao estado ecclesiastico) he a liberdade. Ha espiritos tão amantes da independencia, que o menor freio se lhe antolha hum triplicado escudo que lhes veda a posse de huma vida socegada. Estes são capazes de ser bons amigos, excellentes amos, cortezãos affeiçoados; mas raras vezes se mostrão bons e fieis vassallos; porque podem levar comsigo para outros paizes suas riquezas, sua sciencia, sua industria, todas as vezes que o menor desgosto, causado pelos seus concidadãos, a minima injustiça, verdadeira ou supposta, feita ao seu merito, o espirito de vingança que os fez commetter algum grave crime, cuja punição merecem e temem; finalmente assim que se persuadem terão fora de sua patria mais fortuna, logo a deixão para no paiz estrangeiro buscarem huma muitas vezes melhor, mas frequentemente peor sorte: quasi todos os desertores dos exercitos são celibatarios.

Se o celibato convem aos Ecclesiasticos, (e por isso foi determinado nos fins do quarto seculo pelo Papa S. Siriaco, pois desde o tempo dos Apostolos até então forão casados os Sacerdotes), he porque se considerou acertadamente que em breve se esgotarião as fontes da Igreja, se cada hum de

seus ministros tivesse a preencher funcções que o distrahissem das que lhe impunha o estado de ministro da Religião: e tendo o andar dos tempos envolvido o grande numero dos Ecclesiasticos, que já no quarto seculo havia, em interesses mundanos, achou a Igreja que era indispensavel determinar o viverem os Clerigos no celibato e continencia para se poder preencher o voto e desejo da mesma Santa Igreja, expressados por S. Paulo na sua Epistola 1.^a aos Corinthios, onde diz, no cap. 7. §. 32 e 33: *Volo autem vos sine sollicitudine esse. Qui sine uxore est, sollicitus est quæ Domini sunt, quomodo placeat Deo. Qui autem cum uxore est, sollicitus est quæ sunt mundi, quomodo placeat uxori, et divisus est.* — *Desejo pois que vivaes livres de cuidados. O que não he casado (falla dos ministros da Igreja de Corintho a quem escreve) desvella-se no serviço do Senhor, vendo como lhe ha de agradar. Mas o casado cuida tambem nas coizas do mundo, em comprazer com a mulher, e assim anda repar-tido.*

O casamento quanto aos magistrados he coisa quasi indifferente; pois se hum Juiz tiver corrompido o coração não lhe faltaráõ em casa pessoas que vender possão ás partes seu acolhimento e favor; hum sollicitador domestico he hum concussionario peor que a mais perdularia esposa: mil vezes acontece perder o credito publico de rectidão hum magistrado que a si ligou hum desses trampolineiros astutos e açodados que em tudo se ingerem, e de tudo fallão com palanfrorios de aturdir. Se o Ministro he perspicaz, amante da justiça e de seu bom nome, e conhece o mundo, logo de si affasta aquellas sevandijas; mas se he incauto, se não se lhe dá do que diz a gente da terra, sobre que deve fazer as vezes do Soberano, se pre-

fere o interesse a tudo, ei-lo illudido, e muitas vezes se commettem coizas em seu nome, que elle ignora, e que lhe vem a attrahir a publica execração.

Quanto aos militares, o casamento os faz ás vezes mais effeminados, sobre tudo nos Estados despoticos, onde a escravidão nenhuma perspectiva mostra ao soldado de subir a elevados postos, e só por tanto lhe faz inclinar todo o seu espirito á satisfação dos prazeres. Com tudo, isto tem suas excepções, e não ha duvida que se tem visto algumas vezes os militares casados serem mais animosos e mais enfurecidos na acção do combate: os Generaes Romanos mais de huma vez accendêrão o valor dos soldados, misturando ao nome da patria, a lembrança de suas mulheres e de seus filhos. Estes ternos penhores são realmente huma escola de humanidade; nota-se pelo contrario que os solteiros, tendo nesse estado mais meios de fazer bem, são de ordinario menos dotados da sensibilidade de coração, que nos incita a sermos bemfeitores.

Os homens de hum caracter vulgar, que se deixão guiar do exemplo, são communmente bons maridos. A castidade conjugal inspira ás mulheres huma especie de altivez, que passa a orgulho se sua belleza he tal, que causa algum ciume. As mulheres dominão-nos na mocidade, são nossas companheiras na idade madura, e na velhice são nossas enfermeiras; fallo das que tem as boas qualidades que dellas exige o estado do matrimonio: por conseguinte em todas as idades tem o homem razão de casar, com tanto porém que faça acertada escolha, que o amor, ou a amizade, e não o interesse, o conduza a esse fim; e que na differença grande das idades não vão os contrahentes

buscar maiores motivos de desgosto e desordem do que de mutuo socorro e consolação.

Os inconvenientes do celibato, ou estado de solteiro nos seculares são conhecidos; e todos os povos olhárão este estado como prejudicial todas as vezes que tinha alguma demasiada extensão. Os Romanos não recebiam juramento, e não admittião a testemunhas senão as pessoas casadas. Os antigos tinham em grande desprezo os Athletas, os Gladiadores, os Musicos, os Dançarinos, os tintureiros, e outros, porque, (segundo suas occupações exigião por antigo costume, e muitas por necessidade), se conservavão solteiros. A Censura restabeleceo-se em Roma depois das guerras civis sómente a fim de remediar o damno que alli causára hum celibato extenso. Lycurgo mandou que os celibatarios fossem expostos em Sparta a diversas humiliações, sobre tudo os velhos que erão solteiros. Entre os Judeos era desprezado o celibato. Cesar encheo de beneficios os pais de familia; e Augusto ainda fez mais, impoz castigos aos que se não casavão: etc.

O estado de casado tem muitas vantagens. 1.^a He de Direito Natural. 2.^a O Matrimonio foi instituido por Deos: 3.^a he hum Sacramento, confere graça. S. Paulo diz na sua Epistola aos Efesios, c. 5. v. 22. *Sacramentum hoc magnum est, este Sacramento he grande coiza*; e na dos Hebreos, c. 13. v. 4. *Honorabile connubium in omnibus, o casamento he honroso em todos*. 4.^a O mesmo Christo he Esposo mystico da sua Igreja, etc. Estas razões só bastarião a fazello sempre digno de ser santamente procurado, e preferido.

*Parte dada pelo Padre Tejo a Neptuno Imperador
dos Mares, sobre a Função de 2 de Dezembro
de 1811. Por*****

N. B. Esta Carta foi a unica que se licenciou, e se permittio imprimir-se no tempo do caso; e o Author por condescendencia com o parecer de hum amigo suspendeo a sua impressão; mas já ha muito que não existem os motivos da sua voluntaria supressão no peculio do A.

Senhor. Ponho na maritima Imperial Presença de V. Potentissima Magestade a relação do caso mais extraordinario que jámais se vio nos deliciosos climas que V. Magestade incumbio ao meu disvello desde o principio dos seculos: caso, a cujo final complemento teria o vastissimo Imperio de V. Magestade ficado escravo dos atrevidos mortaes, quanto o maior numero destes, que povoão a Europa, o he do tacanho Napoleão, a quem consagro hum odio eterno. Desculpe-me benignamente Vossa Imperial Magestade se vir que na minha relação falto alguma vez áquella dignidade com que sempre lhe deve fallar o meu respeitoso acatamento, pois que a alegria do triumpho, que me causa o mallogro da empreza insultuosa com que me vi ameaçado, talvez me excitará frequentemente a sahir dos limites da gravidade.

Hia chegando a seu termo o invernoso mez de Novembro com huma serie de dias tão formosos como poucos annos tem acontecido naquelle mez: muito se admiravão disto os habitantes do meu paiz, e eu mesmo me assombrava da tardan-

ça das tempestades, que por este tempo costumão vir revolver as minhas aguas para limpar o lixo das praias de Ulysséa, e lavar, e enxaguar as mais profundas grutas das minhas margens, e mesmo do meu alveo. Eis que ao encher hum dia a maré trouxe a ressaca de huma onda á minha presença hum papel impresso em Lisboa, na linguagem dos seus habitadores estrangeirados, que dizia: = *Noticia = Hum Official do Exercito B.* (aqui estavam as letras rotas, talvez por alguma pedrinha do çapato de algum dos mariolas da praia, de modo que não pude bem perceber o nome que só adivinhado podia ser, e eu nunca me quiz pôr a adivinhar) *tem apostado quinhentas libras esterlinas, que ha de passear á travessa do Rio Téjo na segunda feira que vem, á huma hora ou depois do meio dia em hum par de botas de cortiça* (neste ponto comecei a encher-me de indignação, parei hum pouco, soceguei, e continuei a ler) *e principia o seu passeio á Torre de Belem, e ha de chegar á Torre velha. Estas botas são de huma construcção admiravel e curiosa; forão inventadas pelo mesmo Official que faz este passeio = Na Officina de.....* (não se podia ver mais, por se ter rasgado o resto do papel apenas a onda lhe bateu em cima para o segurar.)

Considere V. Imperial Magestade o assombro que me causaria a leitura de similhante annuncio; ver o atrevido pé de hum mortal affoitar-se a calcar-me temerariamente o costado, que apenas, por lei suprema do Fado, submetto aos cavados lenhos, que em seu bojo, para utilidade dos Portuguezes, trazem, ou levão coiza que faça pezo, sem sequer consentir por muito tempo direitas sobre os meus hombros embarcações que não tenham lastro! Perplexo por algum tempo re-

solvi-me a não fazer caso desta nova sandice dos mortaes; lembrado porém de que elles já tinham intentado e praticado a navegação dos ares, com eterno desdoiro e opprobrio de Eólo, que, como soberano dos ventos, bem podéra não soffrer hum tal arrojio, determinei se congregasse hum Conselho pleno, e mandei para esse fim correr com rapidez todos os rios, ribeiras, riachos, e regatos de quem recebo homenagem, ao sitio de Belem, para alli no mesmo lugar ameaçado deliberarmos o melhor meio de opposição a tão imminente perigo. Roguei tambem ao meu antigo, e leal amigo, o Grande Oceano, que quizesse, no momento em que costuma honrar-me com a sua visita, não faltar naquellas paragens para observar, e ponderar tudo o que se deliberasse em o Conselho sobre o objecto que eu lhe annunciava, e dar na materia o seu assizado parecer. Ninguem faltou; corrêrão todos ao ponto da reunião, e assim que o amigo Oceano entrou na salla, abrio-se a sessão com hum breve discurso em que eu expuz o caso, e apresentei o papelinho do annuncio, como para corpo de delicto. Exposto pois o negocio; rompêrão todos os vogaes n'hum tal tumulto, e vio-se na salla hum tal redemoinho, que foi necessario invidar o Padre Oceano todo o seu poder para serenar a tempestade que se hia levantando. Socegado o tumulto, entrárão os vogaes do Conselho a deliberar, e de cada hum delles fui recolhendo os votos, que lhes mandei escrevessem com tinta do nosso múrice, bem que os de alguns apenas merecião ser escriptos com tinta de chocos. Ponderados então todos os diferentes alvitres pelo meu poderoso amigo o velho Oceano, cuja experiencia nos negocios mais arduos he consummada, pelas immensas regiões que ha tantos seculos devassa,

espreita, e açoita; levantou este a voz, e disse, lançando os olhos por todo o Congresso, que murmurava e sussurrava outra vez em grande reboição: " Alto sus! Grande dia se nos prepara, e grande triumpho para vós, amigo Tejo! Sabei que antes de partir para este Congresso consultei a Protheo sobre esta infanda promettida afronta. Vós todos scientes sois da sua estremada habilidade em sacar das mais reconditas entranhas do Fado os mysterios do futuro. Obrigado, como costuma ser preciso, pela minha pujante força, depois de muitos subterfugios declarou por fim com voz balbuciente a decisão do Fado pelas bem expressivas palavras = *opio... logração... corriolla...* = Eu mais não quiz ouvir, parti para este Congresso. Por tanto deponde o susto de serdes vadeados pelos mortaes a pé enxuto, pois em quanto vós tiverdes grandes cabedaes ninguem vos atravessará com atrevida planta, nem mesmo com agua pela barba, ainda que se inventem botas de cortiça dos celebres carvalhos de Dódona, ou dos infundaveis sobreiros de Creta. He por tanto a proxima Segunda feira hum dia de grande regozijo e folguedo para todos os habitantes destes ditos climas, e de alegria para vós, e muito particularmente para o meu caro amigo Tejo, que virei acompanhar com toda a minha comitiva das Nereidas e Tritões, para juntos vermos o grande espectaculo do illudido povo de Ulysséa, que nestes districtos se deve reunir para admirar a industria do homem das botas de cortiça. Eu serei com vosco, Padre Tejo. Adeos. "

Despedido o Congresso, foi cada hum de nós correndo placidamente seu curso até chegar a apetecida e para sempre memoravel segunda feira 2 de Dezembro, em que todos os Congregados nos

pozemos mui louções, vestidos de verde e prata, entre a annosa Torre de Belem, e a Torre velha, onde o homem promettera fazer a sua passagem.

Pelos regatos das caldeiradas da Cidade, que na proxima noite havião entrado no meu palacio tive ampla informação de que não havia sege ou capoeira, coche ou cadeirinha, traquitana ou caleça, berlinda ou andas, que não estivesse destinada a acarretar espectadores: mais burros não havia para alugar; e tantos apparecêrão no dia da função que facilmente se não achára hum tão avultado numero na antiga Arcadia.

Apenas raiou o dia, logo devisei por aquellos sitios mais gente do que era de costume; e não tardou que não visse amezendadas em varios lugares muitas mulheres, que, como em dia de padecente (apezar da sua tão gabada compaixão) tinham vindo escolher o pouzo mais idoneo para melhor se lôgrarem da *travessura* do homem das botas de cortiça. Seguio-se pouco a pouco grande affluencia de botes, catraios, lanchas, faluas, escaleres, e toda a casta de barcos que me costumão roçar o costado, todos atulhados de gente de todas as qualidades de ambos os inseparaveis sexos. Pelo meiodia já estavam juntos na paragem assignalada os meus subalternos sem que faltasse o minimo regato; e não tardou o meu potente amigo Oceano a entrar com toda a sua luzida comitiva pela barra dentro ufano, fazendo-nos ambos os devidos cumprimentos, entretanto que as minhas Tagides abraçavão e davão lugar conveniente aos aulicos do mesmo Padre Oceano: então nos assentamos ambos para gozarmos da grande perspectiva que em torno se apresentava.

Via-se em huma e outra das minhas margens desde os mais altos e empinados montes, oiteiros,

corucheos e telhados até ao mais baixo das praias, mesmo entrando já pelo meu lodoso terreno, huma immensidade de povo com olhos longos (e alguns com elles cégos,) espreitando o momento e lugar em que o *Botivago* Estrangeiro principiaria a executar a sua promessa. Cruzavão infinitas embarcações as aguas, e da immensidade de folgos vivos, que nellas e na terra estavam, ninguem havia, que, além da curiosidade, não fosse trazido alli por algum motivo de utilidade; o que eu não acreditára, se não ouvira as diferentes conversações que havia entre as diversissimas castas de gente que alli se ajuntarão, como vou a referir.

Appareceo alli o circumspecto Mathematico, "para ver, dizia, os progressos que entre os Estrangeiros tem feito as leis da *Hydraulica*, e da *Hydrostatica*, a fim de aperfeiçoar huma grande obra que trago entre mãos sobre os conhecimentos hydrograficos, ainda atrazadinhos no meu paiz." Entretanto foi-se entretendo com hum respeitavel Mestre Carpinteiro idiota, indagando deste as diferentes qualidades de cortiça que até alli tinha conhecido nas madeiras a que metteria o machado, para com esta prévia noção poder calcular com toda a exacção mathematica a possibilidade do pasmoso descubrimento; mas de nenhum modo pôde ser entendido pelo Mestre, porque se expressava com termos abstrusos, usando de *cortice* por cortiça, de alburno, e outros muitos que o homem nunca ouvira. Abrio então de outro lado hum grave investigador Medico-Botanico os cofres de sua eloquencia, e discorrendo desde o cedro até ao hyssopo por quantas qualidades de arvores e arbutos se vestem de casca, satisfez plenamente o venerando Mathematico na theoria das cortiças, e cortiços; e ambos de acordo com hum velho e

sujo Alquimista, que a boa sorte alli lhes deparou, e que havia vindo á função para ver se tambem della podia tirar oiro, concluirão, que em summa analyse o que o *Botivago* levava não podia ser cortiça simplesmente; ao que, impertigando-se todo, e upando as bochechas, com os olhos esperrichados, gritou hum habil Mineralogico: " Isto sem ajuda de azougue he impossivel; e que maior prova querem os Senhores de que deste se vale o Magico das Botas do que ver a immensidade de povo que azougado formiga por quantas praças, ruas, e encruzilhadas formão os sitios em que estamos d'aquem, e d'alem mar? Aqui o atalhou hum Professoração de Fysica e Mecanica, dizendo: " Que asneira, Senhor! Que prova cá o azougado do Povo ao nosso caso! " e continuou dissertando sobre a possibilidade da passagem sem ajuda de azougue, huma vez que o homem soubesse, (como era de suppor) com perfeição combinar as infalliveis leis do equilibrio dos solidos com as dos liquidos, e as dos corpos compostos com humas e outras, o que não era de maior admiração, dizia elle, attendido o auge a que hoje tem chegado a sciencia da Mecanica pelos incançaveis disvelos dos Filosophos modernos. Enfastiado com taes discursos, que sua ignorancia julgava impios, exclamou mui sentido hum gordo Theologo Larraquense: " Ah meu Deos! Eis-aqui porque o Ceo nos manda o flagello da guerra! Assim se vai o mundo submergindo nas trévas! " Soltárão os circumstantes grandes gargalhadas, enfiou o Padre Mestre, mordeo de raiva os beiços, e hia a desatar talvez tremendas ameaças, quando, tornado o geral sussurro do povo em algazarra, todos se lembrárão de que estava a tarde em meio, e o das Botas sem se deixar ver. Neste comenos sôa huma

voz = elle ahí vem! = Agora verião huma vistosa naumáquia em cima das minhas ondas; partem todas as embarcações remando voga arrancada, a qual mais depressa chegaria a bispar o encantado das botas. Na terra havia igual tumulto e borborinho; parecia que toda a Cidade queria vir tomar o remedio universal das minhas aguas. Não erão tantos os cardumes de peixes que á voz do grande Antonio de Lisboa deitárão a cabeça fora d'agua para o ouvirem, nem a praga dos mosquitos com que Moysés presenteou os cabeçudos Egyptcios, como as cabeças que nós então devisamos apinhadas á espreita do bom do homem: Não houve Sebastianista que alli não comparecesse para ver hum dos estupendos prodigios que, brevemente dirão, algum dos seus Profetas annunciára depois da aparição do estupendo Cometa que actualmente os embasbaca. Veio áquelle sitio o Musulmano (pois ha muitos na minha Lisboa) para ser espectador de huma das maravilhas, que o seu venerado Profeta Mafoma deixára vaticinadas, no capitulo cem mil duzentos e meio, deverem de acontecer nas vespas da sua volta a este mundo a vir libertar do cativoiro dellé os filhos de Ismael, os seus predilectos descendentes do bom pai dos crentes Abraham. Vião-se na terra, e no mar ao pé de nós, grande numero de mercadores da Lei cançada, e veneraveis Rabbins, Doutores professos e jubilados no Talmud, que querião presenciar hum dos fenomenos que Simão Mago, segundo sua antiga tradição, predissera havia de ser a mais infallivel prova da vinda do seu Messias. Não fallarão alli os innumeraveis individuos sujeitos ao cordão e á corrêa; ficarão vespas incompletas, parou o serviço divino, para todos virem em acto mais solemne admirar a omnipotente mão do Crea-

dor, que tão magnificamente, e sem a minima violencia fazia ajuntar as turbas de huma tão populosa Cidade em hum ponto tão estreito, para que todos, comparando-se entre si, nunca podessem dizer-se huns aos outros: *tu és mais tólo do que eu!* Eis-aqui como estes innumeraveis espectadores córavão cada hum por seus fingidos motivos particulares a curiosidade e cocegas que nelles excitára a noticia do prodigioso, e nunca visto invento das botas de cortiça immergulhaveis. Fôra neste meio tempo a minha antiga atalaia, a Torre de Belem, investida e tomada de assalto por hum pezo tão enorme de gente, que os alicerces lhe tremião, e ameaçavão ruina as ameias; temendo eu pois o imminente perigo, mandei corressem á Torre as minhas aguas, e a deixassem insulada a fim de cortarem o passo aos que ainda concorrião a reforçar a guarnição: muitos quizerão proseguir; mas não podendo ter-se contra a má recepção que lhes fazia a frialdade das minhas aguas, desistirão da empreza, consolando-se com a esperança de brevemente verem e aprenderem o segredo de andarem pelo seu pé mui lépidos por cima das ondas. A cada instante hia eu recebendo, pelas que das praias se retiravão, exactas informações de tudo quanto alli se passava. Ellas vinhão á porfia contar-me com muita especialidade as conversações e requebros dos amantes com suas amadas, que, sabe Deos com que custo, tinhão resolvido os pais, os amos, e os maridos a darem-lhes licença para gozarem do grande régabofê de virem, em honra e louvor do Homem das Botas, ter o gosto de beliscarem, apertarem a mão, abraçarem, e talvez reprehenderem os seus esperdiçados, os seus socegos, as suas doces prizões, etc. Entabolvão-se novas intrigas e galanteios, indicavão-se

habitações, aprazavão-se momentos áffortunados, transcrevião-se nomes, passavão-se prendas, dispunhão-se finalmente todas as medidas, já para entrar no Imperio de Venus, já no de Diana.

Havião tambem ficado todas as Officinas, tanto ou mais talvez do que no antecedente Domingo, despejadas de Officiaes, que como nuvens de estorninhos, calirão sobre as baiucas, tendas, botequins e tabernas daquelles contornos, e as deixarão limpas em poucos momentos, ao passo que a gente mais graúda e de gravata lavada punha no maior asseio as panellas, cassarollas, taxos, e caldeirões das casas de pasto; isto a pezar da prevenção que todos os donos destes diversos generos de tascas havião tido de se premunirem e abastecerem de toda a casta de munições de boca em grande quantidade, e acarretado quanto vinho poderão, o qual, ainda augmentado pela milagrosa agua que o multiplicou nas vazilhas, não pôde, nem os comestiveis, chegar á decima parte dos concurrentes. Tão grande foi a bicharia do povo que se ajuntou!

Referir todos os galantes discursos que sobre o Botengas se fazião seria coiza mui difficil, e prolixa. Temia o Sapateiro a nova invenção, por não saber em que esta pararia, sendo o mais certo passar a ser moda botas de cortiça, muito principalmente agora no tempo de inverno para atravessar as cheias, e enxurradas, sendo com effeito razoavel o temor desta pobre gente pela desenfreada avides com que os meus patricios lanção mão de quantas modas, quer uteis, quer ridiculas, aqui apparecem vindas de qualquer paiz estrangeiro; e no caso de pegar a tal modinha, como se havia de entender com cortiça quem só aprendèra a tratar com coiro e sóla? Lastimava-se o Carpinteiro de

machado, e o Calafate pelo receio de se verem pelo novo invento reduzidos a entulhar mais de mendigos as ruas da Capital. Os negociantes de rolhas estavam muito assustados pela carestia a que havia de chegar a cortiça, o que faria introduzir á força o uso das rolhas de papel, de que com effeito se vai já fazendo bastante uso, a titulo de economia. Tremia como varas verdes o assustadiço maricas (a quem não posso dar o nome de Portuguez), que se pintava na fantasia debilitada a corja dos Marenguiastas com o seu pitorro Corso á frente, sabido o segredo das botas fluctuantes, apparecerem alguma vez de madrugada na minha margem esquerda, e virem passeando muito bem enchutos por cima das minhas aguas até Lisboa sem mais cerimonia. Assim se queixavão immensos outros, e pedião no seu interior a Deos que mandasse o Botas pescar enguias, ou trutas bem no meio da minha madre. Mas que desesperação não era a dos terriveis, e desalmados catraieiros, falueiros e mais homens do mar, suppondo acabar-se a navegação em barcos por meio da nova descoberta do calçado de cortiça! Chovião as pragas, as chufas, as imprecações contra o misero Estrangeiro; já lhe começavão a assobiar ás botas, já aprontavão mil diversos meios de o fazerem estacar na viagem, ou de o metterem no fundo, se para tanto dêsse lugar a portentosa invenção das taes botinhas. Entre tanto o Melquetreffe, que, sêgundo creio, tinha bons espias que lhe annunciassem o que se passava, valendo-se neste conflicto de toda a sua prudencia e *pacatismo*, achou antes mais acertado deixar o povo em esperanças do que expôr-se ao tombo de hum dado commettendo a execução da promettida empreza; assim concordou com o seu amigo da aposta em que

esta se trocasse em hum bom jantar Inglez: ajuste que eu immediatamente soube por via da Ribeira d'Alcantara, que tendo em si recebido huma grossa enxurrada de ourina que o Homem das Botas com medo soltará quando vio as aguas envoltas, por ella fora avisada do novo ajuste dos meleantes.

Aproximava-se a noite, e o homem sem apparecer, nem sequer mandar as botas á mostra ao respeitavel publico; descortezia que ninguem lhe podia perdoar, porque o grande gosto e desejo de todos era ver as taes botações de cortiça, e não o Berlenguche. Foi-se entretanto o Sol enfiando de todo pelas costas occidentaes do velho globo; e cá nas minhas praias, e espaduas apinhado ainda todo o povo sem querer afastar-se daquellas paragens em quanto houvesse claridade para lombrigar o suspirado *Botívago*; ao menor rumor voltavão-se os olhos para o lado da Torre, assestavão-se oculos, cavalgavão-se cangalhas nos narizes, empunhavão-se lunetas, perguntavão os cegos aos moços = então vêes o homem? = batião os remos com mais ligeireza, remexião-se as segas, punhão-se os curtos dos nós nos bicos dos pés, davão-se e levavão-se pizadellas, picavão-se para a praia os cavallos, dos quaes houve que pregarão comsigo e com os que os montavão de molho nas minhas frescas aguas. Nada de apparecer o homem das botas cortiças. Bem havia elle de apparecer áquelle tempo, tendo já na pansa tal pezo de vinho bebido no jantarão, que nem quanta cortiça houvesse poderia suspendello de procurar o commum centro de gravidade! Até que por fim veio a noite, com grande magoa de todos, estender sobre elles o véo mais preto que achára na sua guardaroupa; e então he que a massa enorme que pejava a terra e mar daquelles districtos se resolveo a reco-

Iher-se a suas casas, exprimindo muitos o seu vivo desejo de que o homem desse outro dia de passatempo semelhante com a sua presença, e execução da sua promessa, que de certo esperão, por se não declarar no annuncio em que segunda feira elle devia cumprir a sua palavra honrada.

Levantou-se a feira por mar e por terra, e tudo abalou. Mas como poderei descrever a diversidade de discursos e sentimentos dos logrados espectadores? Darei a V. Magestade apenas huma pequena idéa dizendo; que a alegria dos catraieiros, larapiões, arrieiros, tasqueiros, amantes, e outros, que com a função tinham feito fortuna, era inexplicavel. Os catraieiros não cessavão de fazer algazarra com mil vivas á fallhada empreza, que tão bom dia, e tão bons vintens lhes metterá em casa; ficando o seu officio por ora livre do perigo da extincção, que o ameaçava. Os larapios, e ratoneiros, que havião sizado com todo o asseio, surripiado com toda a delicadeza, e que na verdade engrossarão a olho na empolgação dos rolojos, bolças, e outros biscates; saltavão de contentes; e fazião esta função a maior de quantas Lisboa atégora tem submettido ao arriscado exercicio da sua subtil arte. Os arrieiros, e tasqueiros lá tinham algum desprazerzinho misturado com a sua alegria; nascido de que?, da falta de vinho, que huns sentião por não o acharem para beber, outros por já o não terem para vender. Com tudo os amantes forão os mais regalados com esta grande função, que para elles se tornou tanto melhor pela falta do Botudo, visto prolongar-se assim o folguedo até noite fechada em que todos os gatos são pardos, ou antes negros.

Quanto não erão porém diversos os sentimentos de outros generos de pessoas! Que impre-

cações se não ouvião contra o *Boticortiço* da boca do enfezado avarento, que por dar hum dia de folga á sua tarasca tinha feito entrar o dia no chapeado cofre, d'onde com tremula mão tirára duas das suas sobre tudo amadas louras, fazendo a costumada genuflexão ás que deixava encerradas, com promessa solemne de não beber dalli por diante ao jantar o seu quartilho em quanto não passassem cento e vinte e oito dias; que tantos tostões precisava roubar ao alimento do corpo para poder restituir ao cofre as duas choradas pecinhas!! Gritava desesperado o eterno jogador, que o infame Logreiro devia de ser posto de pendura; porque tinha sido causa de elle ter perdido naquella manhã hum avultadissimo bollo, que, a pezar de os dados serem *firmes*, o seu parceiro codilhára, por elle estar cuidando no homem das botas. Hum velho Rabula Sebastianista, a quem as pulhas de alguns, que por tal o conhecião, tinhamo remexido a bilis, bufava de zangado, e rompeo nesta violenta apóstrofe ao Gigante Voraz: "O' tu, grande heroe dos papamoscas, que, sendo Voraz Gigante, soubeste ser homem de palavra, apparecendo, no dia que aprazaste, na praça do Salitre; onde estás, que não vens a Lisboa, ou me não mandas a mim, a mim mesmo, procuração bastante para citar este Impostor a vir comparecer na audiencia do Juizo Privativo dos Logrados?... " Nisto hum tremenda pizadella sobre hum callo o fez de repente esquecer do em que tinha cahido, e contra que vociferava. O tropel das seges, e das bestas de toda a casta, a confusão do Povo, os empurões, e entalações de proposito para varios fins, fazião mais incommoda a retirada na terra do que no mar; com tudo esta era mais perigosa. Aqui marrava huma fálua n'hum espia de Navio; além

se alcatruzava hum bote ao tocar n'hum amarra; alli se cruzavão os remos de hum escaler com os d'hum lancha; mais ao longe jogavão a pancada os catraieiros com os passageiros: alaridos de mulheres, guinchos de rapazes, descomposturas inauditas; em fim hum salsada tal, que, a não ter eu sempre mantido em sócego as minhas aguas, e os ventos soprado de mansinho, poderia muito bem haver hum similhaça da passagem dos Egypcios pelo mar vermelho.

Ora as innumeraveis alumnas da escola de Cythera que hoje por toda Lisboa tem muitissimos collegios, a que os meus coterraneos chamão alcouces, bordeis, prostibulos, e lupanares, tinhão todas corrido á pixincha da função, levadas daquelle espirito caritativo de que são dotadas para com a humanidade: sem lhes quererem ficar atrás na affabilidade, que no gesto mostravão para com todos, acudirão em chusma os peraltas de farda e de cazaca, já prestando-lhes com garbo o apoio do braço, já gabando-lhes o gosto do chale e do vestido; ora apanhando-lhes o leque arditosamente deixado cahir, ora soltando chistes e requiebro a que respondião com risinhos humas; outras com gargalhadas, segundo os ditinhos mais ou menos lhes titilavão no paladar. Os candieiros da Cidade que, a pezar de a Lua não apparecer já neste tempo senão das nove para as dez horas da noite; se não accendêrão, favorecião com a sua economia muito todos os mysterios. Chegárão a final todos a suas casas cançados e esfomeados, entregárão-se logo a engolir alguma coiza que podesse curar os effeitos da rafa que lhes causara a grande pirola que tinhão pregado na pá do bucho. Assim pois terminou esta grande corriolla de ir ver passar hum homem com botas de cortiça muito bem di-

reito pelo seu pé por cima das minhas aguas. Os ultimos que se retirárão forão os da Torre de Belem, que em castigo da sua affoiteza estiverão nella presos pelas minhas vagas, até que fiz retirar estas para elles ficarem em seco, e em liberdade.

Não devo omittir a V. Imperial Magestade a grande admiração que me causou entre os immensos espectadores ver tambem muitos Hespanhòes, Inglezes, e outros infinitos generos de nações, pela boa fé com que eu acreditava não serem os Estrangeiros tão logrativos como os meus sinceros Portuguezes, que porque mal não usão mal não cuidão: mas o Padre Oceano me tirou de duvidas neste ponto, e me contou rapidamente hum sem numero de anedotas que por via do Tamisa, do Sena, do Danubio, do Tibre, e de todos os mais rios que banhão as grandes, e pequenas Cidades de todo o Orbe, tinha sabido: e algumas coizas contou de muito mais evidente impossibilidade; affirmando-me que em toda a parte se engulião carapetões, e se comião aráras; e que o que de mim tinha sabido neste genero succedido em Lisboa não tinha comparação com os espectaculos, que desta natureza tem apresentado só Londres, ou París. ” Em Londres (disse elle) hum dia destes he hum dia grande: todos, passado o logro, se congratulão e alegrão sobremaneira por assim terem deitado huma cã fora. Isto faz gyrar muito bazaruco, e desterrar muitos cuidados e melancolias. Observai ámanhã os vossos bons Lusitanos, e vereis que os que verdadeiramente se considerão logrados são os que por sandice, molestia, ou qualquer outro impedimento não vierão ter o gosto de ver o mais brilhante espectaculo que ha muito se tem visto nestes climas, a que só faltou para ser completo o apparecer á noitinha o Homem das

Botas. " E com isto se despedio de mim, que logo passei a escrever-vos este officio; ao fechar do qual acabo de saber pela intervenção do cano da Cidade nova que vai passar pelo sitio do Passeio publico, onde se faz a costumada feira da ladra, que esta augmentára hoje muito de trastes, e de pesquisadores do perdido, ou bifado. Com o mais profundo acatamento beijo humilde o ferrão do conto do Imperial Tridente de Vossa Magestade, como quem he,

De V. Maritima Imperial Magestade

Vassallo obedientissimo,

Terça feira 3 de
Dezembro de 1811.

Tejo.

Correspondencia.

Senhor Redactor do J. E.

Estou lembrado, Senhor Redactor, que nos tempos dourados do seu Desapprovador, que morreo com menos hum dia de vida, nos declarava em hum dos numeros a sua opinião sobre os incommodos da sociedade humana, preferindo a esta os bens e vantagens da vida selvagem, invejando a ventura de hum Topinamba, de hum Gamella, ou de hum Botecudo, povos e nações felicissimas da America, e dos seus apraziveis, e amenos Bosques. Tenho meditado, e sériamente, sobre as razões que

v. m. allegava, vejo como isto por cá vai, e he preciso tomar huma resolução. Ora diga-me, quando partimos nós para Otaiti, para as Ilhas dos Ladrões, ou para as dos Amigos? Quando vamos para as margens deliciosas do Misissipi, ou para as pitorescas e romanticas bordas do Lago Ontario? Ha muito tempo que eu vivo como v. m. desgostoso com a vida deste mundo, e agora principalmente que tenho reflectido com madureza sobre a *barbaridade* da civilisação, e sobre a *inhumanidade* do commercio social. O que pode o habito!! V. m. me fez observar á roda de mim horrores para que eu não tinha reflectido, e delles não dava fé; v. g. *aquelles supplicios perpetuos a que toda a sociedade politica condemna a maioridade de seus filhos*; quando eu estava simplesmente persuadido que esta gente que trabalha, não o faz senão para ganhar dinheiro, e dinheiro que vão logo distribuir, e no mesmo instante em que o apanhão; os que recebem este dinheiro tambem trabalham para o receber; se o distribuem, tambem fazem trabalhar os outros. Agora, Senhor Redactor, já estou de outro acordo, e parece-me coiza horrorosa, como v. m. diz, que os homens tirem de fornalhas ardentes maças de vidro informe, e que se ponhão a assoprar garrafas, para que outros as enchão de vinho, com sua rolha, e seu bitume para se não evaporar, e outros, mais *desgraçados* ainda, com sacarrolhas de luxo, acompanhados de escovinha Ingleza, desenrolhem, e despejem, não no meio do chão, mas na barriga. Agora, agora he que eu vou pensando tão profundamente como v. m. sobre a *desgraça* desses homens que estendem a massa do vidro sobre mezas de polido bronze para fazer espelhos, ou se applicão a construir a delicada maquina de hum rolojo, e muito mais

a desgraça de certos homens que despejão alguns canos da Cidade, operação que nos livra de morreremos suffocados entre recedentes, e Arabicos perfumes. Ah! Senhor Redactor, isto na verdade não se pode aturar, he precizo que nos vamos embora, he precizo partir já. Depois de havermos escapado a similhantes espectaculos, seremos, como v. m. diz, muito venturosos em hirmos viver entre Antropófagos, que certamente não experimentão, e soffrem os males da sociedade; só tem o pequeno defeito de se comerem huns aos outros, que he hum appetite muito natural quando ha fome, e não ha outra coiza que comer. Hiremos, Senhor Redactor, viver com aquelles bons e honrados selvagens da Ilha de *Subo*, que matárão Fernando de Magalhães, e se lá não chegarmos viviremos com aquelles que matárão o impertinente Capitão Cook, e se presenteárão mutuamente com os seus ossos, e com algumas postas da sua carne; e se elles segundo os costumes do paiz, como nos conta *Lafitau*, começarem por nos comer a nós, para nos acostumar a esta moda, será isto feito com franqueza, como v. m. nos diz, que vem a ser sem mostarda e sem adubos, e estou persuadido que esta maneira de nos devorarem, como he simples e natural, sem os atavíos do luxo, lhe hade agradar por extremo. He este o methodo, ou a moda com que os Lobos até aqui tem devorado a gente, como bem se exprime na Fabula de Fedro = *O Lobo e o Cordeiro* =; depois das razões allegadas pelo Cordeiro, o Lobo sem mais forma de processo deo com elle no buxo: quer isto dizer, francamente, e sem cerimonia; donde se prova, que a felicidade na terra não se acha senão no systema de sociedade constituído entre os Lobos, e os Carneiros. Creio que v. m. não se esquecerá do Proverbio

— *Quem se faz Ovelha, o Lobo o come.* — Sem hirmos ao fundo dos Bosques buscar Antropófagos, acharemos Lobos com mui sincera amizade, que nos devoraráõ sem os rogarmos muito, e isto nos poupará as despezas da jornada.

Para hirmos para as solidões da Africa, ou para os sertões da America sempre seria preciso embarcar a bordo de algum Navio, que he hum dos mais monstruosos productos da civilisação. Lembre-se sómente da quantidade enorme de pré-gos que entrão na construcção de hum Navio; estes pré-gos são de ferro, e devião necessariamente ser forjados por Ferreiros, que v. m. representava hediondos, palidos, afumados, vivendo no meio das chammas para domar o ferro; sem nos lembrarmos, que para ter este ferro he preciso que outros homens cavem a terra até as entranhas, sustentando-se com pão negro, para satisfazerem nossos insaciaveis caprichos. Ora isto he abominavel, mas he preciso embarcarmos a bordo de hum Navio, onde por força ha de haver pré-gos. Não permitta o Ceo que nós animemos, e entretenhemos essas profissões a que v. m. chama lentos suicidios. Eu não posso passar sem me arripiar de horror pela porta da loja de hum cabeleireiro, e ver hum chinó á *Titus*, riçado com hum ferro quente, ou aparado á ponta da thesoura! Pois passar por defronte de huma das infinitas lojas de louça Inglesa! Posso eu contemplar huma só chicara, que me não lembre dos ardentes fornos; e não veja em cada hum delles ao menos meia duzia de mortes voluntarias? A' vista disto estou de todo decidido com v. m. á total renuncia destas coizas. Nunca mais diremos, o vinho está engarrafado, he preciso bebello; não havemos beber vinho, contentar-nos-hemos com a boa agua da fonte, e bem clara. Porém como ne-

nhum lucro se tira de dar hum exemplo a pessoas que delle não tem necessidade, não será preciso que nos vamos fazer selvagens aos Sertões do Canadá, que isto seria o mesmo que ir deitar agua no mar, façamo-nos selvagens no meio de Lisboa; não ha coiza mais facil, e até he coiza economica; não temos precisão de nos deitarmos em huma cama cujos lençoes hajão sido cozidos com agulhas de ferro, não temos necessidade de viver em casas cujos telhados tenham posto muitos homens a risco de quebrarem as pernas, vamos para o Campo grande, e edifiquemos alli, á maneira dos Hottentotes, Choupanas de adobe, e se não quizermos estar com este trabalho, durmamos ao relento, por que em fim dormir na rua não offende ninguem.

Para fazermos a coiza mais ao vivo, vamos para as charnecas do Alemtejo, sustentemo-nos de bollotas, porque hum jantar feito ao lume he coiza muito immoral. V. m. constitue, e com razão, na classe dos delictos da sociedade aquellas forjas em que muitos homens fundem, e derretem a vida juntamente com os metaes. Muito mais horroroso será fazer correr o sangue, e assar em espetos de ferro leitões, frangos, e coelhos. Nada de cozinha; com effeito, Senhor Redactor, este he o primeiro degráo da nossa depravação. Os mesmos Antropófagos tem lá sua cozinha; ajuntão-se quando tem prizioneiros bons para assar, alli se embebedão tambem com certos licores fortes, ou succos fermentados que elles já sabem fazer; e desta arte tem dado hum passo para a civilisação; e quem sabe onde os levará este primeiro passo?

Deixemo-nos pois de viagens para hirmos viver nos sertões com os Botecudos, e Topinambas, será melhor abrir os olhos ao nosso seculo sobre os incommodos da civilisação. Com effeito este estado

apuradissimo tem seus incommodos, e confesso com ingenuidade que ás vezes tambem tenho minhas tentações de me retirar para esses campos, e aldeas onde não haja tanta polidez. *Juvenal* era hum bom Filosofo, *Boileau* não era menos, e ambos elles, descrevendo hum as *zangas* de Roma, outro as de París, desejavão retirar-se, e viver longe de tão populosas, e civilizadas Cortes. E que diremos nós de Lisboa? O mesmo que elles dizião. Eu não me quero lembrar dos incommodos que nos causão tantas seges de luxo, e de não luxo, porque as de aluguel são igualmente incommodas para quem vai dentro dellas, e para quem não vai, porque com suas repetidas genuflexões tanto podem esmagar quem levão, como quem passa, esqueço-me tambem de carros, de cangalhas em ruas estreitas e enlameadas, de machos, e cavalloos novos ensinados por esse deserto do Rocio: não fallo dos confusos pregões, incessante inferneira de noite e de dia. Os homens, os homens, isto he ainda peor que os carros a chiar, e os pregões a retumbar; isto ainda he mais perigoso que bestas novas a escoicear. Os homens!! Estes, estes são os que muitas vezes me obrigão a desejar senão embarcar-me para ir viver com os Indios Tamoios, ao menos metter-me na Cartucha. Quem os pode aturar? Quem ha de soffrer a sociedade, ou civilisação, e derramamento de luzes a que ella chegou, vendo e ouvindo, v. g., hum Oleiro feito Politico, e Publicista opinando sobre os negocios mais arduos, e complicados do Conselho de Estado dos Reis, descrevendo de huma pennada só tudo o que ha de mais recondito nos Gabinetes, desde o Gabinete de Petersburgo até ao Gabinete de Tunes, e de Argel? Quem o ha de soffrer sentado e'hum cadeira velha (sentados em torno tambem

sobre cadeiras velhas senadores de igual capacidade) opinando sobre melhoramentos em commercio, agricultura, fabricas, e navegação? Quem o pode tolerar ouvindo-lhe reflexões sobre os systemas Financeiros de *Law*, e de *Necker*? Quem o pode ver correr pelas vastas Provincias da Litteratura, dando tão facil pennada na *Metaphysica* como na alta Poesia? Quem o poderá ouvir analysar com tanta facilidade a Historia Filosofica de Raynal, como ajustar hum *Bidet* n'hum assentozinho para maior commodidade? Não seria melhor que elle segurasse mais as azas de huma tigella da casa com que se evitarião tantos fracassos? ” Mestre Pedro, fazze cabelleiras, ” dizia *Voltaire* a hum tal Mestre Pedro que lhe lia Tragedias da sua lavra.

Se eu visse, Senhor Redactor, que cada hum se conservava na sua profissão, e no seu officio sem se entremeter naquelles para que não foi destinado, resultando disto huma confusão enorme, e multiplicando-se sem termo os empecilhos da sociedade, eu me accommodaria a viver com os homens. Ora considere v. m. o ramo — Poesia. — Que vê v. m., e que ouve? Ha por ventura ramo de peste amarella semelhante a este ramo? Se fossem ao menos versos que se entendessem! Tudo he Mouro, ou tudo he coxo, tudo aleijado, tudo corcunda! Havia tempos que este contagio tinha amainado mais alguma coiza, rebentou de novo, e para esta peste não ha cordão; suas invasões são irremediaveis, o recurso da paciencia heroica não basta, esta cança e converte-se em furor, e desesperação.

Eu podia allegar muitos, e mais poderosos motivos de me separar da sociedade humana, viver retirado e escondido sem ser preciso, como v. m. queria; e antes de v. m. queria Jean-Jacques

reduzir-nos ao estado selvagem ; porém muitas vezes a voz da verdade fica suffocada pelas circumstancias, e nunca ha menos liberdade que no tempo della. Dou-lhe hum conselho, Senhor Redactor, que se quer representar o character de homem de bem, permaneça fiel aos principios de razão, de ordem, de justiça huma vez adoptados: recomendo-lhe que olhe sempre para as coizas debaixo do verdadeiro aspecto, que se não illuda com as apparencias, que sem desprezar o presente considere sempre no futuro os ultimos resultados dos intentos, e dos projectos dos homens; que conheça que todos os males nascem da imprudencia, e da precipitação. O juizo conhece-se em procurar hum fim bom, porém com meios porporcionados; porque querer algum fim sem estes meios, he huma rematada loucura. Eis-aqui em que se deve occupar, e não em querer reduzir os homens ao estado selvagem. He verdade, Senhor Redactor, que o Mundo presentemente he similhante á Arca de Noé, onde havia poucos homens, e muitas bestas.

Sou seu Amigo, etc.

Reflexões de hum Francez anonymo sobre a

— Independencia. — *Extracto do*

Conservador — pag. 284.

Quando não ha cabedal proprio, o remedio que tem quem quer fazer as coizas he dar o seu braço a torcer, e valer-se de algum amigo, eis-aqui as minhas circumstancias, vendo-me repentinamente falto de idéas, e de conhecimentos, e esgotado o pequeno fundo que tinha, que era quasi nada.

Deitei-me aos livros, e papeis tambem emprestados, para suprir a minha miseria, e não esperada infecundidade; achei este artigo que he huma especie de Soliloquio de hum Francez inserido no Periodico acima mencionado a pag. 284; diz pois o homem: —

” Quero-me persuadir de boa vontade que a independencia he huma coiza muito boa, porque ha muitos annos que oiço fallar nella a cada instante; — Independencia, Independencia — se diz de todos os lados; mas eu tomára que me dessem huma definição mais clara desta palavra; será falta de comprehensão em mim, o certo he que eu não a entendo bem. Queria saber bem o que isto he antes de a abraçar; até agora tenho visto independentes taes que posso dizer com o Poeta:

” De modo filha minha que de geito ”

eu não lhe vejo geito. No principio da Revolução em 1789 appareceo a palavra *Independencia*, mas não era aquella de que falla Hobbes, Grocio, e Puffendorf, Publicistas muito meus conhecidos, e muito acreditados no conceito publico. Em 1793 encontrei hum amigo meu, furioso Enthusiasta desta Independencia, que elle assoalhava por todas as casas, e companhias do seu conhecimento, dizendo que trouxera estas idéas dos Estados Unidos da America, onde vivera muito tempo, e que tinha passado a moda nos Estados bem pouco unidos da Europa; este pobre homem pouco tempo depois (no tempo do Dictador Robespierre) foi pendurado a hum candieiro de huma rua de París. Esta definição não me pareceo muito clara, e fiquei sem comprehender ainda este termo *Independencia*. Depois de ter ouvido pelo espaço de vinte

cinco annos, e mais que nós faziamos e sustentavamos a guerra para conservar a independencia nacional, levantando-me hum dia de madrugada achei, com a porta arrombada, dentro da minha cozinha quatro Cossacos, dois Croatos, tres Valaquios, e alguns Panduros de botas tão grandes, e tão retorcidos bigodes, com tamanhos sabres, e tão compridas espingardas, que me meterão medo; e creio que todos me acharão razão, porque eu não queria o meu escudo *timbrado* com tanta cabeça de Mouro: comerão-me logo de hum assentada quanto eu tinha para o almoço, para o jantar, e para a cêa; de tal maneira me deixarão basculhada a dispensa, cuja porta dava para hum angulo da mesma cozinha, que os Ratos todos desertarão por não terem lá que fazer; e depois disto fizeram-me a honra de se servirem da minha casa, e dormirem nó meu leito dois mezes e meio. Passado hum anno, estando para cear com a minha familia, achei-me repentinamente com hospedes; era igual numero de Croatos, de Panduros, de Valaquios, e de Calmukos, e vinhão com o mesmo appetite, e igual familiaridade. Vinhão tambem alguns Hungaros com véstias ou jaquetas ás costas; e como esta nação ainda he mui apaixonada da lingua dos Romanos, fallei-lhes Latim, e, o que mais he, de Ciceró, que he de muito bom seculo, e entabolei hum conversação nesta lingua morta: — *De Libertate suis legibus vivendi, aut arbitrato suo*: — ” Da Liberdade de cada hum se governar por suas Leis, e conforme a sua vontade; ” não me responderão palavra, e forão comendo. A respeito de independencia ainda isto me não deo hum definição satisfatoria. Vi que eu manquejava muito na minha idéa de independencia, e muito mais depois que vi que com a honra que me fa-

zião os meus hospedes não fui mais senhor nem da minha capoeira, nem do meu celleiro. —

— Pag. 286. — ” Assisti muitas vezes em França ás Assembleas Eleitoraes. Debalde dei o meu voto a homens que eu julgava os mais proprios para segurarem nas duas Camaras a minha perfeita liberdade — *summa libertas*. — Nunca pude fazer triunfar a minha voz, e desde logo me vi na absoluta dependencia daquelles que tinham alcançado a maioridade de votos, e tudo isto punha em debandada a minha politica sobre a famosa palavra em questão, e não me sabia dar a conselho para comprehender cabalmente toda a força, e extensão do termo *Independencia*.

” Ouvia fallar muitas vezes, e a muitos Filozofos sobre a indepencia natural do homem; com tudo isto, via-me sujeito a quinhentas, ou seiscentas doenças, que me podem muito bem conservar na cama, ainda que me chame algum negocio, e eu tenha que fazer na rua. Os ladrões, se podem, põem a mão por cima aos meus bens moveis, e se não fora a Policia já não tinha huma camiza que vestir. A respeito dos bens de raiz, cahe-me de vez em quando huma camada de geada nas arvores de espinho e caroço que me queima tudo, e tudo me reduz a tabaco, vem hum pedraço, que me vai na verdade ao faval, fica-me acamada huma seára de trigo, que se enche de alforra, e não levanta mais cabeça, estou meio contente com o meloal na vargea, vem huma cheia e não me deixa huma cabaça. E tornar-me-hão a dizer estes Filozofos em boa consciencia que eu sou hum Ente independente por natureza?

” Vejo com effeito alguns mancebos, que se fazem independentes da autoridade paterna, que zombão de seu pai e sua mãe, que deixão crescer

os bigodes, e que cheios de idéas liberalmente romanescas sahem de França como Quichotes com o sabre na mão, e vão dar a independencia ao resto da Europa, e fazer a felicidade das nações; e quem poderá afirmar que estes Senhores abraçam hum bom genero de independencia? Ao menos não o cuidão assim seus pais e suas mãis; tambem eu o não cuido assim.

” Huma Senhora do meu conhecimento acaba de deixar seus pais, fugindo com hum amante: concedo que por hum semana ou duas seja com elle mais livre, e mais independente; mas parece-me que esta fuga he hum pouco destruidora da harmonia social, e que he independencia de mais. Madama tal não quiz depender mais de seu marido, abalou de casa ajudada por hum galante mancebo, o marido ficou alguma coiza admirado, assim como eu tambem, e não sabe o que ha de dizer da palavra *Independencia*, assim como de outras mais que se tem introduzido na lingua, e com que está prodigiosamente enriquecida, e até formosa; o significado tem mudado bastantemente, e a accepção não he a mesma que se lhes dava nos tempos góthicos de nossos Avós, pés de boi; mas esta propriedade — boi — não lhes passava dos pés, á cabeça raras, e rarissimas vezes subia. ”

— O Autor deste artigo extrahido do Conservador, e que o Redactor do Jornal Encyclopedico traduzio em Portuguez, para entrar no Artigo *Miscellanea* do N.º IX, he conhecido por hum dos Corifeos do Partido em França denominado Ultra-Realista: este Partido he faccionario: os que o seguem, e muito mais os que os sustentão, vão contra a Carta a qual he a Constituição daquelle Reino: as doutrinas pois destes facciosos não devem ap-

parecer trasladadas para a linguagem daquella Nação que, como a Portugueza, sómente anhela por obter huma Constituição que lhe segure o gozo da justa, e verdadeira liberdade, e a constitua independente internamente da arbitrariedade e machinações dos facciosos, e externamente dos que attentarem a esta independencia. As noções que este artigo offerece podem ser subversivas dessa desejada Constituição, que mantendo illesa a Religião, firmando no Throno Portuguez a Augusta Casa de Bragança, nos affiance pela liberdade a independencia. A Commissão da Censura permite a impressão das Reflexões unicamente no caso de com ellas se imprimir este despacho. Commissão da Censura em Lisboa 4 de Outubro de 1820.

Lucas Tavares. Pedro José de Figueiredo. José Portelli.

Variedades interessantes.

De tudo se fazem modas!! Não só a França he mãe de todas as Modistas que com bandeira horizontal e chapeirão de plumas pintado, (que, como o Tempo vê passar por baixo de seus pés os Imperios, assim elle, porque está pintado, vê passar por baixo de si os outros chapéos,) povoão todas as Captaes da Europa civilizada; mas a Inglaterra he mãe de modas que, se não são chapéos, ao menos são também armações de cabeça, porque não ha hum dia na Relação em que não appareça hum processo sobre causa de adulterio, não ha Camara pelos diversos Condados ou Provincias, em que se não faça huma vereação sobre este intrincado, e retorcido objecto. O que mais me admira, posto que eu não seja, nem queira

ser Publicista, he que na grande Carta, ou Constituição de Inglaterra, que vem a ser o constante equilibrio dos tres poderes, este delicto não seja objecto de huma acção crime, mas de huma acção puramente civil, ou huma reclamação de perdas e danos. Agora mesmo, quando se trata a grande, e Real causa sobre este objecto, apparece huma causa no Banco do Rei (Desembargo do Paço Inglez), que apresenta circumstancias bem dignas da attenção de hum Filosofo que nunca contrahio, nem póde contrahir Matrimonio, nem o contrahiria com viuva de noventa annos rica com bons fundos, e que quando fosse para a Igreja levasse já nas mimosas, mórbidas, e delicadas mãozinhas hum Testamento de mão commum, muito bem feito, e muito bem lacrado com seu competente codicillo com a plena doação da propriedade, e usufructo dos Prazos de livre nomeação pertencentes ao cabeça do casal, que era ella a rapariga acima mencionada. Ora para não cheirar isto a Instrumento de Tabellião de Notas, vamos ao caso. Eis-aqui o facto:

Arthur Carr Bloxam Esq., Alferes do 1.º Regimento das Guardas de Cavallo, onde tambem (diz o Processo a f. e f.) na falta de proprietario exercitava as funcções Viterinarias (Alveitar), intentou huma acção contra W.S. Goddard, simples soldado do mesmo Regimento, accusando-o de ter seduzido sua mulher moça, e de muito bons bigodes, e de ter entabolado, e proseguido com ella hum commercio terno e criminoso (aquella Nação he mui dada a transacções mercantis.) A accusação era provada por testemunhas contestes sem que cheirassem a suborno de cerveja e schelins. O celebre Advogado Mr. *Erskine*, de quem tanto tem fallado as folhas, e os ramos daquelle paiz,

advogou a favor do author, e allegou em seu arazoado alguns motivos que merecem hum pouco de reflexão. ” A pezar, diz elle, do tom namoratorio que se attribue geralmente a homens que abraçarão o nobre, muito honrado, e utilissimo estado militar, he huma verdade não contestada que não ha sociedade alguma em que a namoração domine menos que entre os militares que vivem em guarnições, ou acampados, porque os pais tem alli mais olhos que Argos, ou hum Espia: as tias das raparigas são tantas, que se as não ha em casa até se allugão para vigiar a quartos, e são peores que Brigues de Cruzeiros, ou Bichas dos descaminhos, e travessias; insomnes sempre, e com cada roca na cinta que he huma espingarda com a baioneta de hum fuso mais temivel que o canhão da antiga Bastilha, e da actual Torre de Londres; lingua no fio, e olho nas pequenas, não as deixão pôr pé em ramo verde. Se vão ao Domingo á Parroquia á explicação do *Credo* Inglez, cada rapariga está no competente banco, em ar de crucificada com dois ladrões de duas tias, huma á mão direita, outra á mão esquerda; e se o Regimento assiste á explicação, não as deixão olhar obliquas, nada dos lados, em frente, olhar para o Padre; e bem se vê que com esta maldita tactica não ha fazer huma conquista nem de hum olho piscado, e ganhar hum palmo de terreno he impossivel; e antes que o Regimento marche em columna pela porta fora, ellas já tem destroçado, ou debandado, e a rapidez do relampago, ou do Cassaco não as iguala. Eu fallo com experiencia propria ” (Mr. Erskine entrou no serviço antes que possesse banca, o que he constante,) ” e creio que o que passou por mim, e aconteceu no meu tempo, ainda acontece agora; e posto que eu mes-

mo haja passado muitos annos da minha mocidade em guarnições e destacamentos, servindo, como este Tribunal sabe, na guerra da Peninsula, com especialidade na parte que se chama Lusitania, onde Baccho em materia de plantações fez prodigios, e he de presumir que ainda os faça, ainda que por lá a reputação do namoro, e choradeira preceda muitas vezes os actos que os carecterizão, e que se estabeleça muitas vezes sem facto que lhe dê motivo, porque as mulheres, em razão da tonteira, e natural leveza de suas formosas cabeças, incorrem na imputação do crime ainda quando este crime não exista; nunca vi exemplo de namoro entre hum Official, e a mulher de outro Official, nem ouvi dizer em dias de minha vida que acontecesse huma maroteira igual a esta que dá motivo ao presente litigio: Oh! escandalo destructivo de toda a subordinação militar! A mulher de hum Official aviltar-se, abater-se tanto que chegasse a trahir o seu dever com hum soldado razo... (signaes de aplauso por toda a sala da audiencia) *Escuta, escuta*, (continou Mr. Erskine) e houve hum soldado Britannico, que se podesse esquecer do principio de honra, de disciplina, e de moral, ultrajando o seu superior!! Excommungada cerveja! quem te desterrára do Exercito!... (assobios) *Escuta, escuta*, proseguio o Orador: — Senhores, o facto está provado, não tenho por tanto que accrescentar aos depoimentos das testemunhas que vós Senhores acabais de ouvir. Em quanto ao § da lei sobre perdas e danos da parte lésa, só me resta huma reflexão que fazer. He certo que hum soldado razo, e reduzido ao estado de simples soldo, e *Etape*, não tem meios ordinarios de pagar á parte *querellante* huma condemnação excessivá, mas tambem a vossa boa razão, illustrada com as luzes da

grande Carta vos diz que este camarada não deve ficar impune, isto he, absolvido de toda, e qualquer pena. Não deve ser premittido a hum homem de estofa inferior perturbar a paz domestica do seu superior, e gritar que o Tribunal não o póde encoimar em quantias que excedão os seus haveres em bens de raiz, e moveis; porque se por huma semelhante coima o metessem na cadêa lá ficava por todos os dias de sua vida. Nem a Carta, nem a alçada dos Ministros deputados authorisão hum semelhante principio. Lembrai-vos, Senhores, que este objecto interessa essencialmente a existencia Politica do Reino Unido chamado Grã-Bretanha. A parte lesa recebeu huma injuria, o vosso dever he procurar-lhe, ou prescrever-lhe huma satisfação. ,,

Disse.

Assim fallou *Erskine*, e as almas de Fox, e de Pitt disserão lá do outro Mundo á presente geração: — Vede, nem nós ambos na Camara dos Lordes e dos Commons, nem Coge-Çofar diante das muralhas de Dio fallarão desta maneira; aprendei, e em occasião de alguma sagrada Luta, na santa causa da Patria em materias adulterinas, exprimivos com a força do Mistre *Pedro Erskine*.

A alçada junta em commissão encoimou o Réo W. S. Goddard em cincoenta Libras *Sterling* a beneficio do Official, e como não pagou á boca do cofre, ficou em custodia no calabouço. Não sei na verdade como o grande Montesquieu não entrou no *espírito* desta Lei Inglesa. Huma escandalosa querella de adulterio acaba-se com muita satisfação das partes ambas com huma multa pecuniaria proporcionada ás faculdades do adulterio; quem tiver muito dinheiro póde aspirar a grandes conquistas nesta galante repartição, porque de certo escapa de pena corporal, e afflictiva.

N. B. Talvez me ralhem de inserir no Jornal estes artigos em apparencia frivolas, mas onde alguns poucos pensadores podem colher algumas idéas talvez novas; porém que hei de eu fazer? Só Sciencias, extractos de obras estrangeiras? Isso ninguem o quer. Grandes coizas de Historia Portugueza? Peor hum pouco, pois vejo que a não entendem, ou affectão não entender alguns dos seus principaes factos. Politicas! Isso não me compete a mim, Doutores tem a Madre Igreja, e tantos, que tirão o trabalho aos mais.

O medo dos Beleguins.

Poucos são os homens que tendo alguma tinctura de letras ignorem o nome de *Montesquieu*; este nome he famoso, e he respeitado entre os entendedores de Legislação; foi dos mais profundos Publicistas do Seculo passado, seus escritos são conhecidos, e nelles se descobre o homem grande; profundo engenho, vasta erudição, subtil dialectica, dilatadissimas vistas; eis-aqui o que sempre se admirou e admirará na grande obra — *Espirito das Leis*, — e nas *Considerações sobre a grandeza, e decadencia do Imperio Romano*. — Era hum genio impávido, que estimou sempre mais a verdade do que a vida. Pois este homem tão grande, e Presidente de hum grande Tribunal, tremeo á vista de hum Beleguim, e o que he mais ainda, á vista de hum Beleguim fingido.

Foi fazer viagem á Italia, como todos sabem, e por acaso encontrou o Inglez Mylord *Chesterfield*; já se conhecião, e tinha travado com elle aquella amizade que he propria de dois homens de

grande engenho, e vasto saber; juntáram-se, e logo convierão em viajar juntos, e desde os primeiros passos começou a recahir a conversação sobre a differença que ha entre os Inglezes, e Francezes. *Montesquieu* dava a preferencia á sua nação, e fundava-se na conhecida superioridade do engenho. O Lord, como tão sabio, concordava nesta superioridade, porém dava a preferencia á sua Nação pelo que pertence á profundidade do engenho e comprehensão. Como a materia era ampla, e os adversarios capazes de defenderem a propria causa, era muitas vezes ventilada sem que nenhum dos dois se desse por convencido. Chegáram a Veneza, e a curiosidade natural de *Montesquieu* o trazia em continuo movimento; queria conhecer tudo, e profundar tudo. Hia aos Theatros, visitava os Monumentos publicos, revolvía as Bibliothecas; entrava nos Cafés mais nomeados, entabulava conversações para se informar dos costumes, das Leis, da forma do Governo, em fim procurava conhecer o espirito da sociedade; quando se recolhia a casa lançava por escrito quanto tinha observado, sem omittir as mais pequenas circumstancias, e todas as noites dava a ler a sua obra a Milord *Chesterfield*.

Tinha já decorrido largo tempo, sempre dado a este trabalho, e hia levando ao fim a obra que com effeito seria preciosa, pois era parto de tal engenho; eis-que huma noite se apresenta á porta de seu Quarto hum Beleguim, dizendo que lhe queria dar huma palavra em particular. Começou de lhe protestar o mais profundo respeito, e adhesão aos Francezes, e lhe disse que estava encarregado de lhe advertir, que olhasse por si, porque a Inquisição (Politica), inquieta de seus movimentos, tinha tomado a resolução de lhe dar hu-

ma saltada, e fazer apreensão em todos os seus papeis, e que se nelles encontrasse huma palavra só relativamente ao Governo, que se despedisse da vida. *Montesquieu*, atemorizado entrou n'hum banho de suor frio, desfez-se em agradecimentos, e deo quanto dinheiro tinha n'algibeira ao Beleguim, pedindo-lhe que se fosse embora, e apenas o vio pelas costas, pegou no trabalhado manuscrito, e atirou com elle á fornalha da Estalagem em que estava, e foi dar parte de tudo a *Mylord Chesterfield*. O Inglez, com a frialdade propria da nação, lhe louvou, e approvou muito o passo que acabava de dar como prova do grande engenho Francez, accrescentando, todavia, que se elle tivesse mettido huma pequena dose do talento Inglez em seu procedimento, que vem a ser hum pouco daquella repousada e fria reflexão que se não compadece com a ligeireza Franceza, conheceria que era coiza não só extraordinaria mas impossivel, que hum desconhecido Beleguim se interessasse tanto por elle a risco de se deitar a perder, se se soubesse que lhe fizera aquelle aviso; que além disto, tendo elle mesmo *Montesquieu* conhecido que as deliberações da Inquisição do Estado erão impenetraveis, não era verosimil que hum Beleguim razo tivesse conhecimento dellas, que quando muito executaria a ordem de prizão sem saber que os tres Inquisidores tinham determinado a apreensão dos papeis, que se devia lembrar depois destas combinações, que era huma peça d'elle *Chesterfield*, e que não devia ser tão precipitado em queimar a sua obra, o que por certo não faria hum Inglez, cuja fria reflexão lhe faria conhecer que a vinda do Beleguim não tinha pés nem cabeça. — Até aqui a historia, e agora o comentario. —

O *Mylord Inglez* fallava assim, porque elle

mesmo era o author daquella manobra; no caso do Francez faria o mesmo, ou peor. Que coiza he hum genio vasto como o de *Montesquieu*, ou de outro qualquer'que mais nomeado seja no Mundo, diante de hum Alcaide, acompanhado com o seu competente Escrivão de Armas? Em primeiro lugar parece que a Natureza, destinando aquelles homens para tão *alto* ministerio, lhes dá humas caras de Fariseos taes, que porião medo ao mesmo Giraldo sem pavôr; tem de ordinario huma fy-sionomia mista de Tigres, e de Milhafres: o seu — *Somos mandados* — tem hum tom de raio, que não só assombra, mas pulverisa; se a acção he de penhora, antes hum bando de Cosacos n'huma mochilla, ou cabra Franceza, ou huma confraria de tosquiadores e Siganos n'huma charneca do Alem-tejo. Quem vio jámais ir sem desconto para o Deposito cordões de oiro, ou castiças de prata maneiros que possam ir n'algibeira? Hirão cadeiras, mezas, panellas, cacos, etc.; cordões, e trastes mais miudos desta natureza, nunca lá forão, sem serem maquiados. Pois hum seu muito estimado cumprimento: — *O Senhor ba de fazer favor de nos acompanhar!* — (A's vezes tem razão em o fazer.) Se o estampido deste trovão soasse, não digo eu no meio de huma escolla de meninos, mas no meio de huma assembléa de Barões Lusitanos, oh Ceos! as chicaras do chá (*Hysson*, e grosso) cahião por si mesmas, os Bules entornavão-se; na casa da leitura ainda haveria maior silencio, os baralhos dispersavão-se, os mesmos Directores estimarião ter pernas finas e delgadas para se pôrem ao frescô; as rimas de Periodicos voavão, as danças paravão, o gêlo da morte seria universal! O pavor de hum Beleguim cabe com effeito em varão constante; porque hum Beleguim não só faz o

que lhe mandão, porém faz mais do que lhe mandão; eis-aqui porque o susto he universal, e he razoavel, e não he de admirar que huma assembléa se disperse toda como bando de pardaes em ouvindo tiro. Os talentos de *Montesquieu*, tão conhecidos em seus escritos, não bastavão para o tornarem impavido, porque nada basta para fazer cara á cara de hum Beleguim, seja verdadeiro, ou seja fingido. O Povo he muitas vezes o orgão da verdade, porque o Povo leva-se pela observação e experiencia; em vendo passar individuo com feições de cão de fila, ou com carranca e gesto de arremeter... diz: — Se aquella joia não he Malsim, ou Beleguim... — Mas a Sociedade infelizmente, precisa ter mais este entre os males necessarios; o que ella com tudo não precisava era que muitos delles se portassem como Fariseos.

*Algumas Cartas sobre a Inglaterra, escritas por
hum Francez, e traduzidas em vulgar
por * * * **

CARTA PRIMEIRA.

Calais. — O Paquete. — Dover.

Dover 18 de Julho (1819.)

Meu amigo e Senhor, — Veio-vos ao pensamento que o estudo de hum Povo vizinho, que, depois de ter antes de nós atravessado o tormentoso mar das revoluções politicas, conseguiu esta-

belecer em bases positivas os melhoramentos sociaes, cuja necessidade tanto tempo o atormentou, poderia, no ponto em que nos achamos, offerecer tanta utilidade como interesse. He com effeito quando o nosso espirito publico, cansado de revoluções, manifesta huma mui feliz tendencia para fundar a ordem social e realizar as idéas de justiça e de equidade, que tem sobreexistido a todas as loucuras dos nossos innovadores; he, digo, quando tantos homens estimaveis trabalham em estabelecer finalmente entre nós aquelle regimen constitucional que considerão como o unico caminho de salvação que se nos apresenta, que pode ser de mui alto interesse examinar como esse regime ganhou raiz em Inglaterra, procurar porque meio elle se sustenta naquelle paiz contra o vento da Democracia que, como podeis ver pelos periodicos, sopra com temeroso furor contra as instituições, e descobrir, em huma palavra, que profundas raizes, que cimento maravilhoso sustenta estas instituições contra assaltos tão estrondosos, e de tão terrivel apparencia. Confesso, Senhor meu, que este ruido democratico, estas assembléas tumultuosas, estas paixões em rumor, estes gritos, estas revoltas manifestas me dão bem grande idéa das bases em que repousa a ordem publica em Inglaterra; por quanto o meu pensamento he ao mesmo tempo impressionado pela presença de dois factos, que a Historia nos não tem ensinado a conciliar: hum he a turbulência de huma democracia entregue ao seu furor; o outro he a impotencia deste furor para imprimir o minimo golpe serio na segurança do Estado.

Há na simultanea existencia destes dois factos hum grande segredo, que muito nos importa descobrir. Será na democracia que eu o deva pro-

curar? Isto me parece absurdo; he da potencia que resiste que nós devemos aprender a resistir; o que cumpre aprender he o segredo da solidez, e não o da confusão e do tumulto. Até aqui a Inglaterra não tem sido considerada senão no que tem de democratico; e ha para isso razões bem faceis de conhecer: primeiramente esta democracia está toda á superficie; só ella se agita, só ella murmura nas eleições, no campo de Spafield, nas ruas de Westminster, nas fallas do Parlamento. Poucos historiadores tem penetrado mais, poucos tem querido mergulhar neste mar agitado para saberem sobre que bases assentavão estes rochedos que com tanta segurança arrostavão a violencia das desencadeadas ondas. Isso he, Senhor, o que nos importa saber. — Em França não nos falta democracia; não he certamente por falta deste ingrediente que poderíamos perecer; mas o que ainda nos falta, he a estabilidade; pois que temos huma Constituição, porém não está assente, fluctúa á vontade do vento que reina. As nossas instituições assemelhão-se a cortiças sobre as vagas fluctuantes; sobem, descem, e se encontrão: andão á *matroca*. As nossas leis, as nossas opiniões, as nossas idéas obedecem á mobilidade; he tempo de sahirnos desta desordem.

Julgar-me-hei feliz, Senhor, se poder auxiliar os esforços que fazeis nos vossos escritos para offerecer alguns pontos de estabilidade á opinião publica. Confesso que huma empresa tal tem lisongeado o meu patriotismo, e que aceitando-a consultei mais a minha boa vontade do que os meus recursos: porém hum fim tão util pode dar-me algum direito á indulgencia dos vossos leitores, e eu a precizo reclamar.

Com tudo, as observações que me proponho

enviar-vos não se dirigiráõ todas ás instituições da Grã-Bretanha; o esboço dos costumes e do caracter do Povo Inglez liga-se necessariamente ao plano que me encarreguei de preencher. Descerei ás diversas classes desta Nação para conhecer o seu espirito, os seus habitos, para saber porque laços se prendem á causa publica, que lugar occupão os seus interesses, e as suas idéas no equilibrio das forças sociaes. Estes quadros terão, pelo menos para muitos Francezes, o merito da novidade. Os costumes Inglezes não tem sido descritos senão por leitores Inglezes; pode ser agradável observallos com olhos estrangeiros. Sómente procurarei que isto não seja com preocupações.

Como espero fazer das minhas Cartas, não artigos politicos, mas huma especie de diversão ás serias discussões que occupão os meus compatriotas, eu procurarei, Senhor, associar os leitores á minha viagem, e conduzillos comigo a todos os lugares que visitar. Assentô pois que devo tomallos em França, e bem que a passagem do estreito não seja a mais divertida da viagem, não posso resolver-me a omittilla.

Chego pois com elles a Calais, que escolhi para ponto da partida. Esta Cidade he tão famosa por seus Paquetes como pela dedicação dos seus habitadores. Ha poucas Cidades mais Francezas, e sem remontar ao reinado de Philippe de Valois, o monumentó que ella consagrou ao feliz regresso de Luiz XVIII, no mesmo lugar em que elle tocou o territorio Francez, basta para a fazer cara aos amigos da restauração. O reconhecimento dos habitadores se tem assignalado em dois monumentos de assaz bom gosto, levantados á memoria de dois grandes homens; hum ao Duque de Guisa-o-Balafre (o *Cutilado*), que em 1558 tomou Calais aos

Inglezes e a entregou á França; o outro ao Cardeal Richelieu, que em 1638 mandou edificar a Cidadella. Os bustos de bronze destes dois illustres homens d'Estado estão postos hum ao lado do outro, e parece estarem dizendo mutuamente, que se tivessem vivido no mesmo tempo, hum delles faria por certo cortar a cabeça ao outro.

Calais, como lugar de desembarque, possui grande numero de amplas e bellas estalagens; apeei-me na *Hospedaria-Mauricio*; os costumes Inglezes já aqui se entrão a perceber; depois do jantar, enche-se a sala de viajantes que vão a Inglaterra, ou dalli vem, e os quaes se reúnem ao redor de huma grande meza de cajueiro para tomar chá e fatias com manteiga, huns por costume, outros para se acostumarem a isso. Alli dão os Francezes, que desembarcão, informações aos que vão embarcar; cada hum recommenda a estalagem onde se alojou em Londres, a casa de pasto a que hia jantar, a loja de bebidas a que hia tomar o seu chá; tomão-se cuidadosamente estas direcções, e ás vezes nenhuma dellas serve. Neste mesmo tempo conversão as familias Inglezas entre si no cabo da meza, e se dão talvez, relativamente á França, outras noticias que taes. Não quero deixar de vos dizer que á porta da sala da comida ha hum mealheiro, no qual se lêem estas palavras em Inglez: *Para os doentes pobres*; neste dia tinha o mealheiro teias d'aranha.

He de ordinario á noite, depois de chegarem os Carros da Posta, que os Capitães dos Paquetes vão ás Estalagens para se apossarem dos viajantes; não he preciso procurallos; vem-vos buscar ás duzias. Quasi todos são Inglezes, pois que este he mais hum dos ramos de commercio que esta nação nos disputa; todos elles, a dar crédito aos bilhetes

que distribuem, possuem o melhor Paquete do Estreito, e o mais habil Piloto dos tres Reinos. Todo este apparatus he para obterem mais alguns chelins, e assim como elles não temem pedir-vos de mais, tambem se não deve temer regatear com elles. Paga-se-lhes de ordinario pela passagem de 6 chelins até meio guiné. Eu ajustei-me com o Capitão Hamilton, embarquei no Paquete *Lord Duncan*. Não se deve acreditar que só em París ha Policia: quando tendes o vosso Passaporte dado em nome do Rei, rubricado pelo seu Ministro dos Negocios Estrangeiros, julgareis que estais na ordem; mas enganais-vos; não podeis sair da França sem a assignatura do Commissario da Policia de Calais; depois de terdes obtido d'elle a licença para embarcar, nada vos obsta a partir; isto fizemos nós com muito ruim tempo. Só de mim dependeria o fazer-vos aqui a narração obrigada, em todas as viagens, de alguma bonita tempestade; só me cingirei a dizer-vos que hum mar mui banzeiro, continúa chuva, e as vagas que a cada momento cobrião o convez, fazião que huma pessoa não podesse nelle estar, e que por força ou por vontade foi preciso ir gozar da vista bastantemente feia de huma camara de Paquete. Pintai na vossa imaginação o effeito que podem produzir vinte pessoas, homens, mulheres, e rapazes, empilhados em huma camarazinha de oito pés quadrados, nas ancias das maiores convulsões de estomago; juntai a isto os gemidos provocados pelos violentos enjões, a bulha dos baldes a rolar pelo chão seguindo os movimentos do navio, o Despenseiro (*Stewart*) sem saber a qual ha de acudir, andando co' as gamellas de cama em cama; accrescentai a esta pintura o contínuo ranger do navio, a bulha das ondas, e a gritaria da marinhagem, tereis hu-

ma idea dos episodios mais alegres de huma viagem de Calais a Dover. Finalmente depois de sete horas de tormento, veio o Capitão dizer-nos que estávamos á vista de Dover, e que já se encaminhavão os botes para nos virem buscar, porque estava á maré muito baixa para que o Paquete podesse entrar no porto antes das onze horas da noite. Aqui finda a doença, e principia o burlesco; nada ha mais galante que o sahir de hum Paquete; o cabello desgrenhado dos homens e das mulheres, as caras pálidas e abatidas, a difficuldade de se vestir a gente como deve ser, e até de achar o seu fato, no meio de hum balanço continuo, que a todos faz perder o equilibrio; a conformidade de desordem que então ha entre amos e criados, entre hum Lord e hum Mercador, entre huma Fidalga e huma creada, entre huma casquilha e huma velha, tudo isto dá a este quadro hum aspecto tão comico, que he difficuloso não se rir a gente do todo, e de cada coiza de per si.

Subindo ao convés avistámos Dover a huma milha de distancia: tinha desapparecido a alegre França, e tínhamos á vista a tristonha Inglaterra. He difficil imaginar coiza mais aspera que a vista das Costas do Condado de Kent: a Cidade de Dover, assentada na borda do mar, apenas se distingue por causa da pouca altura que tem as suas casas; ao longe assemelha-se a huma multidão de choupanas de pescadores construidas ao pé de alcantilados rochedos, contra os quaes vão despedaçar-se as vagas; sua cor cinzenta, sua cima coroadada de huma herva mais negra que verde, o Ceo nébuloso, e as nuvens escuras que lhe passam por cima, dão ao todo desté quadro algum tanto de medonho. Debalde se buscão alli vestigios da-

quellas alegres campinas descritas por Dryden e Tomson; só se encontram os sitios que podião inspirar Shakespeare e Milton.

Passando á praia em hum bote que nos veio buscar, vi que Dover se hia conhecendo mais bella á proporção que nos hiamos avizinhando; as casas parecia hirem-se levantando, e seu feitio elegante dava hum assaz agradável aspecto á Cidade. O porto, os bellos quarteis que o dominão, e o velho castello, á direita, fazião boa perspectiva. Chegámos por fim á praia ás 8 horas, entre immensa multidão, á qual pareciamos objectos novos: entretanto os habitantes de Dover gozão do espectáculo da chegada de hum Paquete alguns dias cinco ou seis vezes; o que prova que a *papalvice* não he character só dos Parisienses. A dizer a verdade, nas 1200, ou 1500 pessoas chegadas para nos verem, havia mais de 50 attrahidas á praia pelo interesse; moços de estalagem, creados de servir e agentes a offerecerem-se, sem contar alguns rapinantes de outra especie.

Assim que pozemos os pés no territorio Inglez, logo fomos accõmettidos por hum bando de Judeos, que nos querião livrar do incommodo nosso ouro de França para nos embutirem chelins Inglezes falsos, e nos vimos rodeados de huma nuvem de malsins da Alfandega que gyravão em torno de nós para se certificarem se as nossas algibeiras fazião o competente volume, e se o indispensavel de alguma das senhoras da nossa companhia poderia conter mais alguma coiza que o seu lenço de assoar.

Apenas tinha dado alguns passos, e já tinha as mãos cheias de bilhetes de estalajadeiros; não sabia qual escolheria, quando hum moço d'estalagem, vendo-me indeciso, fazendo de mim assaz

favoravel juizo para me julgar accessivel a hum sentimento Francez, me disse ao ouvido: *Meu Senhor, venha comigo á Hospedaria de Paris; eu o levo a casa de hum excellente homem, Mr. Podevin, que salvou durante a guerra mais de 150 prisioneiros Francezes á sua custa, e da sua liberdade.* Agradei ao rapaz; dei-lhe hum chelim, e deixei-me conduzir á *Hospedaria de Paris*, que eu recomendo pela mesma razão a todos os Francezes.

No outro dia, como o *Allien-Office* (ou Meza dos Estrangeiros) e a Alfandega se não havião de abrir para nós antes das dez horas, aproveitei o tempo em ir visitar as curiosidades de Dover. Os quarteis são o que primeiro dá na vista; não tem muito tempo de construidos, e custou aos Inglezes habituaem-se a isso; foi precisa toda a destreza Ministerial para obter hum acto do Parlamento que permittisse estabelecer nos contornos das Cidades lugares destinados a alojar a tropa unida. Os quarteis de Dover são bellos; estão no cume da montanha; chega-se alli por tres escadas circulantes abertas na rocha. Do terraço que as termina, vê-se a Cidade e o porto: á direita, o antigo Castello edificado por *Guilherme o Conquistador*, e mais ao longe a ponta de hum escarpado rochedo, que se chama o *Rochedo de Shakespeare*. A costa d'Inglaterra está coberta deste lado de fortificações construidas pelos mais habéis Engenheiros na época do acampamento de Bolonha. Estas obras que são immensas, fazem esta parte das costas inexpugnavel. Eis-aqui o que resta á Inglaterra desse projecto de desembarque, que tantos milhões custou á França; e a nós não nos resta nas praias de Bolonha mais que hum immenso madeiramento que se vai arruinando, e que devia servir para levantar hum monumento para consagrar a memoria da conquista da Inglaterra!

O *Allien-Office* (a Meza dos Estrangeiros) he huma especie de Cazinha, onde dois Officiaes, tão insolentes como os Intendentes de Bonaparte, fazem comparecer os viajantes para trocarem os seus passaportes por *Certidões de chegada*. O Tratado da Santa Alliança não foi feito com mais reflexão do que emprega hum destes Officiaes Ingleses em assignar huma permissão de residencia! Foi necessario esperar que fossem aviados todos os viajantes que hião para França: Os que sahem d'Inglaterra gozão do privilegio de serem servidos primeiro que os que chegão. Perguntei enfadado a causa disto, e o tal Escrivão me respondeo *que gostavão mais em Inglaterra de se verem livres d'estrangeiros do que de os receberem*. Achei que se a resposta fazia honra ao espirito nacional deste Cavalheiro, ao menos não dava grande idéa da sua civilidade. Entretanto entregárão-nos a nossa folha de derrota, depois de huma hora de espera. Dando ao demo as Casas do despacho, que me hião fazendo ficar sem carruagem para Londres, não pude deixar de me recordar do enfado de hum Inglesz gordo, que eu tinha encontrado em París, dois dias antes da minha partida de París na Secretaria dos *Negocios Estrangeiros*, e que tendo pago o lugar no Carro da Posta para as quatro horas, ainda estava esperando ás cinco, na rua do Bac, a assignatura do seu passaporte; este honrado viajante dava aos diabos, de hum modo bem cómico, o *Allien-office de França*, e perguntava pela sua méla lingua ao Guarda-portão de S. Excellencia, se o Ministro lhe restituiria o dinheiro que pagara pelo seu lugar na Diligencia. O seu enfado me occorreo á memoria, e vi que as Secretarias são em toda a parte do mesmo jaez. Finalmente, foi-me permittido ir á Alfandega, onde me esperavão

novas tribulações. *Costume-House* (Alfandega) he hum edificio assaz vasto, situado no meio do porto. A's dez horas he que os Officiaes da Visita vem alli exercitar as suas funcções. O que foi incumbido de visitar o nosso fato era hum sujeito baixinho, louro, de mui agradável fysionomia, e aseado no rigor. Fallava Francez passás correctamente, mas pelo laconismo das suas perguntas e respostas se via que, assim como outros muitos Inglezes, desdenhava fallar esta lingua. Era acompanhado por dois empregados subalternos, que hião alternativamente pondo as nossas mallas diante d'elle, e tirando a huma e huma as peças que nellas se contiñhão; cada porção da nossa guarda-roupa era objecto de particular e minuciosa pesquisa. Eu tinha no fundo da minha malla alguns livros Francezes, de que se lançou mão, e que sem fazer caso das minhas observações se pozerão em hum dos braços de huma grande balança; *Racine, Voltaire, Montesquieu e Montaigne* forão avaliados a peso, e não poderão entrar na patria de *Shakespear*, de *Hume*, de *Bacon* e de *Locke*, sem pagarem hum direito, e sem se verem assimilados pela barbara tarifa da Alfandega Ingleza a huma caixa de Agua de Colonia, e a huma pasta de modas, que levava huma das minhas companheiras de viagem: o chumbo do sellador da Alfandega não tem mais respeito ao talento do que aos trapos e farandulagens. A visita levou tempo, e vimo-nos obrigados a obter oito ou dez assignaturas e outros tantos = *Visto* = para sermos admittidos a pagar o que deviamos. Até o Thesoureiro mostrou que nos fazia favor em receber as nossas *bank-notas* (ou bilhetes do Banco.) A Inglaterra he hum paiz onde se vos não dá o menor agradecimento quando pagais o que deveis.

Eis-aqui, Senhor meu, huma relação da mi-

nha primeira visita ao territorio da Grã-Bretanha. No momento em que acabo a minha carta, já estou vendo os lacaios com fardas escarlates agaloadas de ouro, e o bolieiro em libré duples da caruagem (*stage*) que me deve conduzir a Londres. Em chegando a esta Capital, principiarei o meu papel de observador: dir-vos-hei quanto me parecer digno de attenção; pintar-vos-hei os objectos com as cores com que tiverem apresentado a meus olhos; talvez seja hum pouco minucioso nas minhas observações, mas esta fidelidade distinguirá ao menos os meus quadros de todas as cartas sobre paizes estrangeiros, que publicação varias folhas Francezas, e cujos authores nunca sahirão de París. Rogo-vos fiqueis na certeza de que se me dediquei a fazer a viagem a Londres não será para copiar livros.

A Deos, Senhor, o chicote do boleeiro annuncia que o *Coach royal* vai partir; Madame Po-devin, minha hospedaleira, me traz o sou rol de despeza, dentro de poucas horas estarei ainda mais longe dessa França, que possui todos os meus desejos, e á qual refiro quanto vejo, e tudo o que vou investigando.

Fim do N.º IX.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

L I S B O A.

N.º X. OUTUBRO DE 1820.

FILOSOFIA.

Considerações Filosoficas sobre o systema Legislativo de Lycurgo.

São innumeraveis as vantagens que se tirão do estudo da Historia, e o homem sabe achar no quadro do que já passou o regulamento, ou a norma do que deve fazer, ou evitar no presente. A Historia he o deposito publico, e estavel dos vicios, e das virtudes dos homens, estas para se abraçarem, aquelles para se fugirem, e evitarem. Que grandes objectos offerece á contemplação do homem Filosofo a Historia da fundação, do augmento, e da decadencia da antiga Lacedemonia? Basta unicamente o conhecimento do *espirito* de suas Leis fundamentaes, ou constitucionaes. Nellas havia hum grande fundo de prudencia e sabedoria, porque em quanto forão observadas na Republica de Lacedemonia,

Tom. II.

EE

floreceo , e foi poderosissima. Isto se devia menos ao governo, e policia de huma ordinaria Republica, que á direcção, e regulamento de hum homem sabio, que passa toda sua vida no exercicio das virtudes. Esparta dava Leis a toda Grecia, voluntariamente sujeita a seu Imperio: opprimia a tyrannia, e o injusto dominio nas Cidades, terminava a seu alvedrio as guerras, acalmava as sedições, e muitas vezes sem levantar huma só arma, mandando apenas hum Embaixador, o qual apenas se fazia ver, e ouvir, todos os povos sujeitos o cercavão, e se união a elle. Tanto respeito inspirava a todos os homens a Justiça, e o Governo daquella Republica!

Acha-se no fim da vida de Lycurgo huma reflexão de Plutarco, que basta para fazer o panegyrico deste homem verdadeiramente grande e hum dos mais sabios Legisladores que tem apparecido. Diz que Platão, Diogenes, e Zeno, e todos aquelles que se derão ao estudo do estabelecimento de hum Estado politico, tomárão por archétypo, ou exemplar a Republica de Lycurgo, com esta differença, que estes Filósofos se limitárão só a palavras, e discursos, em quanto Lycurgo, sem se suspender em idéas e projectos, pôz em obra, e deo á luz huma Policia inimitavel formando com ella huma inteira Cidade de Filósofos.

Para conseguir este fim, e para estabelecer huma fórma de Republica a mais perfeita que lhe fosse possivel, tinha como fundido, e *amalgamado* quanto em qualquer especie de Governo lhe parecia ser mais util ao bem publico, temperando huma coiza com outra, e fazendo sempre hum exacto balanço dos inconvenientes de qualquer especie de Governo em particular, e das vantagens que lhe resultavão da união de todas as especies. Lacedemo-

nia continha e encerrava em si alguma cousa do Governo Monarquico em a authoridade de seus Reis. O Conselho dos trinta, chamado por outro nome o Senado, era huma verdadeira Aristocracia; e o poder que residia no Povo de nomear os Senadores e de dar sancção, e força ás Leis, era huma idéa do Governo Democratico. E quem póde duvidar, que sobre estas bases fora levantada a Constituição de Inglaterra, e fundida nestes moldes? O estabelecimento dos E'foros emendou depois o que poderia apparecer defeituoso, ou menos perfeito nestas Constituições, ou regras primordiaes, acrescentando-lhes com maduras reflexões o que lhes faltava para sua ultima perfeição. Os Filósofos admirão a sabedoria de Lycurgo no estabelecimento do Senado, que foi igualmente vantajoso ao Rei, e ao Povo; porque por este meio as Leis erão as dominadoras dos Monarcas, e os Monarcas não podião ser os Tyrannos das Leis.

O intento de Lycurgo na Lei Agraria para fazer huma igual devisão das terras entre os Cidadãos, e desterrar com effeito de Lacedemonia o luxo, a avareza, os litigios, e dissensões, ao mesmo tempo que desterrava o uso do ouro, e da prata, parece na verdade *o modello* de huma Republica sabiamente imaginada, mas impraticavel na sua execução, se a Historia nos não fizesse saber que os Lacedemonios se conservárão por muitos seculos neste estado. Não podemos comprehender como se póde persuadir aos Cidadãos, antes ricos, e abastados, que renunciassem a todas as suas faculdades, e rendas, que se confundissem com os mais pobres, e que se sugeitassem a huma regra de vida durissima, e violenta, privando-se em summa do uso de tudo aquillo que até alli tinhão considerado como causa da doçura, commodidades, e delicias da

vida. Todavia, eis-aqui o que completamente pôde conseguir Lycurgo.

Seria menos admiravel este estabelecimento, se não tivesse durado mais do que em vida do Legislador; porém sabe-se que lhe sobreviveo muitos seculos. Xenofonte no elogio, que nos deixou de Agesiláo, e Cicero em hum de seus arrezoados observão, que Lacedemonia era a unica Cidade do Mundo, que havia maravilhosamente conservado sua disciplina, e Leis por tão grande tracto de tempo, ou numero de annos. Eu creio que no tempo de Cicero a disciplina, e a authoridade de Lacedemonia estavam muito enfraquecidas e debilitadas. Com tudo, convêm os Historiadores, que se mantiverão em todo seu vigor até ao Reinado de Agides, no qual Lysandro, incapaz de se deixar deslumbrar, e corromper pelo ouro, encheo sua Patria de luxo, e de amor de riqueza, trazendó-lhe immensas sommas de ouro, e prata que erão fructos de suas victorias, arruinando com isto as Leis de Lycurgo. Este acontecimento, que foi o principio da decadencia da Lacedemonia, merece alguma ponderação.

Os despojos de Athenas forão immensos, e Lysandro mandou para Lacedemonia quanto ouro, e prata tinha tomado nesta opulenta Cidade. Discutio-se em hum grande Conselho de Estado, se se devião, ou não receber estas riquezas. Rara e heroica resolução, de que a Historia do Mundo não offerece exemplo! Os mais sabios, e mais assizados Espartanos, attendo-se rigorosamente á Lei Constitutiva, forão de parecer se não recebesse na Cidade aquelle ouro, e aquella prata, como huma peste fatal, e hum vehiculo perigoso de todos os males. Outros opinárão com mais moderação temperando o rigorismo, e foi seguido o seu paracer.

Mandou-se que se recebesse o ouro, e a prata, porém que a moeda que se batesse se conservasse no thesouro publico para correr sómemente em os negocios do Estado, e que fosse punido de morte o particular que se apropriasse a mais pequena porção. Mas foi este o essencial, e grande erro; a ruina das Leis de Lycurgo, foi tambem a ruina do Estado. Forão muito imprudentes, e muito cegos em imaginar que bastava pôr de sentinella á porta das cazas a Lei, e o temor do supplicio para vedar a entrada ao ouro, e á prata, em quanto deixavão o coração de seus concidadãos aberto, e patente ao dezejo das riquezas, e estes mesmos lhes inspiravão huma violenta paixão de ajuntar fazendo-lhes considerar como cousa muito importante, e honrosa fazerem-se ricos, e opulentos.

Mas a introduccão da moeda de prata, e de ouro não foi o primeiro golpe que descarregarão os Lacedemonios nas Leis primordiaes de Lycurgo. Este golpe foi a consequencia da violação de outra Lei ainda mais fundamental; a ambição começou a franquear a estrada á avareza; o dezejo das conquistas levou comsigo o das riquezas, sem as quaes debalde procurarião estender e alargar seus dominios. O fim primario de Lycurgo no estabelecimento de suas Leis, especialmente da que vedava o uso do ouro, e da prata, era como judiciosamente o observarão Polybio, e Plutarco, reprimir a ambição de seus Cidadãos, e constituillos fóra do alcance de se fazerem conquistadores, e obrigarllos de alguma maneira a restringirem-se nos apertados confines de seu paiz; e com effeito, o Governo que tinha estabelecido bastava para defender as fronteiras de Esparta, mas não bastava para a fazer senhora de outras Cidades. Não era pois da intenção de Lycurgo fazer Conquistadores, e para tirar até

este pensamento a seus Cidadãos, prohibio expressamente, ainda que habitassem hum paiz visinho ao mar, que se exercitassem na marinha para combaterem no mar. Forão escrupulosos observadores desta prohibição quasi pelo espaço de cinco seculos até ao desbarato, ou derrota de Xerxes, e nesta occasião, cuidarão em se fazer senhores do imperio do mar para afastarem de si tão formidavel inimigo; porém conhecendo que os dominios remotos, e maritimos estragavão os costumes dos Generaes, abandonarão esta empreza.

Quando Lycurgo armou seus Cidadãos de escudos e lanças, os constituiu em estado de commetterem mais impunemente injustiças, e não para se defenderem de injustiças. Não tinha feito hum povo de Soldados, e guerreiros, senão para que á sombra das armas vivessem em liberdade, moderação, justiça, união, e paz, contentando-se com o seu territorio sem usurpar o alhêo, persuadindo-se que hum Cidade, como hum praticular, não póde esperar hum solida, e permanente felicidade senão por meio da virtude. Homens corrompidos que não considerão coiza mais bella que a opulencia, e hum amplo, e poderoso dominio, podem dar preferencia a vastos Imperios que tem subjugado o Universo com violencia; porém Lycurgo estava persuadido que hum Cidade de nada disto precisava para ser feliz. Sua Politica, que tem sido com razão o objecto de assombro de todos os seculos, tinha por fim principal a equidade, a moderação, a liberdade, a paz; era inimiga da injustiça, da violencia, da ambição de dominar, e estender os confins da Republica de Esparta. Estas reflexões que Plutarco entremeia de quando em quando na historia de suas vidas, e que lhes dão a maior belleza, podem efficazmente contribuir para dar aos homens hum

verdadeira noticia, quanto torne hum Estado verdadeiramente feliz desenganallo da idéa que se costuma formar da vã grandeza daquelles Imperios que tem engolido os outros Reinos, e daquelles Conquistadores, que não devem o que são, mais do que á rapina, e á violencia.

A longa duração das Leis estabelecidas por Lycurgo, he por certo hum objecto digno de admiração; porém não he menos digno de assombro o meio de que se servio para o conseguir. Foi o extraordinario pensamento que teve de fazer educar os filhos de Lacedemonia com huma exacta, e severa disciplina. A religião do juramento seria hum vinculo muito debil, se com a educação, e com o alimento lhes não imprimisse as Leis em seus costumes, fazendo-lhas beber com o amor de sua policia. Eis-aqui porque vemos que seus principaes decretos se conservarão pelo longo espaço de quinhentos annos, como aquellas tintas que tem enopado o âmago da materia em que se imprimem. Cicero faz a mesma reflexão attribuindo a coragem, e a virtude dos Esparciatas, não tanto á sua boa indole, quanto á excellente educação que recebião em sua Patria. O que nos faz ver quanto importe a hum Estado vigiar sobre os mancebos para que sejam educados de huma maneira capaz de lhes inspirar o amor das Leis, e da Patria.

O grande principio de Lycurgo era considerar os filhos de Lacedemonia como filhos do Estado para serem educados a expensas do mesmo, e conforme seus fins. Queria que fossem creados em publico, e em commum, e não entregues ao capricho dos pais, que de ordinario com molle e cega indulgencia, e com mal entendida ternura, enervão a hum tempo o espirito, e o corpo de seus filhos. Em Esparta desde a mais tenra infancia se endurecião

no trabalho com o exercicio da caça, da carreira, e da luta, costumando-os a supportar a fome, a sede, o frio, a calma, e todos estes duros, e trabalhosos exercicios se encaminhavão a lhes dar huma saude forte e rebusta capaz de supportar as fadigas da guerra para que todos erão destinados. Mas o que mais importava nesta educação, era ensinar aos mancebos huma absoluta, e perfeitissima obediencia; daqui vem o pomposo epitheto que o Poeta Simonides deo a Esparta, que mostra que ella só sabia domar os animos, e fazer os homens sujeitos ás Leis como os Ginetes se adéstrão, e se dómão desde seus mais tenros annos. Eis-aqui porque Agesiláo aconselhou Xenofonte que mandasse seus filhos para Esparta, onde aprenderião a mais bella, e mais util de todas as sciencias, que he a de saber mandar, e obedecer. Muito bem a tinha elle aprendido, e muito bem conhecia sua importancia, pois não chegou a imperar como os outros Reis, sem ter primeiro aprendido a obedecer; e por isto foi, entre todos os Monarcas de Lacedemonia, o que mais concordou com seus vassallos, juntando á grandeza verdadeiramente Real as nobres maneiras que lhe erão naturaes, hum ar de bondade, cortezia, e affabilidade popular que era o indicio, ou o effeito de sua austera educação. He memoravel o exemplo de submissão que deo ás leis, e authoridade publica, talvez que a coiza mais rara, que se encontre na Historia, que não sem motivo constitue esta acção superior a tudo quanto até hoje se fez grande, e glorioso.

Depois das grandes victorias alcançadas contra os Persas, estando já toda a Asia em revolução, e a maior parte das Provincias a ponto de se rebellarem, tinha determinado atacar o Rei da Persia no coração de seus Estados, e estava

prompto a marchar a tão grande empreza. Recebéo neste momento despachos de Esparta que lhe annunciavão que a Patria era ameaçada de huma guerra furiosa, e lhe ordenavão que voasse em seu auxilio, e sem hesitar hum só instante, partio. He preciso ser mui senhor de si mesmo, e respeitar muito a authoridade publica, para renunciar com huma tão prompta obediencia a todas as conquistas, a tão lizongeirias e magnificas esperanças, que hum quasi seguro porvir lhe affiançavão.

Os Principes fazem de ordinario consistir sua grandeza em commandar a todos e não obedecer a nenhum, temendo as mais das vezes que huma razão muito illuminada os chegue a dominar, e embote a força de huma autoridade a que não querem pôr freio, affectando ignorancia de seus mais sagrados, e importantes deveres. Qual será pois o soberano dos Reis? Será a Lei, que he a suprema Rainha dos Deoses e dos homens. Esta Lei não está escrita nos livros, mas estampada no coração, que os hirá seguindo em todos os seus passos, sem os deixar jamais, exercitará sobre a sua alma hum supremo imperio. Hum Grande do Reino dizia todas as manhãs ao Rei da Persia quando se levantava: = Lembrai-vos, Senhor, de executar e cumprir os decretos de Oromasde. = Este tinha sido o legislador dos Persas. O amor do bem publico, e da justiça, diz outro tanto aos Monarcas assizados, e instruidos.

Para dar a conhecer ainda melhor o character dos Lacedemonios, e sua perfeita submissão ás Leis, repetirei huma passagem de Heródoto bem digna das reflexões de hum Filosofo. Xerxes, proximo a entrar nos dominios da Grecia, perguntou a Demarato, hum dos Reis de Esparta, se se persuadia que os Gregos se atrevessem a esperallo,

recomendando-lhe que lhe falasse com sinceridade, e franqueza. Já que assim mo ordenais, lhe tornou Demarato, a verdade vos vai a fallar pela minha boca. = He certo que em todo o tempo a Grecia se conservou no seio da pobreza; porém com ella se conservou a virtude, que se cultivou com o estudo da sabedoria, e se manteve com o vigor das Leis. Com o uzo que a Grecia faz da virtude, se defende igualmente dos incommodos da pobreza, e do jugo do dominio. Porém para não fallar senão dos meus Lacedemonios, vivei certo, que nutridos, e sustentados como são nos braços da Liberdade, não darão ouvidos a proposição alguma, que se encaminhe á servidão. Ainda que todos os outros Gregos os desamparem, e se vejão reduzidos a hum corpo de mil soldados, e ainda a menor numero, vos sahirão ao encontro, e vos apresentarão batalha. =

O Rei ouvindo este discurso se surriro; não podendo comprehender que homens livres e independentes, quaes se lhe pintavão os Lacedemonios, que não tinham senhores que os podessem constringer, fossem capazes de se expor de tal maneira aos perigos, e á morte.

= São livres, e independentes do dominio de qualquer homem, lhe tornou Demarato, mas conservão sobre si huma lei que os domina e que he mais temida por elles do que vós sois por vossos vassallos. Ora, esta lei lhes veda fugirem do campo da batalha, por excessivo que seja o numero dos inimigos, e lhes manda que se conservem firmes em seu posto, e que alli venção, ou morrão. = Tudo succedeo como Demarato havia prognosticado. Trezentos Lacedemonios, tendo á sua frente Leonidas, hum dos Reis de Esparta, se a treverão a disputar o passo de Termópulas ao innumera-

vel exercito dos Persas; por fim, depois de haverem dado incriveis provas de coragem, não vencidos, mas oprimidos pelo numero, acabárão todos com o seu General, excepto hum só, que se salvou em Lacedemonia, onde foi tratado como vil, e cobarde, e até como traidor á sua mesma Patria. Levantou-se depois hum sumptuoso sepulcro aos defensores da Grecia no mesmo lugar com a bella inscripção composta pelo Poeta Simonides—*Viajante, vai annunciar a Lacedemonia que aqui fomos mortos para obedecer a suas sacrosantas Leis.*—

Muitas coizas louvaveis se encontrão nestas Leis de Lycurgo; não devo fazer ennumerção de todas, he sim de meu dever lembrar-me de muitas que na verdade são defeituosas. Para começar pelas leis concernentes ao nascimento dos meninos, a quem não parecerá injusto e barbaro o costume de pronunciar huma sentença de morte contra aquelles innocentes, que tinhão a desventura de nascer com huma constituição muito debil, e muito delicada para poderem supportar os exercicios, e as fadigas a que os destinava a Republica, e a que ficavão sujeitos todos os seus subditos? Porventura he coiza impossivel, ou sem exemplo que meninos ao nascer debeis, e delicados, se fortaleçam no progresso da idade, e cheguem a estado da maior robustez? E ainda quando isto não acontecesse não poderião elles servir a Patria, senão com os exercicios do corpo, ao menos com a prudencia, conselho, sabedoria, generosidade, grandeza d'alma, e todas as outras qualidades que dependem do animo? O mesmo Lycurgo fez acazo menor honra, ou menor serviço a Esparta com suas Leis do que lhe fizerão os maiores Capitães com suas victorias? Agesiláo era de estatura tão

pequena, e de presença tão pouco vantajosa, que á primeira vista os Egypcios não poderão deixar de se sorrir, e com tudo tinha feito tremer o grande Rei da Persia até dentro de seu mesmo Palacio.

O grande defeito das Leis de Lycurgo he não se encaminharem a outra coiza mais que a formar hum Povo de Soldados, parece que se occupava só do cuidado de fortificar os corpos, e não de cultivar os animos. Desterrar da sua Republica todas as artes, e todas as sciencias, humas das coizas que mais contribue para amaciar os costumes, e purgar a alma da ferocidade, era o unico meio de fazer a Nação brutal, e selvagem. Daqui vinha o devisar-se, e perceber-se no character dos Lacedemonios certa austeridade, dureza, e muitas vezes ferocidade, defeito que tinha a sua origem na sua educação, e que os tornava diferentes, e alheios de todos os seus Alliados.

Era huma excellente pratica em Lacedemonia avezar desde a infancia os mancebos a supportarem a calma, o frio, a fome, a sede, tornando-lhe o corpo com varios exercicios duros e trabalhosos, sугeito á razão, a quem deve servir de Ministro para executar suas ordens, e determinações, o que não pode fazer sem estar em estado de tolerar toda a qualidade de fadigas. Mas acaso era necessario levar esta prova até ao ponto de hum tratamento inhumano? E não era huma crueldade, e até huma brutalidade nos pais, e nas mãis ver correr com indifferença o sangue das chagas de seus filhos, vendo-os muitas vezes expirar á violencia de açoutes! Admira-se a coragem das mãis Espartanas, ás quaes a morte de seus filhos mortos no campo de batalha não só não espremia lagrimas dos olhos, mas chegava a lhes der-

ramar alegria no semblante. Eu quereria que nestas occasiões a Natureza se fizesse sentir mais, e que o amor da Patria não supprimisse os sentimentos da ternura maternal. Hum dos Generaes de nossos tempos, que no ardor do combate soube que seu filho tinha sido morto, disse com mais sizo: — Cuidemos hoje em vencer os inimigos, amanhã cuidaremos em chorar meu filho.

Não sei como se possa escusar aquella lei, que Lycurgo deo aos Lacedemonios, na qual lhes mandava que passassem em ocio todo o tempo de sua vida excepto aquelle em que fizessem a guerra. Deixou todas as artes, e todos os misteres aos Escravos, e aos estrangeiros que entre elles vivião, não deixando nas mãos de seus Cidadãos mais que a lança, e o escudo; sem fallar no perigo que havia em permittir, que o numero dos escravos necessarios para cultivar a terra se augmentasse de tal maneira que excedesse muito o numero dos senhores, o que foi muitas vezes principio, e motivo de grandes sedições. Em quantas desordens hum ocio desta natureza deve lançar homens sempre desoccupados, sem emprego, e hum bem regulado trabalho? Este inconveniente ainda hoje he muito ordinario entre pessoas nobres, e he huma consequencia muito natural da má educação que se lhes dera. Pela maior parte os Nobres, e os Grandepassão a vida em coizas vans, e inuteis. Considerão a agricultura, as artes, o negocio inferiores á sua condição, em cujos empregos se considerarião não só abatidos, mas deshonorados. Dão-se algumas vezes, porém muito poucas, ás armas, tem apenas huma ligeira tintura das letras, e das sciencias, e alguns ha, que nem disto mesmo tem as primeiras noções; e não he de admirar, que o jogo, a meza, as reciprocas visitas se tornem as

principaes occupações da sua vida. E que vida para homens que tiverem algum talento ! O que mais tenho que reprehender em Lycurgo, e o que mais claramente me fez ver em que densas trevas vivesse immerso o Paganismo, he a pouca consideração que este Legislador teve pelo pejo, modestia, e honestidade de seus Cidadãos.

MISCELANEA.

Anecdota Inglesa.

Acho tanta singularidade na presente noticia, que não pude deixar de a transcrever neste Jornal, pois julgo que o meio mais facil de conhecer os differentes caracteres dos homens, não são as theorias dos moralistas, mas os factos; só estes decidem, e só estes convencem. Diz-se pois em hum papel de Inglaterra:—

— Acaba de morrer em Irlanda hum homem muito extraordinario por seu character, e modo de viver; chamava-se *Augusto Roy Fletcher*, e vivia n'hum aldea do condado de *Glenorchay*; empregava sua vida na caça, e na pesca, e de huma, e outra tirava os meios de sua subsistencia. Nunca se via, ou se encontrava sem a sua espingarda, e sua faca de mato, e não tinha outra companhia mais que o seu cão. Fugia sempre dos lugares habitados pelos homens, e gyrava de continuo pelas paragens mais solitarias das altas montanhas que sepáram o Condado de *Glenorchay* do Condado de *Ranoch*. Nestes Lugares ermos, e fragosos levantava huma cabana, onde passava a Primavera, o

Estio, o Outono, e huma grande parte do Inverno. Criava, e tinha consigo algumas cabras que levava a pastar por aquelles asperos rochedos. Depois de andar á caça todo o dia, vinha á noite com seu pequeno rebanho para a solitaria choupana; sustentava-se do leite das cabras, e da caça que tinha matado, ou do peixe que apanhava; tudo isto era por elle grosseiramente cozinhado. Mostrava em todas as suas acções que não desejava a companhia de Ente algum da sua especie: com tudo, quando o acaso levava algum viandante á sua erma habitação perdido do caminho que seguia, era logo recebido por elle com a mais generosa hospitalidade. Offerecia-lhe logo, e punha-lhe diante todas as provisões que tinha de reserva. Com tudo, quando o frio excessivo do mez de Dezembro o obrigava a desamparar aquelles rochedos, e sua choupana, tornava para a sua Aldeia; mas conhecia-se-lhe repugnancia, e em suas maneiras hum ar de forçada resignação em viver na sociedade de homens, dos quaes nem hum só pensava, ou sentia a seu modo, nem tinha os mesmos habitos, as mesmas inclinações, e o mesmo character. Não dissimulava o desgosto que nisto sentia, e para se distrahir neste estado violento, todos os dias sahia ao exercicio da caça, e passava-os sem dar huma só palavra. Não mostrava inclinação alguma a mulheres; e o que ha de mais notavel neste individuo raro, ou unico, era certô asseio, e cuidado em seus trages, de maneira que entre os da sua Aldeia era o mais polido. Não sabia ler nem escrever: ainda que não tivesse coiza alguma de seu, mostrava hum ar orgulhoso, fero, e independente, e ainda quando, para se conformar ao uso, tirava o barrete para cortejar algum nobre, notava-se que o fazia com certo ar de desdem que mais parecia hum insulto,

que huma prova de respeito, e consideração. Morreo em huma idade muito avançada, sem se apartar jamais deste extraordinario modo de viver. —

Até aqui a historia, e não deixa por certo de dar lugar a algumas reflexões: se me disserem que a vida deste homem foi chêa de incommodos, eu direi que ninguem a levou mais livre delles. Não vivia com os homens, e isto basta: quando no aspero Inverno, e nas montanhas de Irlanda, se recolhia á sua Aldeia, não nos consta da Historia, que gastasse palavras em = bons dias, e boas noites, Sr. vizinho; = por que esta simples saudação he hum crime para m'os vizinhos do pé da porta. Não sabia ler nem escrever; por tanto não leo o *Times*, e *Courier* e os Periodicos do partido Ministerial, nem os da Opposição; e se isto não he verdadeira felicidade, então não sei em que ella consista. He huma ventura para nós os filhos de Eva neste valle de lagrimas, conservarmo-nos em nosso perfeito juizo até a hora da nossa morte; e os Periodicos fazem a gente doida, não só pela sua multiplicidade, mas pela sua contrariedade; o que diz o *Courier*, desmente o *Times*. De tudo isto estava livre o bom do Caçador Hibernio; sem ter lido o Contrato social de Jacques, por hum natural instincto, fugia este homem para o seu primitivo estado. He verdade que a natural fraqueza pede algum soccorro; mas este soccorro só he preciso, ou no estado de guerra, ou no estado da doença; este homem não existia no estado de guerra, porque vivia só, e não queria ver homens nem para os amar, nem para os aborrecer, ninguem lhe atacava a sua propriedade, porque a não tinha, nem a sua segurança individual, porque sempre andava a monte. No estado de doença, este homem pelo seu genero de vida, que por certo não era o sedenta-

rio dos sabios nos seus respectivos gabinetes na companhia de seus livros para delles tirarem as suas obras, endireitarem as suas Memorias, e consultarem os Quinhentistas; nem era o dos peralvilhos pelos Cafes, e Theatros Nacionaes, e ultra-Nacionaes; não podia ter macacoas com que a natureza não podesse, independente das vigílias, estudos, e Traqui-tanas dos filhos de Galeno, e netos de Esculapio. Hum homem assim não pode ter outra doença senão aquella que se chama o passaporte para a cóva. Este homem constructor da propria choupana em que morava entre os invios, e abruptos rochedos, como diz o Padre Balthasar Telles, tinha a celeste vantagem de não ver diante de si no dia de S. Marçal, e no de S. Silvestre hum Senhorio de cazas com huma tromba mais pazada, triste, e atterradora que a de D. Fernando de Toledo em Bruxellas. Este homem andava livre de Espiões, que das acções, e palavras mais innocentes fazem hum corpo de delicto para os seus interesses, casta de gente de que anda muito cheia a Inglaterra, e se algum dos taes se ingerisse por aquellas brenhas, hia muito a risco de o bom solitario engatilhar para elle a sua amada espingarda, cuidando que era hum lobo, e talvez não se enganasse. He verdade, que este homem não era cazado, e não gostava as doçuras domesticas, e as do thálamo, porém ao menos estava livre de duas coizas, a primeira de hirem vender a mulher a algum mercado com huma corda ao pescoço, como se costuma em Inglaterra, quando as taes mulheres não querem estar quietas sem hirem passar a tarde a caza de huma amiga; a segunda de ter filhos que mandasse ao ensino mutuo de Lancaster para virem de lá rucos de gritar huns com os outros, que vem a ser, sem tanto enfasi de palavras, e apparatus de coi-

zas, os nossos antigos Decuriões, e Decuriados nas boas escollas dos nossos avós; mas huma Decuria não se confundia com outra Decuria, não gritavão todos para ficarem sabendo coiza nenhuma. Este homem não só se não metia nas balburdias dos Parlammentos adiados, ou dissolvidos; mas ignorava absolutamente se o Membro Francisco Burdett hia para a Torre, ou sahia da Torre, ou se fazião, ou não fazião canivetes os Fabricantes de Manchester; não conhecia as acções do Banco, e ou os fundos descessem, ou os fundos subissem, para elle tudo erão fundilhos. A continua Dieta de Alemanha era para elle hum nome não só equivoco, mas infausto, por que quem se alimentava de bom leite de cabras, não batizado, de lebres, coelhos, e saborosas trutas dos rios de Irlanda, não gostaria muito de Dieta, que para muitos, e talvez para mim, seja necessidade, e não remedio. Este homem pois era o verdadeiro Nembrot, post-Diluvianno, Caçador, e Pescador, e por consequencia independente, e o que nos parece impossivel nas theorias de Jacques, he huma realidade na historia deste homem extraordinario, e eu escolheria este methodo de vida se huns importunos cincoenta e cinco annos me não mandassem estar metido em caza, e sem me embaraçar com as coizas deste mundo, e para ver alguma coiza em cima da meza alli pela volta do meio dia, verme obrigado a apparecer de vez em quando entre muita gente para dar á lingua, ou amarroar-me a hum canto para dar á penna.

S C I E N C I A S.

*Continuação do Relatorio de Mr. Cuvier, em que
analysa os trabalhos da Academia Real das Sciencias
de França no ramo scientifico no anno de 1819.
(Vid. N. IX.)*

MINERALOGIA E GEOLOGIA.

○ Ramo mais interessante, mas talvez o mais difficil do conhecimento dos mineraes, aquélle que des de que o tratárão Pallas, Saussure, e Werner, mais geralmente occupa a attenção dos Naturalistas, he a posição respectiva das substancias mineraes nas massas que formão a casca do globo. Com effeito, he só na sua sobreposição que se podem encontrar os vestigios da sua historia, e os monumentos da sua Chronologia. Já nos oferece alguns factos geraes bem comprovados, d'onde se deixa deduzir huma primeira classificação dos terrenos, segundo sua maior ou menor antiguidade; mas quando se querem fixar os limites de cada huma destas classes principaes, e sobretudo quando se trata de distribuir, segundo a ordem da sobreposição, as especies particulares de terrenos que pertencem a cada clásse, está bem longe que os factos recolhidos sejam assaz exactos e assaz numerosos para isso. Muitas vezes escapa toda a apparencia de ordem ao observador; e só

depois de indagações custosas e delicadas he que chega a atar de novo o fio que se quebrára em suas mãos.

Póde-se muito bem julgar deste estado da Sciencia em huma Obra que Mr. de Bonnard, Engenheiro em Chefe das Minas, apresentou á Academia, e que intitulou *Aperçu géognostique des terrains* (*Summario geognostico dos terrenos*). He huma exposição das diversas qualidades de rochas conhecidas, das posições em que cada huma dellas se encontra, da maior ou menor extensão que occupão, e dos fósseis que seus leitos contém. O author aproveitou as observações mais recentes dos outros Geologistas, e as que elle proprio fez em numerosas viagens. Seria bem difficil analysar aqui huma Obra que em si mesma não he mais que huma analyse concentrada. Só apresentaremos os resultados della. Vê-se alli que na época remota em que se formavão os terrenos primordiaes, depunha o liquido algumas vezes ainda, em duas e tres repetições, as mesmas substancias que ao principio deposera. As irregularidades, as repetições das rochas tornão-se mais frequentes na segunda época, quando tambem se depõem bancos compostos dos restos de rochas primitivas, e quando as rochas que dominarão na terceira época principião a mostrar-se. A' medida que se caminha para os tempos recentes, vem a ser as rochas menos caracterisadas, ou antes dando os Mineralogistas menos attenção ás suas differenças, já não as distinguem de hum modo tão claro. Chega finalmente quarta época em que já se não formão daquellas camadas geraes que abrangem quasi todo o globo, mas só depositos parciaes que parece terem-se precipitado em lagamaes separados huns dos outros.

Faz Mr. de Bonnard conhecer as rochas que

pertencem a cada huma destas grandes classes, não já por ordem de formação, porque os retornos, as repetições lhe terião causado nimias difficuldades, mas segundo a sua natureza mineralogica, o que talvez se afasta hum pouco do seu plano primitivo; mas a geognosia delles está alli; só o tempo e os esforços d' observadores dotados de engenho podem descobrir leis que permittão ao methodo descer até os leitos mais particulares.

Mr. Brongniart mostrou por hum exemplo curioso, que com effeito os mesmos leitos contendo fósseis da mesma natureza, se achão ás vezes nas pontas da terra mais remotas, com circumstancias cuja similhança chega a ser minuciosa.

Mr. Hozack, Medico e Naturalista Americano, tinha dirigido á Academia huma impressão daquelle especie singular de Crustaceo desconhecida hoje nos mares, e que assaz frequentemente se encontra petrificada, a qual se tem chamado *trilobito*.

Mr. Brongniart, que havia feito ha muito tempo a esta parte particular estudo deste genero de fósseis, tinha mostrado que todos os terrenos de sedimentos antigos, e que as differenças especificas que elle apresenta, estão em relação com a maior ou menor antiguidade dos depositos que compõem estes terrenos.

O que se tem observado nos trilobitos da America concorda perfeitamente com o resultado das observações feitas no antigo mundo.

Mr. Rigollot, Membro da Academia de Amiens, dirigio observações sobre hum genero de fóssil mais commum, sobre huns dentes de elefante, e de rhinoceronte, desenterrados junto á porta de Amiens, em camadas de saibro. O valle do rio Somma, como outros muitos, está cheio destas

especies de restos organicos, e já varias vezes tivemos occasião de fallar disto, segundo as investigações de Mr. Traullé, Correspondente do Instituto em Abevila.

Devemos a Mr. Brochant hum Tratado elemental sobre a crystallisação, que o author inserio no Diccionario das Sciencias Naturaes. Todos os factos que esta parte importante da historia dos Mineraes deve ás longas e sabias indagações de Mr. Hauy, sobre as formas dos cristaes e sobre o modo como as de cada especie podem ser reconduzidas a huma forma primitiva constante, se achão expostos nesta obra com methodo e clareza. O author lhe juntou os resultados das novas experiencias de Mr. Beudant sobre as causas exteriores e interiores que podem determinar em cada especie a producção de huma forma secundaria mais depressa que de outra.

Mr. Sage, oppresso de crueis e numerosas enfermidades, não cessa todavia de dar ao publico algumas producções da sua penna. — A Academia recebeo delle este anno hum folheto sobre os descobrimentos mineralogicos, e huma Obra a que deo o titulo de *Mélanges historiques et physiques* (*Miscelanea d' Historia e de Fysica.*)

FYSICA VEGETAL, E BOTANICA.

HUma das mais bellas empresas da Historia Natural filosofica nestes ultimos tempos, foi a de fazer ver que grande numero de organisações, em apparencia mui differentes, se deixão todavia levar a hum plano commum, e se compõem de partes de identica natureza, variando sómente pelas proporções.

Mr. Turpin acaba de fazer hum feliz ensaio neste genero, na sua Memoria sobre a inflorescencia das gramineas, e das cyperaceas, Memoria em que estende as suas vistas a quasi todo o Reino vegetal. Os ramalhetes tão varios de que a Natureza coroa os vegetaes, aquellas espigas, aquelles casulos, aquelles cachos, aquellas umbellas, e até as mesmas flores compostas, não são segundo Mr. Turpin, senão disposições similhantes, cuja apparente diversidade só depende do maior ou menor prolongamento do caule ou hastea commum, e dos particulares pedunculos de cada flor. Em realidade todas as flores são solitarias e quasi todas são axillares; o que quer dizer que sahem das axillas das folhas, seja qual for o nome que tenham na Botanica.

O author, para applicar a sua theoria ás gramineas, considera a sua flor como núa, isto he, sem corolla e sem calice, e composta só do pistillo e dos estames. Esta casca que a cobre no exterior, e que os Batanicos, que a denominão valva exterior da vagem, olhão como huma peça da corolla, não he para Mr. Turpin senão *huma bractea*. Dá o nome de *espatella* á outra peça mais tenue que está da banda do pé ou hastea, e que no momento da florescencia abre para deixar apparecer as flores propriamente ditas; mas estas bracteas e estas espatellas sempre são folhas. — Contem além disto a Memoria de Mr. Turpin muitas observações interessantes sobre as partes interiores da flor, e especialmente sobre huns como barretinhos ou partes analogas que rodeião a base do pistillo; sobre as cotyledones, que elle diz serem duas em certas gramineas taes como o trigo e a aveia, e principalmente sobre a disposição dos gomos, que segundo elle, tem sempre nas monocotyledones o

seu primeiro casco encostado ao tronco ou pé, ao passo que nas dicotyledones está, ou lateral, ou, o que he mais raro, opposta ao tronco ou hastea, e encostada á folha em cuja axilla nasce o gomo.

Mr. Loiseleur des Lonchamps, Medico de Paris, apresentou á Academia hum Tratado Botanico das plantas usuaes, em seguimento do qual se achão varias memorias sobre as plantas do nosso paiz que poderião ser substituidas aos vegetaes estrangeiros para o uso da Medicina. — Segundo as suas experiencias, poder-se-hião substituir á *Ipicacuanha* diversas especies de *tithymalos* (ou *euforbias*), o *asarum Europeanum* (*asaro*), a *plumbago* (*dentelaria*), &c. Dá a preferencia aos *tithymalos*. O séne poderia ser substituido pela *globularia alypum*, que cresce em Provença (*globularia turbith*, ou *turbith branco de Montpellier*), pela *anagyres fétida*; pela *camelia cneorum* (*trovisqueira*) e mesmo pelos ramos e folhas de algumas *daphnes* (especies de troviscos), reputadas até agora causticas e hydrogogas, mas que Mr. Loiseleur prova serem só drasticas. A' *jalapa* substitue assaz naturalmente outras especies de trepadeiras, e sobre tudo a *convolvulus Soldanella* (*Soldanella*, ou *couve marina*) que habita as margens do mar, a raiz da *momordica elaterium* (*pepino de S Gregorio*), e mesmo as petalas de algumas roseiras, cuja acção contudo he mais fraca. Quanto ao opio, que se tira nas Indias e no Levante de huma variedade de dormideiras brancas na semente, e de capsulas redondas, Mr. Loiseleur mostra como se poderia extrahillo das nossas dormideiras ordinarias dos jardins de semente preta (ou papoilas dobradas), que tambem o darião com abundancia. Trata igualmente de alguns outros narcoticos, taes como a *estramonea*, e a *alface brava maior* (*Lactuca virosa*.)

As grandes obras de Botanica comprehendidas por alguns dos nossos consocios vão continuando com fervor. Mr. Palisot de Beauvois, que humna prematura morte acaba de roubar á sciencia, tinha conduzido a Flora de Oware e de Benin até a 19.^o entrega.

Mr. Humboldt, ajudado de Mr. Kunth, avança cada anno a grandes passos na sua immensa historia das plantas da America equinocial. — Foi acabado o terceiro volume da sua obra *Nova genera et species plantarum æquinoctialium*; o quarto que completa os dois terços da obra, está impresso todo: nelle se acharão descripções de tres mil especies, entre as quaes ha hum grande numero que pertencem a familias demasiado tempo desprezadas pelos Batanicos viajantes. Apparêcêrão tres cadernos das Mimosas, obra especial, consagrada a huma das mais bellas familias de plantas da Zona Tórrida, e para cuja representação buscarão os authores e empregarão os artistas mais habeis neste genero de trabalho.

Deo Mr. Humboldt á luz a primeira parte do segundo volume da relação historica da sua viagem, com hum Atlas, no qual se achão as cartas das Costas de Caraccas, das charnecas de Venezuela, e das margens do Orenoco. Trata nella o author de varios objectos relativos á Zoologia, taes como o poder electrico dos gymnotos, o apanho de ovos de tartaruga, os costumes do jaguar (especie de onça) e do jacaré, &c.

Mr. Kunth em particular apresentou huma revisão da familia das *Bignoniaceas* (do methodo de *Jussieu*).

ZOOLOGIA , FYSIOLOGIA ANIMAL,
E ANATOMIA.

MR. Latreille , que sabe reunir felizmente as indagações eruditas com as da observação, e fecundar humas com as outras , procurou determinar positivamente a especie dos diferentes insectos que servião de emblemas nos escritos sagrados dos antigos Egypcios , e cujas imagens frequentemente se encontrão nos monumentos desta nação singular. — Os mais conhecidos pertencem á familia dos escarabeos a que se tem dado o nome de *pitulares*, porque estes insectos enterrão seus ovos em bolinhas que sóvao com a materia excrementicia.— Commenta Mr. Latreille por occasião do seu assumpto huma passagem d' *Horus Apollo*, e faz ver que os trinta dedos que este author lhes attribue só são as falanges que se encontrão com effeito em numero de trinta nos seus seis dedos, cinco em cada dedo. — Parte dos outros attributos dados a estes insectos tem igualmente algum fundamento de verdade ; mas alguns ha tambem de todo contrarios , no intuito de estabelecer pretendidas allegorias e de justificar o culto dado aos escarabeos, ou de explicar o emprego que de sua figura se fazia nos jeroglificos. He difficil que assim não succedesse quando no Egypto se houvesse perdido a intelligencia dos jeroglificos, e a dos mysterios da antiga Religião ; seja o que for, as tres especies de escarabeos indicadas por *Horus Apollo*, são se-

gundo Mr. Latreille o *ateuchus sacer*; humia especie de *copris* vizinha do *copris midas*, e o *copris paniscus*, ou outra qualquer especie mui proxima. — Tambem mui frequentes vezes se representou nas paredes de alguns templos Egypcios hum insecto da familia dos hymenopteros, posto sobre hum raminho de quatro braços; nisto vê Mr. de Latreille ou humia bespa, emblema de toda a influencia venenosa, com a planta que poderia curar os effeitos do veneno, ou humia abelha no raminho que deve dar o seu mel. — Termina a sua memoria por humia nota sobre alguns insectos que se achão nas munias, e sobre as especies que tem servido de modelos aos artistas para figurarem sobre os zodiacos os signos de Cancer e de Escorpio.

Mr. Moreau de Jonnès continua a communicar á Academia a historia dos reptis das Antilhas. Elle a occupou este anno com hum lagarto do genero dos *Crocodilos* ou *Scincos*, que habita nos bosques, e que se denomina hoje nas nossas colonias *lagarto de terra*. Chamava-se alli em outro tempo *broche* ou *brochet de terre*; as variações porque passam as suas cores e o seu talhe, segundo a idade e outras circumstancias, e as diferentes proporções da sua cauda, juntas a alguma confusão de synonymia, tinhão feito multiplicar esta especie pelos Naturalistas a ponto de o porem cinco vezes nos seus catalogos debaixo de cinco diversos nomes. O *anoli dourado*, o *scinco grosso* (*galley-wasp* em Inglez), o *scinco mabuia*, o *scinco fusco*, o *scinco schneideriense* de Daudin, não são, segundo Mr. de Jonnès, mais que hum mesmo animal.

O mesmo viajante fallou daquella enorme rã que os Inglezes chamão *bullfrog*, ou *rã-touro*, e que os nossos colonos sustentão para a sua meza, ainda que lhe dem o improprio nome de *sapo*, pela

razão de habitar em sitios sombrios e humidos como os nossos sapos em França, e não nas aguas estagnadas como as nossas rãs. He a rã-grunhadora de Daudin. Não sahe da sua toca senão de noite. Sua força he tal que salva de hum salto hum muro de cinco pés de altura. A estação seca entorpece-a muito; mas com a estação chuvosa recobra as suas forças. Domesticada, faz-se mui familiar.

As Antilhas não nutrem mais que hum *batraciense* (*), com a rã-grunhadora; he huma réca, que he a unica que tem nas Ilhas Francezas o nome improprio de rã, e que Mr. Jonnés descreve pela primeira vez com exactidão, ainda que della tenham feito menção alguns outros viajantes. — Segundo o author, a opinião de que as Antilhas são destroços ou pedaços de hum grande continente, he mui debilitada pelo pequeno numero de especies de batracienses que as habitão, e que póde mais depressa fazer suppor que estas especies chegarão alli separadamente em epocas e por causas desconhecidas.

Sabe-se que frequentes vezes acontece na Zona tórrida que a carne de certos peixes se acha ser venenosa, e que os que delles tem comido soffrem ataques crueis, e perdem mesmo a vida, sem que a vista, o cheiro nem o gosto tenham dado a conhecer couza alguma que podesse fazer suspeitar o perigo. — Mr. de Jonnés descreve os symptomas deste genero de envenenamento; dá a lista das especies de peixes e caranguejos, que em mais frequencia adquirem nas Antilhas esta funesta pro-

(*) Alexandre Brongniart, no seu Methodo d' Erpetologia chamou assim a ordem que comprehende os generos Rãs, Sapos, Rélas, e Salamandras; ordem que fazia parte dos reptis de Linnæo, e dos quadrupedes ovíparos de Lacépède.

priedade, e submette ao raciocinio e á experiencia as diversas causas a que se attribue. Mostra que não póde proceder, como se tem julgado, nem dos molluscos ou zoofyos, nem do fructo da manci-nella de que estes peixes se houvessem sustentado, nem dos veios metallicos que se achem nos bancos em que habitão; e presume que isto he effeito de alguma especie de doença que desenvolva nestes peixes hum principio mortifero. A carne das tartarugas toma ás vezes tambem na Zona tórrida huma qualidade maléfica, e faz nascer bostellas por todo o corpo dos que se sustentão dellas. Todos sabem que no nosso clima os mixilhões são algumas vezes mui doentios. Esta doença só póde nascer da agua do mar: porque os peixes de agua doce nunca são venenosos, e a agua do mar produz em algumas circumstancias frunchos nos que se molhárão nella, e não tiverão cuidado de se lavar em agua doce. Em si mesmo experimentou Mr. de Jonnès este effeito, assim como hum dos seus amigos. — O grande ponto seria distinguir os peixes que se tornão maléficos aos outros individuos da sua especie. Ha quem diga que o seu figado neste estado se faz negro, e de hum gosto acerbo, e que seus dentes tomão huma côr amarella. Só ulteriores observações podem confirmar estas assersões; ellas são importantes, e os habitantes illustrados das colonias não deixarão por certo de cuidar disso.

Ha muito tempo que os Naturalistas tem observado huns quadrupedes cujos filhos sahem á luz muito antes de terem adquirido o desenvolvimento ordinario, ainda mesmo antes de se poderem distinguir seus membros e seus olhos, e ficão suspensos nas mammas da mãi durante o resto do tempo que os filhos dos quadrupedes ordinarios passam no ventre. — Tem-se dado a estes animaes o

nome de *didelphes* (didelfos) ou *bolseiros*, porque alguns delles tem debaixo do ventre hum bolso que encerra as mammas, e onde os filhos ficão encerrados até chegarem ao tempo de seu desenvolvimento, bolso que se tem considerado como segunda madre, mas que não existe em grande parte das suas especies. — Estes animaes a cuja frente figura a *filanda gigantesca* (*kungurú*) por sua grandeza, e de que na America se conhecem varias especies, com o nome de *sarigueias caranguejeiras*, *sarigueias ordinarias do Brasil* (*opossum*), tem no interior huma verdadeira madre, mas de feitio diverso da dos quadrupedes ordinarios. Communica com a vagina por dois canaes lateraes em forma de azas, e em certo numero d'especies a cabeça do pennis do macho divide-se em duas pontas que parece poderem dirigir o esperma ao orificio destes dois canaes.

(*Concluir-se-ha.*)

P O L I T I C A .

C A R T A S E G U N D A

Sobre a Inglaterra.

O Carro da Posta, a Estrada de Londres, e os Aduaneiros de Rochester.

Es-me rodando, meu caro amigo, em huma das mais lindas carruagens publicas que podeis imaginar; posto em hum assento, atraz do Bolieiro, entre huma Ingleza, moça que volta a Londres para seus negocios, e hum Mercador da Cidade, que vem de passar quinze dias em París para se recrear. Diante de mim, vai hum rico Negociante da Madeira, que arranha com a maior alegria do Mundo o Hespanhol e o Francez, e canta com a maior satisfação em voz de falsete as arias de Mozart et Paesiello; os romances de Daleyrac e de Boyeldieu. Os *coachs* ou carros da posta Inglezes são dignos da reputação que gozão; nada ha mais ligeiro, mais elegante que estas bellas *Diligencias*, cujo tiro faria honra ás mais bellas Dançarinas da Opera, ou ás mulheres de Banqueiros da *Chaussée d'Antin*. (*)

(*) *Chaussée d'Antin*, ou *Calçada d'Antin*, he huma das melhores ruas de Paris.

Sahimos do Dover ao som da Corneta Escocesa, privilegio reservado só ao *Stuge Royal*, ou *Diligencia Real*. Ao afastar-se a gente das áridas costas do mar, em breve a campina entra a mostrar-se louçã, desapparecerem os asperos rochedos, e acha-se a gente transportada ao meio de hum agradável sitio, onde os olhos descobrem a cada passo vestigios daquella industria agricultora que tanta honra faz á Inglaterra. Aqui pastão magnificos rebanhos, gyrando por immensos prados, huma herva grossa e substancial; além andão pulando lindas eguas pelo campo. Alguns casaes e queijarias encravadas nas tapadas de bellos solares, aformoseão mais ainda a linda perspectiva que apresentam as paizagens Inglezas. As estradas, estreitas, mas bem conservadas, são guarnecidas de silvados; parecem mais longas ruas de jardim que estradas publicas, o que não obsta a que nellas se não volte ao menos huma Diligencia cada semana. O nosso cocheiro assentou nos socegava annunciando-nos que este accidente acontecêra na vespera, e que era extraordinario ninguem haver morrido. O gordo Mercador de Londres surrio-se, a moça Ingleza não pôde conter seu movimento de susto, que eu involuntariamente senti tambem, e o Negociante da Madeira quiz apostar dois contra hum que não nos havia de succeder esta desgraça. Ao principio julguei que esta sua proposta era hum meio engenhoso que elle usava para dissipar nossos receios, e honrei-lhe a sensibilidade; mas depois vim a perceber que isto nelle era especulação de negocio.

Chegámos a Cantorbery (ou Cantuaria), cidade famosa pela belleza da sua Cathedral, que se aponta como hum primor de architectura Gothica. Em Inglaterra, cada cidade tem sua obra que se

faz admirar por primorosa: isto anda annexo ao charlatanismo do paiz, que se manifesta assim nas coizas grandes como nas pequenas. No sitio onde parou a carroagem, suscitou-se assaz viva contenda entre hum Maceiro da Cathedral, e o dono da Estalagem, que espreitavão ambos na passagem os estrangeiros: hum gabava o seu chá, o outro a portada da sua Igreja; metade dos viajantes cedo á vontade de comer, e a outro á curiosidade; eu fui do numero destes. Apenas tinhamos tido tempo de ouvir as pomposas descripções do Maceiro que nos mostrava o tumulto do Principe Negro, e a Capella sepulcral daquelle famoso Beckett, faccioso durante a sua vida, e santificado depois de morto; daquelle famoso Bispo de Cantuaria, a quem o seu Rei pedia como hum favor que não exigisse delle senão o que o mais imperioso dos Papas obtivera do mais fraco dos Reis de Inglaterra, e que, não podendo triunfar das pretensões ultramontanas, se livrou d'elle mandando-o assassinar: apenas tinhamos, digo, tido tempo de notar os degraos do tumulto gastos pela devoção dos fieis, quando o conductor nos veio annunciar que cumpria partir: demos alguns chelins ao Maceiro, o qual, para nos consolar de não termos podido ver todas as couzas curiosas que a sua Igreja continha, nos vendeo, pelo tresdobro do que valia, hum folhetinho que contava tudo miudamente. Como fino calculador, assentou que, apressados pelo conductor, não teriamos tempo de regatear, e tirou partido da nossa posição; os Inglezes tem muita presença d'animo.

A duas milhas da Cidade, encontrámos hum homem em vestia e calças brancas que caminhava mui ligeiramente pelo meio da estrada. Disserão-nos que era o famoso Doddey, que tinha ajus-

tado andar treze vezes em treze dias o caminho de Londres a Dover. Tinhaõ dois cavalheiros apostado mil guineos, dos quaes o infeliz não tinha a receber mais que 150. O caminho de Dover a Londres he de 72 milhas, ou 24 leguas. Alguns mezes antes tinha hum émulo de Doddey morrido de fadiga, na mesma aposta, ao undecimo dia de jornada: este ainda estava só no nono, mas não nos pareceo em disposição de morrer no mesmo dia. Parou á porta de huma choupana, e bebeo alegremente á nossa saude hum pucaro de cerveja, que engolio de galope. Hião a traz delle alguns Inglezes que também tinhaõ feito suas apostazinhas. Doddey recrutava alguns destes em cada terra por onde passava, e he provavel, (tão grande he neste paiz a mania das apostas!) que a final se tenhaõ perdido ou ganhado mais de trinta ou quarenta mil guinéos sobre as pernas destes homens.

A pouca distancia de Rochester he que se principião a ver vestigios da potencia maritima Inglesa. A' direita da estrada se descobre o Tamisa rolando suas ondas em seu vasto leito; bosques de mastros guarnecem suas margens, e dão a este largo rio a apparencia de hum porto immenso desde Margate até Londres. Não se goza por muito tempo deste espectáculo, os arrabaldes de Rochester o roubão em breve á vista dos viajantes, e pede toda a sua attenção o jantar da Diligencia.

Os estalajadeiros Inglezes são de obsequioza civilidade quando se entra em sua casa: á sahida muda de ordinario o seu character. Chegou-se a nós, na estalajem do *Ship* (ou do *Navio*) hum sujeito baixinho de mui agradável rosto, cujo accio no ultimo ponto não dava indicio de que fosse estalajadeiro; porque nós em França estamos costumados a ver estes senhores de barrete cahido

à banda, avental branco, e faca á cinta. O dono da estalagem do *Ship* he hum dos tafues de Rochester; recebeo-nos de suas meias de seda; grandes bofes da camiza em preguinhas, lenço do pescoço com seu laço, collete de acolchoado amarello; e casaca azul com botões de metal completavão o seu aceio; cada palavra sua era precedida de profunda cortezia e seguida de engraçado sorriso; se não fora hum guardanapo que se dignara trazer na mão, como bastão de commando, julgallo hião mais de pressa preparado para ir passear a Hyde-Park do que para servir hum juntar.

Conduzio-nos a huma sala muito aceada, onde se achava patente em huma meza de mogne ou cajueiro a ossada de hum enorme quarto de vacca que tinha já saciado a fome de meia duzia de Diligencias; este illustre remanecente estava flanqueado por hum façanhoso queijo de Chester, que quando inteiro deveria pezar os seus 60 arrateis, mas que já não offerecia ao appetite dos commensaes senão duas grandes còdeas, que se elevavão em fórma de meia lua, e nas quaes custaria muito a rabiscar o almoço de hum parco moço de servir. Em recompensa, estava o outro lado guarnecido de hum prato grande coberto de hum alqueire de batatas cozidas; dous grandes picheis de cerveja, cuja escuma subia acima dos vasos de prata que a continhão, completavão o jantar do costume, que havia oito dias nos esperava em Rochester.

Fiz a diligencia por ajuntar mais alguma couza a estas iguarias, que lizonjeavão mui pouco a vista e o paladar de hum Francez; porém de balde. A cada pergunta que eu lhe fazia, se inclinava o dono da estalagem, e me fazia signal de que não entendia nada do que eu dizia. Tomei a minha resolução; fui-me sentar á meza entre a

moça Ingleza de que já fallei, e huma mulher gorda que me parecera mui desassoçada na primeira visita dos aduaneiros de Dover. Hia esta ensinar em Londres a lingua Franceza, occupação, nos dizia ella, *de muita consequencia* em Inglaterra; mas bastava ouvir a sua Linguagem para facilmente se conhecer que era huma contrabandista. Faziamos pois obsequiosamente a honra dos primeiros bocados a duas ou tres Inglezas, as quaes não respondião a quanto lhes diziamos senão com o *thank you* (*obrigada*), cujo tom mesmo não se cançavão em variar; eis que devisamos a nossa Diligencia assaltada por huma duzia de malsins que a assediavão no rigor. Corremos, com o guardanapo na mão, a disputar aos Officiaes da Alfandega de Rochester os nossos sacos e malas; mas a praça já estava tomada por assalto, e a maior parte dos nossos trastes espalhados na rua ao ar. Hum bizarro e digno Negociante Italiano, a quem a Alfandega de Dover deixára passar meia duzia de pares de meias de seda, que lhe não cabião na malla, vió levarem-lhas os rigidos malsins de Rochester, que ufanos pelo resultado da sua expedição deixarão de examinar huma trouxa de luvas e de cortes de seda de Lyão sobre a qual a gorda Mestra de Francez se tinha desleixadamente assentado fingindo não se achar boa. He muito mais facil introduzir em Inglaterra cem mil francos de contrabando do que seis francos de fazendas prohibidas de se usarem; e he factó verdadeiro, que ha em Londres companhias de seguro a dez por cento que se arranjam de modo que nunca perdem. Terei talvez occasião de tornar a fallar sobre este assumpto.

A disputa, as conferencias e as negociações com os *varejadores* Inglezes, nos levarão todo o

tempo da muda. Quando entrámos na sala, o acaado estalajadeiro nos apresentou *carinhosamente* hum *bill*, ou conta, de seis chelins por cabeça. Desejámos poder-lhe dar a entender que nos fazia pagar hum pouco caro hum jantar que nós em consciencia não tínhamos comido; mas não houve remedio senão deixarmo-nos disso, poisque não obtivemos delle mais que novas cortezias. A cada observação nossa; requintava elle a sua tediosa cortezania. Livrámo-nos de todas estas ceremonias pagando-lhe a sua conta. A Madama gorda que tão felizmente havia subtrahido a sua trouxa á pesquisa dos malsins, foi a unica que se obstinava a regatear o seu jantar: offereceo tres chelins ao estalajadeiro; mas á vista destas tres moedas de chelins, que não satisfazião mais que metade do que ella queria, entrou o dono da casa em hum furor tal, que lhe fez perder a memoria. Este homem, que não tinha até alli querido entender o Francez, se exprimio nesta lingua com huma energia, e com huma rapidez que aterrou a nossa companheira de viagem. A's palavras do amo, tinham acudido os criados em chusma. O conductor se enfadava, a Madama fazia tinir os seus tres chelins, que o estalajadeiro os recusava em Francez; os Inglezes rião, a canalha começava a juntarse; e estavamos quasi fazendo tanta bulha como os reformadores de Manchester, quando o mais prudente de nós conseguiu felizmente fazer conhecer á Mestra de lingua, que devia pagar, ainda mesmo que fosse meramente em attenção ao costume.

Ao sahir de Rochester vai a estrada apparecendo mais bella e mais animada, como todas as que se avisinhão ás Cidades grandes. São alli mais proximas as aldeias, e offerecem as casas mais

agradavel aspecto: recordão a commodidade e os habitos dos cidadãos. Passámos pelo porto de Gravesand: este emporio do peixe que se vende em todo o Condado de Kent, he notavel pela sua excellente situação; mostra-se alli o Tamisa em toda a sua magestade, e he famoso este sitio em toda a Inglaterra. Fizemos provisão de lagostas; he isto muito do costume dos Perisienses, que se persuadem que a Inglaterra he hum paiz abençoado, ou terra de promissão, por se encontrar nella a 15 milhas ou cinco leguas de Londres, peixe que se pagaria dez vezes mais caro em Paris.

O poder da Gran-Bretanha e sua grandeza se annuncião ao approximar-se a gente a Londres. Os arredores desta immensa Capital estão cheios de estabelecimentos tão grandes como uteis, que attrahem alternativamente a attenção do viajante.

Infelizmente para a nossa curiosidade, já era noite quando atravessamos Deptford, famosa pelos seus estaleiros de construcções navaes; Greenwich, célebre pelo seu magnifico hospital dos Invalidos da Marinha; e Halfway, lugar em outro tempo famoso por seus covis de ladrões. Davão dez horas no momento em que entravamos em Londres, pela rua de Black-Friars. O gaz que alumia esta bella rua diffunde huma claridade tão viva e tão brilhante, que parece estar a gente em huma Cidade illuminada em dia de função publica. Passamos por cima da Ponte de Black-Friars (ou dos Frades Negros) sem vermos o Tamisa que nos occultava a ridicula altura dos parapeitos e dos passeios, e fomos andando pela rua da Armada (ou *Fleet-Street*) cujas lojas estavam pela maior parte fechadas, o que nos certificava de que estavamos no bairro de maior trafico de Londres.

Chegando ao patio da Diligencia no Strand,

fomos accommettidos por huma nuvem de *pick-pockets* (cortabolsas), especie de ratoneiros, que, a titulo de homens de ganhar, disputavão a qual levaria os nossos effeitos como propriedade que a nossa ignorancia dos costumes Inglezes lhe assegurava. Tivemos o maior trabalho imaginavel em lhes arrancarmos das unhas as nossas mallas, trouxas, e alforges, de que já se tinham apoderado, e que hião, dizião elles, pòr na melhor estalagem de Londres, cujo sitio tinham todo o cuidado de nos não dizerem. Despedidos dos companheiros da jornada, entrou cada hum de nós em sua carruagem de aluguel: o Negociante Italiano e eu fomos alojar-nos na Hospedaria *Brunet* (em *Leicester-Square*), onde tomamos posse dos dois mais bonitos quartos da casa.

Breve noticia do Governo ou Constituição Política d'Inglaterra.

A Constituição ou Governo da Grã-Bretanha compõe-se do Rei, o qual tem o poder executivo; da Casa dos Lordes, ou Camara dos Pares, que consta dos Fidalgos e dos Prelados; e da Camara dos Communs, cujos Membros ou Vogaes são eleitos para representarem o Povo, ou seja pelos proprietarios de terras dos diversos Condados, ou pelos cidadãos, e chefes de familia das Cidades e Villas.

O Rei he o orgão da Lei, o Chefe da Igreja (desde que Henrique 8.^o se subtrahio da obediencia

ao Chefe da Igreja Catholica), o Director ou Generalissimo das Forças publicas, o que confere as Honras, e o meio de comunicação com as Nações Estangeiras.

Na sua coroação elle se obriga por juramento aos seguintes deveres: — A governar conforme os Estatutos do Parlamento, e as leis e costumes do Reino. — A fazer executar, com clemencia, as leis e a justiça em todas as suas decisões. — A manter quanto possa as Leis de Deos, a profissão do Evangelho e a Religião Protestante Reformada, estabelecida pela Lei.

O Rei he considerado pela Lei como incapaz de fazer mal algum, recahindo exclusivamente sobre os seus Ministros a responsabilidade das medidas injustas ou illegaes. Elle manda congregar o Parlamento, e o póde espaçar, prorogar, ou dissolver como lhe aprouver. Póde recusar o seu assenso a qualquer Lei proposta. Nomeia o seu Conselho Privado, e os Officiaes Mores do Estado; e tem tambem o poder de perdoar aos culpados.

O Rei tem a sua Renda pãrticular propria, chamada *Lista Civil*, da qual são pagos os Officiaes ou Empregados da sua Casa, os Officiaes Mores d'Estado, e os Juizes e Officiaes empregados na administação da Justiça. A somma concedida pelo Parlamento para a Lista Civil he obra de hum milhão de libras esterlinas por anno (nove milhões de cruzados), mas o total da renda da Coroa suppõe-se ser igual a dois milhões esterlinos. (*)

(*) A devise do Rei he *Dieu et mon Droit*, isto he, *Deos e o meu Direito*. — Os leões, em suas armas, forão pela primeira vez usados por Henrique II, das armas de sua mã. A flor de liz foi adoptada por Eduardo ou Duarte III. no tempo em que pertendia a Coroa de França. A harpa he Irlandeza. O cardo he Esco-

A constituição do Parlamento foi estabelecida em 1215. Na *Grande Carta* concedida pelo Rei João prometteo este “convocar todos os Arcebispos, Bispos, Senhores (*Lords*) e Grandes Barões em pessoa; e todos os outros chefes de familia, por meio dos *Sheriffes e Bailios*, dentro de 40 dias, para determinar subsidios e vassallagens, quando fossem precisos.,,

As mais antigas ordens *existentes* para a convocação dos Cavalleiros, Cidadãos, e Burguezes a Parlamento, são do anno 49 de Henrique III, ou em 1266.

O Parlamento he congregado por hum Mandado Regio, e o intervallo entre as suas sessões não deve exceder tres annos. As partes que constituem o Parlamento são o Rei, e os tres Estados do Reino, isso he, os Lordes *espirituaes e temperaes*, que se assentão em huma Camara, e votão em hum corpo; e os Communs, que discutem e votão em Camara separada. — Ao principio congregavão-se os Lordes e os Communs em huma Camara; mas depois, desde tempo incerto, tem estado na pratica de terem assento em Camaras separadas.

Os Lordes espirituaes consistem em dois Arcebispos, 24 Bispos de Inglaterra e Galles, e quatro Bispos d'Irlanda. Os Lords temporaes tem assento huns em virtude do seu direito, como Barões, e outros por eleição, como os 16 Pares que representão a Nobreza da Escocia, e os 28 Pares que representão a Nobreza da Irlanda. O numero dos Pares andava em 1812 por 400.

cez. A rosa branca procede da Casa de York; e a vermelha de Casa de Lancaster. Em torno da Jarreteira, ou liga está este mote ou deviza: *Honi soit qui mal y pense*: “Amaldiçoado seja quem pensa disto mal.”

Os Pares tem muitos privilegios: são Conselheiros natos do Rei; são livres de serem prezos, salvo por traição, aleivosia, ou quebrautamento da paz, e nesse caso podem ser processados por hum Jury ou Jurado de Pares; e em sua ausencia do Parlamento podem votar por procurador.

A Camara dos Communs consta de 658 Cavalleiros e Cidadãos ou Burguezes. Os Cavalleiros são representantes dos Condados: os Burguezes, das Cidades e Villas. A Inglaterra elege 513, a Escocia 45; e a Irlanda 100.

Os Communs são eleitos em consequencia de mandados Regios dirigidos aos Cherifes e Balíos, os Cavalleiros dos Condados por pluralidade daquelles que possuem feudos francos de 40 chelins por anno; e os Burguezes pelos cidadãos e chefes de familia das Cidades ou Villas.

Os Membros da Camara dos Communs tem tambem grandes privilegios, como são: liberdade de fallar durante o debate; e serem izentos de prizão durante as sessões, por quarenta dias depois da prorogação, e por quarenta dias antes da proxima reunião.

O privilegio especial, ou direito exclusivo da Camara dos Communs, he a concessão de todos os pedidos de dinheiro, ponto da mais alta consequencia aos foros da Nação. Gozão tambem do direito, pois formão a fiscalisação mor do Reino, de denunciar ou accusar os Ministros máos, os Julgadores-parciaes, e os Officiaes da Coroa.

Quando hum Membro deseja que passe alguma nova lei ou acto do Parlamento, propõe se permitta introduzir huma minuta (*bill*). Se isto se approva, lê-se a primeira vez, e, depois de conveniente intervallo, segunda. — Remette-se então a huma junta ou commissão, feitas as emen-

das, e cheias as lacunas. Infórma sobre ella o Presidente a Camara, a qual torna a considerar o todo: então he copiado o Bill em limpo, lê-se terceira vez, e passa. — Depois de ter passado nesta Camara, he levado á dos Pares, para a sua concorrência na approvaçãõ, e passa alli pelas mesmas formalidades. Se he rejeitado, não se falla mais no *bill*. Se nelle se fazem algumas emendas ou alterações, voltãõ á Camara dos Communs para seu concurso; e quando he preciso ajustar as differenças, costuma seguir-se huma conferencia entre os Membros deputados de ambas as Camaras.

A sancção Real dada a hum *Bill* confirma-o em Lei, e esta sancção ás vezes he dada por commissão: mas quando o Rei passa ou assigna os *Billes* em pessoa, apparece em vestiduras Reaes, coroadado, e senta-se no seu throno na Camara dos Pares. Estando sentado, manda chamar a Camara dos Communs, e então o Orador ou Presidente della traz o *Bill* ou *Billes* de dinheiro pedido; porque os outros ficão em poder da Camara dos Pares, que os apresentam á sancção do Rei.

Se o Rei assente a hum *Bill* público, he a sua approvaçãõ significada pela declaração seguinte (mesmo em Francez): *Le Roy le veut,* "O Rei o quer." Se o Bill he particular, *Soit fait comme il est désiré,* "Como requer." — Se recusa assentir ou sancionar, diz, *Le Roy s'en avisera,* "O Rei tomará o seu parecer." — O assenso ou sancção do Rei a hum *Bill* pecuniario expressa-se deste modo: *Le Roy remercie ses loyaux sujets, accepte leur bénévolence, et ainsi le veut.* "O Rei agradece aos seus leaes subditos, acceita a sua benevolencia, e assim o quer." — Não deixa de ser notavel estylo que estes despachos sejam em Francez Normando, e não em Inglez.

O Conselho Privado do Rei he nomeado por este: 1.º Para o aconselhar do melhor modo que saiba; 2.º Para dar conselhos taes que sejam os melhores para honra do Rei, e para o bem público; e 3.º Para auxiliar e vigorar o que se resolver em Conselho.

O Conselho de Gabinete he huma Commissão do Conselho Privado, e compõe-se do Lord Chancellor; do Lord Presidente; do Lord do Sello privado; do Chancellor do *Exchequer* (do Fisco); do Primeiro Lord do Thesouro, ou Primeiro Ministro; do Secretario dos Negocios Estrangeiros; do Secretario do Interior, e do da Guerra; do Primeiro Lord do Almirantado; do Thesoureiro da Armada; e do Presidente da Meza de Syndicatura (*Board of Control.*)

Os Ministros propõem nas duas Camaras do Parlamento todas as materias que provém da Coroa, apresentam a Conta da Despeza, e a Conta das sommas precisas para a supprir. He-lhes confiado o dispendio de todo o dinheiro publico, sendo responsaveis o Primeiro Ministro e os seus Collegas.

Os Officiaes Mores da Coroa são nove: 1.º O Lord Mordomo Mor d'Inglaterra, temporario; 2.º O Lord Chancellor Mor; 3.º O Lord Thesoureiro Mor; 4.º O Lord Presidente do Conselho Privado; 5.º O Lord do Sello Privado; 6.º O Lord Camareiro Mor; 7.º O Lord Condestavel Mor, temporario; 8.º O Grão-Marechal d'Inglaterra, ou Duque de Norfolk; 9.º O Lord Almirante Mor.

N. B. O Lord Mordomo Mor era antigamente Vice-Rei, mas agora he mero officio de cerimonia na coroação. — O Officio do Chancellor he guardar o Sello grande, e sentenciar com equidade. — O Lord Thesoureiro tem cargo e administração de todas as Rendas. — O Lord Presidente propõe os negocios na meza do Conselho, e dá

conta delles ao Rei. — O Lord do Sello privado passa cartas, concessões, &c. — O Lord Camareiro veste o Rei, e guarda o Palacio e o Parlamento. — O Grão-Marechal tem a superintendencia da Casa das Armas. — O Lord Almirante Mor tem a administração de todos os negocios maritimos.

O Rei confere lugares e titulos como lhe apraz. Em 1812 havia, pertencentes a Inglaterra, os seguintes Pares: 24 Duques (7 do Sangue Real), 12 Marquezes, 94 Condes, 22 Viscondes, e 139 Barões, além dos menores, e Catholicos. A Escocia tinha 70 Pares, representados por 16. A Irlanda tinha huns 150 representados por 28 no Parlamento.

As outras jerarquias são Baronetes e Cavalleiros. Dos primeiros havia obra de 500 Baronetes Inglezes, 200 Cavalleiros Baronetes Escocezes, e huns 108 Baronetes Irlandezes, que conferem titulos hereditarios. Os Cavalleiros erão 25 da Jarreteira, 47 do Banho, 13 do Cardo, 15 de S. Patricio, e huns 50 Cavalleiros Bachareis (*).

O segundo Tribunal do Reino, (pois que o Tribunal supremo do Parlamento he o primeiro,) he o da Chancellaria. A sua attribuição he mitigar, em certos casos, os rigores da Lei, e administrar justiça em casos de fraude, falta ou infracção de confiança, ou outros aggravos. O Lord Chancellor Mor, ou, em sua ausencia, o Guarda Mor da Chancellaria, tem assento como Juiz unico, e determina segundo a pratica e a equidade.

(*) A palavra *Sir* actualmente em uso quando se falla com Cavalleiros e Baronetes, vem do Gothico ou Franco *Sihor*, ou Senhor, e antigamente só se usava no tratamento dos Lordes.

O *Banco do Rei* he o Tribunal immediato ao precedente, em ponto de poder e honra. A sua jurisdicção estende-se a todo o Reino, e nelle se resolvem, segundo a Lei, todas as materias relativas á Coroa. He tambem Tribunal de Appellação dos outros Juizes inferiores, e tambem, por ficção de direito, póde o subdito ser alli demandado por divida. Os Juizes são o Lord Chefe de Justiça (ou Regedor), e tres outros Juizes ou Ministros.

O Tribunal de *Common Pleas* (*Pleitos Communs, ou civis*) que poderia em Portuguez denominar-se *Casa do Cível*, he o Tribunal proprio para acções entre partes fundadas no Direito commum e nos Estatutos. Os juizes desta Casa são tambem quatro; o primeiro dos quaes se denomina Lord Chefe de Justiça dos Pleitos Communs; os outros são meros Juizes.

O Tribunal do *Exchequer* (*Conselho da Fazenda*) toma conhecimento de todas as causas relativas á renda publica, e tem poder para julgar segundo a lei e a equidade. Consta de quatro Juizes em exercicio, denominados o Chefe Barão, ou Barão Presidente, e mais tres Barões.

Os doze Juizes destes tres Tribunaes gyrão como Alçada pelo Reino, para administrarem justiça, todos os annos pela Primavera, e pelo Outono; mas fazem-se sessões todos os trimestres pelos Condados, Cidades, e Villas municipaes, chamadas sessões de Condado ou de trimestre, nas quaes se dá audiencia, e se decidem causas de injurias, e outros crimes menores.

Em *Londres e Middlesex* ha oito sessões, que se fazem em *Old Bailey Court* (Tribunal de Old Bailey) a que presidem tres dos Juizes, e o Lord Mayor (ou Presidente do Senado) e o *Recorder*, ou Guarda Mór da Relação, de Londres.

Ha em cada Condado hum *Sheriff* (especie de Corregedor de Comarca) deputado pelo Rei, que executa as ordens deste e todos os mandados que se lhe dirigem; que notifica e cita os Jurados; guarda em custodia segura os criminosos, e julga o seu processo; manda executar a sentença, tanto nos casos civeis como nos crimes; e no acto de Alçada acompanha os Juizes, e os guarda.

Immediatos ao *Sheriff* (ou *Xerife*) são os Juizes de Paz, alguns dos quaes tem commissão regia em cada Condado. Tem a seu cargo fazer executar a Lei no que toca a estradas, pobres, vadios, aleivosias, alborotos, injurias, &c.; e inquirir e entregar á custodia do *Sheriff* para serem sentenciados, todos os que tem infringido as Leis.

Para verificar se se dêo a alguma pessoa morte violenta indevidamente, escolhem os Senhores de terras de cada Condado dois ou mais *Coroners* ou *Coronarios*, para convocarem hum Jurado de doze vizinhos da terra que indaguem a causa das mortes repentinas ou violentas.

Cada *Centuria* (divisão de Condado) tem seu Condestavel Mór, e cada Freguezia tem o seu Condestavel, cuja obrigação he acompanhar o Condestavel Mór (que podemos denominar Alcaide Mór, e Alcaldes menores), para conservar o socego, prender os aggressores e detellos até serem levados perante algum Juiz de Paz; e para executarem os mandados de qualquer Magistrado ou Junta de Ministros, com authoridade, em caso de opposição, de pedir auxilio, com comminação.

Cada Cidade e Villa tem huma administração independente, sob a qual he governada por authoridade Regia, com jurisdicção em si mesma para julgar todos os assumptos civis e criminaes;

ficando salva a appellação aos Tribunaes de *Westminster*, em casos civéis, poisque os casos capitaes toçã aos juizes nas Alçadas, a que chamão *Assizes*.

O governo das Cidades e Villas ou Concelhos differem segundo as suas Cartas ou Foraes. As Cidades tem hum Mayor, ou Presidente da Camara, Vereadores (*Aldermen*), e Cidadãos, que formão huma Camara, e fazem Tribunal. Algumas Villas ou Concelhos tem seu *Mayor*, outras tem dois Alcaldes, que durante o tempo de seu cargo são Juizes de Paz. Algumas Cidades são tambem Condados, e tem o privilegio de escolherem os seus *Sheriffes* ou Magistrados.

Os diferentes generos de Direito em Inglaterra são — 1.º O *Direito Civil*, usado nos Tribunaes Ecclesiasticos e do Almirantado, e nas Universidades. 2.º O *Direito Canonico*, reconhecido nos Tribunaes Ecclesiasticos, no que não for contrario aos Estatutos e ao Direito Commum. 3.º O *Direito Commum*, ou antigo Direito Saxonio, compilado primeiramente por Ethelberto, e depois revisto e emendado por Alfredo. E 4.º o *Direito d' Estatuto*, ou aquellas Leis estabelecidas de tempos a tempos pelas duas Camaras do Parlamento, e sancionadas pelo Rei.

Pelas Leis de Inglaterra, a liberdade pessoal do subdito he forte e zelosamente guardada, e ninguem póde ser prezo ou mettido na cadeia, excepto se for, debaixo de juramento de huma ou mais pessoas, alli mettido por hum Juiz de Paz; nem tão pouco sem algum Mandado de prizão por divida, passado por Tribunal ou Juizo devidamente authorisado.

Quando qualquer he prezo, o Official que o prende he obrigado (pelo Acto *Habeas Corpus*)

debaixo de graves penas, a dar ao preço, ou seu Procurador, dentro de seis horas depois de lho pedir, huma copia do mandado de prisão, para que ninguém possa ser preço por malicia ou vingança, ou sem saber porque motivo.

Se he negada esta copia, queixando-se, debaixo de juramento, ao Lord Chancellor, ou a qualquer dos doze Juizes, com tanto que seja caso a que se admitta dar fiança; ou sobre testemunhas de que tal copia se negou, podem mandar se passe mandado de *habeas corpus* para o preço ser immediatamente conduzido á sua presença; e he obrigado o Magistrado a soltar o preço, dando este fiança.

Se foi alguem accusado de commetter aggravo, antes de poder fazer-se-lhe o processo, deve a culpa ser primeiro examinada por hum grande Jurado de 23 pessoas, doze das quaes pelo menos devem de accordo procurar se achão motivo para acto de querella; achado o qual, passa então o accusado por hum público exame ou inquirição perante doze dos seus iguaes.

Os ultimos, chamados o Jurado Pequeno, dão juramento de que "hão de bem e verdadeiramente examinar, e proferir a verdade entre o Rei e o preço alli presente, segundo a evidencia." Depois de terem plenamente ouvido a prova, e o que dicta a Lei, da boca do Juiz, devem os doze ser unanimes na decisão de absolver ou condemnar o preço.

O Jurado deve ser imparcial e independente, aliàs está sujeito a ser demandado ou contrariado. Devem tambem os jurados dar a sua sentença sobre *seu proprio* juizo, fundado sobre evidencia ou prova clara e positiva; pois que não ha obrigação tão sagrada, nem confiança tão grande,

como a que repousa na integridade e independen-
cia de hum Jurado ou Arbitro.

Todos os crimes capitaes são comprehendidos pelas leis Inglezas debaixo dos titulos de *traição* e *aleivosia* (ou *felonia*). A primeira consiste em ma-
quinar, conspirar, ou levantar armas contra o So-
berano, e fazer moeda falsa, ou contrafazer a moe-
da. Debaixo do titulo de *aleivosias* (ou *felonias*) se
incluem o homicidio, roubo, signaes falsos, cu-
tiladas, facadas, arrombamentos, &c. Estes cri-
mes são punidos com forca; e os homicidas, as-
sassinicos, ou matadores são executados dentro de
24 horas depois de sentenciados.

As pessoas só culpadas de roubo são de or-
dinario degradadas para *Botany Bay*, ou *Bahia Bo-
tanica* na *Nova Hollanda*, por huns tantos annos, ou
toda a vida. O castigo de perjurio he cadeia, e
posto á vergonha no pelourinho o delinquente. —
Os furtos pequenos, ou *gatunices* são punidos com
açaites e prizão. — Os libellos infamatorios, o uso
de pezos e medidas falsificados, o atravessar ge-
neros nos mercados, ou fazer arruido, são casti-
gados com condemnações e cadeia.

CARTA CONSTITUCIONAL DE FRANÇA.

(*Depois de termos dado hum resumo da Constituição Ingleza, passamos agora a dar a Carta Constitucional de França, que he mui bem concebida. Eis-a-gui o seu theor*).

Luiz, por graça de Deos, Rei de *França* e de *Navarra*, a todos os que a presente virem, saude.

A Divina Providencia ao chamar-nos aos nossos Estados depois de dilatada ausencia, impoz-nos grandes obrigações. Era a paz a primeira necessidade dos nossos vassallos; nella nos havemos occupado sem cessar; e esta paz, tão necessaria á *França* como ao resto da Europa, está assignada. Exigia o estado actual do Reino huma Carta Constitucional; nós a promettemos, e nós a publicamos. Considerámos que, não obstante em *França* residir a plena authoridade na pessoa do Rei, os nossos Predecessores não havião hesitado em modificar o exercicio della, segundo a differença dos tempos; que foi deste modo que os *Communs* (o povo) deveo a *Luiz* o Gordo a sua immundade, a confirmação, e extensão de seus direitos a *S. Luiz* e a *Filippe* o Bello; assim se restabaleceo, e desenvolveo a ordem judicial pelas leis de *Luiz XI.*, de *Henrique II.*, e de *Carlos IX.*, assim *Luiz XIV.*, finalmente, regulou quasi todas as partes da administração pública por diversas Ordenações cuja sabedoria nada até então tinha excedido. —

Devêramos, a exemplo dos Reis nossos Predecessores, apreciar os effeitos dos progressos, sempre em augmento, das luzes, as novas ralações que estes progressos tem introduzido na sociedade, direcção impressa nos animos ha meio seculo; e as graves alteraçõs que dellas tem resultado; reconhecemos que o desejo dos nossos Vassallos de huma Carta Constitucional, era a expressão de hum bem verdadeiro; cedendo porém a este desejo, tomámos todas as precauções, para que esta Carta fosse digna de nós, e do povo que nos gloriamos de governar; homens de saber, escolhidos nos primeiros corpos do Estado, reunirão-se a Commissarios do Nosso Conselho para trabalharem nesta importante obra.

Ao mesmo tempo que reconheciamos que huma Constituição livre e monarchica devia preencher a expectação da Europa illustrada, deviamos tambem lembrar-nos de que o nosso primeiro dever para com os nossos Povos era conservar, por seu proprio interesse, os direitos e prerogativas da Coroa. Tivemos esperanza, que instruidos pela experiencia, ficarião convencidos de que a Authoridade Suprema he a unica que pode dar ás instituições que estabelece, a força, a perseverança, e a magestade, de que ella mesma se acha revestida; que desse modo, quando a sabedoria dos Reis livremente concorda com o desejo dos povos, pôde huma Carta Constitucional ser de longa duração; porém que quando a violencia arranca concessões á fraqueza do Governo, não existe a pública liberdade em menos perigo que o mesmo throno. Procurámos finalmente os principios da Carta Constitucional, no character *Francez*, e nos veneraveis monumentos dos seculos passados. Vimos por tanto na renovação da dignidade de Par huma instituição

verdadeiramente nacional, e que deve ligar todas as recordações a todas as esperanças, reunindo os tempos antigos aos modernos.

Temos substituído pela Camera dos Deputados esses antigos ajuntamentos dos Campos de Março e de Maio, e essas Cameras do Terceiro Estado, que tantas vezes derão ao mesmo tempo provas de zelo pelos interesses do Povo, e de fidelidade e respeito á authoridade dos Reis. Procurando assim enlaçar de novo a cadêa dos tempos, que funestos desvários tinham quebrado, riscámos da nossa memoria, como tambem desejamos se podessem riscar da Historia, todos os males que affligirão a patria durante a nossa ausencia. Felizes em nos vermos no seio da grande familia, não soubemos corresponder ao amor de que temos tantas provas, senão pronunciando palavras de paz e de consolação. O desejo mais caro ao nosso coração he que todos os *Francezes* vivão como irmãos, e que já-mais perturbe nenhuma amarga recordação a segurança que ha de seguir-se ao solemne acto que hoje lhe conferimos.

Certos das nossas intenções, fortificados pela propria consciencia, nos obrigamos, na presença do Congresso que nos escuta, a ser fieis a esta Carta Constitucional, reservando-nos o jurar a sua manutenção, com nova solemnidade, diante dos altares daquelle que peza na mesma balança os Reis e as Nações.

Por estes motivos, temos voluntariamente, e pelo livre exercicio de nossa Authoridade Real, concedido, e concedemos, feito concessão e outorga aos nossos vassallos, tanto por nós como pelos nossos successores, e para sempre, da seguinte Carta Constitucional.

Direito Público dos Francezes.

Art. 1. Os *Francezes* são iguaes diante da Lei, sejam quaes forem os seus titulos, e as suas jerarquias.

2. Contribuem todos indistinctamente, á proporção dos seus bens, para as despezas do Estado.

3. São todos igualmente admissiveis aos empregos civis, e militares.

4. A sua liberdade pessoal he igualmente garantida, não podendo ninguem ser demandado nem prezo senão nos casos previstos pela Lei, e na fórma que ella prescreve.

5. Todos professão a sua Religião com igual liberdade, e alcanção para o seu culto a mesma protecção.

6. Com tudo a Religião Catholica e Romana he a Religião do Estado.

7. Os Ministros da Religião Catholica Apostolica e Romana, e os dos outros cultos Christãos só recebem salarios do Throno Real.

8. Os *Francezes* tem direito de publicar e fazer imprimir as suas opiniões, conformando-se ás Leis que devem reprimir os abusos desta liberdade.

9. Todas as propriedades são inviolaveis, sem excepção alguma das que são nacion, aes visto não pôr a Lei entre ellas differença alguma.

10. Póde o Estado exigir huma propriedade por motivo de interesse público, mas com prévia indemnisação.

11. Todas as indagações sobre as opiniões e voos expressados até á restauração ficão prohibidas. O mesmo esquecimento se recommenda aos Tribunaes e aos cidadãos.

12. Fica abolida a Conscripção. O modo do recrutamento do Exercito e da Armada determina-o a Lei.

Formalidades do Governo d'ElRei.

13. A pessoa d'ElRei he inviolavel e sagrada. Os seus Ministros são responsaveis. O poder executivo pertence só a ElRei.

14. ElRei he o Chefe Supremo do Estado, comanda as forças de terra e de mar, declara a guerra, faz os tratados de Paz, alliança, e commercio, nomeia para todos os Empregos de Administração pública, e faz os regulamentos e ordenações necessarios para a execução das leis e para a segurança do Estado.

15. O Poder Legislativo exercitão-no collectivamente ElRei, a Camera dos Pares, e a Camera dos deputados dos Departamentos.

16. ElRei propõe a Lei.

17. A proposição da Lei he levada, á vontade d'ElRei, á Camera dos Pares, ou á dos Deputados, excepto a Lei de Impostos, que deve ser primeiro dirigida á Camera dos Deputados.

18. Todas as Leis devem ser discutidas pela maioria de cada huma das duas Cameras.

19. As Cameras tem a faculdade de supplicar a ElRei proponha alguma Lei sobre qualquer objecto que for, e de indicar o que lhes parecer conveniente que a Lei contenha.

20. Esta supplica poderá ser feita por cada huma das Cameras; mas, depois de ter sido discutida em junta secreta, não será enviada á outra Camera pela que a tiver proposto, senão depois de seis dias de demora.

21. Se a proposição for adoptada pela outra Ca-

mera, será posta na presença d'ElRei; se for rejeitada, não poderá ser representada na mesma sessão.

22. Só ElRei sanciona e prolonga as Leis.

23. A Lista Civil fica fixada, por todo o tempo da duração do reinado, pela primeira Legislatura congregada depois da exaltação d'ElRei.

Da Camera dos Pares.

24. A Camera dos Pares he huma porção essencial do Poder Legislativo.

25. He convocada por ElRei ao mesmo tempo que a Camera dos Deputados dos Departamentos. A sessão de huma começa e finda ao mesmo tempo que a outra.

26. Toda a congregação da Camera dos Pares, que se fizer fóra do tempo da sessão da Camera dos Deputados, ou que se não fizer por ordem d'ElRei, he illicita e nulla de pleno direito.

27. A nomeação dos Pares de *França* pertence a ElRei. O seu número he illimitado; póde ElRei variar as dignidades delles, nomeallos por toda a vida, ou fazellos hereditarios, segundo for da sua vontade.

28. Os Pares aos 25 annos de idade tem entrada na Camera, e só tem voto deliberativo aos 30 annos.

29. A Camera dos Pares he presidida pelo Chanceller de *França*, e na sua ausencia, por hum Par, nomeado por ElRei.

30. Os Membros da Familia Real, e os Principes do Sangue, são Pares pelo direito de seu nascimento. Tem assento immediato ao Presidente; porém não sem voto deliberativo senão aos 25 annos.

31. Os Principes não podem tomar assento na Camera senão por Ordem d'ElRei, expressada em cada sessão por huma mensagem, com pena de nullidade de tudo quanto se fizer em sua presença.

32. Todas as deliberações da Camera dos Pares são secretas.

33. A Camera dos Pares conhece dos crimes de alta traição, e dos attentados contra a segurança do Estado, os quaes serão definidos pela lei.

34. Nenhum Par pôde ser prezo senão por authoridade da Camera, nem julgado em materia criminal senão por ella.

Da Camera dos Deputados dos Departamentos.

35. A Camera dos Deputados será composta dos Deputados eleitos pelos Collegios eleitoraes, cuja organização será determinada pelas leis.

36. Cada Departamento terá o mesmo numero da Deputados que tem tido até agora.

37. Serão os Deputados escolhidos por cinco annos, e de modo que cada anno seja a Camera renovada em huma quinta parte.

38. Nenhum Deputado pôde ser admittido na Camera antes da idade de 40 annos, e huma vez que não pague 1000 francos de contribuição directa.

39. Se com tudo se não achar no Departamento 50 pessoas da idade indicada, que paguem 1000 francos de contribuições directas, será o seu numero completado pelos que mais impostos pagarem abaixo de 1000 francos, e não poderão estes ser eleitos em concurrencia com os primeiros.

40. Os eleitores que concorrem para a nomeação dos Deputados, não podem ter direito de votar senão pagarem 300 francos de contribuição directa, e se tiverem menos de 30 annos.

41. Os Presidentes dos Collegios eleitoraes serão nomeados por ElRei, e serão por direito Membros do Collegio.

42. Metade pelo menos dos Deputados será escolhida entre os elegiveis que tem seu domicilio civil no Departamento.

43. O Presidente da Camera dos Deputados he nomeado por ElRei sobre huma lista de cinco Membros apresentada pela Camera.

44. As sessões da Camera são publicas; mas basta que cinco Membros assim o requeirão, para ella se formar em Junta secreta.

45. Divide-se a Camera em Mezas para discutir os projectos que da parte d'ElRei lhe forem apresentados.

46. Nenhuma lei poderá receber correcção alguma, senão tiver sido em Junta proposta por ElRei, e se não tiver sido enviada e discutida nas Mezas.

47. A Camera dos Deputados recebe todas as proposições de impostos; só depois de terem sido admittidas estas proposições he que podem ser levadas á Camera dos Pares.

48. Nenhum imposto póde lançar-se nem cobrar-se, huma vez que não tenha sido consentido por ambas as Cameras, e sancionado por ElRei.

49. O imposto sobre bens de raiz só he consentido por hum anno. Os impostos indirectos podem ser consentidos por muitos annos.

50. ElRei convoca todos os annos ambas as Cameras; elle as proroga, e póde dissolver a dos Departamentos; mas neste caso deve convocar outra nova dentro do espaço de tres mezes.

51. Não poderá praticar-se constrangimento algum de corpo contra hum Membro da Camera, durante a sessão, e nas 6 semanas antes ou depois desta.

52. Nenhum Membro da Camera póde, em quanto durar a sessão ser demandado nem prezo em materia criminal, excepto em caso de flagrante delicto, senão depois de a Camera ter dado licença para proceder contra elle.

53. Todas as petições a huma ou á outra Camera, só poderão apresentar-se por escrito. Prohibe a lei chamar pessoa alguma á *barra*.

Dos Ministros.

54. Os Ministros podem ser Membros da Camera dos Pares ou da Camera dos Deputados. Tem além disso entrada em ambas as Cameras, e devem ser ouvidos quando o requererem.

55. A Camera dos Deputados tem direito de accusar os Ministros, e de os emprazar perante a Camera dos Pares, que só tem direito de os julgar.

56. Não podem elles ser accusados senão por facto de traição, ou de concussão. Leis particulares especificarão esta natureza de delictos, e determinarão o seu processo.

Da Ordem Judicial.

57. Toda a justiça emana do Rei. Em seu nome a administração os Juizes por elle nomeados e instituidos.

58. Os Juizes nomeados por ElRei são inamoviveis.

59. As Relações e Tribunaes ordinarios actualmente existentes ficão mantidos; nada se mudará nelles senão em virtude de lei.

60. A instituição actual dos Juizes de Commercio fica conservada.

61. Fica igualmente conservada a Justiça de paz. Os Juizes de paz, ainda que ElRei os nomeie, não são inamoviveis.

62. Ninguem poderá ser avocado dos seus Juizes naturaes.

63. Não se poderão por conseguinte crear Comissões e Tribunaes extraordinarios; nesta denominação se não comprehendem as Jurisdições Prevostaes, se se julgar necessario o seu restabelecimento.

64. As discussões serão publicas em materia criminal, huma vez que esta publicidade não seja perigosa para a boa ordem, e para os bons costumes, e nesse caso o Tribunal o déclarará por accordão.

65. Fica conservada a instituição dos Jurados. Só huma lei poderá fazer se effeituem as mudanças que mais longa experiencia julgar precisas.

66. A pena de confiscação de bens fica abolida, e não poderá ser restabelecida.

67. ElRei tem o direito de perdoar, e de commutar as penas.

68. O Codigo civil, e as leis actualmente existentes, que não forem contrarias á presente Carta, ficão em vigor até que for legalmente derogado.

Direitos particulares garantidos pelo Estado.

69. Os Militares em serviço activo, os Officiaes e Soldados reformados, as Viuvas, os Officiaes, e Soldados pensionados, conservarão as suas patentes, honras, e pensões.

70. A divida pública fica garantida; toda a qualidade de obrigação contrahida pelo Estado com os seus crédores he inviolavel.

71. A Nobreza antiga recobra os seus titulos, a nova conserva os seus. ElRei dá nobreza a quem

elle quizer ; não lhe concede porém senão lugares e honras, sem izenção alguma dos encargos, e dos deveres da Sociedade.

72. A Legião d'Honra fica conservada. ElRei determinará os seus Estatutos, e condecoração.

73. As Colonias serão regidas por leis e regulamentos particulares.

74. ElRei e seus successores juraráõ, na solemnidade da sua sagração, observar fielmente a presente Carta Constitucional.

Artigos transitorios.

75. Os deputados dos Departamentos de *França* que tihão assento no Corpo Legislativo ao tempo do ultimo emprazamento, continuarão a ter assento na Camera dos Deputados, até serem substituidos.

A primeira renovação de hum quinto da Camera dos deputados terá lugar ao mais tardar no anno de 1816, segundo a ordem estabelecida nas series.

Mandamos que a presente Carta Constitucional, posta na presença do Senado e do Corpo Legislativo, na conformidade da nossa proclamação de 2 de Maio, seja enviada immediatamente á Camera dos Pares e dos Deputados.

Dada em *Paris* no anno de salvação de 1814 e 18.º do nosso Reinado.

(Assinado) *Luiz.*

Por ElRei, — O Abbade de *Montesquieu.*

 C R I T I C A .
Livros novos de Livros velhos.

O Homem que não tiver medo de Letra Gothica, que se não assustar com livros muito grandes com folhas muito grossas, impressas em Baziléa pelos Estevãos, e pelos Grifos, que se não embaraçar de sahir das Bibliothecas velhas de Conventos bem velhos, mais enfarinhado, e empoeirado que os rapazes em dia de Entrudo, na verdade grandes achados faz! Acha hum bacamarte muito grande escrito pelo Cardeal de Cuza, e pelo meio do bacamarte acha o systema de Copernico, e toda a Theoria do movimento da Terra exposto depois por Galiléo. Quem der com hum bacamarte velho, o mais raro de todos os Bacamartes impressos antes de Quinhentos, composto pelo Cardeal Egidio Romano, e que se intitula: — *De regimine Principis*, — acha o Cidadão de Hobbes, e os principios mais liberaes de huma Constituição. Quem achar dois bacamartes velhos de folha grande, hum de Rafael Volaterrano, outro de Lilio Gregorio Giraldi, acha o Discurso coroadado pela Academia de Dijon, e que abrio a porta da immortalidade de Jan-Jacques. Quem tropeçar com os enormes bacamartes velhos impressos em Veneza, e Florença por Giuntas, e Giolitos, antes de Quinhentos, e logo depois de Quinhentos, de Poggio Florentino, de Lourenço Valla, de Francisco Filelfo, de Domicio Calderini, Bernardino Tilesio, acha todos os grandes Filósofos, Mora-

listas, e Publicistas do seculo 18.º Acha tudo, se tiver paciencia como eu tive, e fica como eu fiquei, com hum, ou dois palmos de boca aberta, e escancarada até as orelhas. Ora parece que todo o homem que souber lêr, e escrever se não deve chamar *Simancas*; — pois ha hum *Simancas* Castelhana, que escreveu hum bacamarte antiquissimo chamado *De Republica*, que consta de nove Livros, onde se acha não só o substrato dos Livros de Grocio do Direito da guerra, e da paz, porém todo o Contracto social de Jean-Jacques. — Tudo isto assim será, porém diga-me, Senhor revolvedor da bacamartaria velha, tambem *Fenelon*, o grande *Fenelon*, acharia o *Telemaco* em algum bacamarte velho? — Sim, senhor, achou; e porque não acharia, se o *Tasso*, Creador, achou no bacamarte velho da *Christiada* de Jeronymo Vida Liv. 1.º a melhor passagem de *Jerusalem*, que he o Conselho de Estado do Diabo no principio do Canto 4.º, como agora appareceo n'hum papel Francez chamado o *Jornal dos Sabios*, onde vem transcritos os versos Latinos do tal Jeronymo, e por baixo litteralmente traduzidos na oitava conrrespondente do Ladrão do *Tasso*! — Mas *Fenelon*!! Sim, senhor, *Fenelon* achou o *Telemaco* feito, e onde, eu lho digo.

Entre os Livros da vastissima Livraria do Marquez de *Lansdown*, pai do actual Lord Chancellor do Thesouro *Henrique Petty*, se achou hum bacamarte antiquissimo de Letra quadrada, Gothica, ou Alemã, impresso em Florença no anno de 1465, 21 annos depois do achado da Impressão; he hum voluminosa Novella Grega, que se intitula — *Athenæ Skelcatae*; tem em frente hum traduccão Italiana velha, feita por Mestre Pedro Proso Florentino, que verte o titulo desta sorte —

Minerva de pantalonas (*Minerva Calzonita*) O Marquez tinha comprado este exemplar, que se julgava unico em o Mundo, a hum Italiano chamado *Pinelli*, que de proposito veio a Londres negociar o achado (não veio servir de testamunha) por tantas Libras, que o bom do *Pinelli* foi para a sua terra, fez-se Conde por algumas cinco Libras Esterlinas; dizem que ainda vive, e que se trata a la grande com mais hum prato de rabiolis diariamente. O biblio-maniaco *Dibdin*, Clerigo Inglez capaz de dar a Prebenda e a sobrepeliz por hum *Gil Vicente*, e que foi o anno passado de Londres a Vienna de Austria só para ver na Livraria do Imperador, beijar, e adorar a ultima Oitava da Jerusalem escrita, e emendada com muitas interlinhas pela mão do mesmo Tasso, imprimio a tal traducção do Pedro Proso:—*Minerva da pantalonas*. O bacamarte original tinha ainda huma unica estampa muito feia, gravada em páo; mandou logo fazer hum—*Fac-simile*; e a estampa representa a *Mentor* deitando-se ao mar atraz de *Telemaco* depois de o haver precipitado do alto de hum rochedo da Ilha de *Calipso*. Veja se o quer mais claro. As jornadas são as mesmas, com o mesmo *Idomeneo*, os mesmos *Salentinos*, as mesmas voltas, com a differença que as viagens do *Telemaco* com a *Minerva de pantalonas*, não se limitão só ás paragens do Mediterraneo, porque o faz embocar o Estreito de Gibraltar, navegar em grande distancia ao Oeste além das columnas de *Hercules*; e isto he mais razoavel, e verosimil, por que se suppomos *Telemaco* em busca de seu pai *Ulysses*, sabendo-se que este navegára dez annos, he muito tempo para andar só no Mediterraneo. A descripção da Ilha de *Calipso* com as columnas naturaes de rocha viva, he a mesma que vemos em a *Novella* de *Fenelon*,

e não pode ser outra coisa mais do que a *Minerva de pantalonas*, vista por Fenelon. Quem quizer achar Livros novos em Livros velhos não se assuste com os bacamartes impressos antes de Quinhentos, de que abundão em Portugal as ricas Livrarias dos Frades velhos; por que se não fossem os Frades Bentos do seculo 13.º talvez não tivéssemos agora nem hum bacamarte velho do seculo de Augusto. Elles copiarão os que poderão escapar á assolação dos ignorantes Wandalos, e *Godos*.

Anecdota Inglesas.

Acaba de succeder ha poucos mezes o caso mais extraordinario, e mais digno da contemplação do Filosofo, no Theatro Nacional de *Covent Garden* em Londres. Representava-se a Tragedia intitulada — *Barba-roxa* — em que o celebre Ensaaiador comico Director, e Empresario do mesmo Theatro, Mister *Peter Bety*, fazia o papel de Achmet; Levantou-se o pano da boca, e o do talão para se começar o quarto acto, eis que chega á ponta do palco Mr. *Murray*, tremendo-lhe tanto as pernas que os Musicos fugirão (gente espantadiça, e espantadora) cuidando que lhes cahia em cima, e disse: Lordes, e Senhores, Mr. *Hargrave*, sensivel á tempestade de pés, pios de caixas, e assobios de chave femea com que foi generosamente a colhido na parte que fazia de Barba-roxa, abalou pela janella de hum camarim que deita para a rua, e levou tal sumiço, que não ha vello nem achallo, por

mais chilins, e cerveja que se tenha prometido ao Procurador do Theatro. — A Tragedia, que devia fazer chorar no fim do 5.º acto, acabou com taes rizadas antes de começar o 4.º, que ainda depois de fechado o Theatro duravão na rua, como algumas pateadas costumão ir atraz dos Actores até se meterem em caza, e depois de estarem em caza.

Na mesma semana em que se observou este repentino eclipse em Londres, se observou outro em Edimburgo. Hum Bacalhoeiro (Mercador de peixe escalado, diz o texto) homem abonado, e muito honrado na sua classe, persuadido de que não só tinha talento, porém huma deecidida vocação para Theatro, com especialidade, para Actor Tragico; deixou a loja, e meteo-se na companhia do Theatro nacional de Edimburgo. Tez-se senhor da veredas mais tortuosas da grande intriga da pôpa do Theatro, e chegou a obter a parte de *Hastings* na Tragedia deste nome. Pòde hir caminhando até meio da Peça com grande tempo de Noroeste, com tamanhos salseiroens de assobios e tão desfeitos repelões de — *fôra tolo* —, que emfim virou de bordo, e fez-se ao largo. Ninguem o vio sahir; nem se lhe pòde ir na alheta, porque os mesmos Cômicos se não ouvião: hums aos outros entre os alaridos, e éccos da detonação maxima da bordada que soáva na platéa. Vio-se então levantar o pano, chegar hum Actor esbaforido, benzendo-se, e dizer “Myladis, e Milordes: M. Stirling (que assim se chamava: o tal do pescado seco) reconhecido ao obsequio que acabava de receber, desappareceo de repente: levando vestido, com o devido respeito de Myladys e Mylordes, os melhores calções, que havia na Guarda roupa e caza de fazenda do Theatro.” — A Platéa perdoou a meate da Peça pelo muito que a tinha feito rir a outra metade.

Gosto destes desfechos theatraes á Ingleza, tamara que pegasse esta tinha Ingleza nos nossos representantes de Tragedias, e de Comedias, que não se dão áquella vida, senão porque se querem dar; largão os seus officios, não sabem pronunciar com correção as palavras menos embrulhadas da Lingua. Allí estão feitos Pedros Grandes, Josés Segundos, Fredericos tambem do mesmo numero dois, dão com os Bodes n'arèa, engasgão-se cada hum delles julga que he Garrick, ou Talma, levão huma pateada nas ventas pelo que dizem, pelo que fazem, pelo que mandão; e coiza de abalar não entendem, deixão-se ficar; annuncia no outro dia o cartaz a mesma Peça, tornão a apparecer, e tornão a fazer o mesmo, e peor. As pateadas não emendão os nossos Theatros nacionaês; porque se ellas tivessem a mesma efficacia, que tiverão as duas acima mencionadas em Londres, e Edimburgo, que fizessem sumir os Actores, talvez que viessem outros que, escarmentandos nos eclipsados, estudassem melhor a difficil arte Dramatica, difficil para o Autor, e difficil para o Actor.

Cazo Inglez.

Conta-se nas historias de Inglaterra que o Dr. *South*, Capellão de Jorge 4.^o, prégara ha pouco tempo na Capella Real do Palacio, e que chegando ao meio do sermão vira que quasi todo, ou todo o illustre auditorio estava a dormir, porque parece que andavão os Lordes tresnoitados com o processo, ou talvez por que o sermão, como muitos, fazia dormir. Parou o P., e mudando de tom chamou por tres vezes o Conde de *Lauderdale*, que acordando se pôz em pé. “Milord, lhe disse o Dr., perdoe V. S.^a; se lhe interrompi o somno, eu o fiz para lhe pe-

dir que roncasse mais devagar, porque se punha a risco de acordar S. Magestade.,,

(*Sendo a seguinte Carta sobre assumpto interessante, se lhe dá publicação neste Jornal.*)

Snr. Redactor do Portuguez Constitucional:

Não tenho dado, que fazer ao Prélo por desconfiar de meu pouco saber: vendo porém hoje a sua audacia, a sua Carta de 28, no Supplemento ao N.º 32 do seu Portuguez Constitucional, em que affrontosamente insulta a Parte Litterata da Nação, faz-se indispensavel, em vindicação de similhante Classe, pôr de parte a timidez, romper o silencio, que havia protestado guardar no meio da alluvião dos Periodicos, que nos infestão, e indicar, sem me fazer cargo d'huma rigorosa analyse, para o que se devisa alli materia de sobrejo, alguns dos erros capitaes, que avança. A si impute este meu arrojõ; sou mui amigo da verdade; não devo consentir, que grasse o erro.

1.º Erro, Erro de Historia: Diz V. m., que a Junta dos Tres Estados foi instituida pelo Snr. D. Pedro II. Erra crassissimamente: Foi ella erigida pelo Snr. D. João IV. por Alvará de 18 de Janeiro de 1643; contaria então o Snr. D. Pedro 5 annos de idade. Deo-se-lhe Regimento em 9 de Maio de 1654; sendo acclamado este Snr. como Regente em 1667, e como Rei em 1683. Não lhe:

faço huma Lista dos nossos Escriptores em prova, porque nenhuma a comparar com aquelles Alvarás, que se podem ler nas Prov. da Historia Gen. da C. R. Tom. IV. N.º 15. e no Systema dos Regimentos Tom. III. Pag. 504.

2.º Erro, Erro de Historia: Suppõe V. m. aquella Junta instituida para representar os Tres Estados: erra crassissimamente. Foi ella erigida sómente para administrar os subsidios votados para a Guerra nas Cortes de 1641, e seguintes. Leia a Mem. 2.ª do Tom. II. da Coll. das Mem. de Lit. publicada pela Acad. R. das Scienc. de Lisboa, Edic. de 1792. Leia aquelles Alvarás, onde poderá vêr qual seu fim, quaes os Membros, que a compozerão. E note mais, que sendo, como suppõe, desnecessarias seriam em tal cazo as Cortes, que se convocarão em 1645, 1653, 1668, 1674, 1677, 1679, e 1697, que de facto se congregarão. Não se confunda por ver que se denominou Junta dos Tres Estados; deo-se-lhe este nome por ser encarregada d'administrar fundos votados pelos Tres Estados em Cortes.

3.º Erro; Erro de Historia: Diz Vm. que o Sr. D. Affonso 6.º foi deposto em Cortes: erra crassissimamente. Não foi deposto: fez desistencia de seus Reinos em 22 de Novembro de 1667; o que muito diversifica. He verdade, que o fez em vista da crise que o opprimio; não foi ella por certo espontanea absolutamente; mas de facto não foi decretada em Cortes a sua deposição; e podia sua conducta ser igual á do Sr. D. Sancho 2.º, que, deposto no Concilio de Leão; não desistio de seus Reinos na Pessoa de seu Irmão o Sr. D. Affonso 3.º, decretado Successor *jure Regni*. Leia para desenganar-se o acto de Renuncia, que se vê nas Prov. da Hist. Gen. da C. R. Tom. 5.º n. 49.

4.º Erro de Historia: Suppóz Vm. na Hespanha 2 Nações diferentes Goda, e Wisigoda: erra e assissimamente. Essa, que suppóz 2 Nações, foi humia só Nação: e devia dizer Goda, ou Wisigoda; e se teria melhor explicado, se dicesse tão somente Wisigoda. Deve saber, que os Godos, cujos dominios se estendião desde a Lagoa Meotis até a Dacia, humia das Nações Septemtrionaes, que s'estabelecêrão sobre as ruinas do Imperio Romano, se dividião em Ostrógodos ou, Godos Orientaes, que tambem s'appellidavão Gruthongos, e em Wisigodos, ou Godos Occidentaes; que tambem se denominavão Thervingos; e forão estes, que com Athaulfo, cedendo da conquista d'Italia, se retirarão ás Gallias, e passárão depois á Hespanha. Leia para desenganar-se o Discurso de D. Manoel de Lardisabal e Uribe sobre a formação do *Fuero Jusgo*; e a Mem. ult. do Tom. 6. da Coll. das Mem. de Lit. publicada pela Acad. R. das Scienc. de Lisboa, Edic. de 1796.

5.º Erro; Erro de Logica. Diz Vm., porque fomos Romanos, quando a Hespanha foi Romana; por que fomos Godos, Wisigodos, e Arabes, quando foi Goda, Wesigoda, e Arabe; agora, que ella tem hum Governo Monarquico constitucional, devemos nós tello igualmente; agora porque sua convocação he na razão de sua População, por Parroquias, Partidos, e Provincias, a nossa convocação deve seguir marcha igual. = Então, Senhor *Redactor*, ha de conceder-me, aliaz he falsa a conclusão, que se o Governo de Hespanha fôr hum dia o do Imperio Othomano; que se hum dia a Hespanha professar a Religião de Mahomet, devemos de boa vontade, por ir com ella, entregar o Collo aos 3 Mudos do Divan; devemos sem escrupulo ler o Alcorão, em vez da Biblia.

6.º Errò; Erro de calculo. *Sommou* Vm. 891 Camaras, ou Concelhos. Errou crassissimamente; Por mais que faça não achará mais que 841 Terras capitaes: Lêo Vm. as Reflexões de Franzini, não apurou e escreveo: Veja o Sehema, que se sêgue:

522. Cidades.	} Leia o Mappa Alfabetico de 1811, o metta as duas Villas Olhão, e Cartaxo.
126. Villas.	
146. Conselos.	
15. Contos.	
23. Honras.	
5. Reguengos.	
2. Julgados.	
2. Lugares.	
<hr/>	
841. Total.	

Não mais ; se bem que muito mais havia que notar.

Por commiseração lhe perdoe o querer Vm. ostentar achar-se ao facto de todas as Constituições da Europa, quando diz. = “ Assim o practicá-rão as outras Nações, que primeiro se juntárão em congresso constituinte, ,, = quando apenas terá lido a de Hespanha. Mas não devo perdoar-lhe o querer, que o Povo Portuguez seja hum Povo servil imitador; quando em vista da nossa Carta Fundamental, e do que se practicou por tantos seculos; Carta, e Praxe, que nos deo o dominio d’Africa, Asia, America, de tantas, e tão grandes Ilhas, se pode fazer huma convocação melhorada (melhor que a de Hespanha) amalgamando-se, com os costumes velhos, usos novos. E menos devo perdoar-lhe o querer comprometter a Junta Provisional Preparatoria das Cortes, insinuando, que sejam as Eleições nas Capitaes das Provincias, presididas

por Pessoas da escolha da mesma Junta. Que diria a Nação toda? Diria que sua influencia tinha agri-lhoado o pensar dos Deputados; e que por conse-guinte, sem voto livre esses escolhidos Represen-tantes, era nullo tudo quanto formassem.

Espero que se modere, e que instando pela im-pressão de todas as Memorias, cuide só de escrever com exactidão; não terá então duvida em se de-clarar por seu Amigo

O Portuguez

Libertas.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

D E

L I S B O A.

N.º XI. NOVEMBRO DE 1820.

P O L I T I C A.

*Traducção de hum Artigo da Gazeta de França de
10 de Outubro 1819.*

*Da Liberdade da Imprensa; pelo Visconde de Cha-
teaubriand.*

HE certo que o Ministro do Interior mandou se lhe apresentasse hum relatorio sobre o estado de liberdade da Imprensa em França; e tambem he certo que a conclusão do relatorio he pouco favoravel a esta liberdade.

As medidas que se acabão de tomar na *Alemanha* reanimão a esperança dos que quererão reconduzir-nos á Censura. Que os jornaes ministeriaes digão hoje que não se ha de restabelecer, isso nada prova; na linguagem dos nossos homens

d' Estado, bem sabemos o que significa *jamais*. Além disso o Ministerio está obsidiado pelos antigos agentes da Policia. Estes inimigos do Governo representativo não cessão de lamentar o bom tempo do arbitrario Imperial; temem sempre que se vão desenterrar algumas das suas vilezas. A Carta lhes he odiosa; a liberdade da Imprensa lhes parece hum verdadeiro flagello, pois que ella pode cedo ou tarde expulsallos dos negocios; ora, de balde estão elles manchados na opinião, nem por isso se conservão menos afferrados aos empregos. Ha homens publicos para os quaes o desprezo he huma especie de iman que os prende aos seus lugares. Estabeleçamos alguns principios, recordemos alguns factos, para nos pormos em defesa contra qualquer surpresa.

Não ha Governo constitucional sem liberdade da Imprensa: nós o temos dito e repetido em todos os nossos escritos; cremos que o provámos.

Expliquemo-nos: se fazem tenção de queimar a Carta, nada mais consequente que supprimir a liberdade da Imprensa; mas se pretendem deixar-nos huma, e tirar-nos a outra, isso he hum absurdo.

Vio-se em França a Censura com a Carta. Como forão as couzas? Todas a travez. Em 1815, tivemos o 20 de Março; em 1816, o Decreto de 1816, e o resto.

O que havia peor sobre a Censura, he que a liberdade da Imprensa não estava supprimida de facto: era somente huma administração entre as mãos de hum Ministerio que a recusava aos Realistas por odio, a concedia aos revolucionarios por medo, e o arrendava aos Ministerios mediantê certa vassallagem ou servidão, penas de corpo, *corvées*, e outros trabalhos domesticos.

Em quanto o Ministerio pôde encadear a opinião Realista, não se embarçou com os ataques da *Minerva*, da *Bibliotheca Historia*, das *Cartas Normandas*, &c. Os insultos á Monarquia legitima, as blasfemias contra a Religião, lhe parecião apparentemente bagatellas: mas quando appareceu o *Conservador*; quando nos foi possível defender o throno e o altar, repellir as calumnias, denunciar a *Correspondencia privada*, desmascarar certos homens, então o Ministerio se assustou. Não podendo estender a Censura até as folhas semi-periodicas, abandonou o imperio das folhas quotidianas; em causa desesperada, precipitou-se na liberdade da Imprensa; julgou esconder-se nella, mas afogou-se.

Verdade he que a multidão dos Jornaes lhe parece hum meio de salvação; contou com extravios: enganado por suas paixões e por seus lisonjeiros, imaginou que a opinião realista hia justificar as accusações revolucionarias. Aconteceo tudo pelo contrario: os Jornaes monarchicos tem mostrado mais zelo pela Carta, mais calor pelas liberdades publicas, do que as Gazetas independentes: seu effeito sobre a opinião foi prompto, e sensivel. Ora, reunir os sentimentos generosos ao bom direito, he demasiado forte: se se permittir por mais tempo a liberdade da Imprensa, toda a França quererá a Religião, o Rei, a Carta, e as pessoas de probidade. Venha depressa hum remedio contra esta maldita opinião realista. A França christã? a França livre? Que viria a ser do Ministerio? Só ha hum meio de pôr tudo a salvo; he restabelecer a Censura.

Não duvidemos disto; as relações secretas sobre o estado da liberdade da Imprensa não podem ter sido ordenadas senão com miras hostís contra a opinião monarchica; porque os jornaes liberaes não

são hoje nem mais impios, nem mais anti-legítimos, nem mais calumniadores do que erão sob o regimen da Censura: pode qualquer convencer-se disto pelos extractos destes jornaes; extractos que o Sr. Cardeal de *la Luzerne* recolheo e publicou no principio da ultima sessão. Assim, os realistas devem ter por certo que todo o projecto contra a liberdade da Imprensa particularmente os ameaça a elles. Esta verdade adquiriria novo grao d' evidencia, se se provasse que hum dos nossos Ministerios tomou 1500, ou 1600 assignaturas ao *Constitucional*.

A Censura restabelecida nos tornaria a pôr na posição em que nos achavamos o anno passado: licença para as folhas revolucionarias, escravidão para os jornaes monarchicos. Quanto ás Gazetas ministeriaes, pode-se ler em hum dos ultimos numeros do *Courier* hum artigo, onde o que ha mais sagrado para os Christãos he grosseiramente ultrajado. Ora, nós teriamos os mesmos artigos debaixo da Censura, pois que elles contém as opiniões daquelles que serão senhores dessa Censura.

Obtendo a liberdade da Imprensa tem os Realistas obtido tudo. Em quanto subsistir esta liberdade, está-lhes assegurado o triunfo. De ha 30 annos para cá, isto he, desde o principio da Revolução, todas as vezes que a Imprensa foi verdadeiramente livre, a França se fez realista; e todas as vezes que se tem querido manter e reconduzir a Revolução, foi preciso supprimir a liberdade da Imprensa: a Revolução não se pode salvar senão por *golpes de Estado* contra esta liberdade.

Isto he hum facto sem replica. Ainda todos se lembrão do successo de *Mallet-du-Pan*, em 1789, 1790, e 1791; e com tudo naquella época tinha a lutar com toda huma nação em delirio. Os revo-

lucionarios assustados recorrêrão a huma medida *liberal*, que fez calar a opposição: estabelecerão como lei repressiva a proscricção, e por censor o carrasco: *Mellet-du-Pan* vio-se obrigado a fugir; *Durozoy* pagou seus escritos com a cabeça.

Depois do terror, houve liberdade d' Imprensa. Qual foi o resultado disso? A França veio a ser tão realista, que o Directorio não pôde prevenir o restabelecimento do throno senão pelo 18 Fructidor: os escriptores monarchicos forão condemnados em massa á Deportação. Vio-se o que sempre se vio na França revolucionaria: os mais activos republicanos, os mais ardentes prégadores da liberdade e da igualdade, gritárão contra a liberdade da Imprensa. Restão-nos discursos destes tempos d' independencia; discursos nos quaes hum Ministro democratico estabeleceo por principio, que se deve estabelecer a Censura, e que he impossivel governar com a liberdade da Imprensa! Ultimamente *Fouché*, durante os cem dias, declarou que se Bonaparte concedia a liberdade aos jornaes, a França passava a ser realista.

A nova prova que temos diante dos olhos vem ajuntar a sua força a estas antigas provas. Ousar-se-hia dizer que depois da abolição da Censura, não tem a opinião realista feito immensos progressos? Os jornaes monarchicos contão pelo menos mais hum terço de assignantes que os jornaes revolucionarios, e ministeriaes, todos juntos. Ha dois annos que a opposição da direita (da Camera) não obtem Deputado algum nas eleições pela sua propria força; este anno obteve huns poucos; e se os eleitores addictos á ordem legitima se tivessem vendido a seus collegas, terião, apezar do vicio radical da lei, balançado as escolhas revolucionarias. A que cumpre attribuir estes bons suc-

cessos? Aos jornaes realistas. Quem matou a famosa *Correspondencia privada* do *Times*? Os jornaes realistas. Quem ha mudado a opinião da Europa? Os jornaes realistas. Qual seria pois o successo destes, se em vez de serem obrigados a combater os Ministros do Rei, sustentassem estes Ministros, e fossem por elles sustentados?

Mas porque se mostram os Ministros tão fatigados da liberdade da Imprensa? Porque se poserão na mais estranha posição: elles não pertencem a opinião alguma. Ponthão-se ou da parte do *Conservador*, ou da parte da *Minerva*, e logo no mesmo instante terão por si hum dos dois partidos que dividem a França. Não serão já obrigados a pagar duas pobres folhas publicas, que suas enfermidades conservão no estado de maior languidez, e que morrem antes de se saber que existirão. Em Inglaterra não se conhecem jornaes puramente ministeriaes. Os Ministros são sustentados simplesmente pela opinião em que se collocão: isto custa menos, e he mais seguro.

Sejamos justos: pode acontecer que os Ministros tenham motivo de queixa de alguns ataques pessoaes demasiado violentos. Mas tambem se pela sua parte forem justos, hão de convir que, abusando da Censura do modo mais odioso, elles havião preparado estas inevitaveis recriminações. Como forão tratadas as pessoas de maior probidade da França nos jornaes censurados? Que serviços não se metêrão no escuro, que talentos se não insultarão, se estes serviços, se estes talentos, se achavão em huma opposição que o Governo representativo faz nascer? Quem se não recorda do deploravel artigo levado, em nome de hum Ministro, por hum Gendarma ao *Jornal dos Debates*, artigo em que se ultrajava hum prezo, que não estava sequer

em estado de prevenção! E este prezo era o salvador de *Lyão*, esse General *Canuel*, que os Tribunaes vingarão da mais estúpida, bem como da mais negra de todas as calumnias. Esquecêrão-se os Ministros dessa pretendida conspiração em que nos quizerão envolver? Já se esquecerão dos estranhos interrogatorios de que nós fomos objecto? Já se esquecerão da *Correspondencia* privada que, tres annos a fio, vomitou contra nós as mais vis calumnias? Os Ministros, por estes ataques que aggravavão os jornaes debaixo das suas ordens, não se contentavão de mostrar huma simples dissidencia politica; não tendião a menos que a fazer decepar nossa cabeça: e hoje elles se admirão de que ainda reste algum calor no fundo da opinião daquelles homens, que elles tão indignamente perseguirão!

Mas, depois de tudo, deve-se acaso renunciar o Governo constitucional, abandonar as nossas liberdades, só por que a liberdade da Imprensa molesta e fatiga alguns homens empregados? Fazei do vosso mérito hum fecho, e os tiros que o inimigo vos lançar cahirão a vossos pés. Sem duvida, se vós investirdes do poder hum homem sem capacidade, hum homem que a moral reprova, elle será vulneravel por todos os lados; padecerá muito pelos ataques pessoaes; mas acaso prejudicarão nunca estes ataques algum homem que tivesse valor pessoal? As injurias do *Morning-Chronicle* determinarão acaso *Pitt* a pedir jamais ao Parlamento hum bill de Censura? Hum homem publico, em hum Governo constitucional, não deve ser tão melindroso; seja-nos licito appellar para a nossa propria experiencia: se ha quem tenha direito de se queixar dos ultrajes dos periodicos, somos nós. Objectos de hum duplicado ataque, litterario, e

politico, que couzas se nos não tem-dito ha 20 annos para cá! As Gazetas de Mr. *Fouché* nos tratarão como as de Mr. *Decazes*; que resultou dahi? As pessoas que nos concedião sua estima, não nolla tirárão, e fez-se ler hum pouco mais as obras que se querião proscrever. Podemos pois assegurar que os golpes dirigidos contra hum homem de probidade não fazem mal algum. *Pæte, non dolet.*

Se além disto os Ministros pretendessem tirar-nos a liberdade da Imprensa, de que meios se havião de servir? De huma lei? Ella não passaria nas Camaras: seria tambem mui duro vir, depois de huma curta experiencia de oito mezes, pedir-nos que nos contradissemos em alta voz, rogar-nos que sacrificassemos á insufficiencia ministerial a mais necessaria das nossas liberdades. Empregar-se-hia hum Decreto? Mas hum Decreto não pode destruir huma Lei, e huma Lei promulgada tão recentemente e com tanta solemnidade. Bastaria que hum unico jornalista, hum unico escritor recusasse obedecer, para produzir huma violenta explosão da opinião publica. Nós pensamos, e já o dissemos, que certos homens de Estado tomárão poder confiscar a Carta em pró do art. 14; mas nós ainda não estamos nesse ponto. Os que figurão que se poderia impunemente suspender a Constituição, torcer as palavras da Carta, para tirar disso arbitrariedade, conhecem mui pouco a força das couzas que nos arrasta, e a capacidade dos homens que crem nos dirigem.

Tornamos a dizer; se os Ministros querem esquivar-se ás pequenas tribulações que lhes causa a liberdade da Imprensa, não tem mais que collocarem-se em huma das duas opiniões dominantes; está da sua parte escolherem huma ou

outra. Procurão a mais forte? He-lhes facil no momento actual differença. Os revolucionarios, pela 20.^a vez, deixão escapar o segredo da sua fraqueza: este partido não pode avançar, não se pode sustentar, não pode ser couza alguma senão pelo favor dos Ministros. Na segunda volta do Rei foi abatido; não ergueo cabeça senão depois do Decreto de 5 de Setembro; julgou-se perdido de novo quando se tratou de 2.^o Ministerio de Richelieu; huma unica frase do discurso do Rei o fez tornar a terra; a proposição de Mr. Barthelemy o consternou; hoje está nas mais mortaes inquietações; o Congresso de *Carlsbad* o derrubou. Não ha offertas, nem promessas que elle não faça ao poder: os *Comités* directores são congregados; ha deliberações; mensagens sobre mensagens ao Ministerio: ora se propõe o suspender todo ataque contra o Ministro do Interior; ora se fulmina contra a resolução da Dieta de *Francfort*; depois, tornando a vir o medo, declara-se que se ficará neutro. Pois assim perdem a tramontana, quando são tão fortes? Fazem depender o seu destino de huma politica estrangeira, de huma resolução de Gabinete? Vede os Realistas: acaso se revolvem ou se agitam elles por huma mudança de Ministerio? Altera-os por ventura a perda do favor? Elles verião amanhã estabelecer-se hum Ministerio liberal, e, longe de serem perdido o jogo, o terião por ganhado. Elles vierão de mais longe; a sua força jamais se destroe. — Elles portanto se não atemorizão; não intrigão; não tem *Comités* directores. A Europa os não attende por espaço de tres annos; e elles nem por isso se abatêrão: a Europa lhes faz hoje justiça, e este successo os não exalta. Elles applaudem, não ha duvida, os resultados geraes do Congresso de *Carlsbade*, sem ajuizar de

algumas particularidades, e sobre tudo da conveniência local, que podia determinar a clausula relativa á suspensão da liberdade da Imprensa. O acto memoravel que se diz ser redigido por Mr. Ghentz, homem de grande merito, he a primeira barreira que a Europa tem posto ha 30 annos para cá aos principios revolucionarios: se os Soberanos o mantiverem, elle poderá salvar a sociedade. Esse acto dá aos povos Alemães huma Constituição nova, fundada na sua antiga Constituição, como o Governo representativo em Inglaterra está fundado sobre as próprias bases da Aristocracia Normanda: o velho tronco Germanico nutrirá com a sua seve o enxerto que se lhe faz. Em França desarraigou-se a arvore; quiz-se loucamente separar o futuro do passado.

Os realistas vêem pois com prazer prosperar na Alemanha os principios Monarquicos, mas não procurão neste triumpho geral da boa causa a sua victoria particular; assim como jamais pedem favor na adversidade, tambem na prosperidade nenhum favor reclamão. Todas as suas intrigas consistem em dizerem alta e publicamente aos Ministros: "Nós estamos promptos a auxiliar-vos se
 „ abandonardes hum systema destruidor, se cessar-
 „ des de perseguir os homens monarquicos, e se
 „ nos derdes leis monarquicas. Por este preço, nós
 „ vos serviremos com todas as nossas posses; á
 „ manhã passamos ás vossas bandeiras, escreverem-
 „ mos a vosso favor, esqueceremos quanto haveis
 „ feito contra nós. Não vos pedimos nem os vos-
 „ sos lugares, nem as vossas honras; guardai-as,
 „ e salvai a França."

Escolhão os Ministros agora entre as proposições *secretas* dos revolucionarios, e as proposições *publicas* dos realistas! Contem os votos nas Cama-

ras, acharáõ que a opposição da direita, unida ao centro, lhes daria huma immensa maioria. Calcullem o effeito dos periodicos independentes e dos jornaes monarchicos, e verão que a opinião monarchica he a opinião dominante em França. Isto nos reconduz, acabando, ao nosso assumpto.

O phenomeno da influencia dos jornaes Realistas entre nós (phenomeno que todavia o não he) não cessa de confundir os homens democraticos. Estes homens querem em theoria, a liberdade da Imprensa; mas assim que ella se concede, recuão diante da pratica. Espantão-se dos effeitos que não esperavão; admirão-se que a liberdade da Imprensa abandone a revolução, que esta liberdade se ponha da parte dos que são designados, tão injustamente, como os inimigos de todas as idéas generosas. Com tudo estes homens, com alguma imparcialidade, não devêrão acaso concluir que os costumes naturaes da França são os costumes a que a multidão he mais facilmente reconduzida? Se no combate das doutrinas ha huma que sempre alcance a victoria, não he evidente que esta doutrina he a mais forte? Ora, nenhuma doutrina triunfa extensamente se não he fundada em razão e justiça. Logo, a opinião realista, que domina entre nós quando he livre, he a opinião Franceza, assim como he a opinião justa e racional.

Tudo ponderado, não vemos que devão temer a liberdade da Imprensa senão o crime, a baixeza, e a mediocridade: o crime a teme como hum cadafalço, a baixeza como hum ferrete, a mediocridade como huma luz. Tudo quanto he destituido de talento procura o abrigo da censura: os temperamentos debeis gostão da sombra.

ESTATÍSTICA.

O Povo Portuguez seria o mais feliz do Mundo, se, assim como a Natureza o favoreceo com os seus mais preciosos dons, se esmerasse em tirar delles todo o proveito que pode. Mas deve-se confessar que hum dos defeitos da nossa Nação, a qual, tendo menos defeitos que outras, só por elle tem decahido na inferioridade em algumas couzas a respeito dellas, he a indolencia em procurar industriosamente obter todos os resultados que poderia tirar da fertilidade do seu solo, do vigor dos homens de hum paiz sadio, e da extensão dos recursos, que goza muito maiores que outras muitas Nações. Póde tambem esta falta em grande parte attribuir-se á pouca energia do Governo em algumas épocas; a do Reinado do Sr. D. *José I.* prova de quanto he capaz a Nação em sendo bem dirigida, e em se fazendo cumprir a Lei. Sua Augusta Filha a Senhora D. *Maria I.*, seguindo os seus passos, mas menos feliz na escolha de hum homem que supprisse a falta do grande Ministro de seu Augusto Pai, não deixou de continuar as providencias para a prosperidade do paiz. Huma dellas he a seguinte Provisão, de que resultou a excellente informação, que se lhe segue, do Provedor da Comarca de *Evora* sobre a de *Villa-viçosa*, que por sua utilidade publicamos.

PROVISÃO.

DONA Maria por graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves; dáquem, e dálem Mar, em Africa Senhora de Guiné, &c.

Mando a vós Provedor de Comarca d' Evora, que, desoccupando-vos de qualquer diligencia, passeis a Cômarca de Villa-Viçosa, e com a possivel brevidade informeis exactamente, assim da extensão do Termo, Territorio, e População da dita Comarca de Villa Viçosa, como de contiguidade, e proximidade d' ella, e dos seus habitantes com a sua Capital, e igualmente das Villas, Lugares, Freguezias, e Concelhos, que commodamente e a proporcionadas distancias se lhe possão annexar, dirigindo a sua extensão, e circuito, de huma maneira a mais commoda, e a menos dispendioza para os meus Vassallos, fixando as idemnidades dos desfalques das terras, e Jurisdicções, que se hajão de fazer ao Real Estado, a bem d' outras Comarcas, de que os limites deverião pela mesma razão ser augmentados: informando juntamente com individuação particular da Povoação, da Agricultura, Fabricas, Commercio, e Industria interna de cada hum dos seus Districtos: dos Concelhos, quanto ao Ecclesiastico, ao Civil, e ao Militar: dos bens que lhes pertencem, e do estado de ruina, ou melhoriação em que se achão: dos pezos e medidas, que nelles se uzão, e da sua differença, ou uniformidade: dos Direitos da Coroa, e Fazenda, como assim dos Direitos Reaes, Padroados, Reguengos, Capellas,

Prazos, Proprios, e outros, ou estejam na Coroa, ou na Administração dos Donatarios Ecclesiasticos, ou Seculares: ouvindo sobre todos estes objectos as Cameras respectivas, e os seus competentes Magistrados, e remettendo os Planos, e Memorias, que d' huma, e doutra parte, e ainda pelos Povos, vos forem apresentados munidos das reflexões, que vos parecerem convenientes. O que cumprireis, e me dareis conta de tudo pela Meza do meu Desembargador do Paço, por mão do Escrivão da minha Camera na dita Meza, José Frederico Ludovici.

A Rainha Nossa Senhora o mandou pelos Ministros abaxo assignados do seu Conselho e seus Desembargadores do Paço. = Joaquim José Pinto a fez em Lisboa a 20 de Abril de 1792. = José Frederico Ludovice a fez escrever. = Antonio José Vieira d' Azevedo. = Manoel Pedrozo de Lima.

I N F O R M A Ç Ã O.

NA conformidade da Provisão junta, de 20 de Abril do presente anno, deprequei a todas as Cameras da Comarca de Villa Viçosa, para que respondessem individualmente a cada hum dos Artigos da referida Provisão ouvindo os Povos: e igualmente deprequei aos seus respectivos Magistrados, para que me informassem com toda a exactidão, sobre o seu conteúdo, remettendo-lhes as competentes copias da mesma Provisão.

Em 16 de Junho do presente anno dei conta a Vossa Magestade do estado daquella Comarca, representando-lhe o methodo, que me pareceo mais commodo, e proporcionado para se regular, de maneira que a cada hum dos povos seja facil o recurso á Capital: apontando igualmente o meio mais adequado de se compensarem os desfalques das Correições visinhas; e por tanto sobre estes dois objectos me refiro á dita Informação.

Em quanto porém aos mais Artigos, que na provisão de 20 de Abril se declarão, satisfaço com as mesmas respostas das Camaras de fl. até fl. e informações dos respectivos Magistrados a fol., que eu recopilei dos Mappas juntos de fl. até fl. para ver-se com mais facilidade o conteudo nas referidas respostas, e Informações; e conformando-me em tudo á Letra da mesma Provisão, faço as reflexões seguintes em cada hum dos Artigos, que nella se comprehendem, descriptos pelo mesmo methodo, que se apontão nos referidos Mappas.

A R T I G O I.

A extensão da Comarca de Villã Viçosa he de duas até quinzê leguas, cujo territorio he disperso, e adiantando-se ás Comarcas d' Avis, Elvas, e Evora, sobressalta muitas terras das referidas Comarcas, para se fazerem as Correições de Portel, na distancia de dez leguas, d' Arraiolos oito e meia, Alter do Chão oito leguas, Julgado da Margem Chancelaria, doze até treze leguas.

Na Informação, a que me refiro, e que fiz presente a Vossa Magestade em 16 de Junho do presente anno, tomei por principio certo do regu-

lamento desta Comarca, e da outra d' Avis a distancia de cinco leguas á Capital; não só porque a Ordenação do Reino não a considera excessiva; mas tambem por não ser grande a distancia, que permite a cada hum sahir de sua casa, e recolher-se a ella no mesmo dia; penso por tanto ter arredondado a dita Comarca, attendido não só o commodo das partes, mas igualmente o do Corregedor, que fica bem compensado do prejuizo, que póde resultar-lhe da desmembração das referidas terras pela annexação das outras, que se apontaráõ ao Artigo 4.

A R T I G O II.

A população da Comarca comprehende 3§572 fogos, e 31§782 individuos: ella he a mais povoada de toda a Provincia: mas assim mesmo tem grandes espaços deshabitados, e por falta de gente não tem a Agricultura o adiantamento proporcionado aos conhecimentos, e bons principios de que está instruida huma grande parte dos seus moradores.

As origens da falta de população são bem conhecidas: tem-se emendado em parte, por meio da santa providencia, que ordenou a criação dos Expostos pelos bens das Sizas, quando faltão os dos Concelhos; mas ainda não he tempo de colher os preciosos fructos dehum arbitrio tão cheio d' humanidade, e religião.

Não se chegou porém á raiz daquelle damno horrivel, consistente na reprovada diminuição da especie humana: a desigualdade dos Matrimonios, prohibida por Lei, mas tolerada por pratica, o augmenta muito: o homem Nobre, que por força da sua paixão vergonhosa, cobêta com o falso, e qui-

merico pretexto d' huma consciencia gravada, contrahe huma alliança indecorosa á sua familia: passados, não digo alguns dias, mas poucos instantes, vê substituído o appetite pelo pezar, e contrahindo-se aos dolorosos sentimentos de hum mal, que não tem remedio, perde todas as disposições, e desejo innato d' augmentar a sua descendencia, sobre que vem a ser o mais parco, e economico por principios fysicos, e moraes.

O homem plebêo, costumado á pobreza, e á miseria, passando, por meio d' hum casamento vantajoso, ao estado d' opulencia para que não estava preparado, distrahe-se; e perdendo a estimação da consorte arrependida, por mais que se empenhe nos fins a que se propoz, ainda sendo os mesmos do estado conjugal, não consegue pela maior parte, mais do que hum delles, quando todos se não frustrão pela desestimação reciproca dos Conjuges.

O celibrato, o estado mais perfeito do homem, e que parece igualallo aos mesmos Anjos, quando he professado por amor da castidade, se tem convertido em prejuizo da sociedade e da Religião, admittindo-se a elle homens mercenarios, sem vocação, e que só o buscão para fugir ao trabalho, e aos discomodos da vida civil: outros, por não incorrerem no anáthema dos Pais e dos Parentes, que por interesses particulares os sacrificão a huma vida a que se não porporciona o seu estado fysico, são forçados a seguilla, enchendo-se assim os Claustros de victimas da mais vil ambição, e da mais sórdida avareza.

Outros em fim por não dependerem dos Primogenitos das Familias, a que pertencem, e vendo que lhes estão preparados Beneficios pingues, que os constituem em independencia, e em fartura, correm cegamente atraz das suas commodida-

des temporaes, que os precipitão nos horrores do arrependimento, da confusão, e de continuos remorsos, quando não acontece, que, por lhes ser insupportavel o grilhão que os prende, o quebrão escandalosamente, e abjurão a vida que professarão, profanando-se por toda a sorte de vicios, e pelos mais abominaveis procedimentos.

A tolerancia dos vagabundos, dos libertinos, e dos concubinarios, que, por terem capricho mal entendido, já não são o objecto das Devassas geraes, tambem encurta a população: cada hum vive como quer; e o Magistrado que pretende reprimillos vê contra si o odio de huma população inteira, que o trata de rigorista e de fanatico.

Não influem menos na falta de população, como causas fysicas, a demasia do Luxo, e a pobreza dos Povos: huns não cazão por não terem patrimonio sufficiente a supportar os encargos do Matrimonio; outros, que se determinarão a contrahillo, reprovão a fecundidade das Consortes; todos os dias se ouvem Pais, e Mãi de Familias pedindo ao Ceo (com horror da Natureza) lhes não dê filhos, reputando castigo o que foi premio da Fé do maior dos Patriarcas.

O Luxo levado até hum certo ponto faz os homens ageis, industriosos, e bons vassallos; mas logo que passa de huma certa medida, debilita-os, impobrece-os, e os reduz a huma tal languidez, que os impossibilita para todos os empregos da vida civil: o Luxo da meza porèm he o mais pernicioso, e depois que elle entrou nesta Provincia diminuiu sem duvida a população della; o que bem se verifica comparando a população d'huma Cidade com a d'huma Aldea: acha-se maior fecundidade nas mulheres rusticas, que não conhecem a ociosidade e paixão huma vida sobria; de maneira, que ha Pe-

voação nesta Provincia de quatro centos Fogos, em que apenas tres, ou quatro não tem filhos, e huma grande parte conta seis até doze; pelo contrario nas Cidades, em que a delicadeza do sexo feminino augmentada pelo desvario dos homens tem excogitado todos os meios de se arruinar, achão-se muitos Fogos, em que não há hum só filho.

O methodo de os criar he tambem huma origem da falta de população: desgraçadamente se tem introduzido a moda de se assalariarem mulheres para a creação dos filhos, sem advirtir-se talvez nas funestas consequencias de hum erro tão pernicioso. O sustento de todos os viventes, se não he proporcionado á capacidade do seu estomago, principal officina de todos os animaes, estraga as suas fibras, impossibilita a perfeita trituração dos alimentos, e reparte por todos os vasos liquidos impuros, que formão hum sangue vicioso, todo disposto a infamações, e dissoluções:

Aos brutos e a todos os irracionaes vale o instincto natural, aquella Lei santa, e admiravel, que os conserva nos periodos d'huma duração, que lhes he proporcionada, dependente das causas fysicas, que os cercão: os homens porém, cujo espirito he o sôpro da Divindade, são mais desgraçados no que respeita á sua conservação fysica: na primeira idade são expostos pelas mãis, com horror da Natureza, e entregues ao cuidado de mulheres mercenarias, que, tendo o valor, e crueldade de deixar os proprios filhos, como hão de criar os alheios?

Como pode aproveitar ao nascido de poucos dias o leite, que a Natureza formou para o que já conta muitos mezes? Como hade supprir-se a expurgação do corpo humano nos primeiros dias do seu nascimento para que he necessario o colostro,

ou leite soroso das mãis, substituindo-se-lhe outro, que só he adequado para a nutrição? Como hade prover-se de remedios aos damnos resultantes d'hum leite infectado pelo veneno subtilissimo da qualidade venerea, e que facilmente se encontra nas mulheres, que profissão a vida, e officio abominavel de Amas de leite? Este mal herdado he menos funesto que adquirido.

Não influe menos na desgraça geral da especie humana a demasiada delicadeza, a que he costumada, desde os primeiros instantes da vida: envolvida em dobrados panos de linho, e lã, apertada em extremo, a fim de se formarem corpos delicados, ornada de coifas, de pezados cintos, em que se prendem todos os objectos da supersticiosa devoção dos Pais, e mãis, negada ao ár, aquelle precioso elemento, que entrando na composição de todos os corpos, faz a sua dependencia necessaria para se conservarem robustos, e menos susceptiveis de corrupção: assim opprimida a natureza, adquire huma froxidão irremediavel, que a impossibilita de supportar o longo periodo d'hum molestia aguda; e por tanto, se escapa das enfermidades da infancia, a saude he pouca, e a vida he curta, incapaz sempre d'hum descendencia copiosa.

Atolerancia das Meretrizes he outro principio da falta de população daquella Comarca, e de toda a Provincia: por mais que se empreguem os Ministros da Policia em exterminar esta porção contagiosa de toda a sociedade, de balde se canção, pela falta de Cazas proprias, em que se corrião, e se occupem a bem do Estado estas desgraçadas; adquirindo o defeito da esterilidade pela sua substituição continua, ficão até inhabeis para as allianças conjugaes: semeão além disto a sizania, e a discordia nas familias, fazem perder as disposições natu-

raes, com que cada hum he creado para o estado do Matrimonio, cujos encargos parecendo hum jugo insupportavel ao homem licencioso, persevera na agradavel variedade d' huma vida distrahida, perde o amor de Deos, do Soberano, e da Sociedade, e não fica sendo só hum homem escandaloso, e inutil, mas até hum vassallo máo, e infiel, capaz de fazer a desgraça da sua Patria, e da sua Nação.

Não devo ser diffuso nestas reflexões; e por tanto eu não fallo na falta de tranquillidade publica, que todos os dias tira á Sociedade huma grande porção de vassallos maltratados, e mortos ás mãos de salteadores de caminhos, e de homens ociosos, que se tolerão sem officio, ou emprego, de que possam tirar os meios da sua subsistencia, e sobre que se não fazem as necessarias indagações, consentindo-os geralmente, com o falso pretexto d'hum officio em que não trabalham.

Não fallo d' outras muitas origens da falta de População desta Comarca, e Provincia, por não envolver-me em materias difficultosas, cujo melindre exclue, e prohibe a consideração dos particulares, e só consente, que entre no seu respectivo detalhe a Soberana Authoridade, e Real Intelligencia.

A R T I G O III.

Na Informação de 16 de Junho do presente anno apontei as Villas que se podem annexar á Comarca de Villa Viçosa, e que são Estremoz, Terena, Alandroal, e Veiros, na distancia de duas até tres leguas, e separadas das suas Capitaes, de seis até nove leguas: não comprehendí a Villa do Redondo, porque dista d' Evora sua Capital cinco leguas, parecendo-me, que todas as que es

tão situadas em igual distancia se devem conservar nas Comarcas, a que pertencem; não só pelas razões apontadas ao Artigo 1.º, mas também pela confusão, que se seguira de attender á vontade indiscreta dos Poyos, que amão sempre a novidade, e que de ordinario nunca sabem dar a razão do que desejão, ou aborrecem; o que bem se exemplifica com a reèposta da Camera d' Arraiolos, que distando de Villa Viçoza oito leguas e meia, quer conservar-se na mesma Comarca por motivos particulares, que eu sei, e que por decencia não declaro, sem embargo de achar-se situada em muita proximidade da Cidade d' Evora, donde só dista trez leguas.

He este o lugar competente para representar a Vossa Magestade a summa razão, e justiça, com que o Juiz de Fora de Villa Vicoza a fl., o Juiz de Fora d' Alter do Chão a fl., o Juiz de Fora de Souzel a fl. requerem o regulamento dos seus Territorios, do que depende a boá administração da Justiça, o methodo da Agricultura, e o evitar-se o defeitô da deformidade, estando aquellas Villas situadas de maneira, que os Termos vizinhos quasi chegão aos seus muros, como se verifica em Alter do Chão, a cuja Villa chegão os Termos de Seda, e Alter Pedrozo, de que requer a annexação o dito Ministro com muito bons fundamentos, e igualmente o de Villa Viçoza pedindo Villa Fernando, e Villa Boim, na distancia de duas até trez leguas.

O Juiz de Fora de Souzel pretende a annexação da Villa de Veiros, na distancia de duas leguas, e da Villa do Cano em outra igual distancia, ambas de Juizes Ordinarios; e que por tanto padecem detrimentos gravissimos, que se diminuem havendo Juiz letrado. Suppre-se a falta de advoga-

dos, e obsta-se ás paixões de amor, e odio, de que são mais susceptiveis os animos dos Juizes Ordinarios pelos interesses, que tem nas terras da sua Jurisdição, e amizades de criação a cujos empenhos he difficil resistir.

O Juiz de Fora d' Arraiolos pretende a annexação das Villas de Pavia, e Vimieiro, ambas na distancia de duas leguas: mas eu penso como já fiz presente a Vossa Magestade na informação de 16 de Junho do presente anno, que na Villa de Pavia póde crear-se hum Juiz de Fóra, que tambem o seja do Vimieiro, Cabeção, Mora, e Brotas, na distancia d' huma até duas leguas, ficando no centro a dita Villa de Pavia, que tem muitos bons Baldios, e todas as proporções para ser huma Povoação grande, de que depende o aproveitamento de muitas terras incultas, que há nos seus arredores; e me parece que não póde haver outro meio mais facil de diminuir os vastos desertos de quatorze leguas em quadro, pelo menos, que há nas vizinhanças do Tejo da parte desta Provincia, que promover a população, e augmento das terras, que lhe ficão mais contiguas, em cujo numero entrão as ditas Villas de Cabeção, Pavia, e Mora, e mais proxima ainda a Villa de Monte Argil: mas esta, com a Villa das Galvêas, e Ponte do Sor, tambem póde ter com toda a commodidade hum Juiz de Fora, que domesticasse os seus moradores, incitando-lhes o amor da Agricultura, das Artes, e do Commercio, de que nem os nomes se conhecem em semelhantes Povoações.

Serião estes sem duvida huns dos bons lugares desta Provincia, para cujas creações não ha necessidade de concorrer a Fazenda Real com os respectivos ordenados: elles podem sahir do patrimonio dos donatarios, do Cabeção das Sizas, sem

detrimento dos Povos, e do rendimento dos Baldios, e Terras Concelheiras, que divididas em courellas, e dadas aos Juizes de Fora por prudente arbitrio, zelarião a cultura das mesmas, e do seu producto sahiria o equivalente dos respectivos ordenados.

Quando pareça que a proposta criação de Pavia comprehende muitas Povoações, póde separar-se-lhe a Villa do Vimieiro, e unindo-se-lhe Evora Monte fazer-se huma nova Creação de outro Juiz de Fora, que praticada pelo mesmo methodo prometia iguaes vantagens: em quanto porém residir na dita Villa do Vimieiro o Conde Donatário, será superflua aquella criação, supprindo as vistas paternaes daquelle distinctissimo Fidalgo todas as faltas de Economia Civil, por meio de providencias as mais justas, e adequadas; e tambem porque nem todos os Juizes de Fora sabem conduzir-se de maneira que a administração da Justiça se compadeça com as regalias dos donatios, quando são presentes, sem vexação dos Povos ou sem que os mesmos donatarios sejam mortificados nos seus Privilegios, e izenções, que amão com ciume, e como preciosas joias que herdárão dos seus Illustres Ascendentes.

O Juiz de Fora d' Alter do Chão propõe a desannexação desta Villa para unir-se á nova Comarca do Crato, que elle projectou. Não he da minha competencia interpor o meu parecer sobre aquella criação: mas devo ponderar, que o §. 7.º da Lei de 19 de Julho de 1790 só admitte a criação de boas Comarcas, e que a do Crato só ficará boa, sendo a sua Capital a Villa da Certã donde fica muito distante Alter do Chão, pelo menos em igual distancia d' Aviz, cuja Comarca não póde idemnizar-se por outro modo da perda das terras, que lhe tira a Comarca de Villa Viçosa.

ARTIGO IV.

A indemnidade dos desfalques das Correições visinhas pôde effectuar-se pelo methodo apontado na referida Informação de 16 de Junho, e que tor- no a repetir neste lugar. A Comarca d'Évora, que fica privada da Villa de Estremoz, recebe em com- pensação as Villas de Portel, e Arraiolos. A Co- marca d'Elvas pela Villa de Terena recebe o Jul- gado da Margem. A Comarca de Avis pelas Vil- las d'Alandroal, e Veiros fica indemnizada com as Villas de Alter do Chão, e Chancelaria, atten- dido assim não só o cómodo dos Corregedores, contemplado no §. 21 do Alvará de 7 de Janeiro do presente anno, mas principalmente o cómodo dos Povos, a quem por aquelle regulamento se facilitão os competentes recursos ás respectivas Ca- pitaes, e que he o primeiro objecto da Lei de 19 de Julho de 1790.

ARTIGO V.

A Povoação de cada huma das Villas, e Ter- mos da Comarca de Villa Viçosa vai calculada no Artigo II., em que se declara a somma total dos fógos, e individuos da dita Comarca, e nos Map- pas de fol. até fol. ao Artigo V. se especifica o numero relativo a cada huma dellas: na reflexão feita ao Artigo II. se ponderão as faltas de povoa- ção, e òs principios mais geraes, que as promo- vem, e que são igualmente da competencia deste Artigo.

ARTIGO VI.

O estado da Agricultura na referida Comarca tem algum adiantamento ; mas he relativo á summa ruina, em que jazia ha muito poucos annos: nos Mappas se declara a este Artigo quanto basta para dar hum conhecimento claro, e que comprova a presente reflexão. A maior parte das terras de que se compõe aquella Comarca não colhem pão, que lhes baste para todo o anno: vinho porém de sobejo: azeite o que produzem as oliveiras, que plantarão seus antepassados, talvez ha muito mais de hum seculo.

Os dois melhores sistemas d'Agricultura de Toul, e Duhamel forão sempre ignorados nesta Provincia: e só depois que a Academia Real fez públicas varias Memorias, em que se trata aquelle importantissimo objecto, como melhor discernimento, e criterio, he que se tem propagado a noticia de que houve quem escrevesse bellissimos Tratados sobre esta materia, e por meio daquelle trabalho Academico he que hoje se considera [por principios a vegetação das plantas, a differente natureza das terras, o methodo de engrossar as fraccas, e emendar as argilosas, e salgadas.

Havia sim sobre a plantação das vinhas o bom tratado do Escriptor Alarte, mas conhecido por poucos, e ainda hoje os novos Escritos, que se tem publicado sobre a mesma materia não fazem memoria d'elle: não se aproveitarão das utilissimas observações que elle fez, e das razões solidas, em que se fundou: e por tanto são defeituosos aquelles Escritos comparados com os do referido Author, que tem sem duvida muito merecimento.

A plantação das oliveiras não era ignorada, e igualmente o methodo de a praticar com o melhor aproveitamento: mas a criação dos gados, que he quasi privativa dos homens poderosos, e dos Membros das Camaras, prefere-se á guarda das fazendas alheias: chega a tanto a devassidão, e escandalosa liberdade, que agora mesmo, ao tempo em que escrevo a presente reflexão, e ouvindo hum grande mormurio, acho, depois de averiguado, a galante scena que representa o Capitão Mór da terra em que estou de Correição, divertindo-se á janella das casas da Camara em vêr a repartição das rações, que manda dar a hum grande rebanho de pòrcos de creação, que todos os dias vem á Praça da mesma Villa áquelle fim, em cujo sitio estão as casas da residencia do dito Capitão Mór: pouco menos fazem quasi todos os seus Collegas sem respeito ás Leis Municipaes, que elles pizão todos os dias impunemente, sendo-lhe facil a vingança por meio de recrutas, que lhe subordinão inteiramente os Povos.

Não pára nisto o excesso dos creadores dos gados: attacão as Camaras em actual Correição, tratão os Vereadores de golosos, é interessados no producto das Coimas; (eu me explico:) os Vereadores, que não tem gados, porque os outros nunca fazem Correição, antes abafão os Rendeiros, e Misteres, ameaçando-os com a absolvição de todas as Coimas em Camera, logo que lhes não guardarem os seus privilegios, e izenções, porque provão serem pastos communs para os seus gados, até as mesmas searas alheias.

Eis-aqui porque se não plantão oliveiras, nem ainda as mesmas arvores silvestres: encontrão-sê charnecas immensas, vastos campos, e ermos, desertos medonhos, e nem ao menos huma sombra

a que se abrigue o passageiro fatigado : não he por falta de providencia legislativa, he por falta de amor ás Leis, defeito herdado dos nossos maiores : este he o erro commum, em que eu tropeço, e quasi todos os da minha jerarquia, que tem o officio de julgar : offerece-se aos nossos olhos a saudavel Lei de 20 de Junho de 1774, vamos a observalla, mas esquecidos da sua suprema Authoridade, cuidadosos sempre com a maior puerilidade dos nossos adiantamentos temporaes, ficamos suspensos, logo que se trata da reedificação dos montes das herdades, que pertencem aos Grandes do Reino, logo que se considerão incursos nas penas da Lei os seus Lavradores, e Cazeiros, e ainda mais, logo que se toque nos interesses dos homens Poderosos por qualidade, emprego, ou riqueza, para que não succeda a fatalidade horriavel de sermos privados dos seus affectados Depoimentos no ceremonial das nossas residencias.

Seja eu reprehendido pela falta de observancia da Lei, e logo todos os Magistrados aproveitando o exemplo, esquecendo tão frivolas contemplações, e obsequios mentaes, desconhecidos muitas vezes áquelles mesmos, a quem se dedicão, nos empregaremos com todo o zelo, e efficacia no cumprimento das nossas respectivas obrigações; mas ainda esta providencia não basta para restituir a Provincia d'Alémtejo ao seu estado antigo de riqueza, e abundancia.

Para que ella seja hum deposito copioso da Capital do Reino se necessitão algumas outras providencias, que apontarei com a possivel brevidade.

Primeira Providencia. Todas as herdades incultas, ou sem o fabrico regular das suas competentes folhas, devem afforar-se por justo arbitrio de Louvados nomeados pelas Partes, cujo empate

se decida pelo Juiz do Territorio, salvo o recurso para o Tribunal Palatino.

O Dominio que se estende ao detrimento da sociedade he hum monstro, e já Santo Agostinho o considerou o flagello da humanidade : sabe-se que todas as couzas pelo Direito da Natureza não tem dono : *Res nullius*, as denominão os Authores, que melhor escrevêrão da Jurisprudencia natural : por bem da sociedade, e melhor uso dellas se occupárão com as exclusivas do Direito Hypothetico : logo que faltão as razões em que elle se fundou, tudo se reduz ao seu antigo estado : quando a occupação lesava, o Direito da retenção se extinguiu ; agora que ha quem despreze as suas possessões, e pelo menos não trata dellas na conformidade das Leis deve padecer a pena, que o prive, ao menos do dominio util para bem commum da sociedade.

Se por bem da reedificação de Lisboa, cada hum que não queria edificar foi obrigado a ceder por justo preço do terreno que possuia, que razão ha para que o dono de qualquer herdade desprezando a sua cultura, e fazendo infructifero o seu terreno, não ha de ser constrangido a ceder do dominio util da sua propriedade para bem desta Provincia, e de todo o Reino ?

Segunda Providencia. Todos os Lavradores Cazeiros, ou Seareiros, que cultivarem as folhas das herdades com arados seus, devem disfructar os montados das mesmas herdades, e as pastagens, sem embargo de qualquer convenção, ou ajuste, que tenham celebrado com os donos das herdades, ou com os Monopolistas das mesmas.

Evita-se assim a fraude, com que se frustrão as providencias da Lei arrendando cada hum que nunca foi Lavrador, nem tem gados, ou proper-

cões algumas para o ser, todas, e quantas herdades póde haver, estabelece nellas Cazeiros, ou Seareiros para semearem as folhas, paga as rendas com os quartos destas mesmas searas, e disfructa os montados, e pastagens, em que está todo o lucro das herdades, porque em taes predios as terras são frôxas, e cativão todo o trabalho da sua cultura. He demandado algum destes monopolistas para despejar huma daquellas herdades, defende-se com a Escriptura d'arrendamento, com a cultura regular das folhas, com a habitação das cazas, o que tudo sendo feito por outro em seu nome, parece ser feito por elle, e os miseraveis Lavradores, que não tem outro arrançamento, sujeitão-se ás mais duras condições, vão passando huma vida pobre, e mortificada, em que nunca podem ter adiantamento, porque o lucro, e interesse todo das herdades fica nas crueis, e ambiciosas mãos dos Monopolistas.

Outro tanto fazem os Senhorios com o vão pretexto de dizerem que pretendem cultivar as herdades por sua conta, sem que tenham hum boi ou huma vacca, e por meio dos mesmos reprovados ajustes reservão para si os montados, e pastagens, e dão aos Lavradores o que não querem nem póde utilisallos; donde resulta a pobreza dos Lavradores, que não tendo bastante gado para a lavoura não semeão a tempo as folhas, de maneira que por esta falta a herdade, que produziria dez moios de grão, sendo semeada em tempo competente dá cinco, e ainda menos, o que no fim do anno, sendo justamente calculado, monta a huma grande somma de moios de grão, que ha de menos em toda a Comarca, e Provincia; offendido assim o bem commum não só da mesma Provincia, mas da Capital do Reino, que podia comprar tri-

go mais barato , e poupar-se ao grande inconveniente de dispender tanto dinheiro , que nunca mais torna a entrar na circulação do mesmo Reino , com prejuizo seu , e de todo o Estado.

Terceira Providencia. Todos os Lavradores devem ter hum certo numero de juntas de bois , quantas se julgarem bastantes para a cultura das herdades , por hum justo arbitrio , que póde regular-se por principios certos , por exemplo , a folha de terras brancas , e delgadas , e que leva em sementeira quatro moios de trigo , necessita pelo menos para sua cultura seis arados , ou seis juntas de bois , a fim de que a sua sementeira possa findar em vinte dias ; e porque passados elles , não está capaz de cultura por muito hervada , e fria. A folha de terras fortes , sem embargo de serem mais quentes , deve ser semeada em trinta dias , e necessita pelo menos de oito arados , ou oito juntas de bois.

A experiencia mostra colher maiores searas , á proporção , todo o Lavrador que tem mais arados , do que necessitão as folhas das herdades que lavra : e he geralmente observado , que as sementeiras temporãs são as melhores : prova-se tambem a sua melhoria por huma tradição antiquissima , e por huma razão clara , e perceptivel , ainda áquelles mesmos que não entendem de lavouras , fundada nos principios da vegetação das Plantas.

Não se póde graduar taxativamente o calor , e humidade que se requer para a melhor fermentação do trigo : mas sabe-se que dando á terra boa lavoura , logo depois das primeiras chuvas do Outomno , elle nasce com muita força , senhorea-se da terra , e largando as suas raizes , multiplica-se a planta , de maneira , que para lhe fazer damno o rigor do Inverno , he necessario que os campos se

alaguem, e que as aguas detidas, e estagnadas o corrompão: pelo contrario as sementeiras serodias, achando as terras frias, tem hum nascimento fraco, e abafadas pelas hervas, que sempre nascem mais ou menos, ou morrem, ou não afillão, e produzem espigas curtas, delgadas, e falidas.

Vê-se por tanto que o calor, auxiliado dos oleos, dos saés, e gazes, entra principalmente na grande obra da vegetação, e que he necessario aproveitar as terras quentes, a que não póde acudir-se com poucos arados: huma grande parte dos Lavradores desta Provincia conhecem hoje por experiencia a verdade destes principios: mas he hum conhecimento esteril pela falta de forças, que lhes tirão os Donos, e Monopolistas das herdades, privando-os dos maiores interesses, que dellas podião colher, impossibilitando-os assim á compra dos gados necessarios para a cultura das terras o que bem prova a necessidade da segunda Providencia.

Quarta Providencia. Deve prohibir-se com penas graves, que se plantem vinhas, sem que ao mesmo tempo no seu terreno se plantem oliveiras, ao menos de vinte a vinte passos cada huma: e igualmente merece que se prohiba a cultura das que se achão plantadas sem oliveiras por aquelle methodo, em todas as terras capazes de produzir trigo, e milho, senteio, ou sevada.

As terras que se achão plantadas de vinhas nesta Provincia podião prover a sustentação de Lisboa, dois mezes ao menos cada anno, por hum cálculo o mais moderado: ama-se porém antes a producção do vinho, que por falta de portos, e proporções de embarques todo se consome na mesma Provincia: parece que á proporção da sua abundancia devia ser muito commodo o seu preço: succede o contrario, e tanto se reputa muitos annos, como em Lisboa; tal he o gasto que se lhe dá!

O abuso daquelle veneno he universal : homens, e mulheres de todas as idades , e estados não passam sem elle : admira que hum jornaleiro no trabalho das cavas tenha de ração em muitas terras desta Provincia canada e meia de vinho por dia : mas admira muito mais , que hum Religioso se não contente com menos de quasi metade daquella porção, cuja falta, por huma vez, he peccado, que se não perdoa ao seu Prelado: este exemplo authorisado pelos Mestres da Lei legitima a corruptella, e faz que haja muitos homens de todos os estados, e condições, que se não lembrão da ultima vez em que bebêrão agua.

Ha Povoação nesta Provincia onde de doze homens que andão pautados na Vereança, apenas se apontarão dous ou tres de quem se não possa dizer o mesmo. Que Accordãos, que providencias da Economia Civil darão taes Senadores! Ha Povoações tão desgraçadas, que tendo, ha cincoenta annos, e ainda menos, muitas familias antigas, e nobres mantidas pelos rendimentos dos seus vinculos, vêm hoje os seus descendentes confundidos entre as pessoas mais abjectas da plebe, pobres, rotos, e miseraveis : e não se aponta outra causa que aquelle vicio abominavel.

A perda da saude, da honra, e da fazenda são as suas consequencias ordinarias, assim como a falta da publica tranquillidade ; ha Povoações, e das mais consideraveis, onde nos Domingos, e Dias Santos, os homens prudentes se não atrevem a sahir de suas casas, temendo o labyrintho, e inquietação popular, que se encontra nas vizinhanças das tavernas, e dos lugares os mais públicos.

Por meio daquella Providencia se proveria á abastança dos Povos, de generos da primeira ne-

cessidade, e se remediarião tantos damnos, que fazem milhares de familias desgraçadas.

Quinta Providencia. Em nenhum caso se deve permittir aos Lavradores, que larguem fogo ás suas roças, sem que primeiro sejam examinadas pelos Magistrados Locaes, que lhes não devem consentir se queimem as referidas roças, sem que se tenham feito os competentes asseiros, e se tenham resalvado todas as arvores, e chaparros, cominando-se penas graves aos que fizerem o contrario.

He público, e notorio nesta Provincia o estrago dos montados, sendo livre aos Lavradores largar fogo ás roças, a seu arbitrio, taxando-lhes só o tempo em que possuem queimallas: elles por evitarem as despezas necessarias para se resalvar o arvoredado, deixão o mato debaixo das arvores, ou ao menos muito proximo a ellas, de maneira que qualquer folha das herdades de montado, sendo assim fabricada parece antes huma carvoaria, do que pertença de huma herdade de cultura regular: atraza-se por este methodo o arvoredado, que dá fructo, destroem-se inteiramente os chaparros, e por tanto muitas herdades, que podião achar-se povoadas d'arvores fructiferas estão reduzidas a charnecas, sem ao menos lhes ficar o abrigo de huma sombra, como eu tenho visto em varios territorios desta Comarca, e principalmente nas visinhanças de Lavre, Mora, Pavia, e Cabeção.

Sexta Providencia. Deve prohibir-se que nos açougues ou casas particulares se talhe qualquer rez vacúa, que seja capaz de trabalho, ou de criação, cominando-se penas graves aos transgressores, e aos Magistrados respectivos que o consentirem.

A carestia do gado vacuum nasce da falta del-le, promovida sem duvida pela grande mortanda-

de de gado novo, que se talha nos açougues de todo o Reino: he rara a Povoação que não tenha Marchante obrigado a vacca, e na Comarca de Villa Viçosa, ha algumas como Evoramonte, huma Povoação pequena, e de gente rustica, que dá excellentes pastos ao Marchante, obrigando-se elle a talhos de vacca, na maior parte do anno, por preço de vinte réis o arratel pouco mais ou menos.

Homens pòbres, e rusticos, que sempre vivem de hervas, e legumes, já se não sujeitão á parcimonia com que forão creados, e com que viverão seus Pais, e Avós; e que por tanto talvez tivessem mais largos periodos de vida: evita-se esta demasia, e principalmente o damno que experimenta a cultura das terras por falta de gado vacum, por meio daquella Providencia.

Huma rez, que valia ha dez annos, por exemplo, quatro moedas, vende-se hoje por oito, e ainda mais: o cabedal do Lavrador não chega para tanta despeza; e por tanto a herdade que deve cultivar-se com oito juntas de bois, fabrica-se com quatro, acabão-se tarde as sementeiras, de que resulta a falta de producção, e ruina da Agricultura.

Setima Providencia. Todos os aceifeiros, ou cegadores, não devem ganhar mais de duzentos réis por dia, além das suas comedorias ordinarias, como está providenciado por Leis: mas deve prohibir-se aos Lavradores, que lhes paguem por maior preço, com a pena, no caso de transgressão, de se lhes tirarem os jornaleiros do seu serviço, sendo as suas searas as ultimas que se hajão de acieifar, e de serem condemnados para o Concelho no trespdobro do que pagarem de mais: do que deve haver devassa sempre aberta, ordenando-se

igualmente que os aceifeiros sejam repartidos pelas herdades, á proporção das suas folhas, e qualidades de sementeiras, pelos Magistrados dos Territorios, delegando a sua jurisdicção nos Juizes Ventaneiros, que lhes parecerem mais habéis, quando seja necessario.

No presente anno, em que a maior parte das searas nesta Provincia produzio quatro sementes, levárão os aceifeiros mais da quarta parte das mesmas searas; porque o preço de trezentos réis que ganhou cada hum delles, com as comedorias monta a quatrocentos e quarenta, e o preço geral do trigo foi de trezentos e oitenta réis por alqueire: já se vê que tirada a renda, a semente, e a despesa da lavoura, ficou empenhado o Lavrador: taes annos são os mais frequentes, e por tanto he muito necessario o regulamento dos preços daquelles trabalhadores por aquelle methodo.

Os homens poderosos valem-se da sua authoridade a todos os respeitos: se são Lavradores empenhão o seu valimento para serem servidos em primeiro lugar: pouco importa que a seara do vizinho esteja a perder-se por ter sido mais temporã: a sua, que póde esperar, ha de segar-se primeiro, e ainda que os aceifeiros estejam ligados pela sua palavra, e ajuste antecedente, nada vale ao miseravel Lavrador, que sendo servido em tempo incompetente, passa pelo desgosto, e pela perda de vêr, que huma parte da sua seara lhe fica no restolho: eis-aqui a razão que prova a summa necessidade de huma repartição Judicial, graduada segundo a extensão das folhas, e estado das searas.

Oitava Providencia. A exemplo das Providencias estabelecidas a favor do Commercio, que não he mais importante que a Agricultura, me lembra, e por bem della, que seria muito convenien-

te a criação de huma Junta em toda a Comarca, denominada a Junta do Bem Commum dos Lavradores, que tivesse por primeiro objecto prover de remedio ás suas fallencias resultantes das esterilidades dos annos, e em segundo lugar, a inspecção sobre o methodo de se cultivarem as herdades, prescrevendo-se-lhes, segundo a sua natureza, o número de arados, a limpeza das terras, e montados, o regulamento das folhas, e os pastos para os gados.

Primeiro que tudo seria necessario estabelecer hum fundo, donde sabisse o remedio dos Lavradores desgraçados, e as despezas necessarias da Junta: para o que não seria muito difficil applicar as congruas ou bolos, que os Lavradores pagão aos Parrocos, os quaes devem ser sustentados pelos Dizimos: o producto dos baldios, que administrão os Concelhos muito mal, augmentaria em grande somma aquelle fundo, que no espaço de cinco annos, e ainda menos, podia encher-se concorrendo todos os Lavradores com dois alqueires de trigo, por arado, em cada hum dos referidos annos.

Aquelle Monte de Piedade devia ser estabelecido, metade em trigo, e metade em dinheiro: nelle se devião incorporar todos os depositos que não fossem de particulares, e cheio o seu fundo, cuja quantidade deveria regular-se com a maior circumspecção, ficarião os Lavradores com o grande cómodo de haverem os empréstimos de trigo, ou dinheiro, sem mais interesse, que o de dois por cento, bem entendido, que todos os accrescimos no fim de cinco annos, tiradas as despezas, se deverião repartir pelos mesmos Lavradores hum tanto por arado, de maneira que só se tratasse da conservação daquelle fundo, e não do seu accrescentamento.

Nem o meu genio, nem o meu officio permitem, que eu me demore em detalhes de novos projectos: aquelle seria sem duvida muito util á Agricultura desta Provincia; mas Vossa Magestade informada por Ministros mênos occupados, e mais intelligentes, julgará do seu merecimento, e dará todas as providencias, que se devem esperar da Alta Comprehensão, e Incomparavel Clemencia de Vossa Magestade.

A R T I G O VII.

Apenas ha por toda a Comarca algumas Fabricas de sola, e courama grossa, e miuda em Villa Viçosa, e em Borba, e huma de saragoças na Aldêa dos Reguengos: não faltão proporções para ellas, principalmente para as de lãs: mas em quanto Portugal se vestir dos pannos de Inglaterra, e se ornar com as quinquilharias de França, de balde se estabelecerão Fabricas, e se promoverá o seu augmento: sirva de exemplo a famosa, e importante Fabrica de Portalegre, cujas fazendas se achão empataadas nos Armazens, sem sahida, e expostas a huma total ruina; despedidos por tanto alguns dos Fabricantes, e percizados a mendigar para se sustentarem.

As Fabricas dependem inteiramente da extincção dos Contrabandos, o que nunca chegará a vêr-se, sem que se prohiba o seu uso com penas graves: perde-se o lucro das Tomadias, mas ganha-se o importantissimo interesse de poupar o ouro, que a terra já cançada produz em menos abundancia: o Commercio das Nações vizinhas póde entreter-se com os generos, que necessitão, e se vier hum dia, em que todos tenham o que lhes basta, renovar-se-ha a idade mais feliz do mundo.

ARTIGO VIII.

O Commercio da Comarca de Villa Viçosa consiste na venda de algum trigo, e do azeite, que lhe sobeja: penso que he de pouca importancia aquella exportação, não só pelo estado em que se acha a Agricultura; mas porque o seu terreno, em geral, não he o mais proprio para a producção do trigo, e as oliveiras são poucas, como fica dito ao Artigo VI.: ainda o Commercio intrinseco da Comarca he muito pouco de humas para outras Povoações, por força da similhaça, e identidade das suas colheitas, e industria: em huma Povoação se vêm com pequena differença todas as da Comarca, para onde não torna o dinheiro, que sahe.

ARTIGO IX.

A Industria interna de cada huma das Povoações da Comarca, á excepção das pessoas que se empregão nas poucas Fabricas que ha, e que apontei ao Artigo VII. se limita ao trabalho ordinario, domestico, e do campo, em que também se emprega o sexo feminino, no apanho dos olivães, na vendima, e em algumas terras na aceifa: todo o outro trabalho do sexo feminino estira-se em tão pouco que ainda trabalhando huma mulher de dia, e de noite, mal ganha para o sustento, e vestido.

O trafico da Mercadoria também he de pouca importancia; a maior parte dos homens, que não são da classe dos jornaleiros, e que não tem propriedades rusticas, a cujo fabrico se applichem, ou passão huma vida ociosa, ou se empregão na revendagem dos fructos, que colheão, e vendem.

nas mesmas terras; he por tanto huma industria sordida, mas que se tolera para evitar-se o maior mal de faltarem compradores aos generos, que cada hum colhe das suas lavouras.

Logo que Lisboa esteja farta de trigo, embandeirão-se os homens de Negocio das suas vizinhanças, e vindo á Provincia, offerecem aos vendedores hum preço diminuto, e de nenhuma proporção para o estado da colheita daquelle genero, cujo damno vem a supprir-se com a tolerancia dos revendões, que mandão algum para Lisboa, e vendem huma grande parte nas terras, em que o comprão, a proporção do preço a que tem chegado.

A R T I G O S X , XI , E XII.

O estado dos Concelhos da Comarca de Villa Voçosa, em quanto ao Ecclesiastico, consta dos Mappas fol. a este Artigo, e respostas das Camaras a que se referem. Suspendo as minhas reflexões sobre este respeitavel objecto, que comprehende a administração dos Bens Ecclesiasticos, cuja natureza não póde alterar-se, por meio de todas, e quaesquer Dispensas, que se obtenhão.

O Culto Divino, a sustentação dos Ministros Ecclesiasticos, e dos pobres são a materia da sua applicação: assim o ensina a Santa Igreja em todos os Séculos, congregada em Concilios Geraes, e Provinciaes; de maneira que em todos os Codigos das suas Santas Leis se não encontra huma só, que desse occasião á doutrina contraria, e relaxada dos abominaveis Decretalistas, e foi preciso recorrer a argumentos deduzidos de contrario sentido (que nada valem quando se segue absurdo) para invalidar aquella Tradição Apostolica: foi preciso dizer com puerilidade, e com escandalo, que

o Concilio de Trento dizendo do Parroco residente, que faz os fructos seus, tinha decidido dominio absoluto dos fructos dos Beneficios, a favor dos Parrocos: esta relaxação estava profetizada por Izaias, que por tanto declarou os Soberanos Protectores da Igreja, atropelada por aquelles falsos Doutores, e inimigos disfarçados de todo o Christianismo.

Basta para satisfação deste Artigo, que eu faça presente a Vossa Magestade a summa pobreza da maior parte dos Parrocos de toda a Comarca, e Provincia; impossibilitados por tanto a repartir o pão a quem o necessita: basta lembrar que do fundo dos Tumulos dos Doadores da Igreja se levantão os mais altos clamores contra os dissipadores dos seus Patrimonios, que elles de boa fé, e com aquellas condições offerecêrão, e derão a Deos, aos Successores dos Apostolos, e aos Pobres, Templos vivos da Divindade.

No que respeita ao Civil, devê notar-se, que as Corporações das Camaras não cumprem as suas respectivas obrigações: cuidão apenas de arrecadar as propinas, que indevidamente lhes pagão os Concelhos, cuja utilidade elles não promovem, nem a da Real Terça, desprezando inteiramente as Providencias recommendadas no seu Regimento.

Não se guardão Frutificados, não se observão Posturas, fazem-se rarissimas Correições de mero ceremonial; o que só póde remediar-se por ordens positivas aos Corregedores, para que se abstenhão das civilidades com elles praticadas, e obriguem a prizão, e livramento nas Devassas annuaes, a todos os Vereadores, que não cumprirem á letra o seu Regimento, desabusando-os do erro, em que estão, de que não devem fazer Correições, sem a presidencia do Juiz de Fóra.

Quanto ao Militar, merece toda a attenção a desordem com que se tem privilegiado huma grande parte dos moradores de todas as Povoações daquella Comarca, assentando-lhes Praça d'Auxiliares, izentando-os assim dos ónus dos Concelhos, e zelando-se tanto á risca os seus Privilegios, ou ainda mais, que os da Tropa de Linha: e o mais he, que até os mesmos Capitães Móres querem iguaes privilegios para as suas Ordenanças, dirigindo Officios aos Magistrados, para que não se intromettão a encarregar quaesquer diligencias aos Soldados das suas Companhias, sem que primeiro se lhes requeira o seu Beneplacito: eu conservo hum daquelles Officios no seu original, que me fez presente certo Ministro, pedindo o meu parecer sobre aquella materia.

Que os Auxiliares, e Officiaes das Ordenanças tenham o privilegio de usar de Farda, e Galões, e outros de igual natureza, póde supportar-se, porque nada influem na sociedade: mas que não exercitem os officios de hospitalidade, e sejam izentos de dar Quartel ás Tropas de Vossa Magestade, que muitas vezes tenho visto estropeadas, e debaixo das Armas, largo tempo, esperando que appareça a lista dos Auxiliares, para não serem incommodados com os Aquartelamentos, faz escandalo, e detrimento grave ao Real Serviço: assim como perder o jornal de hum dia o miseravel trabalhador nos concertos das calçadas, pontes, fontes, e outras obras públicas, e o Auxiliar na casa do jogo, ou na taverna bebendo á saude de quem trabalha.

Elles não fazem serviço algum a Vossa Magestade nesta Provincia, nem são capazes de o fazer, por falta de toda, e qualquer instrucção Militar: tanto se deve contar com elles, como com

os Soldados de Ordenança , e por tanto todas as izenções , que se lhes concedem , além de inúteis ; se convertem em prejuizo gravissimo do Bem Com-mum.

A R T I G O S XIII. , E XIV.

Os bens dos Concelhos da Comarca se reduzem a tenuissimas quantidades de Fóros , como se vê nos Mappas , e respostas das Camaras a este Artigo : o que mais avulta he o preço porque se arrematão as rendas denominadas do verde.

Pareceo indecoroso á maior parte dos Vereadores vigiarem por si mesmos sobre a guarda dos Frutificados , e sobre a observancia das Posturas que lhes são relativas , e ainda sobre todas as que tiverão por objecto a Policia das Povoações ; delegarão por tanto toda a sua jurisdicção nos Rendeiros , que por meio de sordidos ajustes com os Creadores dos gados frustrão todas as providencias das Leis Municipaes : segurão o preço por que arrematarão as rendas , e só acoimão os que se não sugeitão áquelles reprovados ajustes donde se seguem os damnos públicos ponderados no Artigo VI.

Este patrimonio vicioso nos seus principios , gasta-se , e consome-se sem proveito da sociedade : as propinas dos Vereadores absorvem huma grande parte , e ainda que as Provisões porque se obtiverão só consintão aquella applicação pelos sobejos dos Bens dos Concelhos , comtudo a primeira porção que se aparta delles he para pagamento das taes Propinas , sendo rarissimas as Povoações , em que se trate de concerto de calçadas , pontes , e fontes , para que os Vereadores não fiquem sem aquelles emolumentos.

Alguns dos Concelhos da dita Comarca administração baldios importantes, cujos pastos vendem todos os annos, e o seu preço desgraçadamente padece a mesma applicação: eu tive presente esta Administração pessima, quando ao Artigo VI. me lembrei, de que os ditos baldios devião engrossar o fundo do Deposito Público, administrado pela Junta do Bem Commum dos Lavradores, e seria este o meio de accrescentar muito o seu rendimento, e convertello em utilidade do Bem Público.

A R T I G O S XV., E XVI.

Os pezos de toda a Comarca de Villa Viçosa são conformes entre si: as medidas porém são muito differentes, como se aponta nos Mappas a estes Artigos. A origem desta differença teve principio na difficuldade da exportação dos generos de algumas das terras da Comarca, que pela sua situação, e distancia erão menos accessiveis ao Commercio.

Era facil prover a este inconveniente, diminuindo o preço de cada hum dos generos, mas como aquelle arbitrio era dependente da vontade de todos os moradores, que nem sempre consentirião na referida diminuição, vendendo huns por mais, outros por menos, o que não faria tão certa a utilidade dos compradores; pareceo mais seguro o meio de accrescentar as medidas, approvado hoje pela experiencia, que mostra a facilidade de exportação de todos os generos das terras, em que ha aquella maioria, ainda que pela sua situação, e distancia não estejam em proporções de o reputarem vantajosamente.

Resulta porém discómodo, confusão, e pre-

juizo a toda a Comarca daquella desigualdade de medidas , que dá occasião a muitas fraudes , de que aponta o exemplo a Comarca de Villa Viçosa na sua resposta , notando , que no Almoxarifado da mesma Villa haja medida grande para receber , e outra pequena para pagar aos filhos da folha , defendendo os Almoxarifes a legitimidade da medida grande pelo seu aferimento em Evoramonte , e da pequena em Villa Viçosa : he além disto aquella irregularidade hum estorvo ao Commercio intrinseco da Comarca , porque não se sabendo taxativamente a differença das medidas se difficultão todos os contratos , com detrimento dos interesses dos particulares , e das Sizas.

O regulamento de todas ellas , fazendo-as iguaes , dá hum balanço forte aos direitos de cada hum , adquiridos de tempo immemorial : mas tratada esta materia com toda a circunspecção , tudo se póde reduzir a huma igualdade perfeita , compensado no número d' alqueires , almudes , ou canadas , o que se lhes tira na sua maioria regulando-se todas as medidas pelo Padrão da Corte.

ARTIGO XVII. , e seguintes até ao XXIII. , e ultimo.

Os Direitos Reaes serão dados pela maior parte á Serenissima Casa de Bragança , e nos Mapas a estes Artigos se especificão os que pertencem á Real Coroa : não ha por tanto que reflectir nos referidos Artigos , e me refiro ás respostas das Cameras, findando assim a presente Informação, sobre que Vossa Magestade mandará o que fôr servida. Evora 20 de Julho de 1792.

O Provedor da Comarca

Joaquim José Marques Torres Salgueiro.

 CRITICA FILOSOFICA.

Sr. Redactor do Jornal Encyclopedico.

SABENDO V. m. melhor que ninguem avaliar o augmento de conhecimentos, que há tempos a esta parte brilha em Portugal, não sei como não tem notado certos appensos, que com elle apparecem: desconfiando pois que a causa talvez será falta de valor, eu lhe remetto esse Discurso, pedindo-lhe haja de o inserir no seu Jornal; visto como sendo provavel aquella causa, penso não se desvanecerá tão depressa. Sou de V. m.

O mais attento Venerador
Aristarchus.

Resposta do Editor.

Sr. Aristarchus.

Este seu mui erudito discurso he por todos os titulos opportuno, pela materia, porque se encaminha a derramar (se isto he possivel) a côr da vergonha na cara dos subitaneos Mablys periodiqueiros com que a Eterna Justiça, irada contra este heroico Reino Constitucional, o quiz punir; porque se he huma desgraça em huma nova instituição politica dividir as opiniões, elles os periodiqueiros a fazem. He o seu discurso opportuno pelo tempo; porque veio encher o N.º do Jornal, em que não posso inserir já coizas estranhas, porque as não tenho, e coizas proprias, porque as não sei fazer. Assim como V. m. não se admira, nem deve

admirar de vêr Filósofos feitos do pé para a mão, também se não deve admirar de vêr hum homem feito patéta de hum instante para outro; este homem sou eu; a estupidez não procede sómente da constituição física do orgão que se chama o cerebro, nasce também de causas moraes, e estas são as mais poderosas. Se este seu doutissimo Discurso fora meu, ou se a injustiça publica se persuadir que com effeito he meu, ainda que o não poderão dizer os que alguma coiza entenderem de estylo, que he tão diverso em todos, como em todos são diferentes as caras, no seguinte, e seguintes correios virão as mallas tão pezadas de cartas anonymas, que estoirarão; nestas cartas virão não só insolentes descomposturas, mas portentosos desenhos de craneos, punhaes, e sepulturas; ando farto destes regalos, e sem outra razão mais que eu ter alguma; mas nem o desengano do estylo, nem esta minha solemne declaração, bastaráõ para convencer a muitos da verdade com que aqui fallo, e sempre tenho fallado, porque nunca descobri em minha Filosofia meio algum entre a verdade, e o silencio.

Boa vontade tinha eu de fazer huma visita aos instantaneos Filósofos estoiradores das Prensas, e da paciencia humana; porém sinto-me patéta, ou aturdido entre tão dissonantes gritos. Se todos os quatro ventos cardeaes soprassem simultaneamente de seus quatro oppostos pontos, não farião maior confusão na atmosfera do que me fazem na cabeça os quatro ventozos periodiqueiros Liberal, Constitucional, Astro, e a Mãe das nove Irmãs; mas este infernal estridor não me põe em tanto desconcerto as faculdades intellectuaes, como a pasmaceira que me cauza a collisão destas duas idéas, o conhecimento dos sugeitos, e o do que elles dizem, ou querem

dizer. A sciencia do Governo Politico-Economico das Nações he o mais difficil de todos os conhecimentos humanos; apparecem de seculos a seculos, como obra muito trabalhosa da Natureza, ou como parto seu mui arriscado, hum Machiavelli, hum Cisneros, hum Richelieu, hum Pitt; e saltão estes Demonios ou da ociosidade dos Botequins, ou da poeira dos sarrafos, e das ferramentas ao meio do grande theatro do Mundo; hum faz em quatro linhas huma Constituição para que olharião cheios de inveja Charondas, Lycurgo, e Numa Pompilio, outro reprehende a marcha lenta, mas constante do Governo, outro assoalha vespervas Siciliannas quando todos querem o que se faz, outro faz huma estalada de serviços á Patria ... Ah Senhor Aristarcho! Aqui tem os Grocios, os Puffendorffios, os Cumberlandes, e aqui tem de boca aberta, porém muda,

O Pateta.

Redactor do Jornal Encyclopedico

Lisboa, e Forno
do Tijolo 28 de
Janeiro de 1821.

DISCURSO CRITICO

*Sobre a causa do presente estado Filosofico
de Portugal.*

Qual he a causa de tão prodigiosa abundancia, comparativamente aos outros tempos, que presentemente se admira de Filosofos em Portugal? Eis o problema, cuja resolução tem entretido o pensamento de hum, bem que fraco Filosofo; e que elle óra pertende manifestar segundo seu entender.

Tendo observado com aquella madureza de que he susceptivel o curto circulo de conhecimentos de hum homem Filosofo de poucos annos, este bem notavel effeito da agitação de animo, e enthusiasmo dos Portuguezes pelos acontecimentos modernos do nosso Reino; a nossa repentina transformação em huma Nação de Filosofos, e de Filosofos da primeira plana, liberaes e comprehendedores no ultimo gráo das luzes modernas, capazes elles mesmos de ser authores de outro tanto: que he o após que deveria eu marchar em descobrimento da causa de tão raras virtudes civís, senão a attenta reflexão sobre as qualidades e caracter destas tão admiraveis virtudes?

Sobre esta reflexão pois, da qual por ventura ninguem, que com ella se faça, se apartará, sem a isto assentir; hei, que estas tão raras virtudes civís pendem de huma preciosa virtude moral, a *presumpção*; quero dizer, a ambição ridicula de parecer desse glorioso numero dos illustres Plantadores da moderna Filosofia; numero, em que na ver-

dade não são dignos de entrar por sua insufficiencia; mas do qual parece pertendem assim fingir-se por esta Filosofia os não deixar de ennobrecer, visto como nova no nosso Paiz para a maior parte, mal accostumada mormente desde os tempos do Ministro *Marquez do Pombal*, ella attrahe aos seus sectarios hum grande numero de admiradores.

Que effeitos são por tanto os desta attenta reflexão sobre a Filosofia dos nossos homens, que nos induzão a concluir de semelhante geito? Que idéas são, as que nos sugere em premissas para hum tal raciocinio? Qual he a base immediata, isto he, o character e qualidades especiaes do presente Filosofismo, sobre as quaes estriba a proposição, que avançámos? quaes são? Eis o que, sem nada assacar aos Filozofos de nossos dias, eu vou já expôr com brevidade.

Sendo tão grande o numero de Filozofos, que no momento se vêm formigar em Portugal, he huma lastima, que a maior parte só o sejam, porque se assim quizerão chamar. Huns sabem, porque o tem ouvido dizer, que ha *Voltaire*, *J. J. Rousseau*, *D' Alembert*, *Diderot*, *Condorcet*, *Offrey de la Mettrie*, &c.; e que estes homens com quanto são livres em seus discursos, inimigos declarados das Monarquias, e de tudo quanto coarcta ao homem a liberdade, ainda o fôrão mais, quando lhes a elles bem veio accommodar a sua praxe á theoria, que havião pensado; e nesta sua *sciencia de livreiros* fazem cousistir a Filosofia, de cuja profissão se tanto gabão.

Outros com effeito tem folheado os livros destes, e mais Filozofos; mas a sua convicção a respeito do que elles dizem, he como a de todos os homens a respeito dos Mystérios da propria Reli-

gião: nada de reflexão, nada de observação, nada de raciocínio; he huma crença, e não huma sabedoria. He couza pasmosa!!... Aborrecem estes homens, e desprezão a Theologia, porque lhes liga o entendimento e exige huma perfeita submissão da sua razão; e em Filosofia professão *obediencia cega* de bom grado a tudo o que he de certos Authores! Que incoherentes!!... Eis-aqui porém pela maior parte o character da Filosofia dos nossos dias.

Ora he certo, que hum tal proceder he o indício seguro da presumpção; he obra mui reservadamente propria dos taes dotados desta virtude: os quaes em todos os tempos os veréis repentinamente introduzirem-se no numero dos sabios, a participarem da gloria, que as doutrinas destes. té então pouco conhecidas, e no momento predominantes, lhes adquirem. Atassalhão para isso os livros, onde ellas se contém, e que ouvem citar aos illustrados; e nesses pedaços assim deslocados, e mal digeridos escorão todo o edificio da sua Filosofia: abrem logo a boca, e se ostentão em hum instante do partido Filosofico, que attrahe as admirações. Impostura esta filha bem legitima da indecorosa *Philautia*, e que com facilidade vem a ser patente, não digo eu ja ao homem pensador: mas mesmo a qualquer, que tenha algum conhecimento dos *papelões das camaras opticas*.

Com effeito o mesmo acontecerá a estes homens *Filosophos á pressa*, que presentemente atulhão Portugal; os quaes pelo seu character e procedimento deixamos demonstrado serem da mesma estofa que estoutros.

Nem se diga, que este proceder por mim attribuido a estes taes, que presumem de sabios da Nação, he huma fantasia desdenhosa, e calunnia-

dora, de cuja realidade não se dará huma prova. Estou muito ao cabo de tudo: tenho observado com pasmo hum proceder tão indigno. Sem se reflectir no que lhe falta de bom, gritou-se para nossa vergonha por huma Constituição feita por estrangeiros: fez-se com effeito adoptar o Plano das Côrtes de Hespanha, sem se advertir nos seus immensos defeitos!..

Na verdade os Hespanhoes, que nós reputamos por huma Nação grosseira, e pouco apta para os trabalhos do espirito, nos envergonhão muito neste particular. Devendo todas as idéas de huma revolução, e de humas Côrtes á França; elles trabalhão, pensão, e promulgão em fim hum Plano, obra original, incomparavelmente mais perfeita, e mais ostentadora de hum *Contracto Social*: dérão na verdade passos agigantados, e adiantárão muito, sem comtudo a chegarem a completar, a obra do *Pacto Social*.

Os Portuguezes porém adoptárão este Plano, sem mesmo tratar da sua perfeição; e ainda dos que reluctárão, e querião hum Plano, obra da sua applicação, e do seu trabalho, contentavão-se não poucos (sou abrigado a dizêllo) com bem pequenas alterações: quasi todos os que projectavão a perfeição desta grande obra, não discorrião não observavão como Filósofos os direitos do homem, unico fundamento do *Contracto Social*; consultavão o que os estrangeiros tem feito e compunhão o mixto do que nelles encontravão.

Que grande vergonha!... Todavia tal era, o que se a quasi todos escutava, os que se julgavão capazes de communicar luzes liberaes nesta materia: tal foi a grande influencia, e effeito das pasmosas luzes dos nossos *Filósofos repentinos*... Quiçá ainda haverá em Portugal hum engenho al-

gum tanto menos superficial, o qual dê alguma vez a conhecer como he em direito hum *Pacto Social*, e desenvolva este ponto das trevas em que *J. Jacques* o deixou, e de que depois se aproveitou o sanhudo Author da *Voz da Natureza*, Tom. I. *Dissert. II.* para o tornar ainda mais difficultoso.

J. J. Rousseau he outro sim huma authoridade sempre na boca dos nossos *Filosophos da aluvião*, cujos feitos ou influencia eu acabo de notar. Ouvindo aos illustrados nomear este Author, como o mais notavel nas questões da liberdade do homem, immediatamente elles o empolgação, por assim dizer, com unhas e dentes; e affectando igual lição, e consummada intelligencia, nesciamente se vão servir d'elle da mesma ridicula maneira, que já vimos se servirão dos dictames estrangeiros á cerca da *Representação Nacional*.

Parece que por maxima concorde se tem estes homens apostado a ser os bugios dos sabios: o certo he, que depois de hum enorme plagiato elles fallão diante do mundo por huma forma tão decisiva e arrogante, que bem se deixa vêr nos querem impôr, que elles conservão debaixo da sua chave o arsenal de toda a sabedoria, e tem descoberto em fim a *pedra filosofal* de todos os conhecimentos humanos.

Perdem porém o seu trabalho; os seus discursos bem nos mostram, que não são mais que huns principiantes: em lugar de crermos, que elles conservão em seu poder o armazem da sabedoria, nós sómente lhes devisamos hum palheiro, e que não tem outra *pedra filosofal* mais, que aquella descoberta na *Laponia* pelo celebre *Mcaupertuis*, e por elle mesmo descripta em suas obras Tom. III.; a qual dizião aquelles sabios habitantes de tão feliz região encerrar em duas regras de

riscamentos casuaes toda a sabedoria do mundo; quando não era mais, que hum penedo mui a proposito para cimento de hum edificio.

Em todas as idades, e em todos os lugares, menos em Portugal agora, e nas escolas *Pythagoricas e Aristotelicas* em seus tempos, *sempre a Filosofia não foi huma sciencia de authoridade; mas foi, sim obra de muitissima razão.* O mesmissimo *Rousseau*, para ser Filosofo, não citou, raciocinou. Façam os nossos sabios o mesmo, e o nome dos Filozofos não seja na sua boca, e nas suas obras mais que hum mero ornato de seus discursos. *Sem selecção nem critica será J. J. Rousseau o sempiterno texto dos estupidos; como tambem dos velhacos, dos desavergonhados, e grandes patifes, que pelo menos devião, no parecer de Frederico II, ser amarrados na casa dos orates, ou mandados a governar alguma provincia, que merecesse hum castigo barba.*

Podemos talvez tambem dizer de muitos destes nossos Filozofos, *servatis servandis*, o mesmo que *Diderot* dizia de outros nestes semelhantes termos: *Raça indigna de sandéos, que nada sabendo, mas affectando saber tudo, vos atiraís a tudo, e arruináis tudo! . . . miseravel especie de palheiros, que estais vomitando de continuo, como os que mais e peor, huma infinidade de sentenças, mal vistas, mal arrançadas, boas, más, incertas, e sempre contradictorias!! . . .*

Com effeito as passagens, que se produzem de todos os que nos precederão nas questões Filozoficas da Europa illustrada, e primeiramente as maximas constitucionaes das Córtes, e Assembléas estranhas, e seus planos e formação; as passages de *J. Jacques*, as da furiosa inveja e rancor *Aro-*

etino, (a) as de tantos outros em fim são huma prova incontrastavel desta pasmosa verdade, premissa da proposição, que por assumpto propugnamos; quero dizer, que os nossos homens, ou só pelo nome conhecem estes Authores, ou quando muito por huma mui ligeira folheação, que produz necessariamente a intelligencia da escritura, ou em si mesma, ou na sua justiça e racionabilidade. Que he pois o porque fallão estes nossos *sabios repentinos*? A presumpção. Eis o ultimo resultado da analyse.

Hum destes homens óra citados frequentemente he *Benjamin Constant*. Tem na verdade os seus *Principios de Politica* muita cousa, que se possa inculcar. Mas quem esperaria o uso que delle se fez? Tenho visto e ouvido produzir lugares os mais oppostos ao systema do tempo.

Não havendo atégora, segundo meu fraco entender, hum Author, que tenha exposto, sem se contradizer muitas vezes, a *Soberania do Povo*; palavra, que não dá bem a conhecer o que se por ella pertende significar; (b) se não he antes, que se pertende por ella inculcar hum absurdo, e o *Contracto Social*; *Constant* he o que mais que todos se aparta destes principios, attribuindo muitas vezes aos Chefes das Nações poderes, que neste systema só ás mesmas Nações pertencem.

(a) Todo o entusiasmo de *Voltaire* contra o Christianismo não procedia mais que de hum frenesi, em que tinha entrado, por vêr que doze pescadores bastarão para fundar huma tal Religião, em despeito dos Filozofos, que nunca outro tanto fizeram. *Vid. Lettr. de une mere a son fils. Tom. III. Lett. IV.*

(b) O *Censor* N.º 23 de 1820 acaba de annunciar hum opusculo de *Mr. Lanjouinai*s, em que este Author reprova com razão a maxima da *Soberania do Povo*, substituindo-lhe huma outra exacta e verdadeira, e de outro sentido bem diverso do que se nos inculca na *Mnemosine* N.º 16 de 1821.

He huma verdade, que este author, discorrendo quasi como em assumpto principal sobre o modo de governo mais pacifico, e mais feliz, e não sobre o mais, segundo os direitos do homem; posterga muitas vezes estes direitos para estabelecer principios, bem que bons, de prosperidade. E quem ainda crê o antigo dito de *Horacio* = *utilitas justi prope mater et aequi*? = Os nossos *Filosophos da alluvião*, porque o achão adoptado pelo mais moderno dos Authôres liberaes, da lição material e pedantesta dos quaes elles se pertendem fazer huma especie de gloria, como homens dos que tem os olhos abertos, e a cabeça desempoeirada; sabios, que conhecem tambem a verdadeira doutrina, e os bons Authores onde se ella contém; quando de facto nada sabem, senão historicamente; e nem discernir podem a verdade das mentiras com que anda misturada! e consequentemente estas são as passagens, que indiscretamente nos inculcão. Que nos indicão pois todas estas qualidades da Filosofia presente, senão ter ella por origem a presumpção?

Seria com tudo ainda assim para nós huma felicidade, se estes homens se encerrassem nos limites da Filosofia: o que porém inteiramente desanima he vêr estes *Filosophos repentinos* tambem *subitos Theologos, Canonistas, Jurisconsultos*; disertando com a mesma facilidade nestas que nas materias grammaticaes, e historicas, em fim sendo tudo, e nada sendo, porque de facto em tudo são menos que principiantes os mais dos que se assim inculcão.

Não, não era possivel, que hum homem antigo Filosofo procedesse do geito de que estes procedem. Quando não soubessem ao certo desde quando datavão todas estas rabiscaduras, todas

estas palestras pelas assembléas, pelos cafés, e pelas esquinas, todos pelo conteúdo reconhecerão *Filosofia começada a estudar desde os dias 24 de Agosto, e 15 de Setembro, e consummada 8 dias adiante.*

Que grande milagre! Hum homem Filosofo consummado em 8 dias! . . . Se outróra os nossos movimentos politicos tinham huma justiça *methafisicamente certa*; agora a tem de huma *evidencia religiosa*. Hum Filosofo em 8 dias! . . . Este milagre abona completamente o acontecimento, que lhe deo causa: seria o unico, que *J. Jacques* admittira, se vivêra: mas quando continuasse ainda aqui com a mania de ladrar, que não era sobre as forças da natureza, concordára sem duvida, em que era huma rara maravilha, muito mais notavel, e por consequencia muito mais abonadora da sua *causa occasional*, que nenhuma, das que produzio a *Revolução Franceza*.

Então appareceo de repente *Napoleão Bonaparte* saltando successivamente de *Anspeçada ou Cabo de esquadra a Governador de Paris, a General, Consul, Dictador, e finalmente a Imperador do Mundo*; e seus irmãos, que erão outros que taes, representando tambem hum semelhante papel. Então apparecêrão dois soldados, *Junot*, e *Massena* governando exercitos com alcunha de *Generaes*: hum carreiro tambem foi insultado com este appellido; e este hé o *General Brune*, vencedor dos *Suissos*: hum mestre de espada preta, *Augereau*, e o mestre cozinheiro *Championnet* tiverão o mesmo destino: omittimos o *Duque de Rovigo*, *Ney*, *Murat*, e outros muitos, por não causarmos revolução de estomagos.

Ora quem não repara, que todos estes portentos se reduzem á subita formação de hordas de

salteadores, e *matadores de repente* de milhões de almas á espingarda e canhão; o que he tão grande flagello para a humanidade?

No nosso Portugal porém acontece cousa mui diversa, muito mais benigna, e favoravel: os portentos não são *Generaes repentinos*, são *subitos Filósofos*; não são *matadores de repente*; quando matem, he de morte lenta; o que he favor, que se aos padecentes faz de mais algumas horas de vida.

Mas fallemos serios. Todos estes prodigios, se o são, acontecêrão pela força sobrenatural da presumpção: tal he com effeito o ultimo resultado da analyse. Eis pois a causa destas raras virtudes civís, que ora no nosso paiz admiramos; isto he; desta pasmosa abundancia de Filósofos, que já-mais se devisou nas partes cítimas dos *Pyreneos*: eis, mais exactamente fallando, a causa da decadencia presente da Filosofia em Portugal.

Quando porém fallo na decadencia da Filosofia em Portugal, eu não me esqueço dos bellos feitos de Filosofia, que ora existem, e que outrora já mais aqui se virão; que se tem bastantemente augmentado as luzes; e que podemos competir facilmente com as nações mais policiadas: o meu sentido por consequencia he, que apesar de ter crescido bastante o numero dos *Filósofos de nome*, tendo tambem crescido talvez na razão décupla, ou mais, o numero dos *Filósofos no nome*, somos como o ricaço, que apesar de o ser, apparece como se o não fôra, em quanto de todo se esbanja.

Seria bem para desejar, que estes Senhores, de quem temos fallado, desde já se reportassem, acabando por huma vez com os seus disparates: todo o mundo Filosofico lho pede. Desde os primeiros dias desta alluvião se tem imposto os sa-

bios hum profundo silencio, afflictos talvez de verem a sua profissão litteraria abatida em razão da associação dos novos adherentes, e envergonhados de com elles emparelhar. *O erudito Redactor do Encyclopedico de Lisboa* acaba de dar no seu N. IX., de Outubro de 1820, huma prova disto mesmo. Deixem por tanto fallar os litteratos, e não queirão acinte introduzir, a modo de invasão de *Godos*, ou de *Alarabes*, a barbaridade.

O melhor conselho, que se póde dar a esta especie de homens, ei-lo aqui: Deveráõ fechar-se em suas cazas por hum anno ao menos, sem a ninguem dar palavra; e isto para aproveitarem mais o tempo, no que vai a se lhes incumbir, e terem cedo, isto he, logo no fim do anno, licença para fallar, e escrever: immediatamente devem lançar pelas janellas fóra *Francisco Arouet, Jean Jacques, parte da Encyclopedia, o Systema da Natureza, o Belisario de Marmontel, &c.* assim como a penna, e o tinteiro. Isto feito, os melhores livros, que se lhes pode assignar, são hum *Mako*, hum *Genuesse*, ou hum *Sigismundo*, que por todo este tempo decorarãõ, e meditarãõ profundamente. He de esperar, que no fim do anno saibãõ entender aquelloutros livros: poderãõ por tanto procurallos nos canos da cidade para onde as enxorradas os tiverem levado; e tendo-os achado, lerãõ nelles a seu grado, e farãõ suas rabiscaduras.

Depois de tudo isto, que temos discorrido; depois de termos advertido, reprehendido, e aconselhado; somos tambem de justiça obrigados a dar a satisfação, de que em quanto temos dito não he nossa intenção incluir todos os que actualmente escrevem, ou fallão: ha homens verdadeiramente sabios; e alguns impressos tem apparecido dignos do prélo Portuguez: desde que comecei de

fallar, sempre insinuei, que á maior parte me dirigia: a propria consciencia pois dará a conhecer a cada hum, de quem eu fallo, ou não fallo: se eu desejo corrigir, e expellir o que he indecoroso, eu não devia tomar outro partido, que não fosse o de fallar *indeterminadamente* neste particular, deixando ao *sentimento interno* de cada hum o conhecimento individual, de a quem he, ou não, dirigido o meu discurso.

Se com tudo a pezar desta prudencia as nossas reflexões não produzem effeito, quem haverá compaixão de vêr expostos aos chascos, ao rizo e zombaria os nossos sabios? Quem haverá compaixão de se lhes perguntar talvez pela razão, ou semrazão de muitas cousas, que tem dito? Como perpassará alguém, sem que lhes peça a resolução de certas difficuldades, a idéa clara de certos encobertos, que padecem as opiniões modernas, de que elles se nos propõem ou impõem doutores?

Talvez então não obre desorientado quem al não fizer em quanto de todo os não desmascarar, que atacallos até ao extremo: talvez neste comenos se lhes requera por alguma cousa do *Pacto Social*: talvez se lhes peça no entanto huma definição exacta de *Representação*; materia sobre que elles dissertão a todos os instantes: por ventura virá a proposito algum outro ponto do *Emilio*, livro, que elles conhecem pelo titulo, e quando muito pelo assumpto.

Ah! a que guarida, quando desta arte se virem opprimidos, se aterão os nossos Filosofos que ora tanto sobreestão em suas sentenças? Estou vendo os nossos *repentinos* então mostrarem de huma vez em fim, que o são: quando se virem embaraçados em tantos escolhos, e a ponto de naufragar, então farão o que eu já vi a hum, que

affectando-se Inglez em huma sociedade , que o desconhecia , chegando depois outro instruido naquella lingua , que com elle travou conversação , se vio obrigado o falso Inglez a confessar vergonhosamente , que não era senão Francez ; e ainda depois , que estava já mui esquecido da lingua Franceza , por o muito tempo que havia passava fóra da sua patria ; continuando depois a fallar em Portuguez , sua lingua materna , o pouco tempo , que se alli deixou estar.

Lisboa 25 de Janeiro de 1821.

Aristarchus.

BELLAS ARTES.

Breve noticia da nova invenção de Mrs. Parkins, Fairman, e Heat para perpetuar Gravuras em Aço e outros metaes.

Não se pode duvidar que nos ultimos tempos se tem dado nas Artes e nas Sciencias mui agigantados passos, e feito assombrosos descobrimentos, e bem se pode affirmar que nenhum, mais que o presente seculo, produziõ mais inventos de real utilidade, e de mais importancia no Mundo civilisado: entre estes, o que he objecto da presente noticia, tem na verdade jus á admiração, não só de qualquer amante das Artes, mas de todos os que amão tudo o que he melhoramento. Quer o assumpto se considere pelo lado das vantagens que hão de resultar da applicação deste novo invento ao interesse das fabricas, quer pelo lado filantropico junto ao da utilidade do Estado, deve-se ter sem duvida por hum importantissimo descobrimento, pois segundo o effeito que promete poderá pôr completo termo ao crime de falsificação de moeda papel, bilhetes de Banco, e outros objectos dependentes da gravura.

Consiste o merito desta invenção em obter, com grande facilidade, de *huma* chapa gravada qualquer numero que se queira de outras chapas, todas iguaes á *original*, e pela qual maneira se

podem obter milhões de impressões ou estampas; ao passo que, pelo processo commum, huma chapa, por funda que seja a gravura, apenas dá duas ou tres mil estampas, e por fim já muito más. — O methodo de multiplicar as chapas gravadas, ou ao buril, ou a agua forte, he o seguinte. Tomão-se chapas de aço de tamanho sufficiente para receberem a gravura que se quer, abrandão-se por hum modo peculiar que torna o aço facil de se abrir nelle melhor que no proprio cobre. Supponhamos que neste aço assim abrandado grava hum dos melhores Gravadores qualquer desenho o mais delicado; entregando então a chapa a Mr. *Parkins*, este por outro processo torna o aço á sua natural dureza, sem o minimo damno da gravura nelle feita. Prepara-se por tanto hum cylindro de aço abrandado, e de tamanho tal que possa em sua periferia receber, em relevo, huma impressão da chapa endurecida e gravada, o que se faz rolando-a sobre huma chapa dura em huma prensa construida de hum modo singular para esse fim. Este cylindro, que recebe huma perfeita impressão da chapa gravada original, passa depois a ser endurecido, e fica prompto para o uso; o qual he que, tornando a ser posto devidamente na prensa, põe-se-lhe ao redor huma chapa de cobre, sobre o qual o cylindro morde qualquer numero que se queira de copias da gravura original, sendo por conseguinte qualquer copia assim obtida hum perfeito *fac-simile* do original. De modo que assim se podem obter em mui pouco tempo grande numero de chapas de qualquer original da maior perfeição, sendo todas iguaes em merecimento.

Gra, a impressão do cylindro tambem se pode fazer, se assim se quizer, em aço amolecido em lugar de cobre, e depois de endurecido o mes-

mo aço pode dar porção infinitamente maior de estampas boas que a chapa de cobre; e por conseguinte pode-se augmentar incalculavelmente o numero das estampas. — Quando nos lembramos que todo o genero de gravuras, tanto as mais bellas, como as mais triviaes, se podem multiplicar pelo mesmo principio, evidentemente vemos qual seja a utilidade e economia deste methodo naquillo em que se requer grande numero de estampas de huma chapa. Nos livros de que se imprimem milhares de exemplares, e que levão estampas, tira este methodo o trabalho dos retoques das chapas, que nem sempre podem ser feitos pelos que as gravarão, e por conseguinte ficão muitas vezes estropeadas; e se não se faz a despeza do retoque, quando a chapa tem tirado v. g. mil estampas, já as ultimas se não parecem com as primeiras. Tambem se pode applicar á estamparia de chitas, nas chapas de metal, produzindo novos padrões no cylindro, e tirando deste muitas copias, o que faz que se possa, se assim convem, estender-se a hum sem numero de peças mais do que do modo commum.

Huma das maiores vantagens desta admiravel invenção he poder-se applicar a prevenir a falsificação de bilhetes de banco e papel moeda. Para verificar esta utilidade, passárão huns poucos de eminentes Maquinistas, Artistas, e Sabios, a examinar miudamente, a rogo de Mr. *Parkins*, *Fairman*, e *Heath*, as maquinas e apparatus com que executão este seu invento. O resultado desta indagação foi a mais ampla convicção da sua preeminente utilidade em conter o progresso da falsificação; e disto fizerão huma exposição por elles assignada. Basta só que nos lembremos que nenhum Artista he capaz de fazer duas gravuras absoluta-

mente identicas em todas as suas minimas partes : esta identidade só pode existir pelo novo invento ; por conseguinte em todos os bilhetes haverá a mesma harmonia, os mesmos traços, as mesmas distancias, as mesmas inclinações e direcções, etc., servindo assim os verdadeiros de facil comparação com os falsos, que não sahindo da fonte original das chapas multiplicadas identicamente pela nova invenção, logo se darão a conhecer pela minima differença que apresentarem.

Nos Jornaes de que extrahimos esta noticia, vem estampas delicadissimas feitas com chapas tiradas pelo novo invento. Para se fazer idéa da delicadeza da gravura, basta dizer que em hum circulo de hum cruzado Portuguez em oiro se achão por extenso escritos ou gravados o *Credo*, e o *Padre Nosso*, em Inglez. Os authores deste novo invento o denominão *Siderografia*.

Noticia de dous modelos de Cavallos feitos pelo Escultor Canova.

O celebre *Canova*, que pela admiravel obra de dois Liões que adornão o Mausuleo do Papa *Clemente XIII.* na Igreja de *S. Pedro*, tinha provado que não era menos habil em representar animaes que em produzir as mais bellas fórmas da corpo humano, deo o anno passado huma nova amostra da sua destreza neste ramo desta arte. Ha agora alguns annos que elle fez o modêlo de hum Cavallo de grandeza colossal, sendo o maior que se conhece na Europa. Esta obra excitou a admiração de todos os juizes da arte, e de todos os que tem particularmente estudado este nobre e elegante quadrupede. Este modelo tinha sido fundido em bronze em Napoles com o melhor exito. Neste meio tempo se occupou *Canova* em outro modelo do mesmo animal, mas em attitude differente da do primeiro, e ainda que parecia impossivel que o Artista se excedesse, achou modo de introduzir nesta sua obra tantas bellezas novas, que huma pessoa jámais se cança de admirar este primor da arte. Tudo está perfeitamente acabado; todas as suas partes são dignas do Esculptor cujos desenhos são todos juntamente agradaveis e feitos com sciencia, acompanhados do maior apuro na execução. Todos os membros do animal parecem animados e moverem-se; mas a cabeça em particular parece que se move, respira, e rincha. Este modelo deve servir de parceiro ao em que acima fallamos; e hão de ambos adornar o grande largo do magnifico Templo de *S. Francisco de Paula*, que se está presentemente edificando em Napoles, com esplendor verdadeiramente Real, pelo desenho do Architecto *Bianchi*.

C R I T I C A.

A apparição da mulher do Monitor de Buonaparte. Carta escrita em 1813, sobre a questão = que cousa he hum Periodico, discutida no Semanario.

Ainda me estou benzendo, meu amigo, e o caso não he para menos; e sendo eu varão constante, e descendente em linha obliqua de *Geraldo* o sem pavor, ainda sinto pela testa abaixo bagas de suor frio como tremoços! E para que hei de demorar a V. m. com mais preambulos? Eu estava dormindo com aquella quietação estoica, que he propria do somno, com aquella insensibilidade, e indifferentismo de quem dorme depois de ter ceado bem, e sollicitado o somno com aquelle balsamo alambreado, que se chama moscatel de Setubal; (não he bazofia). Neste delicioso estado, (ah! como he certo que ninguem sabe para que se deita na sua cama!) senti chamarem-me pelo meu proprio nome, com hum guincho tão agudo, que me constituiu no perfeito uso de meus sentidos, sem que a isso obstasse a arrezoadá doze do moscatel de Setubal, que eu, por obedecer aos Medicos, tinha tomado, e como costume dormir com luz ainda que distante, a seu pequeno, e quasi moribundo clarão (isto faz arripiar os cabellos!) vi junto do meu leito de magno (*Laurus Indica* de Linneo; que erudição!) hum Fantasma, e pelo focinho, e trages vi que era mulher, como aqui vinhão pintadas as cidadôas Francezas chamadas as Furias da Guilhotina nos *aureos dias de Robespierre*. Olhei-lhe para os bigodes com aquella *imperturbabilidade*, que se me não despede do animo, ainda n'outros transes de mais alto calibre; e lhe disse: — Então que temos por cá? — Surrio-se

a Furia, e eu tambem me surri. — Eu sou, diz ella, a mulher do *Monitor*. — O' mulher do diabo, lhe tornei eu, pois tu não achaste horas de me causticar senão estas? Olha que cara!! — Cala-te, diz ella, a minha commissão he importante, eu venho aqui porque tu estás destinado para dar luz ao mundo. — Eu não estou agora para isso, lhe disse eu, nem me levanto da cama por quanto ha; ahi está luz fóra, acende huim trapo, e leva-lho lá; que se elle está sem luz, he por desmazello; e vê não faças isso assaralhopada, não me apagues a bruxa. — Ah! tu não entendes, diz ella, que o meu fallar he methaforico! Chama-se dar luz ao mundo, fazer Periodicos, e Supplementos; com isto se espancão as trévas, se illustrão os homens, se livrão os Reinos, se propaga a literatura, se semêa a erudição, se aperfeiçoão as sciencias, se dilatão as Artes, se governão os Estados, se instruem os Generaes, se fortalece, e firma em bases solidissimas o imperio da mentira, e da impostura. — Olha o que ahi vai de coizas, lhe disse eu; mas eu não estou para isso, nem meto foice em seara alhêa; isso he lá para teu marido, que sahe no Correio ás Terças, e Sabbados de cada semana, se he que vocês já se deixárão das decantadas Décadas do novo Kalendario, depois do glorioso reinado do carrapato Corso; a mim não me importa cá o mundo, nem a luz, o que quero he dormir. — O' cego, e insensivel mortal! Não te movem, bruto, o amor da gloria, os applausos dos homens, nem o desejo de ser util aos teus semelhantes, dando-lhe periodicamente opio? — Isso não he coiza que se coma, lhe tornei eu, não me importa cá nada disso! — Barbaro, exclamou ella, não resistas ao Destino; olha que te esgano! — E esta! lhe tornei eu, então isso ha de ser á for-

ça? — Sim, disse ella, e tomando hum aspecto severamente tôle, me disse, que vinha authorisada para me fazer hum exame rigoroso, e habilitar-me para a grande empreza a que eu estava destinado, e escolhido, que era dar luz ao mundo. — Tanto que a mulher tomou a cara de tôle tremi, (he a unica coiza que me faz titubear, são os tôlos); sentei-me então na cama, e cruzando os braços esperei immovel o interrogatorio para me ver livre da Furia Monitora. Então com tom de voz pezado e grosso, que parecia o Capitão Adamastor, começou: — Dize, mortal, que he preciso para ser sem estudar, nem abrir livro, sabio universal? — Viajar. (Bom!) Que he preciso para fallar em tom gazetal? — Dar cabo da propria lingua com frases, e locuções estranhas. — (Bom!) Qual he a *caracteristica* dos Periodicos? — Mentir. — (Bom!) Qual he o papel que teve e tem mais assignantes, e mais extracção que o Monitor? — A oração que veio de Roma. — (Optimamente!) Em que rua morava Bonaparte quando era Alferes? — Na rua da Victoria. — Em que *falso burgo*? — Arrabalde, minha senhora, lhe disse eu. (Pois sim, isso he cá em Portuguez.) — São Marçó. (Muito bem.) Como se chamava o cidadão, que na Corsega hia a casa da mãe de Bonaparte tomar chá, e jogar o voltarete? — Mr. de Marbœuf. (Bem.) Onde era a loja de bebidas aonde hia Bonaparte tomar café, e pregar o seu calote? — No Carroucel. (Muito bem.) Qual he o melhor Quimico que tinha París? — Mr. Vauquelin. — (Bravo.) Quem brilhava mais com Farças no Instituto Nacional? — Mr. Picart. — Que fazem em París os que tem frio, e não tem dinheiro para carvão? — Aqueitar-se aos fogões dos Botequins. — (Bravissimo!) Qual he a coiza mais notavel que se vê quando hum *Viageiro* passa do Va-

lais para o Piemonte? — Os *Cretins*, e os papeirudos. — Que tal he o vinho que dão os Frades do Monte de S. Bernardo aos Viageiros no Inverno? — He de tremer. — (Famosamente!) Quem mora na casa em que morou João Jacques? — Hum çapateiro. — Que tem pelas paredes? — Letreiros dos *Viageiros*. (Admiravelmente!) Qual he a sciencia mais util que ha? — A Quimica. — Bravo e bravo! — Quaes são os objectos mais apreciaveis na Quimica? — Nitro, e Barrilha. — (Mais bravo.) Onde anda Bonaparte aos pontapés, fazendo tudo em cacos? — No pavelhão de Flora. — (Sublimemente!) Que produz a superioridade de talentos em hum homem que com a penna na mão defende, e illustra a sua patria? — Inveja e inimigos. — Fallas como hum Catão! Que faz hum Pantalão, e Impostor Francez quando lhe vão ao galinheiro! — Dar satisfações a quem lhas não pede. — Bonito! Que coiza he o Monitor? O entremez dos mentirosos. — O' velhaco, tu dizes isso de meu marido? Não fallavas tu assim quando cá estiverão os Francezes. — Mente, e remente, senhora Monitora. O Monitor he o bota-fogo da Europa, o Monitor he mais patife que Bonaparte, e o *redigidor* do Monitor he hum alvar, he hum venal, he hum ignorantão, que em o tirando dos termos tecnico-gazetaes, he Zero. Se o Monitor tem milhares de assignantes, he porque ha milhares de manicos de novidades, e hum milhão de ociosos pelas praças, e cafés de París. Se o Monitor tem voga, he porque não ha quem destrua o prestigio temendo os grandes Protectores do Monitor. Geofroi he hum desavergonhado instrumento de Bonaparte, e metido a Profeta, a Politico, a Militar, a Estadista para propagar illusões; em fim o Monitor he papel Francez, e basta. O Monitor he o antipoda da

razão, o corruptor do gosto, e que mais se póde dizer do Monitor, que dizer-se, que he a Gazeta de Bonaparte, e que he peor ainda que o Jornal do Imperio?

Como eu hia tomando calor, temeo-me a Furia, e desfez-se a Fantasma, deixando hum bafio de carbonico e azote, com as outras mixordias quimicas, que me ficou a cabeça atordoada; a mulherzinha da minha alma veio buscar lã, e ficou tosquiada, e eu arrebrandando pela manhã, que nunca me tardou tanto, para dar principio com mais afinco que nunca ás minhas indagações sobre a essencia de hum supplemento, já que he tão universal a mania pelo Monitor, entre a cafila Franceza, e seus adherentes, que a tanta degradação querem voluntariamente chegar certos genios em Portugal; coiza digna de chorar-se com lagrimas de sangue. Disto tem culpa o Monitor, ou tem culpa os que o acreditão, e acreditárão, levando-os a credulidade, ou a confiança nas promessas que os Francezes fazião, e o Monitor espalhava, ao precipicio de hirem apresentar aos Francezes, (comendo com elles) mappas das minas de Portugal, acompanhando-os para levantarem Fortins na cabeça de Monteachique, sem se desenganarem que o Monitor era a officina da mentira destinado para propagar a illusão, e a corrupção nos animos, fazendo reflexões ôcas, e profecias illusorias, escrevendo para mentecaptos, e sendo as delicias do vulgo estúpido, dos escravos Parisienses, imitados por outros: neste fiel retrato do Monitor, verá V.m. a razão que eu tenho para inquirir a essencia de hum supplemento para desengano dos que ainda cuidão que o Monitor he alguma coiza, vendo-o agora (em 1813) desmentido a cada instante, quando récebemos os Officios dos Alliados do Norte.

Ora não ha hum disparate semelhante !— dirá V. m., pois eu destino-me a inquirir a essencia de hum Periodico supplementar, e começo por huma invectiva virulenta contra o Monitor, que está com a alma em París muito cheio de si, muito tezo, muito impertigado, muito mysterioso, e assentando, que quem salva a França he elle; que quem tem graça he elle; que quem faz escarneo do Monitor he hum inimigo da integridade do Imperio! Sim, Senhor, V. m. nunca vio exordios que não tem parentesco com os Discursos? Nunca vio Prolegómenos que vão para barlavento, e as Obras para sotavento? Eu cá me entendo, e sei que não vou longe do meu scópo, e fiel ás minhas promessas de tratar em trinta e nove cartas preliminares, materias accessorias á grande obra annunciada da essencia de hum supplemento, eu quero proceder com toda a circumspecção evitando precipitações, e juntando as especies, e materiaes necessários. Eu vou passo a passo, e com muito tento; e segundo a methodica disposição das materias que eu tenho feito, vejo, que a carta trinta e quatro será para determinar o motivo porque se faz hum supplemento, especie que em mim se avivou com a vista de hum Cartaz de O'pera em que o Beneficiado protestava, que se não tinha poupado a trabalho, sómente para comprazer ao respeitavel vulgo no scenario, e vestuario proprio do character da acção, e que nenhum outro objecto tinha em vistas... Então visto isso ainda faltão trinta e tres semanarios, ou trinta e tres semanas para chegarmos a isto sem se tocar na sciencia de hum supplemento? Sim senhor, o caso não he para mais, e não lho póde fazer por menos

J. A. de Macedo.

Fim do N.º XI.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

D E

L I S B O A.

N.º XII. DEZEMBRO DE 1820.

S C I E N C I A S.

*Fim do Relatorio de Mr. Cuvier, continuado de
pag. 246 deste Jornal.*

PODEMOS pôr na classe das grandes Obras de Zoologia que tem apparecido ha alguns annos a esta parte, a que publicação Mrs. Saint-Hilaire e Frederico Cuvier, sobre os mammaes da Real Casa dos Bichos, com estampas lithografiadas e illuminadas ao vivo natural, na officina lithografica do Conde de Lasteyrie. Tem apparecido doze entregas em folio, contendo cada huma seis estampas, entre as quaes se vêem retratos correctos de varias especies que ainda não tinham até agora sido bem representadas, ou mesmo que erão inteiramente novas para os Naturalistas.

Mr. Delamark, a pesar do enfraquecimento total da sua vista, prosegue com inalteravel cora-

Tom. II.

ZZ

gem a continuação da sua grande obra sobre os animaes sem vèrtebras. Elle nos deo este anno a primeira parte de seu 6.º volume, onde remonta até as primeiras ordens dos moluscos gosterópodes, ou serpejantes.

A obra de que Mr. Daudebart de Terussac tinha apresentado o plano em 1817, sobre os moluscos de terra e d'agua doce, principiou a receber a sua execução. O author apresentou della seis entregas á Academia, tão notaveis pela belleza das estampas illuminadas, como pelo cuidado com que as especies alli se achão recolhidas e estremadas. Compreendem os *limaceos e helices* (*lesmas e caracocs*) de Linneo, assim como varios generos desmembrados daquelles pelos Naturalistas, e por Mrs. de Ferussac pai e filho, que tem por mais tempo e com mais cuidado que ninguem antes delles estudado esta familia de animaes.

As rélas ou rãs das moutas trepão pelas arvores, pelas paredes ainda as mais lizas, e até pelos vidros das vidraças, por meio de humas como bolinhas que terminão seus dedos, e que ficão firmemente nos corpos em que as põem. — A maior parte dos Naturalistas se tem contentado com suppor que estas bolinhas são providas de alguma viscosidade; mas deveria ser mui poderosa esta viscosidade para que huma só bolinha pudesse ter suspenso o corpo todo do animal, como ás vezes acontece. Mr. Delabillardiere, que tem estudado de perto este assumpto, reconheceo que as rélas fazem hum vacuo debaixo de cada huma das suas bolinhas, puxando para dentro a superficie inferior destas partes, por meio de algumas fibras musculares. São pois as bolinhas apertadas contra o corpo que tocão, por todo o pezo da atmosfera.

Ha muito que se tem procurado evitar aos

principiantes o primeiro nojo inseparavel dos estudos anatomicos, offerecendo-lhes imitações em relevo dos órgãos com as suas cores e dimensões. As figuras de cera coloridas são mui proprias para este effeito; e as magnificas preparações deste genero que se fabricárão em Florença, debaixo dos auspicios do Grã Duque Leopoldo, e debaixo da inspecção de Fontana e de Mr. Fabbroni, fizeram celebre este meio. Porém a cera he quebradiça e pouco maneavel; he difficil empregalla em preparações compostas de partes moveis, e proprias para dar a conhecer a juxta-posição dos órgãos. Fontana tinha querido substituir-lhe a madeira, e tinha começado huma grande estatua desta materia que devia compor-se de muitas mil peças; mas a madeira tem outro inconveniente, que he contrahir-se e dilatar-se conforme a humidade e secura, e as partes soltas nunca se acertão bem, e quebrão facilmente. Mr. Ameline, Professor de Anatomia em Caen, ideou huma especie de massa de papelão, que se moe como se quer, toma muita firmeza sem ser quebradiça, e se deixa fixar por diversos meios commodos nos pontos em que se quer pôr segura: deste modo construiu, por hum esqueleto verdadeiro, huma estatua em que todos os musculos e os vasos principaes se podem tirar e pôr. Não padece duvida que esta materia, quando alguns artistas de profissão lhe derem aquella perfeição e elegancia precisas a huma imitação completa, poderá substituir com vantagem a cera e a madeira.

Mr. Serre, Cirurgião do Hospicio da Piedade, fez sobre os primeiros principios da ossificação nos embriões d' homem e d' animaes numerosas e importantes observações, d'onde julgou poder deduzir o que chama leis da osteogenia, isto he, regras geraes que presidem á disposição dos pontos pri-

mitivos d'ossificação, regras que Mr. Serre enuncia em numero de cinco. — A primeira, chamada *symetria*, he que, considerando o esqueleto no seu todo, a ossificação caminha nella das partes lateraes para as partes médias. No tronco, por exemplo, as costellas se ossificão primeiro que as vèrtebras; as apofyses lateraes das vèrtebras primeiro que o seu corpo. O mesmo succede a respeito da cabeça; o primeiro ponto ósseo apparece nas apofyses zigomaticas dos temporaes; as azas do esfenoides ossificão-se primeiro que o seu corpo, &c. D'ahi nasce, segundo Mr. Serre, aquella *symetria* tão notavel nos animaes vertebrados; como as duas metades do esqueleto caminham, em certo modo, huma para a outra, para se encontrarem na parte mediana, ha dois meios-craneos, apresenta dois meios-raquites, duas meias bacias, &c.

Entre tanto esta parte mediana apresenta ossos que sempre se tiuham julgado originariamente simples, taes como as peças do esternon, o corpo do osso hyoide, os corpos mesmo das vèrtebras. Mr. Serre faz a este respeito varias observações, que são suas. Lembra elle que no ovo os primeiros vestigios do espinhaço do pinto se apresentam na apparencia de dois meios-raquites ainda membranosos; que estas duas membranas se unem tornando-se cartilagosas: annuncia que ao undecimo dia da incubação, ou chôco, principião a apparecer sobre os corpos de algumas vèrtebras dorsaes dois pequeninos pontos ósseos; que igualmente apparecem ao duodecimo dia outros semelhantes nos cervicaes e nos lombares; que a reunião destes pontos em hum só corpo não se opera nos dorsaes e em alguns cervicaes senão ao decimo terceiro ou decimo quarto dia, e que nesse mesmo dia mostram os ossos lombares e caudaes ainda mui sensivelmente a sua divisão.

Observou o author huma marcha inteiramente analoga no raquitis da ranzinha e no do coelho. Elle a achou quanto á cartilagem nos embriões humanos mui pouco desenvolvida, e julga ter tambem observado que a ossificação se faz alli primeiro por dois pontinhos, mas quasi se poderia dizer, segundo a sua descripção, que nos fétos provenientes de mulheres sãs, mais a sentio com o seu escalpelo do que as vio. Dos 40 até aos 60 dias da concepção he que elle fez sobre as diferentes vértebras esta difficil observação, a qual adquire com tudo muita verosimilhança pelo arranramento que se percebe dalli em diante entre as fibras osseas, e sobre tudo pelo que se nota nos embriões provenientes de mulheres escrofulosas ou raquiticas. A separação dos dois nucleos he então muito mais assignalada, e dura muito mais tempo. Deste modo explica Mr. Serre varias *espinhas bifidas*, ou fendas contra o natural da parte anterior da espinha, que ás vezes tem lugar, e de que o author descreve varios exemplos notaveis.

Escolhendo as épocas convenientes, vio igualmente Mr. Serre dois nucleos osseos nos ossos medianos da base do craneo; não só no corpo do esfenoide anterior, onde esta divisão dura tempo bastante, mas tambem no corpo do esfenoide posterior, e no osso basiliario, onde a reunião se opera muito mais depressa. Nenhum ha até o vomer, e á lamina vertical do ethmoide, que elle não veja formar-se por laminas ou por granulações lateraes.

Quanto ao esternon, depois de ter annunciado que em mui recentes embriões se manifesta a cartilagem tambem primeiro lateralmente, procura applicar Mr. Serre a sua theoria á ossificação das peças desta parte olhadas geralmente como impares. A este fim refere algumas variedades de es-

ternons humanos, onde se vêem as peças divididas pelo meio; outras onde as peças estão dispostas alternativamente em duas series. As aves e a maior parte dos reptís tem no seu esternon, adiante das peças com bem certeza dispostas por par, hum osso impar que se chama *ento-esternal*, que fórma a quilha do esternon das aves: Mr. Serre, para encaminhar este osso á sua regra, cita diversos animaes em que a peça que se poderia olhar como análoga a está, apresenta sensiveis sinaes de divisão. Considera tambem como indicio de divisão as cavidades formadas na quilha do esternon do grou e do cysne, para alojar as rugas da sua traca-arteria.

Confessaremos que esta parte do trabalho de Mr. Serre he a que nos parece exigir ainda os maiores desenvolvimentos, e ser susceptivel de maiores e de mais contradicções. Entre tanto varios exemplos pathologicos referidos por este habil anatomico parece confirmarem que o estado normal e primitivo do esternon he ser dividido longitudinalmente.

Finalmente, no que respeita ao osso hyoide, annuncia Mr. Serre que os dois pontos osseos do seu corpo, assim como os do corpo das vertebbras, se unem nos individuos sãos quasi immediatamente que se formão; mas que nos fetos nascidos de pais viciados dura mais tempo a sua separação; destes observou mesmo hum, gerado por hum pai que gaguejava, e onde hum dos pontos se tinha ossificado mais tarde que o outro.

Por occasião disto, refère o nosso anatomico exemplos d'ossos hyoides, que se união quasi sem interrupção por articulações ósseas com o apofysis estyloide, e por consequente com o craneo, ou por outros termos, nos quaes o ligamento estylohyoidiense estava quasi de todo ossificado.

A segunda das leis ou regras estabelecidas por Mr. Serre , chama-se a lei de *conjugação*. Todos sabem que os boracos que dão passagem aos nervos da espinha , são formados pela aproximação de duas chanfraduras praticadas nas partes correspondentes de duas vertebrae contiguas. Resulta pois o contorno de cada boraco da aproximação de dois ossos. Segundo Mr. Serre , todos os outros boracos dos ossos são igualmente boracos de conjugação ; e pode-se , remontando mais alto , pelo tempo da nascença ou da concepção , achar separadas as peças osseas cuja aproximação os formou.

Assim os boracos das apofyses transversaes das vertebrae cervicaes não se formão ao principio no exterior senão por huma faxa cartilaginosa que tem separados os seus pontos de ossificação ; pontos que Mr. Serre considera como especies de costellas cervicaes. Todos sabem que com effeito ha no crocodilo , e nos outros reptis , verdadeiras costellas mui perceptíveis como taes.

A applicação da lei era ainda mais facil por muitos boracos da base do craneo , que todos os anatomicos sabem se achão nos fetos entre ossos distinctos , bem que estes ossos se soldem depois entre si , taes como a fenda esfeno-orbitaria , a esfeno-temporal , os boracos rasgados , o condyloidiense. Deve-se evidentemente applicar tambem em varios animaes no boraco oval , que não he senão huma chanfradura do esfenoide.

Quanto áquelles que , ao menos tocante a fetos hum pouco avançados , farião alguma difficuldade , envia Mr. Serre a embriões mais novos. He o que sem duvida ha de tambem fazer relativamente aos boracos orbitarios internos nas especies em que o ethmoide se não mostra na orbita. Os anatomicos não deixarão de remontar a estes primeiros momen-

tos da existencia para se assegurarem da generalidade desta regra ; terão a verificar entre outras coizas , se o contorno do buraco optico he ou não hum anel que se ossifica successivamente , em vez de ser o resultado da conjugação de duas peças.

No que toca aos boracos do rochedo, Mr. de Serre admitte ao menos dez pontos ósseos primitivos na formação das partes que compõem estes ossos ; de modo que não lhe causa embaraço achar conjugações nas frestas redonda e oval , no borauditivo interno, &c. ; mas será preciso tambem examinar se ha ou não coiza accidental em tão numerosas subdivisões. O que ha muito temos por verificado he que em todas as aves e reptís a fresta oval resulta da conjugação do rochedo como occipital lateral ; mas que a fresta redonda , que existe só nas aves , e não nos reptís , está furada por inteiro no occipital lateral ; de sorte que neste ultimo osso he que seria preciso admittir subdivisões para não achar fallencia na regra.

Huma curiosa observação de Mr. Serre , he que no terceiro mez da concepção , a abertura do ossinho chamado estribo offerece dois e ás vezes tres pontos de ossificação em seu circuito.

A terceira regra de Mr. Serre , ou a sua lei de *perforação* , não he mais que huma extensão da segunda. Pensa elle que os canaes ósseos , com os boracos só se fórmão por conjugações , e que as suas paredes consistirão primeiro em peças separadas. Vê estas peças longitudinalmente postas ao redor dos ossos longos dos fetos mui recentes ; vê-os ao redor dos canaes semi-circulares da orelha , ao redor do aqueducto de Falloppio ; depara em huma palavra com elles em toda a parte onde os ossos são furados , ou profundados de canaes prolongados.

Comprehendendo Mr. Serre, contra a opinião de varios anatomicos modernos, os dentes na mesma classe que os ossos, quer tambem applicar a sua terceira regra aos canaes dentarios; mas não chega a isso senão fazendo notar que a coroa de cada dente, e até mesmo a dos incisivos, consiste ao principio em certo numero de tuberculos separados. Este facto mui verdadeiro he estranho á historia da ossificação ordinaria, e não impede que o canal dentario se forme pela prolongação da coroa para a raiz, e não por conjugação de peças lateraes.

A quarta e quinta regra de Mr. Serre são relativas ás eminencias dos ossos, e ás suas cavidades articulares. O nosso anatomico faz observar que os primeiros são sempre primitivamente núcleos ósseos particulares, e que os outros resultão do achegamento de duas ou mais eminencias, e por conseguinte de outros tantos núcleos ósseos. Prova elle a sua proposição mesmo relativamente ao martello que em certa idade se *epuyfisa*, e relativamente á bigorna; ossinho que, tão pequeno como he, tendo huma faceta articular em fôrma de angulo reentrante, se divide em sua origem em duas peças.

Entre as interessantes observações com que Mr. de Serre enriqueceo esta parte do seu trabalho, se deve notar a que respeita á composição da cavidade cotyloide. Além dos tres ossos que nella concorrem, de consenso de todos os anatomicos, descobrio Mr. Serre quarto osso, mui pequeno, collocado entre os outros, e que se não acha nos animaes de bolsa, onde se sabe que existe hum quarto osso da bacia mui desenvolvido, e articulado no pubis, osso a que se deo o nome de marsupial. Seria o analogo deste osso marsupial que,

segundo Mr. Serre, se iria occultar, por assim dizer no fundo da cavidade cotiloyde, nos mammaes ordinarios.

Fez o author huma observação análoga sobre a cavidade articular da omoplata. Nos animaes que tem huma clavicula distincta he formada esta cavidade em parte pelo osso da omoplata, e em parte pela apofysis coracoide, que nos individuos novos he huma epifysis distincta. Mas nos animaes sem clavicula se encontra terceira epifysis, que seria o ultimo vestigio do osso clavicular.

Esta massa consideravel de factos interessantes e variados que compõem a memoria de Mr. Serre, vai provavelmente servir de ponto de partida a novas e importantes indagações sobre os primeiros desenvolvimentos do corpo animal, e sobre as variações que elle experimenta nesta epoca proxima á concepção, em que ninguem se tinha occupado tanto quanto o exigião os progressos da Sciencia da vida.

MEDICINA E CIRURGIA.

MR. Percy communicou huma interessante serie d'observações sobre as chagas em que se tem manifestado fosforecencia. Todos sabem que as materias organicas, que começam a corromper-se, a madeira, o peixe, a carne, são sujeitas a luzir; o mesmo acontece ás vezes ás chagas; e talvez se teria recolhido maior numero d'exemplos disto, se a natureza das coizas permittisse que se pensassem as feridas no escuro. Porém M. Percy, que, durante 25 annos de guerra, ora feliz, ora desgra-

cada, teve de tratar mais de hum milhão de feridos, se vio muitas vezes obrigado a tratallas ás escuras; e assim he que veio a observar em hum Soldado moço de París huma ligeira chaga na perna, que deo hum clarão assaz vivo durante quinze dias. Este moço, para aliviar as dores tinha ao principio molhado as compressas na sua ourina, de modo que se podia attribuir a fosforecencia a esta causa; mas algum tempo depois, no cerco de Mannheim, se manifestou hum não menos vivo clarão, hum verdadeiro fogo fatuo, por mais de seis dias em hum Official cuja ferida não tinha sido tratada senão com compressas molhadas em agua pura. — Vio depois Mr. Percy varios outros exemplos deste singular fenomeno, e até observou hum em huma chaga proveniente de hum frieira.

Lerão-se na Academia memorias sobre varias molestias que pertencem a climas remotos. Mr. Deville descreveo a horrivel epidemia da *colera-morbus*, que assolou em 1818 o paiz de Bengala, e grande parte do Industão. Mr. Moreau de Jonnés deo huma monografia da febre amarella, tal qual se manifesta nas Antilhas, e fez conhecer as molestias que reinão mais geralmente naquellas Ilhas

Huma interessante Memoria do Barão Larrey versou sobre os engenhosos processos pelos quaes este célebre Cirurgião extirpou hum tumor scirroso de enorme volume que estava agarrado ao pescoço, e ao queixo debaixo, e se achava por tanto collocado entre numerosos vasos, que era tão difficil não tocar como perigoso abrir.

Mr. Faure, Medico, que se dá particularmente ás molestias de olhos, apresentou á Academia huma memoria sobre a pupilla artificial, e sobre hum novo methodo de operar a cataracta, imagi-

nado pelo Doutor Buchorn de Magdeburgo, que o denomina *keratonixis*. Consiste em fazer passar a agulha por meio da qual se abaixa o cristallino, não como se tinha feito até agora, por algum ponto da sclerotica, mas atravez da cornea transparente. Este methodo tem sahido muito bem a Mr. Faure, cuja memoria he além disso notavel por huma mui exacta exposição de diversos vicios que fazem necessaria huma pupilla artificial, e por huma analyse judiciosa dos processos operatorios que a cada hum delles convem.

AGRICULTURA, ARTE VETERINARIA E TECHNOLOGIA.

TODOS tem ouvido fallar da grande empreza feita por Mr. Ternaux para introduzir em França a variedade de cabras de que se tira a preciosa lanugem com que se fabricão os Chales de Cachemira.

Mr. Joubert, enviado ao Oriente debaixo da protecção do Governo chegou até onde habitavão certas cabildas ou aduares de Tartaros Kirguises que elle sabia possuião cabras desta especie; comprou-lhes hum numeroso rebanho dellas, e á força de cuidado e despeza, reconduzio aos nossos portos grande parte dos individuos que o compunhão. Por outra parte havia o Museo d'Historia Natural recebido directamente de Bengala, de Mrs. Diard e Duvaucel, seus correspondentes, hum bode originario do Thibet, e que se achou semelhante á variedade comprada aos Kirguises. A lanugem deste bode, assim como toda a do rebanho de Mr. Jaubert, foi reconhecida perfeitamente adequada ao genero de fabricação que se tinha

em vista. Verdade he que depois disto se verificou que algumas das nossas variedades indigenas possuão huma lãzinha quasi tão fina como a das cabras vindas do Oriente ; mas além de que esta lãzinha he geralmente menos abundante , talvez tardasse muito tempo que isto se conhecesse , se não fora a provocação de a procurar precisamente por motivo da attenção que a nobre empreza de Mr. Ternaux inspirára.

O nosso consocio Mr. Teissier , que o Ministro do Interior encarregára de cuidar do rebanho trazido por Mr. Jaubert , e de collocar nos apriscos nacionaes os individuos deste rebanho adquiridos pelo Governo , lêo á Academia a narração circunstanciada de toda a operação. De mais de mil e duzentas cabras que Mr. Jaubert havia comprado só escapárão quatrocentas aos incommodos da navegação , e ás molestias que forão consequencia della.

O tempo nos ensinará em breve se a materia prima que estes animaes fornecem , póde recolher-se com vantagem nos nossos climas , e se a França terá feito huma aquisição comparavel , a alguns respeitos , á dos merinos , de que em outro tempo traçámos a historia , e que foi devida á perseverança , e aos desvelos illustrados de alguns de nossos Socios auxiliados pela authoridade , e pelos adiantamentos do Governo.

Mr. Yvart publicou o trabalho sobre a Agricultura do Auvergne , de que démos conta o anno passado ; escrito em que se achão ao mesmo tempo as mais interessantes particularidades sobre os esforços de alguns proprietarios daquella Provincia , para melhorar o producto das suas terras , e as mais uteis indicações sobre os meios que ainda podem tentar para o conseguir.

As obras praticas, e principalmente as que tem por objecto a agricultura, não tem a offerecer tantas verdades novas, como applicações de verdades conhecidas a determinados lugares e precizações, razão porque não podemos, em hum resumo tão pequeno como o nosso, deixar de limitarnos á summaria indicação do seu fim e do seu desenhô.

Esta observação he applicavel a hum livro, aliás hum dos mais importantes que este anno se publicarão, e em que os mesmos Francezes saberão, talvez com admiração, os immensos progressos que o seu paiz tem feito ha trinta annos em todos os ramos da Agricultura, Fabricas, e Commercio: he a obra de Mr. Chaptal sobre a Industria Franceza.—Ninguem tinha mais titulos que o author para fazer a historia dos aperfeiçoamentos para os quaes ha contribuido mais que ninguem, não só como agricultor, mas sobre tudo como administrador.—No meio da guerra e das desordens, sob o imperio do systema continental, em huma palavra, a pezar dos obstaculos de toda a especie, he que estes prodigiosos melhoramentos se estabelecerão, pela libertação das propriedades, pela supressão das alfandegas interiores, e das corporações de artes e officios, e sobre tudo pelas luzes que as Sciencias tem espargido em todas as classes da sociedade, e pelo movimento universal que tantas variações nas posses ou haveres de cada hum excitarão nos animos.

Entretanto ha ramos de industria em que não temos ainda avançado tanto como outros povos; e neste numero se podem contar os diversos empregos do carvão de pedra. Bem que a illuminação por meio do gaz inflammavel, que desta substancia se tira, seja hum invento Francez, as ruas e as fabri-

cas de Londres estão já illuminadas por este meio; ao passo que ainda se não fez entre nós mais que hums ensaios pouco extensos, e os quaes tiverão alguns inconvenientes. A razão disto he mui simples; he porque sendo o carvão de França mais caro, e menos abundante em hydrogenio que o d'Inglaterra, e sendo o azeite pelo contrario muito mais barato no primeiro de que no segundo destes paizes, a differença do preço parece ser até agora entre nós a favor do azeite, o qual tem além disso incontestavelmente a vantagem da commodidade. Isto procurou Mr. Desormes provar, por calculos mui circunstanciados, em huma memoria lida na Academia, e que depois se imprimio.

A's obras dos Socios correspondentes da Academia que apparecêrão este anno, devemos ajuntar a nova edição da *Arte de fazer vinho* por Mr. Chaptal, e o *Curso de Agricultura* de Mr. Rougier de la Bergerie. — O Barão Morel de Vindé, hum dos maiores proprietarios de França que se occupão com o mais illustrado e constante ardor em dar aos Lavradores lições e exemplos, apresentou á Academia a planta de hum curral que mandou fazer em huma das suas fazendas, e que parece reunir em summo gráo quanto de semelhante edificio se póde esperar.

Fim da Analyse.

 F I L O S O F I A .

Juizo Critico sobre a Filosofia, por occasião da Historia da Filosofia moderna, desde o renascimento das letras até Kant; precedida de hum compendio da Filosofia antiga, desde Thales até ao decimo quarto seculo; escrita por João Gottlieb Buhle, Professor de Filosofia em Gottinga; traduzida do Alemão por A. J. L. Jourdan, Cavalleiro da Ordem da Reunião. — 6. vol. 8.º gr.

DEPOIS de ter lido com toda a attenção possível, e sem nada entender nelles, seis grossos volumes sobre a Historia da Filosofia desde a criação do Mundo até nossos dias, eu me empenhei em tornar facil esta materia, ainda mesmo para os mais distrahdos leitores: espero que serei assaz feliz no bom successo.

Tudo o que não está sujeito aos nossos sentidos, e que nós queremos conceber só com o auxilio da nossa intelligencia, tem produzido innumeraveis esforços d'imaginação, cujos productos tem sido classificados debaixo da denominação geral de *Filosofia*; quer isto dizer, que se tem querido designar pelo mesmo nome objectos que não tem entre si relação alguma: dahi nasceo a *sciencia da sciencia*, (*) isto he, a maior confusão que se póde imaginar depois da que dispersou a sociedade humana da Torre de Babel por todas as par-

(*) Assim difine o A. da tal Historia da Filosofia a mesma Filosofia.

tes do Mundo. E como os Professores de Filosofia se obstinão em ensinar o curso desta pela ordem das datas, porque isto não demanda talento, em vez de distinguirem e de classificarem os generos, quanto mais o Mundo envelhecer mais systemas se farão, e mais ha de necessariamente augmentar-se a confusão.

Quatro grandes divisões me parecem indispensavelmente necessarias:

1.º Nós não sabemos como o Mundo foi formado; vemos os effeitos, e ignoramos as causas. Todas as indagações sobre este grande objecto são bem dignas de occupar a nossa intelligencia; e mesmo quando disto só resultem systemas, sempre este estudo tem sua dignidade. Os que a elle se dão tem adoptado o nome de *Filosophos*, e tem chamado a sciencia a que se applicão *Filosofia*. Nisto não ha o menor inconveniente; seria só preciso dizer: *Filosofia applicada aos conhecimentos fysicos*.

2.º Se ignoramos como foi formado o Mundo, se vemos os effeitos sem podermos remontar até as causas, experimentamos quasi a mesma surpresa e a mesma ignorancia considerando o estado social. Como se reunirão os homens? Que Governo adoptarão ao principio? Como se modificou esse governo primitivo, e porque razão se modificou? Eisahi de certo assumptos em que fazer trabalhar as imaginações: e todas as concepções que tiverem relação a este objecto poderãõ formar huma sciencia que se denomine *Filosofia*, com tanto que se diga: *Filosofia applicada aos conhecimentos politicos*.

3.º Como nós não temos creado nem o Mundo, nem a Sociedade, e o nosso espirito he curioso, e tem precisão de crer, não nos contentariamos com saber quaes são as leis que mantem o Mundo, e a Sociedade, desde que temos a certeza que elles exist-

tem; cumpre que saibamos o que existia d'antes, e por conseguinte qual he o Creador, se creou com intelligencia ou sem ella, em relação a nós, ou em relação a elle. Que abysmo de reflexões! Que assumpto de meditações! Em todos os seculos, quantos e quantos homens de talento, e quantos loucos, se tem empregado nestas indagações, seja para justificar as crenças publicas, seja para as atacar! Por certo que os esforços do espirito, applicados a hum tão grande objecto, podem compôr huma sciencia, que bem mereça ser chamada *Filosofia*; mas como esta designação já tem sido dada a outras sciencias, para distinguir esta, e fazer que se entenda, cumpriria denominalla *Filosofia applicada aos conhecimentos Religiosos*.

4.º Porém o homem occupa tão eminente lugar na sua estima, que volta seus pensamentos sobre si mesmo de melhor vontade do que sobre quanto o rodeia; e todas as reflexões que faz sobre si, estimulam a sua curiosidade. D'onde lhe prevêm as suas idéas? Porque razão prevê as coizas? Que coiza he nelle esta faculdade que se chama *Razão*? Está elle dependente dos seus semelhantes, que dependem d'elle? E que deveres exige esta reciproca dependencia? Todas as indagações a este respeito formão huma Sciencia, que tambem se chama *Filosofia*; mas já temos visto que outras tres Sciencias tem recebido este nome, e para differencarmos esta, dever-se-hia dizer: *Filosofia applicada aos conhecimentos moraes*.

Mesmo com esta divisão se não tiraria huma unica verdade incontestavel dos livros feitos pelos homens sobre as quatro Filosofias que acabamos de classificar; mas ao menos pôr-se-hia alguma ordem no estudo que dellas se fizesse; e isto he muito. Saber que estudando nada se sabe, he, na

minha opinião, a sciencia da sciencia, sobre tudo se o homem se faz modesto, e transfere ás authoridades a confiança que recusa aos systemas. Mas hum curso de Filosofia onde tudo he tratado segundo a data do nascimento dos Escritores que chamamos *Filosophos*, onde por conseguinte são todas as materias confundidas, onde Descartes se encontra entre Hobbes e Sydney, onde Newton se acha entre Malebranche e Pufendorf, onde se passa de Montesquieu a Fichte; confesso que hum Curso de Filosofia feito d'este modo me parece assemelhar-se mais a huma Biografia que a hum estudo digno de occupar espiritos racionaveis, e não vejo necessidade alguma de traduzir tal livro do Alemão; parece-me que bastantes desta natureza se tem feito em França que não tem mais methodo que este.

Mas para que hum Curso de Filosofia, isto he, para que o exame dos diversos systemas fysicos, religiosos, politicos, e moraes, fosse instructivo, relevaria estabelecer hum ponto de comparação, e d'isto se esquecem todos os nossos Professores. Que me importa a mim que vós vitupereis a cada systema, que se lhe podem fazer objecções, e mesmo que vós lhas façais? A sciencia da sciencia não deve ser sem resultado. Vós dizeis-me sempre que eu não devo crer o que dizem os homens, e em nenhum lugar admittís a verdade da palavra de Deos; pelo contrario, sem cesar vos levantais contra a influencia *deleteria* (ou destructiva) da Religião. Então que resta do exame da Filosofia desde a creação do Mundo até Fichte? E de que serve este exame?

Os Philosophos são singulares! Pretendem dar aos conhecimentos intellectuaes a mesma certeza que tem os conhecimentos mathematicos; e nem sequer sabem que todas as verdades submettidas

ao calculo repousão sobre huma base que ainda ninguem abalou ; e que por conseguinte ha aqui huma verdade primaria geralmente reconhecida , e da qual dimanão todas as outras. Essa verdade primaria , esta base inconcussa , he esta : hum e hum são dois. Negai esta verdade , e vereis em que se tornão as sciencias submettidas aos calculos. Professores de Filôsofia , dizei-nos , por quem sois , qual he a vossa verdade primaria , ou primeira , qual he o principio que convindes em pôr fóra de contestação , sobre que base enfim levantais o edificio dos conhecimentos intellectuaes ? Como ! tem-vos bastado apenas seis grandes volumes para dardes a analyse da sciencia da sciencia desde a criação do Mundo , e nem se quer podeis dizer de que ponto partis ! Vossa credulidade ou vossa incredulidade ainda nuta entre mil systemas , e tendes o orgulho de pensardes que fazeis com que o espirito humano faça progressos ! Fallais de perfectibilidade !. Vejamos pois que progressos são esses.

Nos conhecimentos fysicos , quizerão os antigos explicar o Mundo pela harmonia e pela discordancia , pelo vacuo e pelo cheio , pela realidade e pela apparencia , pela unidade e pelos numeros ; e os modernos pelos turbilhões e pela attracção. Vós dizeis que nada d'isto satisfaz o espirito , porque nada disto está livre de objecções. Concedo.

Nos conhecimentos religiosos , tem as doutrinas começado pela crença da acção da Divindade ; e acabão no vosso Curso de Filosofia pelo materialismo , contra o qual vós credes tambem que ha objecções. Concedo.

Nos conhecimentos moraes , tendes cahido da jerarquia que estabelece a relação das obrigações no que chamais naturalismo , e achais ainda algumas difficuldades em introduzir ou assentar , no es-

tado social, o estado da natureza. Ouço as vossas objecções, e concedo.

Nos conhecimentos politicos, haveis principiado pela instituição divina dos Reis, e acabais pela soberania do Povo; e ainda que citeis sem reflexão a Sydney, que affirma que a sentença que condemnou Carlos I. não foi mais que hum acto de Justiça, como eu supponho que, se vos instassem, encontrarieis bastantes objecções, concedo.

Tenho-vos concedido quanto tendes dito: que resulta d'aqui? Que os vossos conhecimentos applicados á Fysica ainda não tem produzido noção alguma certa sobre a formação do Universo, e sobre as leis que conservão a sua harmonia; que os vossos conhecimentos applicados á Religião, se tem estendido até ao Materialismo, que afasta todas as idéas religiosas; que os vossos conhecimentos applicados a descobrir as causas da intelligencia do homem, vos tem conduzido ao Naturalismo, por outro termo chamado por vós o *Animalismo*, o que exclue toda a Moral; e finalmente, que os vossos conhecimentos politicos tem feito da soberania do Povo huma generalidade, cuja applicação he impossivel ainda mesmo nos mais pequenos Estados, huma vez que nelles não esteja estabelecida a escravidão. Em tudo isso vejo memoraveis mudanças nas idéas dos Filozofos de todas as nações. Creio que o movimento dos costumes ajuda a fazer populares essas idéas; porém mudanças não são progressos, e doutrinas que, por vossa mesma confissão, em nada se firmão, não promettem grande estabilidade ás sociedades que as tem adoptado.

Tudo quanto ha engenhoso, nobre, e duravel na vossa Filosofia, vós o haveis tomado d'esses Gregos, que ao menos não deliravão sem imagina-

ção ; e os mesmos Gregos tinham recebido as primeiras idéas de tudo isso dos povos do Oriente, d'essa assombrosa parte do Mundo onde se formáram todas as doutrinas que tiveram duração ou vida. Quanto a nós os povos do Norte, a nossa Filosofia he triste ; e a ella he que com razão se poderia applicar o epitheto de *deleteria*, que vós dais tão inconsideradamente á Religião ; porque a vossa Filosofia decompõe, e mata. Todas as crenças vem a morrer debaixo das vossas frias analyses ; e até nas mesmas Artes, assim que nellas a vossa Filosofia se entremette, adeos imaginação, e adeos vida.

He notavel que n'esta volumosa repização de todas as Filosofias de todos os seculos, se mencione em toda a parte a pretendida razão do homem, e que jámais se trate das suas paixões ; entretanto he incontestavel que todos nós temos paixões que, mais ou menos, nos dominão e nos conduzem ; e não he tão demonstrado que sobre nós obre constantemente a razão. Porque motivo pois nos considera a vossa Filosofia como se as idéas só tivessem influencia sobre nós, e como se nós não faltasse mais nada que saber para nunca fazermos loucuras ? Todas as Religiões tem sido mais francas e mais corajosas do que todas as Filosofias : não tem considerado as paixões como coizas abstractas, e as idéas como factos ; pelo contrario, contra as nossas paixões he que todos os systemas religiosos se tem armado com mais ou menos rigor ; e bastaria só esta observação para indicar de que lado o conhecimento do homem se tem manifestado.

Sei que os Alemães nos censurão de tratarmos severamente as suas producções : concedo pois, por civilidade, que Sulzer, Eberhard, Feder,

Reimarus , e Basedow , e Kant , e Fichte , sejam grandes Filósofos ; convenho tambem que o Curso de Filosofia de Mr. Buhle , Professor de Gottinga , possa ser instructivo , ainda que nelle a ordem das datas confunda todas as materias ; mas ser-me-ha permittido perguntar a Mr. Jourdan , que esperou elle em traduzir estes seis volumes ? Que temos nós que aprender em materia de Filosofia *deleteria* ? Divertindo-nos he que se nos tem introduzido a corrupção ; a coiza está feita. De que serviria hoje enfastiar-nos ? Filósofo por Filósofo , gosto mais de *Candide* do que de *Bonnet* , e de *Figaro* do que de *Robinet*.

 M E D I C I N A .

Juizo critico e analytico sobre a obra intitulada: = Etiologia e Therapeutica da Arthritis e do Calculo, ou Opinião nova sobre a causa, natureza, e tratamento da Gota e da Pedra, seguido de hum pequeno Tratado d'Uromancia hygienica, ou Meio de reconhecer, pela inspecção da Ourina, o estado da saude e o regimen proprio de a conservar; por P. J. Marie de Saint-Ursin, antigo Primeiro Medico do Exercito do Norte, &c. &c. &c. &c. (Estes et cætera occupão o lugar de dezeseite titulos differentes.) Hum vol. em 8.º, ornado com o retrato do A. Paris em casa de Lefebvre . . . &c. de Gabon . . . &c. Delaunay . . . &c. e le Normant . . . &c.

GUARDAI-VOS de julgar este livro pelo seu titulo, farieis injustiça ao Doutor e aos seus quatro livreiros. Não se trata aqui só de curar-vos da gota e do calculo que talvez jámais tereis; se o systema he verdadeiro, como desejo para felicidade do genero humano, curará todas as enfermidades, até mesmo a thysica pulmonar: não se devem d'isto exceptuar senão os males causados por huma violencia exterior, taes como as contusões e as feridas. O author exceptua tambem as *ulceras*, e não advinho a razão d'isto: devendo o seu tratamento estabelecer hum equilibrio perfeito na economia

animal, e destruir toda a causa morbifica, não vejo porque razão elle não triumpharia das ulceras, que são produzidas por huma causa interior, ou quando menos entretidas por ella. Digamos pois que este remedio he huma *panacéu*; e, como se póde experimentar sem soccorro do medico e do boticario, todos aquelles dos meus leitores que se deixarem morrer daqui em diante, morrerão por sua culpa, e já não terão direito de accusar a Medicina.

Mas talvez que este remedio universal seja tão caro que os pobres lhe não possam chegar; talvez seja tão desagradavel que perturbe os sentidos, e faça preferir a doença; talvez finalmente que imponha tantas privações que a saude mesmo, comprada por este preço, não valha huma alternativa de padecimento e de prazer, de incommodo e de intemperança? Socegai: se sois pobre, este remedio vos convém maravilhosamente, porque não custa 8 réis por semana; se sois rico, ainda vos convém melhor, pois podeis sarar comendo á regalada. Com hum bocadinho de papel azul, do comprimento de hum dedo, sabereis todas as manhãs, se peccaes por excesso, ou por insufficiencia *d'alcali* ou *d'ácido*; e o papel, mais infallivel que os oraculos dos somnambulos, vos ensinará se deveis jantar de caça ou de peixe, se deveis beber vinho de Bordeos, ou *sorver do de Champanha*. Se os vossos teres vos não permitem fazer da Casa de Pasto Botica, huma garrafa d'agua bastará, e a vossa mesma pobreza apressará a vossa cura. Vós rides, e tomais este annuncio por hum máo gracejo? Escutai antes de decidirdes; desacostumai-vos de crer que hum remedio he tanto melhor quanto he mais caro, e não vos esqueçais de que fallo aqui em nome de hum homem que tem muito jui-

zo, que discorre bem, que não escreve mal, que he membro de dez ou doze Sociedades sabias, que cita as authoridades mais respeitaveis em Medicina, e que he sobretudo o mais desinteressado de todos os Medicos, pois ensina aos seus doentes a passarem sem elle.

Comecemos pois por estabelecer a theoria do Doutor, depois passaremos ao diagnostico e ao tratamento; lembremo-nos sobre tudo que se, na primeira parte da obra, mostra não se occupar senão da gota e do calculo, o seu systema se generaliza na segunda parte; e elle applica a mesma theoria e os mesmos preceitos a quasi todas as enfermidades humanas. Quanto os homens serão felices dentro de dois ou tres mil annos! terão o prazer de desordenar de mil diversos modos a sua saude, e hum remedio unico ha de curar tudo. Não peço mais de tres mil annos, ao muito; isto não he demasiado para fazer adoptar huma verdade nova e util: se se tratasse de huma nova sensualidade, não exigiria eu mais de vinte e quatro horas.

THEORIA: O corpo humano, diz o nosso Doutor, he composto de dois elementos; são estes o fosfato calcareo, e o acido fosforico; unidos em doses desiguaes, constituem os nossos solidos e os nossos fluidos. Penso eu que ha mais alguma coiza que estes dois elementos; mas o Author não conta senão estes dois, e devo submeter-me a isso; terceiro elemento já hia desarranjar a sua theoria: assim, não boquejemos em tal. Nós nascemos, accrescenta elle, com a faculdade d'assimilar a nossos orgãos duas substancias: o *carbonato calcareo*, que abunda em nossos elementos, e o *acido fosforico preexistente em nossa constituição.* A solidez da nossa armação, e o equilibrio dos nossos humores, dependem da justa combinação destas duas subs-

tancias; quando huma das duas pecca por excesso, ou por insufficiencia, ha disposição para a molestia; não se trata então de mais que de deitar na economia animal huma dóse d'acido, ou d'alcali, capaz de neutralizar o excesso de huma, ou de accrescentar o que falta á outra, e a saude se restabelece no corpo enfermo tão depressa como o equilibrio no bocal onde o Quimico quiz fazer hum sal neutro.

Eis-aqui huma Medicina mecanico-quimica, ou quimico-mecanica; os Medicos modernos geralmente a condemnão, e talvez com sobeja exclusão; este he o ponto da doutrina medica sobre que ha maior concordancia, e os sabios d'hoje em dia tem substituido a theoria das *forças vitales* ao systema hum pouco demasiado material de seus predecessores. Tenho saudade, eu o confesso, da bella simplicidade da doutrina mecanica; primeiro que tudo, porque não sei que coiza he a *força vital*, e os sabios que tudo explicão em duas palavras, ver-se-hião mui perplexos para a definir. Não seria muito mais natural, e sobre tudo mais commodo considerarmos o nosso estomago como huma retorta, cucurbita, matrás ou ballão, e fazer alli, todas as manhãs, as tenues misturas, as pequenas neutralisações, que corrigirião os excessos da vespera, e nos permittirião fazer outras pelo dia adiante? Desejo de todo o meu coração que Mr. Marie de Saint-Ursin tenha razão; e nada me prova que elle a não tenha. Assim como os Sabios do passado seculo se enganárão, os oitenta authores do *Diccionario de Sciencias medicas* tambem pela sua parte se podem enganar. Huma doutrina abandonada nem por isso he huma doutrina falsa; he d'isto huma prova a Astronomia: o verdadeiro systema do Mundo era conhecido dos Pythagoricos;

Ptolomeo suffocou-o por espaço de 14 seculos, mas elle appareceu de novo com mais brilho e mais evidencia. Póde pois o Dr. S.^t Ursin não ter razão quatorze seculos a fio, e acabar tendo razão. Já eu me regozijo da celebridade futura do seu bocadinho de papel, que se vai tornar

L'eternel entretien des siècles à venir:

Mas que bocado de papel he este? Como vem elle a ser hum monitor ou avisador fysiologico, hygienico, e pathologico? Como expressa este talisman os seus oraculos? Em que meio deve elle ser mergulhado? Aqui he que o animo me desampara; cumpre que falle de hum liquido ignobil, cujo nome só, vai enojar todos os leitores de bom tom. Somos tão delicados que queremos dar nomes bonitos ás cousas mais asquerosas. A palavra *digestão* tem parecido tão grosseira que se lhe substituiu a palavra *assimilação*, posto que não seja mais que hum effeito da outra; á palavra *suar* fez-se succeder a de *transpiração*, que já principia a desagradar, e que mui felizmente póde ser substituida por *exhalação*; porém a palavra villôa de que me vejo obrigado a servir-me não tem synonymo; não ha circumlocução, expressão figurada, ou palliativo que a possa supprir. Decido-me pois, em risco de ver cahir este papel das mãos de alguma bella; acabemos com isto: quereis ficar doentes, ou quereis curar-vos? Se resolveis a primeira questão affirmativamente, calar-me-hei. Mas não me respondeis: quereis por tanto curar-vos; assim dai-me licença que vos falle das vossas *ourinas*. Eis a palavra despedida da boca, o mais he nada.

Sei que ha muito se mofa dos *Medicos d'ourinas*: mas mofar não he discorrer. O Pai da Medicina, o velho de Cos, o divino Hippocrates, foi hum Medico d'ourinas; consultai os seus *Prognos-*

tics, as suas *Prenocções coacas*, as suas *Pradicções*, os seus *Juizos*, as suas *Epidémias*, as suas *Crises*, os seus *Aforismos*, &c. . . . em toda a parte as ourinas são alli consideradas como hum excellente indicador, e as numerosas citações que faz o Dr. S.^t Ursin não deixão a este respeito duvida alguma. Ao testemunho d' Hippocrates, que por si só deveria bastar, acrescenta o Author o de vinte Sabios que forão celebrados como Medicos e como Urinógrafos; e ainda que tambem se zombe de hum ignorante que falla de Medicina, quero deitar mais hum grão na balança, e cito, *proprio moto*, huma Semilogia muito moderna e muito estimada, a de Mr. Landré-Beauvais, onde as ourinas occupão com honra 45 paginas d' impressão. As ourinas dizem por tanto alguma coiza: e se em vós ha superabundancia ou insufficiencia d' alcali ou d' acido, ellas vo-lo indicaráõ todas as manhãs pelo bocadinho de papel.

Disse *todas as manhãs*, e não todas as tardes; os Urinógrafos distinguem tres sortes de ourinas: a que se ourina logo depois da comida, *urina potus*; a que se expelle algumas horas mais tarde, *urina digestionis*; e a que corre depois do repouso da noite, *urina expressionis*. A primeira está alterada pela bebida, a segunda pelas substancias alimentares, a terceira he a mais rica em principios; e essa he a que vós deveis consultar.

Ora, vós bem sabeis que os acidos mudão em *vermelho* (ou *roxo*) todas as cores azues tiradas do reino vegetal, á excepeção do annil. Os alcalis, pelo contrario, mudão o *azul em verde*, e por ahi he que se conhece facilmente a presença de hum acido ou de hum alcali em qualquer liquido. Tende pois todas as manhãs hum bocadinho de papel tingido de azul por alguma substancia vegetal; me-

tei-o na ourina d'expressão, isto he na que se ourinou depois do somno da noite; se o papel conserva a sua primitiva côr azul, estão os vossos humores em perfeito equilibrio, o acido e o alcali são neutralizados hum pelo outro, e gozais da mais brilhante saude; se o papel se faz vermelho, predomina em vós o acido; se o papel se faz verde, voltais para o alcali. Eis huma experiencia bem simples; que vos dá hum diagnostico infallivel. Espero pois que todos os meus leitores vão consultar o monitor liquido, e já me parece que os estou vendo a qual primeiro ha de metter o papel profetico em hum vaso que vai tornar-se precioso, e ao qual se dará sem duvida hum mais agradável nome.

Depois destas anacreonticas miudezas, he preciso fallar do tratamento. Aqui he que o Doutor triunfa de todos os seus rivaes, e adquire direitos á gratidão de todos os enfermos. Se o seu bocado de papel nos enviára ao Boticario, não responderia eu pelo bom exito da sua doutrina; mas elle banio de materia medica tudo quanto afflige os paladares delicados. Nada de séne, que faz colicas, nada de ruibarbo, que escandece, nada de cassia nauseativa; o prazer he quem será o vosso medico, a golozina he quem vos ha de dizer: *RECIPE*. — Em hum seculo tão illustrado como o nosso, em hum povo chegado ao pinaculo da civilisação, he hum *Archiatro*, he hum Esculapio, he hum Deos quem eu venero no Medico que sabe ligar a saude com a intemperança, e achar huma therapeutica até na glotoneria.

Chegai pois, conhecedores de vinhos e comiões da Capital e das Provincias; espevitai os ouvidos, ó *gastrónomos*, (ou amigos de bons bocados); parasitos, escutai: Se o papel azul se avermelhou,

estais arriscados a azedar-vos; comei então carne assada, caça hum pouco entenrecida, peixe fresco do mar, caranguejos, ostras, ovos, carnes salgadas, geléas, hum capão bem cevado, huma perdiz cheirosa, e bebei *clarete velho* (ou *vieux Bourdeaux*). Se o papel enverdeceo, contentai-vos com vacca bem fresca, de animaeszinhos tenros, peixe do rio, tartaruga, aves de criação, plantas hortenses, espinafres, cardos, pepinos, cerejas, grozelhas, laranjas, ananaz, melões, pecegos, morangos, amoras de sylvia; trincai boa dose d'açucar em pedra, bebei hydromel, limonada, vinho de Borgonha, e de Champanha. O author desta nova Farmacopéa vos pergunta, *se o regime he tão assustador e tão severo*. Conforme esta exposição, que eu me lisonjeio de ter feito com tanta concisão como exactidão, nenhum dos meus leitores póde já estar doente senão por pertinacia; eu os abandono ás suas preocupações, e vou concluir este artigo pela refutação de huma imminente objecção.

Dirão que o Dr. não prescreveo este regime senão relativamente á Gota e á Pedra; que elle não pretende estendello a todas as enfermidades. Enganais-vos; o seu principio he universal, e o seu tratamento applica-se a tudo. As primeira 144 paginas não tem, verdade he, senão relação com a *arthritis*, e com a *uremancia*; mas na 145 achareis huma dissertação sobre a *dieta* e a *agua*, que reproduz a mesma doutrina, e que faz della huma *panacéa*. Se *Dumoulin* reduzio toda a arte de curar a guardar dieta e beber agua, não se deve entender este preceito como faz o vulgo, mas como o explica o Dr. Marie de Saint-Ursin. A dieta ácida corrige o excesso d'alcali, e *vice versa*, eis todo o mysterio: além d'isso a dieta, levada a ponto de absoluta privação de alimentos, desenvolve huma

alcalescencia util quando ha superabundancia d'acido; e a agua, tão rica em oxigenio, estabelece o equilibrio no caso contrario. Por tanto o papel azul figura aqui como na gota; e aquelles a quem a fortuna não permite usar do rol da casa de pasto por *formulario*, *farmacopéa*, ou *codice*, curar-se-hão com a *dieta* e *agua*, em lugar de comerem perdizes ou morangos. Nada ha mais natural, e eis a Medicina adaptada a todas as posses.

Sem duvida se me opporá ainda, que o author não condemnou toda a farmacia, pois que elle mesmo indica drogas taes como o emetico, a quina, o opio, e mais humas trinta, cujos effeitos descreve. Aqui, para refutar, basta-me transcrever; vêde a ultima pagina do livro, e lêde estas linhas decisivas: " Ainda não chegou o tempo em
" que a Medicina, não recorrendo senão aos seus
" dois soccorros naturaes (a dieta e a agua), cu-
" rará sem intervenção de huma poly-farmacia, que
" sobejas vezes complica e desnaturalisa as moles-
" tias; mas obrigado a ceder ao uso, temos esco-
" lhido entre os venenos mais innocentes, até que
" possamos vêr *revocar* a Medicina á simplicidade
" que a fez denominar por Hippocrates — *a interpre-*
" *te da natureza* . . . e fez desdizer a Dumoulin.
" Deixo dois grandes Medicos, a Dieta e a Agua."

He por tanto claro que todas as molestias vem d'excesso d'acido, ou d'alcali, que toda a droga he hum veneno, que por *dieta*, se deve entender a abstinencia, a perdiz ou os morangos; e pela *agua*, hum vehiculo do oxigenio que neutraliza o alcali. Na verdade esta theoria me embarça hum pouco, porque se a dieta absoluta produz o alcali, e se a agua produz o acido, huma e outra juntas nada farão, e o doente ficará doente; mas não me toca contrariar hum Medico que sem duvida

eu não hei sabido entender. A minha reflexão não estorva que o papel azul seja hum indicador infalível; os meus leitores que se rirem d'isto sempre serão *cacochymos*, ao passo que os que fizerem a experiencia vão gozar de huma saude vigorosa: e bem rirá quem rir depois de todos!

G E O L O G I A.

Analyse das Lições de Geologia, dadas no Collegio de França, por M. J. C. Delamétherie. —
Tres vol. 8.º

A R T I G O 1.º

Os que tem especialmente concedido o dom d'imaginação aos Poetas, tem-se estranhamente enganado: o Poeta sobre a trípede sagrada, o romanista, mais descommedido e mais desordenado em suas concepções, pareceráõ homens tímidos, de imaginação acanhada e gelada, tão depressa os queirão comparar ao Geólogo. O author do Poema ou do Romance não combina senão as pequenas acções da especie humana; gyra continuamente em hum circulo de acontecimentos circunscrito por todas as partes: chama o maravilhoso em seu auxilio, esse mesmo maravilhoso tem seus limites, o seu Olympo não representa mais que a terra aformoseada, e as maquinas que d'elle faz descer tem sempre relação a este animalzinho bípede e bimanio, que se chama homem, cuja especie inteira, com-

posta de hum milhar de milhões d' individuos, não representa, com pouca differença, no Universo hum papel tão importante como o de huma virgula em toda a Bibliotheca do Rei. Que differença entre o talento desse fazedor de versos e a incommensuravel sciencia do Geólogo! Este tem parte na criação; que digo eu? elle mesmo he creador. Pega em hum punhado de calorico, ou de oxigenio, ou de silicea, ou d' atomos *impartiveis, indifferençaveis, imponderaveis*; lança-os no espaço, e eis hum mundo que principia.

O Poeta não sobe mais que até ao Diluvio, ou quando muito ao Pai Adam (Milton he o unico que se atreveo a ir mais longe); portanto as nossas acções datão apenas de ha dois dias; pois, que são seis mil annos na eternidade? O Geólogo, pelo contrario, arrostando a etymologia do seu nome que o deveria ligar á terra, colloca-se na origem dos tempos, tem na mão o infinito, e a eternidade no bico da penna. Primeiro que o nosso pequeno globo fosse formado, dirá elle, pelas *moleculas primitivas de huma nebulosa*, outros globos immensos, e postos em espantosa distancia, tinham por milhares de milhões de seculos gyrado; outros milhares de milhões de seculos se tinham passado primeiro que estes globos se formassem, e ainda passarão outros milhares de milhões de seculos em silencio primeiro que a nossa pobre bola começasse a remexer-se no vacuo. Mas que mesquinho calculo! dirão immediatamente. Que he hum seculo? Que he hum milhar de milhões de seculos no infinito? Minutos, segundos, que attestão a nossa fraqueza, e a curta duração da nossa existencia. Não conheço neste Mundo senão os Filozofos Indios, que possuem lutar com os nossos authores dos systemas geologicos. Permittão-me huma breve digressão, e ver-se-ha

que estes Filósofos do Ganges tinham huma leve idéa da eternidade:

Todos sabem que os Indios ou Hindús tem tres Deoses principaes, afora a innumeravel falange dos Deoses subalternos. O primeiro dos tres corryféos chama-se Bramá, ou Brahmáh, ou Brimhá, ou Brumá; o segundo Vitznú, Vichenú, ou Eichever; o terceiro Chivah, Chiven, ou Bachen. Estes tres Deoses não são immortaes, mas em breve se conhecerá que a sua vida he de huma extensão arrezoadá, e que devem de ter visto formarem-se bastantes mundos no Ceo, seja por atomos, seja por nômadás, seja pela materia nebulosa. A quarta idade dos Indios chama-se Calyugan, e consta de 432:000 annos; 894:000 Calyugans formão o Tuvabarayugan, ou terceira idade; 1:296:000 idades destas são hum periodo que se chama Tredayugan, ou segunda idade; e 1:728:000 destes periodos compõe a primeira idade, ou Credayugan; a somma destas quatro idades reunidas fórma o Sadryugan, e dois mil Sadryugans são hum dia de Bramá; sessenta mil destes dias são hum dos seus mezes; doze mezes iguaes hum de seus annos; e cem annos semelhantes á duração da sua vida. Para hum Deos he duro morrer; mas ao menos Bramá poderá gabar-se de ter chegado a huma velhice menos má. Vichenú ainda he mais feliz: os cem annos de Bramá não são hum dos seus dias; e elle vive cem annos cada hum dos quaes se compõe de 365 dias semelhantes. Eis sem duvida dois respeitaveis Patriarcas; mas elles apenas são humas crianças em comparação de Chiven; porque este jámais perece. — Ora não parece que se acaba de lêr hum paragrafo de Cosmogonia, e não he para admirar que o homem, cuja vida he tão curta,

perca metade della a calcular os milhões e os milhares de milhões de seculos?

Mas sigamos hum Geologo em hum dos seus sabios passeios. O seu pé topa hum d'essas pedras redondas que o povo chama hum seixo, pois que toda a pedra redonda he hum seixo ou calhão para o povo. O sabio levanta do chão a rolante pedra, e exclama com o pyritologista Henckel: *O' seixo! ó seixo! quem és tu? donde vens? quem te formou?* Poetas não obtiverão resposta alguma, a natureza não lhes confia os seus segredos, e Virgilio foi hum pouco fanfarrão quando disse: *Non canimus surdis*; hum Poeta sempre tem a certeza de encontrar muitos surdos ainda quando declamasse os seus versos nas mais brilhantes sociedades. Não succede assim ao Geólogo: tudo lhe responde no Universo. Vou pois fazer fallar o seixo, e se o estylo do seu discurso for hum pouco duro, tanto mais natural ha de parecer.

” O' sabio! ó sabio, eu sou hum fragmento das montanhas d'Africa. Alguns milhões de seculos antes de o nosso pequeno globo terrestre se cobrir de verdura, a minha montanha, e eu, e todo este planeta, estavamos ainda reduzidos a materia acriforme, e provinhamos não sei d'onde. Depois de termos rolado por largos tempos nos desertos do Ceo, na fórma de vapores, reunirão-se alguma coisa mais as nossas moléculas, representarão as affinidades o seu papel, e ficámos cristalisados; por quanto, cumpre o saibas e o ensines aos teus irmãos, tudo he cristal na natureza; a cristalização tudo ha produzido, campinas, valles, montes, vegetaes, e animaes; e tu, ó sabio, não és mais que hum sal neutro de base terrea.

” A nossa cristalização não era aquosa, nem era ignea; era aeriforme. As nossas moléculas pri-

marias formáram atomos, os atomos moléculas secundarias, e estas, moléculas integrantes. Como não era a mesma a gravidade especifica das diversas partes, operou-se huma precipitação para o nosso centro, em virtude da lei *d'attracção* ou de *gravidade*, porque Newton dá a escolha por hum alfinete. Tornou-se pois solido e opaco o nosso centro, hum Heschell do Planeta Jupiter observou que tinhamos hum *nucleo*, descobrimento de que deo parte a hum dos Institutos Jovienses.

”Sei que a formação das montanhas vos tem azoado muito; pretendêrão alguns pacovios que erão outras tantas empòlas causadas pelo fogo, e que estas montanhas tinham outras tantas cavidades por baixo como sahidas por cima. Triste theoria! Como se sustentarião essas enormes massas sobre as bordas de hum abysmo? A crystallizaçãõ explica tudo; ella he que constituiu as montanhas, depois os inusgos, depois as gramas, depois os cardos, depois os polypos, depois as ôstras, depois os Geólogos.

”Eramos pois nós, a minha montanha e eu, huma pequena parte do glòbo cristalizado; mas eramos muito secos, porque ainda a agua não estava formada na atmosfera. Ella se ferinou com o tempo; milhares de milhões de moléculas compozêrão gotinhas imperceptiveis, as gotinhas reunindo-se lizerão-se gotas, precipitarão-se sobre os cristaes, cobrirão o Globo a muitos milhares de toesas acima das mais altas montanhas, e operárão sobre a codea novas crystallizações.

”Acabo de te dizer como vierão as aguas, mas agora falta fazer desapparecer todas as que cobrião os continentes e as Ilhas; neste ponto, eu to confesso, não sei mais que tu. Sim tenho ouvido di-

zer a alguns sabios que aqui passeavão, que estas aguas superabundantes tinhão sido aspiradas por outros planetas; tu não crês neste systema, e tens razão; porque se estas aguas tivessem voado, como dizem, a nossa pobre lua, que he sêca, teria recebido sua porção d'ellas. Cumpre pois achar-lhe outro caminho. Outros sabios tem respondido, que o globo, resfriando-se, tinha gretado por toda a parte, e que as aguas tinhão sabido pelas fendas. Estavas tentado a admittir esta falsa fuga, mas ficaste espantado de ter hum Oceano debaixo de teus pés, e tomaste hum prudente partido quando disseste: Essas aguas vierão; já não as vemos; logo, partirão, não importa como; não indaguemos mais. Eis o que todos os homens deverião dizer quando lhes dá a comichão de fazer huma Cosmogonia.

” Porém eu que nasci na Africa, e que me acho em Surena, como vim eu aqui? Convem te conte esta bonita viagemzinha. Tu me acreditarias talvez sob a minha palavra; mas para maior segurança, não fallarei senão conforme os Sabios. Quando as aguas se retirárão para irem não sei aonde, fizerão hum grande reboliço no nosso pequeno globo terraqueo; sublevárão os *stratos* da minha montanha, e transtornárão tudo, tudo precipitarão n'esse grande côvo que vós chamais Oceano Atlantico. Os granitos, os pórfidos, os *gneisses* (*rocha primitiva*), os schistos micaceos, as lydias, as corralinas, os gypsos, e os puddings primitivos; tudo foi transtornado, confundido, e rebolado pelas ondas do mar. Eu era nesse tempo hum fragmento respeitavel; a minha figura era angular, e irregular, e pezava pelo menos hum quintal. Mas pedra que róla não cria musgo, as fricções me tem gasto, e hoje tenho a forma e a grossura de hum ovo

de pomba. Que viajante não envelhecêra em tão longa carreira! Escuta:

” Quando eu cahi no mar, esperava repousar alli, e refazer-me da minha queda; porém logo travou de mim huma corrente do Suêste, e fui levada ao Brasil. Tomando a corrente nova direcção para o Norte, costeei o Brasil e as Guianas; as embocaduras do Amazonas e do Orenoco mui pouco me tinham afastado do meu caminho; passei á vista da Ilha da Trindade, introduzi-me entre as Ilhas de Sotavento e as Antilhas, caminhei para o Occidente; dobrei o Yucatão, gyrei no golfo do Mexico; saudei, de passagem, o grande Mississipi; corri a costa septentrional de Cuba; e dobrado que tive o longo Cabo das Floridas, tornei a caminhar para o Norte; dei huma vista d’olhos ás terras que d’ahi a trezentos mil annos se devião chamar Georgia, e as Duas Carolinas; evitei cuidadosamente a grande bahia de Chesapeack, onde ficaria encafuada para sempre; vinguei a Ilha longa da Nova York, e rolei rapidamente para a foz do S. Lourenço, d’onde não estava distante cem leguas, quando o Cabo Cod me lançou para o mar alto.

” Agora adivinhas tu que eu era arrebatado pela terrivel corrente que chamão *Golf-strim*, e á qual tu fazes dar tão bom passeio: os milhares de leguas custão ainda menos ao Geólogo que á Natureza. Continuei pois a medir as profundezas do Oceano na direcção do Nordeste; cheguei mui cansado e diminuto ao Cabo Lezard, que me hia fazer voltar ao Sueste; mas huma extraordinaria maré me fez correr mais de cem leguas em hum relance, e fui arremessado ás faldas da collina onde algum dia se havia de colher ou produzir excellente vinho de Surena.

” Este lugar não era sequer huma praia. Haviã milhares d’annos que o mar cobria a França e a Europa; elle se demorou ahi outros milhares d’annos, retirou-se ao longe em centenas de seculos; tornou outra vez alli, e dizem mesmo os vossos sabios *que provavelmente voltou terceira vez*. Seja o que for, eu não viajei mais; tinha-me metido n’hum boraco, e as ondas passavão por cima de mim sem me poderem levar consigo; e eu ahi ficarei provavelmente até ao fim dos seculos, se tu me não levares para o teu gabinete, ou se os Vidreiros de Sevres me não quebrarem para fazer alguma garrafa.

” Se esta desgraça me não acontecer, que virei eu a ser, que será do globo dentro de alguns milhões de seculos? Não respondes? Tu, que tão atrevido és quando se trata de preceder toda a criação, não te atreves a dar hum passo no futuro! Sabes optimamente quanto se ha feito no universo *in principio rerum*, e ignoras o que succederá amanhã! Ouve pois mais: eu fallo segundo fallão os Sabios, e de mais d’isso, as predicções do seixo se hão de cumprir tanto como as do Geólogo.

” As ôstras e os mixilhões empregão agua para fazerem as suas conchas; esta agua não se torna a liquidar, e isto he outra tanta perda para o Oceano. Algum dia virá a haver tantas ôstras, múrices, buzios, coraes, madrêporas, lithófytos, ceratófytos, e petrificações, que não haverá nem sequer huma pinga d’agua na caldeira dos mares. O Globo então estará tão seco, que pegará fogo, fará huma analyse geral de todas as substancias; todos os corpos se resolverão em fluido aeriforme; tornaremos a ser materia nebulosa, cristalisar-nos-hemos de novo, para ardermos e nos resolvermos outra vez em milhares de milhões de seculos; e os

sabios, assombrados de ver a natureza incessantemente occupada, como Penelope, a fazer, e a desfazer, exclamarão: Para que diabo serve isso? ”

Assim fallou o seixo. Os leitores malévolos presumirão que elle disse muitas asneiras, e entre tanto posso segurar que todas as partes do seu discurso se encontram espalhadas por diversos systemas Geologicos. — O que eu heide examinar em outro artigo, formou-se das lições reunidas que Mr. Delametherie deo no Collegio de França. Nelle se encontra facilmente de espaço a espaço alguma couza semelhante ao discurso do seixo; mas a multidão de factos curiosos e de verdades fysicas, que servem de base a este systema, e de que o A. tirou consequencias arriscadas, fazem a leitura d'esta obra mui grata aos leitores de alguma instrução. Ainda mais o seria, se, por negligencia ou falta de attenção, o Author não deixasse na obra grande numero de erros, que eu apontarei no artigo seguinte.

(ARTIGO 2.º)

Todas as loucuras, todas as idéas gigantescas, todas as aberrações do espirito, que compunhão o meu primeiro artigo, forão bebidas nos diversos systemas sapientissimos, e apresentadas com huma seriedade, e com huma boa fé admiraveis. Certamente, nada inventei; persuadido que o homem nunca chegará a conhecer a natureza intima do mais pequeno granito de poeira, não me metterei a indagar que couza sejam os corpos celestes e os innumeraveis Soes espalhados no espaço. Em

quanto eu não souber *como* a minha vontade obra sobre os meus musculos, e *porque* movo eu hum dedo quando quero, não me applicarei a adivinhar o que se fez *in principio rerum*, e se o mundo, sobre o qual eu represento hum tão pequeno papel, foi formado com calorico, ou do akasch, ou do tohu-bohu, ou da materia nebulosa.

Entretanto, não rejeito essas atrevidas considerações e esses sonhos de huma imaginação desenfreada, quando só são falsas consequencias das verdades fysicas, e das observações dos sabios. Eu me apego á base que de ordinario he solida, e divirto-me com os fantasticos edificios que lhe põem em cima. Estes systemas de Cosmogonia são as *Mil e huma noites* da Sciencia: quanto mais extravagantes são, mais divertem o espirito do leitor. Não são do menor perigo; o povo não os lê, e ainda que os lesse, nunca entenderá que hum homem, hum pexinho, e huma alfacia sejam productos da cristalisação. Estou mesmo persuadido que se deve deixar aos Sabios toda a largueza a este respeito. Alguns poderão endoudecer, convenho; mas esta liberdade fará com que outros fação descobrimentos importantes. A Quimica deveo aos sonhos dos Alquimistas praticas mui uteis, e a pedra filosofal, que em vão se ha procurado, fez achar excellentes couzas que se não buscavão. Hum erro ás vezes conduz a huma grande verdade: Christovão Colombo, navegando ao Occidente, julgava que iria dar com a India, e descobrio a America. Deixemos pois os sabios vaguearem pelo infinito, mas não desprezemos os conhecimentos reaes, os factos curiosos, e as excellentes observações com que elles apoião sempre os seus systemas.

A este respeito Mr. Delamétherie merece igual censura, mas tambem mais elogios que a maior

parte dos seus confrades. Em quasi todos os capitulos, que são mui numerosos, excita a sua obra a curiosidade e mesmo o interesse do leitor. Estas considerações abrangem todo o mundo fysico; passa revista a todas as substancias inorganicas; faz conhecer a sua composição, e os phenomenos que lhes são peculiares. Os fluidos da atmosfera, as aguas do Oceano, dos lagos e dos rios, as substancias elementares, que são hoje em numero de cincoenta e quatro; as planicies, as montanhas, os diversos *stratos* dos mineraes, os volcões, as reliquias fósseis d' animaes e vegetaes que se tem descuberto em diversos paizes; as conchas marinhas e fluviatéis tão abundantemente diffundidas até as mais altas montanhas; as revoluções fysicas, as catastrofes que o nosso globo tem experimentado, e cujas provas estão impressas em toda a superficie da terra; todos estes objectos, em summa, são tratados alternativamente com sabia mão, e formão lições tão instructivas como agradaveis. Os capitulos sobre tudo em que o A. trata dos volcões e dos fragmentos fósseis, hão de agradar até mesmo aos leitores que mais se assustão com a mineralogia. Para dizer tudo em huma palavra, esta obra dá o estado actual da sciencia. Mas não esqueça separar d'isto a parte systematica, pois seria perder-se a gente nos abysmos da eternidade, no cáhos nebuloso, e nas cristalisações confusas, ou regulares.

O terceiro volume offerece outra especie d' interesse; apresenta nelle o A. todos os systemas de Geologia, e de Cosmogonia, que tem tido alguma celebridade desde os mais remotos tempos até ao seculo em que vivemos. Bom he observar de passagem que o 18.º seculo forneceu só pela sua parte tantos como os outros todos juntos. Mr. Delame-

therie os examina todos, e faz delles huma critica muito acertada e razoavel: porém este trabalho ha de ter-lhe causado inquietação; porque, minando a base de todos os systemas, sem duvida ha de ter previsto que o seu não será poupado, e que algum novo Geólogo algum dia quebrará os cristaes do Professor, como este ha quebrado o Mundo de vidro de Buffon. Ah! Se Mr. Delametherie pudesse renascer d'aqui a duzentos ou trezentos annos, elle ouviria algum joven Geólogo divertir-se com os sonhos dos seus predecessores, e declarar que no 19.º seculo ainda a Sciencia estava na infancia. Sabios d'hoje, vos sereis tratados algum dia como tendes tratado os vossos predecessores!

Já tenho dado a entender que o A. attribue tambem á crystallização a formação dos corpos organizados; porém he justo dizer que os dois Capitulos em que elle agita esta questão delicada são summamente laconicos; temeo navegar em hum tempestuoso Oceano. Tinha sem duvida pensado como Buffon, que *as leis primordiales da natureza não podem depender senão de hum módulo, e que a sua expressão não pôde expressar mais que hum unico termo.* — Ora sendo a unidade o que ha de mais simples, depois de ter crystallizado os corpos celestes, as montanhas, as planicies, e os valles, necessariamente era preciso crystallizar as arvores, as plantas, os animaes e os homens. Mas por muito que se esforce para estabelecer a sua crystallização universal, responde muito mal á questão: *Porque razão se não formão já d'essas crystallizações animaes, e d'essas espontaneas gerações?*

Apezar d'isso, torno a dizer, a obra deve ser procurada tanto pelas pessoas instruidas, como pelas que se querem instruir divertindo-se. He hum castello encantado, construido sobre huma base da mais bella architectura.

Mas porque não cuidou o Professor na edição da sua obra? Está cheia de faltas e de erros mais ou menos repugnantes, alguns dos quaes podem ser attribuidos ao Impressor, mas a maior parte pertencem certamente ao Author. Não he para lhe exprobar a sua negligencia, mas para lhe fornecer huma *errata*, que eu vou indicar estas faltas, das quaes aliás nenhuma pende do seu systema.

Estou bem persuadido que o Impressor foi quem poz, na pag. 46 da Introduccão, "une *eclipse*", por — "une *ellipse*"; quem, na pag. 56, fez gyrar os planetas e seus satellites "d' *Oriént en Occident*"; quem, na pag. 41 do texto, fixou huma posição em "260 *dégré*s de longitude orientade, ou á 120 de longitude occidentale," o que dá 380 grãos ao circulo; quem, na pag. 103, poz a primeira erupção conhecida do Vesuvio no anno 77 da nossa Era, em lugar de no anno 79; quem, na pag. 119, poz "*Petany de Thot en Provence*", ao passo que a lagoa de Thau, e não de Thot, he vizinha das Cidades de Agde e de Cette; foi tambem elle sem dnvda quem, na pag. 188, comparou o 55° de calor da escala de Farenheit a 9° da escala de Reaumur; quem em varios lugares escreveo *astrogulée* e *ostragale*, por *astragale*, e quem fez huma porção de outros erros cuja enumeração pareceria fastidiosa.

Mas ahi vão outros erros de que o Proto se não encarregará, e que, ainda que realmente de pouca importancia, não se devem achar em chusma em huma obra elementar, nas lições de hum Professor.

Primeiro vol. pag. 99.: Põe o rio Crau na embocadura do Durance; isto não he exacto. Sim se crê que antiquissimamente este rio tinha a sua em-

bocadura immediatamente no mar; mas além de esta opinião não estar provada, todos nós sabemos que o Durance se lança no Rhone, ao passo que o Crau s'estende entre o Rhone (ou *Rhodano*) e alagoa de Berre; Mr. Delametherie tomou o canal de Craponne pelo Durance, e mesmo este canal não tem a sua embocadura no Crau.

Pag. 101: "*Le banc de la Terre Neuve a pu être formé par les sables charriés par le Mississipi, &c. . . .*" Isto he hum pouco forte em damasia: o Mississipi lança-se no globo do Mexico, mais de 1000 leguas distante da Terra Nova; o Author quiz dizer — o S. Lourenço.

Pag. 120: Colloca o *Potomack* em *Niagara*; aqui não sei o que quer dizer; porque o Potomack, que banha a Cidade de Washington, fica mais de cem leguas distante do Niagara e do forte de Niagara.

Pag. 264: "*Les pluies qui tombent sur les Gates, fournissent aux inondations du Menan.*" O Author ha de convir que isto seria bem difficultoso, pois que ha pelo menos seis centas leguas entre essas serras e esse rio, que jazem em duas peninsulas diferentes, e que estão separadas pelo enorme golfo do Bengala.

Mesma pagina: "*Les pluies qui tombent sur les montagnes de l'Abyssinie fournissent aux inondations du Nil et du Niger.*" Do Nilo, seja; ainda assim cumpre entender do Nilo Abyssinico, que não he o Nilo; mas quanto ao Niger, he demasiado erro; he preciso mais de quinhentas leguas para que as fronteiras da Abyssinia cheguem ao curso conhecido do Niger.

Pag. 258.: "*L'Amazonc et l'Orenoque ont leurs sources dans les glaciers.*" — Quanto ao Amazonas, este rio tem a sua origem em hum La-

go; e se se faz reviver a disputa da precedencia que se tem levantado entre o Maranhão, o Ucaiale, e o Beni, esperemos que a questão se decida, antes que se dê hum d'estes tres nomes ao maior rio do Mundo. Quanto ao Orenoco, confesso que nunca ouvi fallar dos montes de gelo perpetuo (*glaciers*) da Guiana Hespanhola, pois alli he que elle nasce.

Pag. 348: Isto agora he mais serio: para provar que *les seules lois de la cristallisation* tem podido produzir animaes, diz o Author: "Ainda" que algumas objecções se possam fazer contra" esta opinião, somos obrigados a admittilla em" todo o *systema filosofico* sobre a producção dos" entes organizados; porque devemos confessar que" foi dado (*ou impresso*) hum primitivo movimento" á materia, e porque todos os movimentos poste-
" riores são huma consequencia deste movimento" primitivo." Oh! Sim Senhor, o vosso ultimo membro de frase he incontestavel, mas he exactamente por isso que *os movimentos posteriores* são huma consequencia dô movimento primitivo, (*ou primario*,) que nós deveriamos ainda ver gafanhotos, adens, macacos, e homens cristalizarem-se nas *aguas das lagóas*, como vós dizeis, pois que forão formados, segundo a vossa opinião, por hum primario movimento de cristalisação.

Volume II., pag. 123. Bem se vê por este algarismo que estou com pressa de acabar; e com effeito eu não acabaria se não omittisse huma multidão de pequenos erros. Aqui pois, conforme huma experiencia de Bremontier, diz o A. que as vagas do mar tem levantado pedras do pezo de 1200 arrateis. Póde ser; e entretanto eu não dei senão o pezo de 100 arrateis ao seixo ou calháo que fiz viajar, porque quiz apresentar couza verosimil. Porém hum Sabio, hum

Geómetra, hum Geólogo, deve ser mais preciso e mais exacto. Que significa esta pedra de 1200 arateis, se vós não indicardes a forma e a natureza do lugar onde ella repouzava? A forma e a inclinação da superficie podem tornar huma semelhante massa mais facil de remover do que huma pedra pequena configurada e posta de diverso modo. Esqueiceis-vos além d'isso de deduzir do pezo da pedra o pezo da agua que o seu volume desloca, falta que não se póde perdoar a hum fysico.

Pag. 131: O A. parte de huma hypothese segundo a qual o *Mar Negro* teria rompido os seus diques no estreito do *Hellesponto*. Não vades tão depressa; he precizo primeiro, que rompesse os seus diques no *Bósforo*, e que formasse a *Propontide*, antes de abrir o canal do *Hellesponto*.

Pag. 133: "*Il ya plusierus petits volcans en activité aux îles Ponces, tels que Stromboli, Vulcanello . . .*" 1.º Ha perto de oitenta leguas entre *Vulcanello* e as *Ilhas Ponces*; 2.º *Stromboli* e *Vulcano* são do grupo das de *Lipari*, e não da *Ilhas Ponces*; 3.º estas ultimas não tem senão volcões extinctos ha muito tempo.

Pag. 292: Toma a *Samothracia* pela *Ilha de Délos*, e a pag. 317, pela de *Samos*. Bem sei que estas *Ilhas Gregas* tem mudado de nome muitas vezes. *Délos* chama-se tambem *Cynthos*, *Cynetho*, *Asteria*, *Pelasia*, *Chlamydias*, *Legia*, *Pyrpilis*, *Schythias*, *Midia*, e *Orthygia*: *Samos* tem-se denominado *Parthenia*, *Dryusa*, *Antemusa*, *Melanphyllus*, *Cyparissia*, e *Stefanea*; mas nem huma nem outra tem tomado o nome de *Samothracia*, porque não pertencem á costa de *Thracia* como a ultima.

Pag. 321: He o A., ou o *Impressor* quem es-

creve duas vezes o lago *Gumbéa* por *Dembéa*? Seja o que for, o verdadeiro nome do lago he *Tzana*, e *Dembéa* he o nome da Provincia occidental da Abyssinia.

Vol. III: A falta de espaço me obriga a abreviar as minhas citações. Limito-me a estas:

Pag. 175: " Os planetas descrevem ellipses quasi circulares, e seus focos ficão muito affastados do Sol. " — Esta frase para mim he Hebraico. Sei que os Planetas se movem n'hum ellipse de que o Sol occupa hum dos focos; mas *os focos dos planetas muito affastados do Sol*, são para mim inteiramente inintelligiveis.

Pag. 254: Outra vez *Niagara sobre o Potomack*.

Hão de dizer que as minhas observações são mui altercadoras e minuciosas; mas parece-me que hum Sabio que assiste á formação do Globo deve ao menos saber alguma Geografia. Assim, as minhas observações não recahem senão nesta parte da Sciencia. Primeiro que se construão mundos, e que se seja Geólogo, cumpre ser Geógrafo. Que se diria de hum Fysiologista que não soubesse Anatomia? Não farei mais que hum observação, mas exprimilla-hei na forma de duvida, porque não tenho creado Mundos, e não sou forte na Cosmognia.

Mr. Delametherie pretênde com Herchell, que os Cometas em passando pelo perihelio são de tal modo aquecidos que se resolvem em fluido aeriforme, e, em grande numero de Cometas, observados perto do perihelio pelo Astronomo com o grande telescopio, só tem visto dois que tivessem nucleo. O grande nome de Herschell deveria impor-me silencio; mas eu apresento a seguinte objecção só com o intuito de m'instruir:—Hum corpo opaco

e solido que se resolve em vapores, occupa hum espaço incomparavelmente maior que quando está condensado. Supponhamos pois que hum Cometa vindo das extremidades do systema, passa á vista dos habitantes da terra antes de chegar ao perihelio: como afastando-se de nós se ha de approximar ao Sol que o *vaporiza*, deverá, contra todas as leis da Optica, parecer-nos cada dia maior, á medida que se afastar, e virá a parecer monstruoso quando estiver perto da recta que une a terra ao Sol; do mesmo modo, hum Cometa que voltasse do perihelio, e que passasse pela nossa vizinhança, deveria cada dia parecer mais pequeno ao approximar-se a nós: ora, não sei que se haja observado semelhante couza. Comtudo se a minha objecção nada vale, eu a dou pelo que vale.

A pezar das faltas que aponte, e que só são negligencias, e a pezar das que poderião augmentar este artigo já extenso demais, persisto em dizer que o livro de Mr. Delametherie offerece huma leitura tão instructiva como divertida, não obstante o *systema*, e que he obra de hum homem dotado de vasto engenho, de profundo saber, e de prodigiosa imaginação; mas aconselho-lhe que leia primeiro os seus manuscritos, e as provas da impressão.

(*Estes dois artigos são traduzidos de hum Jornal de Paris de 1817.*)

C R I T I C A :

A minha Medecina da rua.

O que faz a rua! Bem dizia eu que era a minha Universidade! Estou formado, estou Medico, e que Medico! Daqui ámanhã deito Traquitana. Hirá chêa de mim, como dizia Juvenal que a Liteira do Causidico Mathão hia chêa delle:

Venit Lectica Mathonis

Plena ipso.

Que quer dizer —

Vem a sege de Mathão

Chêa deste Charlatão.

As pernas se me entortem, se eu for de segundos andares para cima: hum homem da minha importancia, o sustentáculo da especie humana, não conhece gente pobre; a hum pobre nunca se lhe acha pulso, e menos se lhe acha vontade de querer estar doente. Já sei de cór hum formidavel nariz de cera, cheio de palavras puritanas, ultimo crême dos Quinhentistas; a eito o empurrarei á cabeceira de todos os doentes. Tudo ficará aturdi-do com o arenzel; a sciencia de palavras he a sciencia do seculo, hum fallador eterno he o primeiro homem de respeito; depois de receitar a primeira purga, puxarei a conversa para o paiz da Politica. Consta-me que Esculapio quiz ser o primeiro Ministro dos Archontes de Athenas, e que deixou esta mania por herança a todos os seus netos! Mas nada

do tom de sátyra para onde me arrastra aquelle azedume, que o numero infinito dos Pataratas do seculo 19 he capaz de inspirar a huma pedra. Eu sou Medico. Venhão agora para cá os maldizentes, como eu era antigamente, atacar a Faculdade! Eu sou Medico. Mas isto he hum nome só, por que, a fallar a verdade, onde existe, onde está a Medicina? Esta arte tem por objecto, ou substracto, como dizião os Escolasticos, o corpo humano, não visto por fora, mas por dentro. As entranhas, e os seus *contentos* são o seu principal emprego. E com que olhos se hão de ver as entranhas em quanto ellas estão fechadas em os nossos bandulhos? He preciso para ser Medico, viver de credito, ou fazer de Astrólogo judiciario. Esta verdade he de si tão palpavel, e mete-se tanto pelos olhos, que o mesmo Galeno (sete tomos do folio escreveu este mezinheiro, de letra miuda, em duas columnas) disse que o melhor Medico seria aquelle, que soubesse conjecturar melhor; vindo a ser por isso a Medecina huma sciencia de conjecturas, que nada tem de positivo. E com effeito, houverão povos antigos, que em lugar de recorrerem a hum Bruxo, ou Adivinho, recorrião a hum Medico, e chamavão-lhe *Vidente*: disto ainda ha alguns resquicios entre o povo rude, quando diz que vai a hum homem que vê por dentro, e destes charlatões apparecião muitos pelas mais celebres Feiras da Europa. Não me lembra agora, e mais tenho-o debaixo da lingua, onde li, que tendo hum pobre homem do campo perdido hum Burro, foi consultar hum Professor de Medicina, para lhe ensinar o modo de encontrar o seu querido Jumento. O Professor vio que a proposta era hum destempero, e que o verdadeiro era hir á Feira das Bestas, que lá o acharia; mas para se livrar da impertinencia, mordeo os beiços, pe-

dio tinteiro, e apresentou-lhe hum *Recipe* de certas pirolas, que apenas lhe pezárão no buxo, sentio o homem em si mais revoluções do que escreveo o Abbade Vertot: ás revoluções se seguirão aquellas desordens que ellas costumão produzir; ainda que não sejam mais que revoluções de ventre, basta que sejam revoluções para serem o inferno em pezo. Entre as muitas vezes em que se desviou da estrada, tornando para a sua aldêa, embrenhando-se pelas azinhagas para evitar pesquisas, e estar á sua vontade, succedeo emboscar-se mais em hum moita, porque o aperto, e o estrondo erão grandes: não he nada, acha o jumento que para alli se havia desgarrado havia tantos dias. Apenas o homem se compoz, foi logo encima do mesmo jumento dar os devidos agradecimentos ao Professor. Aqui os acasos da Fortuna forão attribuidos ao Medico, e nas perdas da saude os esforços que faz a Natureza para se restabelecer são attribuidos aos Medicos. Ora ainda que eu conhecesse isto, o que fica bem provado com a historia do jumento, assentei de fazer na Medicina o mesmo que fazem os outros meus irmãos de armas. Assim o comecei a fazer. Chegava-me á cabeceira do enfermo como hum corvo de infausto agoiro, exagerando com expressões forçadas o perigo das doenças mais triviaes para acreditar a cura. Comecei de mastigar aforismos com os dentes, comecei até a dormir horas pegado com hum pulso, fingindo que calculava a irregularidade das pancadas. Mandei deitar hum palmo de lingua fora ao triste doente, que não podia abrir a boca, pedi o ourinol, para dilatar com a observação dos saes volateis os meus conhecimentos therapeuticos. Ficavão-me todos de queixo cahido, ouvindo baptizar as doenças com huns nomes Arabes taes, que farião arripiar hum feiticiera.

Assentei de não nomear herva alguma senão em Grego, ainda que fizesse rir com a pronuncia as mesmas revendonas da Praça da Figueira de Athenas, como o eloquente Theofrasto. Se enterrava algum, blasfemava como hum Turco contra as desordens modernas. Fazia cahir toda a culpa sobre os doentes, que não querião estar pela dieta prescripta. Todas as mortes que eu causava, erão chamadas por mim effeitos da velhice, ou intemperie das estações. Todas as crises erão previstas muitos dias antes, mas eu dizia, que me tinha calado para não assustar a familia. Nas conferencias pensava sempre de diverso modo para me distinguir. Demorava-me em pensar sobre a receita que hia fazer horas, e horas, e tudo vinha a acabar em Quina, ou Ruibarbo, e cada termo de Quartã, dizia eu, he o ultimo, senão vierem outros depois deste.

Mas em fim eu deixei-me de charlatanaria, dei com a Bibliotheca Medica em hum confeiteiro, vendi o miuçalho aos rapazes das mezas, e deitei-me a estudar pela rua, que he o meu Leyde, a minha Gothinga, e o meu Edimburgo, e com a observação da rua, me constitui hum Medico mais penetrante que Eristráto, que adivinhou pelo pulso a amorosa paixão de Antioco. Logo me appareceu hum caso em que triunfei. Era publico o estado de enfermidade da Senhora D. Fulana. Ao ouvilla, tinha mais doenças no espinhaço, que hum Lazareto em pessoa. Todo o manjar, ainda que fossem os pasteis de Marvilla, e os Pecegos de Celas, os confeitos de S. Bento do Porto, e os celestes das Donas de Santarem, lhe fazia indigestão; toda a bebida, inda que fosse hum quartilho do Buccellas ou Carcavellos seco, lhe fazia nausea. A cada respiração lhe sobião mais vapores á cabeça do que vie Queirós no Polo Austral; hum quarto d' hora

de passeio lhe debilita as pernas, não repousa de dia, não prega olho de noite. A respeito de cheiro, fede-lhe a mesma essencia de rosas, a que mais apurada se faz para a Sultana valida. Quer sempre o Medico á cabeceira; mas se se trata de pirolas, não as pode engolir; se se lhe receita hum xarope, repugna o estomago; se a mandão sangrar, não se lhe acha a vêa. He preciso huma manga de cristal para a meter dentro como se faz ás Mumias, para que o ar a não offenda; quer ter algum refrigerio, mas ha de ser, nem andando, nem estando quieta, nem de pé, nem deitada. Ora neste estado via eu dar com a cabeça pelas paredes Hypocrates, Galeno, Chirad, e Esculapio, sem lhe adivinharem a doença. Em fim, fui eu chamado á conferencia, eu, Medico da rua, isto he Medico de observação, Medico da Universidade da vasta Lisboa, e sem lhe tocar com hum dedo nos pulsos, conheci e adivinhei a qualidade de doença, que tinha a tal besta. Ví que bebia os ventos em namoração, deitei o olho para o Marido, ví que andava por perto dos oitenta, e que era de huma rabuge, impertinencia, e vigilancia *insurmontavel*; acenei para o assistente que o aviasse com huma boa tarráçada de Ipicacuanha, assim o fez. E a Senhora D. Fulana? Nunca mais esteve doente, sã como hum pero, cazou &c. E então que tal Medico sou eu? Da rua.

J. A. de Macedo.

Reflexões sobre a Morte.

○ Facto que vou a expor, me obrigou a lançar neste papel algumas reflexões sobre a morte, que deve ser o principal estudo do homem filosofo; e em hum seculo no qual os que se dizem sabios não fazem nem escrevem mais do que tres couzas: huma Tradução, huma Memoria, huma Novella. Fui visitar hum meu conhecido doente, e fui cheio de susto porque me disserão que tinha lá entrado hum Medico. Foi para mim dia aziago o dia da visita, porque era pontualmente o destinado para huma Junta. Ha neste Mundo duas coizas que me encham, huma de respeito, outra de pavor; huma he a coiza mais seria que ha, outra a mais burlesca que póde haver; a primeira he hum Tribunal Supremo sentenciando, outra he huma Junta de Medicos discorrendo; imagem de calculo differencial, infinitamente grande, infinitamente pequeno. Vamos á Junta. Erão dois os Medicos, hum o Dr. A., outro o Dr. B. (não vão já buscando quem se chama A, e quem se chama B., isto são determinações algebricas.) Este scena, a mais terrivel, era ao mesmo tempo a scena mais comica, porque os dois Medicos erão dois Esganarelos, o leito estava no meio da casa, elles á cabeceira, *unus a dextris, et alter a sinistris*, e antes de soltarem a tal metade do sermão que trazem estudado, e que serve tanto para dores de barriga como para camaras de sangue, o Dr. A. estendeo o dedo minimo, mandou deitar a lingua fora ao doente, tocou, e retirou, e eu bem vi que

era para mostrar hum enorme diamante que tinha no tal dedo: feita esta evolução da direita, o outro Dr. B. fez o mesmo da esquerda, e mostrou no mesmo dedo huma notavel esmeralda, e calados ambos olhavão para mim que estava como embatucado aos pés da cama, e depois olhavão hum para o outro como quem diz: = Alli está o Diabo, talvez que para apanhar esta alma que nós vamos despedir. = Eu bem sei que lhes lembrava hum Poema, e tinhão razão. Fallou hum Cirurgião informante, com tanto acerto, que sendo a molestia hum defluxo, discorreo sobre as feridas das armas de fogo, e na limpeza dos dentes com barro d' Estremoz. Ouvido elle, concordárão o Dr. A. e o Dr. B. que o doente tinha os humores alterados; e eu cá no meu interior muito inclinado ao xarope de peros e ameixas, que punha o homem no dia seguinte a passear na rua são e escorreito. Convindo pois na alteração dos humores, "he preciso, disse o Dr. A., purgar os humores ainda que estejam crús, e como estão em huma violenta agitação de fluxo e refluxo, podem fixar-se em alguma tripa ou entranha nobre. „ O Dr. B. sustentou o contrario, dizendo, que era preciso esperar que se cozesses os humores, e então purgar. Eu não despegava os olhos do doente, vendo-lhe já o nariz afilado, e os beiços roxos. Esse methodo, replicou o Dr. A., he diametral e diagonalmente opposto ao sentimento do Principe da Medicina. *Hipocrates* diz no Aforismo tal e tal, que he preciso purgar os humores na mais ardente febre dos primeiros dias, e em termos fórmaes diz *Galeno* no tratado *De usu partium*, que he conveniente o prompto purgativo quando os humores estão em *Orgasmo*, isto he, em impeto." — " Isso he hum erro em que V. S.^a está (respondeo o Dr. B.) Lembre-se que me formei

em Paris. O Pai da Medicina não entende por *Orgasmo* o impeto dos humores, mas sim a sua cocção." — Então se levantáram furiosos o A. e o B., e eu com aquella presença d' alma, e moedora paxorra que tenho em brigas, fui tacteando até ao meio hum bordãozinho de zambujo que trago na mão, resolvido a mandar para a Eternidade os dois Doutores, antes que elles mandassem o doente. O Dr. A. puxou pelos aforismos de *Hipocrates* no texto Grego, e leo Grego para sustentar na presença do doente (que era hum Bacalhoeiro) a sua opinião: o Dr. B., formado em Paris, sustentava a sua, fiado em huma traducção latina, que elle lia dando tres syllabadas em cada palavra; e eu de bordão feito para lhe dar a resposta em Portuguez claro, que era — zás. — O Cirurgião atarantado, e o doente incapaz de decidir (porque aquillo não era Galera Americana carregada do maldito bacalhao), a quem se devia dar crédito? Em fim com voz moribunda disse, que abraçaria a receita do mais velho, porque tinha já matado mais gente, e estaria cansado; este era o Dr. B.; e o Dr. A. retirou-se, já se sabe depois de estender muito bem a mão com a formula ordinaria do — sem cerimonia. — Eu sahi espantado, e soube depois, o que era d' esperar, que não obstante a traducção latina, o Dr. B. tinha mandado o enfermo para o outro Mundo. A facilidade que os Medicos dão a esta passagem me obrigou a fazer as seguintes reflexões sobre a Morte.

Quando considero os homens espantados, e atemorizados de mil objectos, com especialidade do pensamento da morte, não posso deixar de concluir que he coiza bem miseravel a humanidade, a quem a teima dos Medicos traz, muitas vezes, fora de tempo esta morte tão temida. O pensamento

da morte excita no homem o sentimento do temor, e tal, que he capaz de abalar a sua constancia, e de alterar aquella igualdade d' animo que he o fim unico a que se encaminha a Filosofia. Não nos admiremos que a Filosofia considerando a morte empregue todos os seus esforços para a combater como o seu mais poderoso inimigo. A opinião decide desta batalha; de hum lado torna a morte formidavel, de outro lado inspira certa presumpção á Filosofia, que póde contribuir inuito para a victoria. A Filosofia m' ensina, que a morte não póde destruir nem a alma nem o corpo. O que he espirital, e o que he material no homem, he igualmente impenetravel aos seus golpes. Funda-se a immortalidade da alma sobre provas convincentes, ainda independentes das provas da Fé, que são de huma ordem superior, e de huma evidencia infinitamente maior. Pelo que pertence ao corpo, seria hum erro em boa Fysica imaginar-se que se aniquila quando a morte o dissolve, ou quando os Medicos o arrebenção. As partes que o compõem, ou se dissipão em vapores, ou se resolvem em pó: he verdade que as não vemos mais, nem se conhecem, mas não devemos concluir que não existão. Se os nossos olhos podessem seguir a mudança da sua formação, saberíamos o que he feito dellas: então saberíamos pelos sentidos o que comprehendemos pela razão, que nada se póde aniquilar com as forças ordinarias da Natureza. A passagem do ser ao não ser (quando não intervem o braço divino) he fysicamente tão impossivel como a passagem do não ser ao ser. Os corpos mudão de forma, e todavia, depois desta mudança, subsiste a sua materia; o que he redondo pode-se tornar quadrado; o que he carne pode-se tornar terra, planta, agua, ou outra qualquer cousa; porque huma cou-

sa extensa póde tomar qualquer configuração; mas a substancia do que he redondo, do que he carne, não póde ser de sorte alguma destruida. O tal Hippocrates, talvez para matar mais a sua vontade, diz que nada perece e acaba em a Natureza. A morte pois não he mais que huma restituição, que o individuo faz á Natureza em geral das partes de que era composto, e posso dizer que não ha rigorosamente morte em a Natureza, porque a morte não póde ter imperio nem sobre o espirito, nem sobre a materia. Na verdade estas considerações fysicas são bem pouco solidas quando as faz o amor-proprio. Este amor-proprio não se apega ás partes elementares que compõem o corpo, apégasse á sua união, e, se he verdade que a dissolução dos corpos não seja huma anniquilação relativamente á totalidade da materia, he igualmente verdade que esta distracção he huma verdadeira anniquilação relativamente ao individuo que já não subsiste. O calvo Epicuro combateo com outros discursos as impressões da morte. A morte, diz elle, não he hum moral; (como Epicuro não comia senão hervas, não tinha medo dos Medicos, e por consequencia desprezava a morte) porque todo o bem, e todo o mal consiste no sentimento, e a morte he huma privação do sentimento, (e assim he, porque, engolido o *Recipè*, nada mais se sente.) A morte não considera os homens nem vivos nem mortos; não vivos, porque ainda existem; não mortos, porque já não sentem. A morte, ou foi, ou será, nada tem com o presente; nella não ha cousa difficultosa de se soffrer, mais que a sua tardança; mas não nos deve atemorizar aquillo que não tem realidade alguma. Apezar disto, cumpre confessar que a natureza não se governa por estes sofismas, e que estes discursos são mais para sus-

tentar huma Disputa nos Jardins d' Epicuro, que para repellir os ataques da morte: o que me assusta na morte, não he a mesma morte, he o aparato da morte; e que aparato mais funebre e mais terrivel que dois Medicos em debates á cabeceira de hum doente, e de ordinario com o cada-falso armado ao pé, huma banquinha de chá, hum tinteiro, hum oitavo de papel, hum moço, e huma garrafa, promptos a partirem para a Botica... Ai! quem me acode contra os raios d' Edimburgo, de Paris, de Lausana, de Montpellier, e d'onde quer que a Peste se desencabresta! Nada mais de Medicina.

N.B. Não obstante haver-se declarado na Prefação deste Jornal, que nelle se não publicarião Poesias, com tudo, não só porque o titulo de Encyclopedico as não exclue, mas porque este he o ultimo Numero desta assignatura, e dos dois volumes de que ella se compõe, e porque ainda haverá entre os bons leitores alguns que gostem de lêr Poesia que não deslustre o Parnaso Portuguez, por isso terminamos este Numero do Jornal com a seguinte Epistola inedita.

EPISTOLA

A B U F F O N.

Nec ex conjecturis, sed omnium ex vero peritus, in arcana Naturae libens ducit; et sciscitanti Caelestium causas, domesticus interpret.

Seneca, de Cons. ad Marciam. Cap. 25.

TEU nome, vencedor do Tempo, e Morte,
 Sobre as azas da Fama eterno vòã;
 E teus escritos immortaes com elle,
 São desta idade assombro, e da futura:
 Maior que emulação, maior que a inveja,
 Té agora sem Rival; talvez que os Evos
 O não vejão surgir. Se inda na Terra
 Viveras entre nós, eu só Jouvára,
 O que hoje louvo em ti, Sciencia, e Genio.
 Esquecendo a Grandeza, o Fasto, o Sangue,
 Déra incenso a teu merito sómente.
 A dependencia vil dobra os joelhos
 Ao poder desdenhoso, á força injusta.
 Eu não adoro a pompa, adoro o sabio.
 Sómente o que não morre, em ti contemplo.
 Os monumentos, que a sciencia deixa,
 Das duras leis do Tumulo se izentão.

Teus divinos Pinceis, teu genio, e luzes
Tem no meu peito Altar, no Mundo o Templo;
O que tiveste mais, he sombra, e cinza.
O teu ouvido he surdo, a lingua he muda;
Nem lisongea a hum morto a voz d'hum vivo.
A teu saber immenso eu pago hum feudo,
Ora que o jaspe sepulcral esconde
A terrea habitação que hum tempo honraste;
Jaspe onde vejo os symbolos gravados
Do grande imperio teu as aureas chaves
Com que abriste os Alcaceres pasmosos
(Só patentes a ti) da Natureza.
Nunca do fragil pensamento humano,
A muito debil luz romperá as sombras,
Que os recatados porticos cercavão:
E não bastava vagarosa idade,
A devassar-lhe o magestoso seio.
Volveste os olhos para o vasto campo,
Ou mais depressa circulo apoucado,
Da sapiencia humana. Quantos nomes,
A centiboca Fama repetia!
Quantos se dizem ser da Natureza,
Orgãos fieis, interpretes seguros!
Athenas, da Sciencia o berço, o foco,
Nos escuros umbraes te accende hum facho;
A Zeno escutas na soberba Escola,
Onde (baldado esforço!) o sabio aprende
Denodado a pizar, vencer constante
Da vida o doce amor, da morte o medo,
Assignalar-te origem do Universo
Cadeia eterna de immudaveis causas,
A Decreto fatal, sujeitas sempre.
O sombrio Filosofo de Samos,
Cuja doutrina envolve enfase eterno,
Harmonia, e só numeros conhece;
E'são numeros vãos do Mundo as bases.

Muito ideal Platão derrama em ondas
 De doce nectar Attica eloquencia,
 Mal no infinito espaço encontra hum Ente
 Principio universal; de longe apenas
 Póde encarar co' a lucida verdade.
 Em sombras a razão se affoga, e perde,
 E em novo cahos se submerge, quando
 Seus axiomas fysicos decanta
 O Mestre do Lyceo, que julga eterna
 A inerte massa do formado Mundo.
 O sonhador Demócrito, Architeto
 Dos inconstantes atomos ajunta
 Todos n'hum vacuo eterno, e delles forma
 A portentosa maquina do Mundo.
 O frugal Epicuro ao cego acaso
 Faz ajuntar os Atomos vagantes.
 Não tem Legislador, tem Leis o Todo! . . .
 Tanto a luz da razão diverge e foge
 Da luminosa estrada da verdade!
 Em aureos versos o Romano Vate
 Tal delirio cantou! Envolta em sombra,
 Avassallada Grecia as Artes manda
 Ao Lacio, que a venceo, raia na Europa
 Reverberante luz, qual víra Athenas.
 Em teu Paiz natal, eis surge hum sabio,
 O profundo Geometra, que vinga,
 A ultrajada razão, e os ferros quebra,
 Em que envolveo por seculos o Mundo
 O Peripato audaz. Erra, e povôa
 De immensos turbilhões o espaço immenso.
 Nelle medita o Pantheismo e surge,
 O Lusitano Hebreo; (*) revolve as sombras,
 Revolve o pó dos Atticos sepulcros,

(*) *Spinosa*, filho de Pais Portuguezes, que do *Porto* passárao á *Hollanda* em 1630.

De Argivos erros o systema forma,
 Que inda repete o Portico da Estóia;
 E os ermos areaes de Libia ardente
 Ouvirão a Catão, que foge aos ferros,
 Ou se esquiva de os ver no collo a Roma;
 " Jove he tudo o que vez, tudo o que moves:
 " Não busquemos mais Jupiter, que he tudo. "
 Mas até alli de Grecia, e Roma os sabios
 Nem tinham visto ao longe o Peristilo
 Do Templo Colossal da Natureza.

A cançada Razão sacode o jugo;
 Estuda a Natureza, e nella busca
 O seu Eterno Author, e Author de tudo.
 Bacon te precedeo, Genio assombroso,
 Que huma porção mostrou do Imperio ignoto.
 A' teimosa fadiga, ao sabio estudo,
 Cedeo alguma vez; mas não de todo
 A magestosa face descobria.
 Sempre esconder-se quiz, só te esperava
 Para rasgar seus véos. Vai pouco a pouco
 Ousadia mortal transpondo os mares;
 Foi n'opposto Hemisferio achar hum Mundo:
 E vai do Engenho humano a luz ardente
 Tentar dos vastos Ceos a estrada incerta,
 Ver mais Globos, mais Sóes, e outros Planetas,
 Assignalando as O'rbitas aos Astros;
 Já tenta dividir da luz hum raio,
 N'hum raio diz que encontra as côres todas;
 Mas foi mortal, errou. Motora força,
 Simpathica atracção nos corpos nota,
 Nella busca aos Fenómenos a causa,
 Sempre buscada em vão. Nem lá no Ethereo
 Campo por ella o giro Astros absolvem,
 Nem vem por ella o mar buscando a praia,
 Ou della se retira. D'entre os gelos

Da Escandinavia hum sabio a voz alçando,
 Descreve as producções da Natureza,
 Vaguea em seu Imperio; as classes todas
 Dos brutos, animaes, plantas e flores,
 Sublime explorador, divide e marca;
 E tantos, tantos seculos dispunhão
 A tua formação, e a Natureza
 Tantos Genios formou, quantos ensaios
 Para te dar o ser. Se houve em Athenas
 Theofrastos, Aristóteles; se em Roma
 Hum só Plinio existio (e elle só basta);
 Se a Grecia vio depois Solino, e outros,
 Se quando luz benigna as sombras vence,
 Que a barbarie dos Vandalos trouxera,
 Aldovrando girou no immenso imperio
 Da esquecida até alli Mãi Natureza;
 Se Redi, se Malpighi, se Borelli,
 Do Arno, e do Tessino, e Brenta honrarão
 D'alvos Cisnes as margens nunca escassas:
 Se Valisneri, se Marsiglio ousarão,
 Este descer do peço ao fundo abysmo,
 Aquelle penetrar da terra o seio:
 Se Lister pelas praias do Oceano,
 Que os Trofeos d'Albion respeita, e banha,
 Dos Testaceos juntou familia immensa;
 Se de Flora no Imperio, e de Pomona,
 Johnston girou, viveo: dispoz com todos,
 O teu natal a Natureza. Salve,
 Terra onde viste a luz! Terra ditosa!
 Cresceste, Aguia Real, e as azas soltas
 Além da esfera das vulgares Aves.
 Porém soubeste, que ao mortal só dado
 Foi ver a superficie, o mais ignoto;
 E que a sciencia dos mortaes apenas
 He como hum dia opaco, hum Ceo nublado;
 Que tudo abysmos são, se a Fé não brilha,

Na repentina creação dos Entes,
Vedada sempre á luz do entendimento.
Gozar, não possuir foi dado ao homem:
A causa he sempre ignota, o effeito he visto.
Deixas systemas vãos, e antigos sabios
Te invejão desde o tumulto, e te admirão;
Tu lhes rompestes a sombra, e déste aos homens
O verdadeiro estudo, a Natureza.
Do soberbo Palacio em que habitavão
Lhes era ignota, occulta a formosura.
Tu rasgaste seus véos, mostras bellezas,
E aos hrilhantes reverberos que espalhas
As assustadas sombras se esvairão.
Raiou subito a luz, e nella envolta
A Mente adora hum Deos nas obras suas;
Do estudo, e da sciencia, o fructo he este.
Newton vaga entre os Astros fulgurantes,
Descobre as Leis do Ceo, e as Leis do Fado,
Legislador Eterno, encontra em tudo.
O Quadro do Universo hum Deos publica:
A tão grande verdade a estrada abriste.
Quam rasteira, que esteril, que apoucada,
Era a sciencia dos mortaes! Jazia
Pelos confusos porticos da Escola,
E, n'hum Mundo ideal, da Natureza
Nem conhecia as Leis, nem via o rosto;
Pelos vastos salões d'Oxford, de Padua
Sobre estereis volumes repousava:
Barbaros termos, barbaras idéas,
Da avultada Razão o emprego forão.
Tu deste nova luz; clarão brilhante,
Que os mortaes illustrou. Torpe ignorancia
Emmudeceo, fugio; qual foge ao dia
Nojento bando de nocturnas aves.
Da ferrea authoridade o jugo arrojas,
Que aos miseros mortaes impunha o nome

De Platão, de Aristoteles, dos outros,
 Que são syllabas vãs, se os repetimos,
 A par do da exp'riencia, e da verdade.
 Déste outra vida á Natureza, abriste,
 O fechado até alli, volume angusto;
 Honraste as luzes da Razão, dispondo
 Na grande escola dos diversos Entes
 A Classe a cada hum: do Atomo errante
 Até Newton, e mais, e assim descreves,
 Da Natureza a magestosa Historia;
 Ante a qual se esvaece essa que o Mundo
 Chama Annaes d'hum Imperio, Annaes dos Homens.
 Soltas do grande Genio o vôo ousado,
 E queres penetrar profunda noite,
 Sombra que guarda em si do Mundo a origem.
 Quando a Razão sem Fé a encara, ou busca.
 (Conjectura sublime, e honrosa queda;
 Até nos erros seus, teu genio he grande!)
 Olhaste para o Globo, onde lançados
 Fomos da mão do Eterno; e pois caminha
 Já decrepito ao fim, teve hum principio.
 Rasgando o véo da idade, em fim lho assignas.
 Veio do espaço, errante, igneo Cometa;
 Indocil, evadindo as Leis severas,
 Da eterna gravidade, e obliquo toca
 O luminoso Sol; ao choque horrendo,
 Já se deslocão lucidos pedaços,
 E vão longe girar Planetas muitos;
 Vai a Terra tambem formar a Ellipse,
 He fogo liquidissimo, e fervendo
 Se arquea em Globo, se conforma em massa:
 Quanto arrefece mais, mais se condensa;
 Mil vagarosos seculos preparão
 A ingente Mole como agora a vemos.
 O fogo ardente em turbidos vapores
 Pouco a pouco se exhala, e cahe' desfeitos

Em mar que a Terra abrange, e cobre, e fecha;
Por mui longos Periodos fluctuão,
Sem lei, sem sujeição ceruleas ondas;
Lá vão formando no insondavel seio,
(Por quanto tempo!) os montes secundarios.
Evaporado, diminuto fica
O vasto mar por fim. e os montes surgem;
E dos oppostos angulos as formas
A teu nebre delirio a estrada abrirão.
Onde he terra, foi mar. Testaceos corpos
Do liquido Elemento o Imperio indicão.
Tu delles fórmas asperos penedos,
Os refulgentes marmores são delles;
Petrificante humor lhe guarda a fórma,
Priméva fórma; que nas aguas tinhão.
Pelas gargantas horridas dos montes
Rompem logo os Vulcões; convulsa a Terra,
Por milhares de Seculos se agita,
E do fogo, e do mar mostra os vestigios.
Eis os germes organicos d'espaco,
A' voz do Eterno Ser, se desenvolvem.
Róda a Terra nos eixos vacillantes,
Se cresce no Equador, se aplaina em Polos,
E a perfeita Esferóide nos mostra.
Acceito a Frederico, ao Mundo, aos Sabios,
Maupertuis immortal, dest'arte a viste,
Faltou-te o Mundo alli; e então paraste.
A encandescencia, o fogo se minóra,
Nos Pólos s'amortece a Natureza.
Morreo vital calor, e os Entes fogem,
E ao, mais benigno, Tropico se chegão.
Teu vasto Genio nos gelados climas,
Deserto onde esmorece a Natureza,
Os diversos despojos desenterra
Dos corpulentos elefantes, que hoje,
Donde o Sol corre a pruno, o campo habitão.

Oh conjectura de sublime engenho!
 O teu quadro ideal he nobre, he vasto;
 No Reino Filosofico deliras:
 E Milton delirou, e Homero he grande;
 Que as verosimeis Fabulas agradão.
 Com tal desconto, a sabia Natureza
 Te fez o seu Pintor. Se o Pai primeiro
 Impôz o nome aos Animaes da Terra,
 Quando sem crime no Jardim viçoso
 Foi Rei da creação; Tu lhes descreves
 (E com que côres mágicas!) o genio,
 O portamento, os caracteres todos.
 Dos campos de Montbart teus olhos volves
 A' varia scena da espaçosa Terra;
 O mais nobre Animal, o homem descreves
 Do Polo Boreal ao Polo opposto;
 Do vagabundo Tartaro ao remoto
 Habitador d'America opulenta.
 As varias gradações, no aspecto vario,
 Ticiano Filosofo debuxas:
 Nem lá no seio da purpurea Aurora
 O recatado China se te esconde:
 Nem te assombras das torridas areas
 No coração da Lybia; á negra pelle
 Do adusto Habitador a causa apontas.
 A teus grandes pinceis a Terra he quadro.
 Co' o pensamento rapido passeias
 No cume do Emaús, do Tauro, e Gate.
 A direcção dos Montes orgulhosos
 Vais seguindo co' a vista; e nem te affrouxão
 Das pandas azas o vigor os Andes;
 Sublime theoria opposta aos sonhos
 De Wisthon, de Brunet, ao sabio acláraç.
 Fogem quimeras vãs, qual foge a sombra
 Da escura noite, se desponta o dia,
 Rasgas dos montes lóbregas entranhas,

Nellas sem descançar se vão filtrando
 Perennes fontes, que produzem rios ;
 E o natural pendor ao mar os leva.
 Mostras qual foi do Globo o novo aspecto .
 Ao retirar-se o mar, que á voz do Eterno,
 Sabio, correo, do tenebroso abysmo
 A punir o mortal. De novo á Terra,
 Lanças a vista perspicaç, começaç
 Dos rudes Animaes quadro pomposo,
 A linha vais seguindo ; o petulante
 Pungo nos bosques Lybicos contemplas ;
 Nas especies sem numero derramas
 A mesma viva cor. que a Natureza
 Quando as formou lhes deo ; nem te confundes
 Pelo Imperio vastissimo das Aves.
 Mas das mãos os pinceis te arranca a morte ;
 Talvez nunca ferisse a foice austera
 Mais respeitavel victima ! Não póde
 A que tudo desfaz, manchar teu nome ;
 Tanto poder lhe tolhe a Natureza.
 Tu foste o seu brazão, tu és meu Nume ;
 Pertence-te meu Canto, em teus altares,
 Hum tributo a teu merito offereço.
 E'mulo teu, se he licito, sentia
 Que a Natureza os olhos allongava
 Benigna ao seu Cantor. Mostrava o seio
 A meus sentidos ávidos, levando
 Minha alma absorta ás lucidas Esferas.
 Quiz dar á Muza novo emprego, ha muito
 Enfastiada de Guerreiras Tubas,
 De Heróes, de mortandade, e sangue, e cinza,
 E de loiros, a lagrimas comprados,
 Eterna occupação dos Vates todos.
 Quiz contigo hobrear, digno das Musas ;
 Digno he dellas sómente o quadro augusto,
 Quadro onde achei reconditos mysterios,

Extatico voando, ao vulgo ignotos,
Fui seguindo nas orbitas os Astros
D'Urano muito além, vi fulgurante
Mais remoto Planeta; Olbers o atesta;
Que inda além de dois Seculos dilata
O grande giro seu. Fitei no centro
Do vasto mar a vista indagadora.
Rasguei da Terra o seio tenebroso,
Descobri mineraes, e occultas veias
Que o succo animador ás Plantas levão.
Nas resolutas azas sustentado,
Comtigo meditei; comtigo o quadro
Da Natureza vi, gozei comtigo,
Como enlevado em tanta formosura.
O fogo, n'alma extatica, do Pindo
Senti cahir, e concentrar-se todo.
Tu descreves os Ceos, eu Canto os Astros:
Tu sondas o vastissimo Oceano,
Eu me engolfô no abysmo, e surjo, e vôo:
A clara luz de teu entendimento
Rasga da Terra a sombra, e chega ao seio.
Da mesma luz guiado, eu vejo os rios
Depositar-se em montes cavarnosos;
Dos acezos Vulcões vejo a materia;
Oißo o rouco trovão, rebombo infausto,
Qual se quebra na costa o mar bramindo
Das convulsões da Terra; este o preludio.
Tu do Globo a convexa superficie
Debuxas, grão Pintor. Co' a voz das Musas
O colorido nos teus quadros lança.
Teus rasgos, teus pinceis, rastejo, e sigo.
Se pinto os Animaes, respira o fogo
No sanhudo Leão: se os olhos volve,
Espuma, e treme o fervido Ginete.
Sublime emulação, sublime inveja,
Em mim, que nada avulto, e nada posso!

Tua alma foi maior que os quadros todos,
 Teve em teu coração templo a virtude;
 Foste sabio, e modesto. Oh raras vezes,
 Vista no Mundo, sapiencia humilde!
 Intoleravel Ergotista, armado
 Com seus sofismas vãos, s'enche d'orgulho.
 Desprezivel Causidico importuno,
 Contempla os Homens com desdem, e acerbo
 Vate recitador se julga hum Nume,
 Doutos, e indoutos affugenta, e mata.
 E tu dos labios teus sempre entornando
 Eloquencia, e saber te julgas nada.
 Bradavão teus escritos, e eras mudo
 Em teu proprio louvor; só se observava
 Em ti hum Cidadão, mas nunca hum Sabio.
 Assizado Filosofo, mostravas,
 Que he mais nobre a virtude, que a sciencia.
 Da Natureza Interprete sublime,
 Levaste á Sociedade as Graças nuas,
 D'hum docil coração, d'hum genio affavel.
 Respeitavel mortal, eu nada posso
 Mais que ajuntar hum brado á fama tua.
 Se os versos durão mais que o bronze, e jaspe,
 Soará teu louvor sempre em meus versos:
 Sobre a campa do tumulo, que fecha,
 Mas não todo, a Buffon, justo tributo
 De acatamento deixarei pendente.
 Satisfiz hum dever, louvei-te, e basta;
 Contente hei de encarar da morte escura
 A carregada sombra, e no regaço
 Da fria terra pousarei contente,
 Se co' a morte expirar meu nome, e fama;
 O prazer de louvar-te, e com teus quadros
 Meus Cantos altear, subindo aos Astros,
 He para mim braço, he fama, he tudo.

F I M.

INDICE

Das materias que contém os seis Numeros que fórmão este Volume II.

- A**GRICULTURA. *Propriedade da ourina humana na economia rural*; pag. 95.
- A**RIES, ou **T**ECHNOLOGIA. *Noticia de alguns descobrimentos e applicações neste ramo*, pag. 91. — *Tirar estampas de diversos tamanhos de huma só chapa*; ib. — *Ferro fundido tornado malleavel*, pag. 92. — *Atanado e tinta preta, tirados da madeira de Castanhairo*, ib. — *Novo modo de obter côr de purpura, ou carmesim*, ib. — *Panno de fio d'ortigas, e cordas de linho da Nova Zelândia*, 93. — *Sobre a fabricação da folha de Flandres*, ib. — *Qualidades fundentes da Estronciana*, 94. — *Verniz para as obras de mógano*, ib. — *Conversão de madeira, trapos, papel, &c. em assucar*, ib. — *Trabalhos da Academia das Sciencias de Pariz sobre Agricultura e Veterinaria*, pag. 364.
- A**STRONOMIA. *Sobre o Cometa descoberto em Novembro de 1819*, pag. 80. — *Novas investigações sobre o Cometa visto nos fins de 1818 e 1819, que tinha sido visto em 1786, 1795, e 1805*. pag. 81. — *Sobre o Eclipse do Sol de 7 de Setembro de 1820*, pag. 82. — *Elementos da Orbita do Planeta Ceres*, pag. 83. — *Idem do Planeta Juno*, pag. 84. — *Obliquidade da Ecliptica*, pag. 85.
- B**ELLAS ARTES. *Breve noticia da nova invenção para perpetuar Gravuras em aço, e outros metaes*, pag. 350. — *Noticia de dois modellos de Cavallos feitos pelo Escultor Canova*, p. 354.
- C**ARTAS SOBRE A INGLATERRA. *Primeira; Calais, o Paquete, Dover*, pag. 206. — *Segunda: O Carro de Posta, &c.* pag. 247.
- C**ARTA do Padre Tejo a Neptuno sobre o Homem das Botas; por J. J. P. L., pag. 168.
- C**ORRESPONDENCIA. *Carta politica*, pag. 121. — *Carta dirigida ao P. J. A. de Macedo*, pag. 184. — *Carta ao Redactor do Portuguez Constitucional, por hum anonymo*, pag. 284.
- C**RITICA. *A Maledicencia*; pag. 60. — *A Geografia*, pag. 182. — *Livros Novos de Livros Velhos*, pag. 278. — *Anecdotas Inglesas*, pag. 281. — *A apparição da Mulher do Monitor*, pag. 355. — *Critica A minha Medicina da rua*, pag. 403. — *Reflexões sobre a Morte*, pag. 408.
- C**RITICA FILOSOFICA. *Discurso critico sobre a causã do presente estado Filosofico de Portugal*, pag. 337.
- E**CONOMIA DOMESTICA. *Modo de lavar a roupa com batatas*, pag. 71.

I N D I C E.

- ESTATISTICA.** *Sobre a Agricultura, População &c. da Comarca de Villa Viçosa; Informação dada pelo Provedor d' Evora em virtude de huma Provisão do Desembargo do Paço*, pag. 300.
- FILOSOFIA.** *Considerações sobre o sistema Legislativo de Lycurgo*, pag. 217. — *Juizo Critico da Historia da Filosofia por J. G. Buhle*, pag. 368.
- FYSICA.** *Pezo especifico e temperatura das aguas do Mar*, pag. 23. — *Sobre a difracção da luz*, pag. 73. — *Sobre a polarisação da luz*, pag. 74. — *Nova Maquinã de Acustica, denominada e Syrena*, pag. 77. — *Do Galvanismo, e do Calorimotor, novo aparelho Galvanico*, pag. 78. — *Melhoramento na construcção dos guarda-raios*, pag. 79. —
- FYSICA VEGETAL.** *Noticia de algumas plantas &c.*, pag. 238.
- FYSIOLOGIA.** *Estructura e força refractiva dos Humores dos olhos do homem*, pag. 10.
- GEOLOGIA.** *Analyse das Lições de Geologia de Delamétherie, em 3 vol., Artigo 1.º*, pag. 385. *Artigo 2.º*, pag. 393.
- HISTORIA NATURAL.** *Sobre os Malacozoarios, Entomazoarios, e Osteozoarios*, pag. 11. — *Sobre os orgãos pretendidos lymphaticos dae Aves e Reptis*, pag. 12. — *Exame comparativo de varios craneos humanos*, pag. 13. — *Sobre huma especie de animaes mestiços nascidos de Gata e de Marta macha*, pag. 14. — *Sobre as dimensões da Baleia da Groenlandia*, pag. 15. — *Trabalhos da Acad. das Sciencias de Paris, em 1819, Sobre a Zoologia, Fysiologia animal, e Anatomia*, pag. 242.
- LITTERATURA.** *Parallelo entre Annibal e Scipião*, pag. 38. — *Carta sobre a necessidade de cuidar na educação da mocidade*, pag. 97.
- MEDICINA.** *Sobre a Vaccina*, pag. 3. — *Sobre a Hydrophobia*, pag. 8. — *Trabalhos da Acad. das Sciencia em 1819 sobre Medicina e Cirurgia*, pag. 362. — *Juizo Critico e analytico sobre a obra de Saint Ursin intitulada Etiologia e Therapeutica da Arthritis e do Cálculo*, &c. pag. 376.
- METEOROLOGIA.** *Sobre a influencia dos Corpos celestes no bom ou mau tempo*, pag. 85. — *Sobre a massa de ferro meteorico de Aquisgran*, pag. 88. — *Sobre as neves côradas que se achão em alguns sitios*, *ib.* — *Theoria das Nevoas*, por *Humphrey Davy*, pag. 90.
- MINERALOGIA.** *Mina de soda muriatada, ou sal gemma*, pag. 16. — *Franklinito, novo mineral*, *ib.* — *Acido borico nas crateras dos volcões*, pag. 17. — *Mineralogia, e Geologia, trabalhos nestas Sciencias em 1819*, pag. 235.
- MISCELANEA, E VARIEDADES.** *Questão sobre quaes se-*

Í N D I C E.

vão mais felizes, os homens, ou as mulheres, pag. 102. — *Historia do Quadro de Ceia do Senhor, pintado por Leonardo de Vinci*, pag. 108. — *O Usurario, ficção moral*, pag. 114. — *Do Casamento e do Celibato*, pag. 163. — *Reflexões sobre a Independência*, pag. 191. — *Varietades interessantes*, 196. — *O medo dos Beluquins*, pag. 201. — *Anecdota Inglesa*, pag. 230. —

POESIA. *Epistola a Buffon*, pag.

POLITICA. — *Breve noticia do Governo e Constituição d' Inglaterra*, pag. 255. — *Carta Constitucional da França*, pag. 267. — *Sobre a liberdade da Imprensa, por Chateaubriand*, pag. 289.

QUIMICA. *Inexistencia do Gaz hydrogenio carbonado*, pag. 17. — *Sobre alguns compostos de fosforo*, pag. 18. — *Sobre o gráo de solubildade dos Saes*, pag. 20. — *Novo reagente para os Alcalis e Ácidos*, pag. 21. — *Wodanio, novo metal*, ib. — *Delfino, novo alcali*, pag. 22. — *Trabalhos da Academia das Sciencias de França sobre esta Sciencia no anno de 1819*, pag. 145.

VARIETADES. (*Vid. Miscellanes*)

ZOOLOGIA. (*Vid. Hist. Nat.*)

N. B. No 6.º Num. deste Jornal, pag. 410 (1.º vol.,) as palavras das duas ultimas linhas = *custou ao General, o valeroso Beresford, huma perigosa ferida* = pertencem á seguinte pag. 411, depois das palavras *commandados por Marmont*, da lin. 32, que deve continuar = *e que custou ao valeroso General Beresford (a batalha d'Arapiles) huma perigosa ferida.*

Nota das peças que se achão nos doze Numeros deste Jornal, compostas por Joaquim José Pedro Lopes.

Breve exposição dos Principios que constituem a bondade e riqueza da Agricultura de hum paiz.

Reflexões sobre a verdadeira Orthografia da Lingua Portugueza.

Memoria historica do Reinado do fallecido *Jorge Terceiro* Rei d' Inglaterra.

Do Casamento, e do Celibato.

Carta do Padre *Tejo* a *Neptuno* Rei dos Mares, sobre a função do Homem das Botas.

Carta sobre a necessidade de cuidar da educação da Mocidade.

(Além destas peças originaes, são do mesmo as traducções, e coordenações dos Artigos do ramo scientifico e alguns outros.)



